

FUNNY GIRL

Do autor dos
best-sellers
*Alta fidelidade e
Um grande garoto*

ROMANCE

Nick
Hornby



COMPANHIA DAS LETRAS





NICK HORNBY

Funny Girl

Romance

Tradução

Christian Schwartz



*Para Amanda, com amor e gratidão, como sempre.
E para Roger Gillet e Georgia Garrett*

TESTE

1.



Ela não queria ser uma miss, mas era nisso que o acaso estava prestes a transformá-la.

Houve alguns minutos dispersivos entre o desfile e o anúncio do resultado, de modo que amigos e familiares rodeavam as garotas dando os parabéns e cruzando os dedos. Os pequenos grupos que se formavam fizeram Barbara pensar em bala de alcaçuz: no centro, uma moça de maiô rosa ou azul salpicado de brilhantes feito açúcar, e ao redor as camadas de marrom ou preto dos sobretudos. Era um dia frio e úmido de julho nas piscinas públicas de South Shore, e as

candidatas tinham os pelos dos braços e das pernas descoloridos e arrepiados. Lembravam os perus expostos num açougue. Só em Blackpool, pensou Barbara, alguém podia ganhar um concurso de beleza com aquela aparência.

Barbara não tinha convidado nenhum amigo, e seu pai se recusava a chegar mais perto, então ali estava ela, parada, sozinha. Ele continuou simplesmente sentado numa das espreguiçadeiras, fingindo que lia o *Daily Express*. Os dois teriam formado uma bala de alcaçuz avariada, metade mordida, mas mesmo assim ela gostaria da companhia do pai. Por fim, foi até onde ele estava. Sair de perto das outras garotas fez com que se sentisse seminua e desconfortável, em vez de glamorosa e altiva, e teve de cruzar uma porção de espectadores assoviando no caminho. Quando chegou ao pai, do lado mais raso das piscinas, provavelmente falou com mais rispidez do que pretendia.

“O que você está fazendo?”, ela cochichou entre os dentes.

As pessoas sentadas por perto, entediadas, na maioria idosos em férias, de repente ficaram tensas de emoção. Uma das moças! Bem ali na frente! Dando bronca no pai!

“Ah, oi, querida.”

“Por que não vem ficar comigo lá?”

Ele a encarou como se ela tivesse lhe perguntado o nome do prefeito de Tombuctu.

“Não viu o que todo mundo está fazendo?”

“Vi. Mas não me pareceu certo. Não pra mim.”

“O que o senhor tem de tão diferente?”

“Um homem sozinho, andando... solto no meio de um monte de moças com tão pouca roupa. Eu ia acabar preso.”

George Parker tinha quarenta e sete anos, era gordo e, embora não tivesse direito a isso, velho. Fazia mais de dez anos que estava solteiro, desde que a mãe de Barbara o havia deixado pelo gerente dela no escritório da Receita, e a filha podia ver que bastaria se

aproximar das outras garotas para que o pai sentisse sua condição de forma aguda.

“Ora, e precisa ficar andando por lá?”, perguntou Barbara. “Não pode só ficar parado, conversando com sua filha?”

“Você vai ganhar, não vai?”, ele disse.

Ela tentou não ficar vermelha e não conseguiu. O pessoal que conseguia ouvir a conversa já tinha abandonado qualquer simulação de tricô ou leitura de jornal. Estavam todos boquiabertos olhando para ela.

“Ah, não sei. Acho que não”, ela disse.

A verdade era que sabia, sim. O prefeito tinha se achegado e sussurrado “parabéns” no ouvido dela, dando-lhe palmadinhas discretas na bunda.

“Larga mão. Você é mais bonita que todas as outras, de longe. Quilômetros.”

Por alguma razão, e ainda que aquilo fosse um concurso para eleger a mais bonita, a superioridade da beleza dela parecia irritá-lo. Nunca tinha gostado que se exibisse, mesmo quando era para os amigos e a família rirem de alguma encenação em que se fazia de sonsa, boba ou atrapalhada. Ainda assim era se exhibir. Ali, porém, onde se exhibir era tudo, era só o que interessava, Barbara achou que ele talvez a desculpasse, mas nada feito. Se tinha mesmo que entrar num concurso de beleza, ele parecia estar dizendo, podia pelo menos ter a decência de ser a mais feia de todas.

Ela fingiu que o que ouvia era orgulho paterno, de modo a não confundir a plateia.

“É maravilhoso ter um pai cego”, disse à audiência boquiaberta. “Todo mundo devia ter um.”

Não era a melhor das tiradas, mas, ao dizê-la com a cara totalmente séria, ela ganhou uma risada maior do que merecia. Às vezes o que funcionava era a surpresa, e às vezes as pessoas riam porque estavam prontas para isso. Ela entendia os dois tipos de

riso, pensava, mas para quem não levava a coisa a sério provavelmente era confuso.

“Não sou cego”, disse George, monótono. “Veja.”

Ele se virou e arregalou os olhos para todo mundo que prestava atenção.

“Pai, o senhor tem que parar com isso”, falou Barbara. “Assusta as pessoas, um cego de olho arregalado desse jeito.”

“Você aí...” O pai apontou, mal-educado, para uma mulher de sobretudo verde. “Está de sobretudo de verde.”

A senhora na espreguiçadeira ao lado começou a aplaudir, sem muita convicção, como se George tivesse se curado, naquele segundo, de uma doença de uma vida inteira, ou tivesse feito um truque de mágica.

“Como eu saberia disso, se fosse cego?”

Barbara podia perceber que ele estava começando a se divertir. Muito ocasionalmente era possível convencê-lo a servir de escada numa esquete, e ele talvez tivesse continuado indefinidamente a descrever o que via, não fosse o hã-hã do prefeito, que voltava ao microfone.

Foi tia Marie, irmã do pai dela, quem sugeriu que Barbara se candidatasse a Miss Blackpool. Marie apareceu para o chá, num sábado à tarde, porque por acaso passava por ali, e casualmente tocou no assunto durante a conversa, então — como se tivesse acabado de lhe ocorrer — perguntou a Barbara por que ela nunca havia se candidatado, enquanto o pai, sentado lá, concordava com a cabeça, fingindo estar admirado com aquela ideia brilhante. Barbara ficou confusa por um ou dois minutos, até se dar conta de que os dois tinham elaborado um plano. Até onde ela podia perceber, o plano era este: Barbara entrava no concurso e ganhava, então esqueceria aquele negócio todo de se mudar para Londres, porque

não haveria mais necessidade. Ela seria famosa na própria cidade, e quem ia querer mais do que isso? Depois poderia tentar o Miss Reino Unido, e, se não desse certo, poderia simplesmente se casar, o que seria meio que outro tipo de coroação. (O que, Barbara estava segura, também fazia parte do plano do concurso de beleza. Marie tinha suas restrições a Aidan, achava que ela podia conseguir alguém muito melhor, ou mais rico, enfim, e uma miss ganhava o direito de escolher. Dotty Harrison havia se casado com um sujeito que era dono de sete lojas de tapetes, e isso apenas com um terceiro lugar.)

Barbara sabia que não queria ser miss por um dia, ou mesmo por um ano. Não queria ser miss em hipótese nenhuma. Só queria ir para a televisão fazer as pessoas rirem. Uma miss nunca era engraçada, não as de Blackpool, pelo menos, nem as do resto do país. Acabou entrando no esquema da tia Marie, porém, porque Dorothy Lamour tinha sido Miss New Orleans e porque Sophia Loren disputou o Miss Itália. (Barbara sempre quis ver uma fotografia da moça que tinha ganhado da Sophia Loren.) E também porque não aguentava mais esperar para tocar a vida adiante e precisava que alguma coisa, qualquer coisa, acontecesse. Sabia que partiria o coração de seu pai, mas primeiro queria mostrar a ele que tinha ao menos tentado ser feliz no lugar onde vivera a vida toda. Tinha feito o que podia. Tinha feito testes para as peças da escola, acabado com papéis menores e, da coxia, visto as garotas sem talento que os professores adoravam esquecer as falas e tirar todo o sentido daquelas das quais se lembravam. Tinha sido corista no Winter Gardens e ido conversar com um sujeito da sociedade dramática amadora local, o qual lhe disse que a próxima produção, *O jardim das cerejeiras*, “provavelmente não fazia seu tipo”. Ele perguntou se Barbara não queria começar vendendo ingressos e fazendo cartazes. Ela não queria. Queria que lhe dessem um roteiro engraçado que pudesse tornar mais engraçado ainda.

Queria conseguir ser feliz, claro que queria; queria não ser diferente. Suas amigas de colégio e suas colegas na seção de cosméticos da R.H.O. Hills não pareciam desejar a todo custo ir embora da cidade, como Barbara, que às vezes ansiava ser igual a elas. E não havia algo de infantil em querer aparecer na televisão? Será que ela não estava berrando “Olhem pra mim! Olhem pra mim!”, feito uma menininha de dois anos? Tudo bem, certo, algumas pessoas, homens de todas as idades, de fato olhavam para ela, mas não do jeito que ela queria. Olhavam para o cabelo loiro, os seios e as pernas, e jamais viam nada além disso. De modo que ia entrar no concurso e ia vencê-lo, e já temia a expressão nos olhos do pai quando ele visse que isso não faria nenhuma diferença.

O prefeito não foi direto ao ponto, pois não era seu estilo. Agradeceu a todos pela presença, fez uma piada gratuita sobre o Preston ter perdido a final da Copa da Inglaterra e outra cruel sobre sua esposa não ter podido participar do concurso naquele ano por causa de um joanete. Disse que a penca de beldades à frente dele — e era bem seu estilo usar a expressão “penca de beldades” — o fazia se orgulhar ainda mais da cidade. Todo mundo sabia que as moças eram, na maioria, turistas de Leeds, Manchester e Oldham, mas o prefeito recebeu, mesmo assim, uma entusiasmada salva de palmas nessa hora. E continuou a falar por tanto tempo que Barbara passou a tentar calcular o tamanho do público presente contando as cabeças numa fileira de espreguiçadeiras e depois multiplicando o número pelo total de fileiras, só que não chegou a terminar porque perdeu a conta olhando para a cara de uma velha com um chapéu de chuva e sem dentes, que não parava de ruminar um pedaço de sanduíche. Essa era mais uma ambição que Barbara desejava acrescentar a uma pilha já cambaleante delas: queria preservar seus dentes, ao contrário de praticamente todos os seus parentes

com mais de cinquenta anos. Despertou bem a tempo de ouvir seu nome e ver as outras garotas olhando para ela com sorrisos fingidos.

Não sentiu nada. Ou melhor, reparou que não sentia nada, e então se sentiu um pouco enjoada. Seria legal pensar que tinha se enganado, que não precisava abandonar seu pai e sua cidade, que aquilo era um sonho que se tornava realidade e que ela poderia viver nele pelo resto da vida. Não ousou ficar pensando muito na sua insensibilidade, para não chegar à conclusão de que era uma megera mesquinha e odiosa. Sorriu quando a mulher do prefeito foi até ela para lhe entregar a faixa, e conseguiu continuar a sorrir quando o prefeito a beijou nos lábios, mas caiu no choro quando o pai veio abraçá-la, e esse era seu jeito de dizer a ele que o que mais queria era ir embora, que se tornar Miss Blackpool não chegava nem perto de sossegar a coceira que a atormentava feito catapora.

Nunca antes tinha chorado em trajes de banho, pelo menos não depois de crescida. Maiôs não eram feitos para usar chorando, com todo aquele sol, a areia, os gritinhos e os olhares de caça dos rapazes. Era peculiar a sensação das lágrimas geladas de vento rolando por seu pescoço e pelo vão dos seios. A mulher do prefeito a enlaçou com um braço.

“Está tudo bem”, disse Barbara. “Sério. Bobeira minha.”

“Acredite ou não, sei como você se sente”, falou a mulher do prefeito. “Foi assim que a gente se conheceu. Antes da guerra. Ele era só um vereador na época.”

“A senhora foi Miss Blackpool?”, disse Barbara.

Tentou fazer a pergunta de um jeito que não sugerisse espanto, mas não estava muito certa de ter conseguido. O prefeito e a mulher eram ambos corpulentos, mas o tamanho dele parecia, por alguma razão, intencional, um sinal de sua importância, ao passo que, nela, o sobrepeso dava a impressão de ser um erro terrível. Talvez fosse simplesmente o fato de que ele não se importava e ela, sim.

“Acredite ou não.”

As duas mulheres olharam uma para a outra. Essas coisas acontecem. Não havia necessidade de se dizer mais nada, mas então o prefeito se aproximou e falou algo mesmo assim.

“Olhando pra ela nem dá pra dizer”, falou o prefeito, pois não era seu estilo deixar o dito pelo não dito.

A esposa revirou os olhos para ele.

“Eu disse duas vezes ‘Acredite ou não’. Já admiti que não sou mais nenhuma Miss Blackpool. Mas você sempre tem que chegar mostrando toda a sua delicadeza.”

“Não escutei você dizer ‘Acredite ou não’.”

“Pois eu disse. Duas vezes. Não foi, querida?”

Barbara confirmou. Não queria se envolver, na verdade, mas pensou que pelo menos isso podia oferecer à pobre mulher.

“Bebês e profiteroles, bebês e profiteroles”, disse o prefeito.

“E você não é nenhuma pintura”, falou a esposa.

“Não sou, mas você não casou comigo por isso.”

A mulher pensou naquilo e, em silêncio, cedeu ao argumento.

“Enquanto, no seu caso, isso era tudo”, continuou o prefeito. “Você era uma pintura. Enfim...” Ele se virou para Barbara. “Você sabia que este é o maior complexo de piscinas públicas a céu aberto do mundo? E hoje é um dos dias mais importantes deste lugar, então você tem todo o direito de estar emocionada.”

Barbara fez que sim, fungou e sorriu. Não saberia nem como começar a explicar ao prefeito que o problema era exatamente o oposto daquilo que ele acabava de descrever: o dia estava sendo ainda menos importante do que ela temia.

“Aquela maldita Lucy”, disse o pai. “Ela tem culpa no cartório.”

O prefeito e a mulher pareceram confusos, mas Barbara sabia do que ele estava falando. Sentiu que seu pai a compreendia, o que tornou as coisas ainda piores.

Barbara amou Lucille Ball desde a primeira vez que viu / *Love Lucy*: tudo o que sentia ou fazia vinha daí. O mundo parecia parar durante meia hora todos os domingos, e seu pai nem se atrevia a tentar falar com ela, ou mesmo a roçar as páginas do jornal ao virá-las, enquanto passava o programa, para que Barbara não perdesse nada. Havia uma porção de outras pessoas engraçadas que ela amava: Tony Hancock, Sargento Bilko, Morecambe & Wise. Mas ela não podia ser essas pessoas, mesmo que quisesse. Eram todos homens. Tony, Ernie, Eric, Ernie... Ninguém, naquela turma, se chamava Lucy ou Barbara. Não havia garotas engraçadas.

“É só um programa”, dizia seu pai, antes ou depois da transmissão, mas nunca durante. “Um programa americano. Não é o que eu chamo de humor britânico.”

“E humor britânico... é sua definição especial pro humor feito na Grã-Bretanha, é isso?”

“Na BBC e tal.”

“Ah, entendi.”

Ela só parava de zombar dele porque se entediava, nunca porque ele se desse conta e a coisa perdesse a graça. Se tivesse que ficar em Blackpool, um de seus planos era manter uma conversa como aquela rolando pelo resto da vida.

“Pra começar, ela não é engraçada”, falava o pai.

“É a mulher mais engraçada que já apareceu na televisão”, respondia Barbara.

“Mas você nem ri dela”, o pai dizia.

Era verdade que ela não ria, mas isso porque, em geral, já tinha assistido aos programas. Agora estava por demais entretida tentando ver tudo em câmera lenta de modo a conseguir lembrar. Se houvesse um jeito de ver Lucy todos os dias da semana, Barbara veria, mas não havia, então simplesmente precisava se concentrar

mais do que já tinha feito com qualquer outra coisa e acreditar que algo ficaria nela.

“Enfim, você me manda ficar quieta quando estão anunciando no rádio os resultados do futebol”, ela retrucava.

“Sim, por causa da loteria”, dizia o pai. “Um daqueles resultados talvez faça a gente mudar de vida.”

O que ela não conseguia explicar sem soar tola era que *I Love Lucy* tinha exatamente o mesmo poder da loteria. Um dia, uma das expressões ou tiradas de Lucy mudaria a vida de Barbara, e talvez até a do pai também. Lucy já havia mudado sua vida, se bem que não para melhor: o programa tinha conseguido afastá-la de todo mundo — dos amigos, da família, das outras garotas do trabalho. Às vezes ela sentia que era um pouco como ser religioso. Barbara levava tão a sério ver comédia na tevê que as pessoas achavam aquilo um pouco esquisito, de modo que acabou parando de falar do assunto.

O fotógrafo da *Evening Gazette* se apresentou e conduziu Barbara na direção dos trampolins.

“Você é o Len Phillips?”, disse o pai dela. “Está de sacanagem comigo?”

Ele reconhecera o nome de Len Phillips do jornal e por isso se admirava, como se estivesse diante de uma celebridade. Meu Deus, pensou Barbara. E ele ainda se pergunta por que quero dar o fora daqui.

“Dá pra acreditar nisso, Barbara? O sr. Phillips veio pessoalmente fotografar você aqui nas piscinas.”

“Pode me chamar de Len.”

“Sério? Muito obrigado.” George pareceu um pouco desconfortável, porém, como se a honra ainda não fosse merecida.

“É, bom, o jornal provavelmente não conta com uma equipe de mil pessoas”, falou Barbara.

“A equipe sou eu e outro rapaz, às vezes”, disse Len. “E hoje é um dia dos mais importantes pra Blackpool. Seria uma tolice deixar o trabalho pro garoto.”

Ele gesticulou para que Barbara recuasse um pouco.

“Diga xis”, falou o pai. “Ou só amadores fazem isso?”

“Não, a gente também. Mas às vezes grito ‘Olha o passarinho!’, só pra variar.”

George riu e balançou a cabeça, admirado. Estava se divertindo como nunca, Barbara podia ver.

“Nada de namorado?”, perguntou Len.

“Ele não conseguiu folga no trabalho, Len”, contou George. Fez uma pausa, claramente se perguntando se não estava se permitindo muita intimidade cedo demais. “Parece que estão com pouco pessoal, por causa das férias. A tia dela, Marie, também não pôde vir: foi passar quinze dias na Ilha de Man. Não tirava férias fazia sete anos. Só uma viagem de trailer, mas sabe como é. Mudar de ares ajuda a relaxar.”

“Você devia estar anotando tudo, Len”, disse Barbara. “Trailer. Ilha de Man. Mudar de ares ajuda a relaxar. Ela foi só com o tio Jack, pai? Ou os meninos foram também?”

“Ele não quer saber de tantos pormenores”, disse o pai.

“Onde ela trabalha?”, quis saber Len, com um movimento de cabeça na direção de Barbara.

“Não sei. A gente devia perguntar pra ela”, falou Barbara.

“Na seção de cosméticos da R.H.O. Hills”, o pai respondeu. “E o Aidan trabalha na de moda masculina. Foi assim que se conheceram.”

“Bom, agora ela não deve continuar lá por muito tempo, não é?”, disse o fotógrafo.

“Não deve?”, falou George.

“Estou sempre fotografando a Miss Blackpool da vez. Hospitais, exposições, bailes de caridade... Ela vai ter muitos compromissos. Vai ser um ano agitado. Vamos nos ver bastante, Barbara, então você vai ter que se acostumar com minha cara feia.”

“Ah, meu Deus”, falou o pai. “Você ouviu isso, Barbara?”

Hospitais? Bailes de caridade? O ano inteiro? Onde é que ela estava com a cabeça? Tia Marie tinha falado das inaugurações de lojas e do show de luzes natalinas, mas Barbara não havia pensado no quanto decepcionaria as pessoas se desaparecesse, tampouco que ainda seria Miss Blackpool dali a trezentos e sessenta e quatro dias. Soube, ali mesmo, que não queria ser Miss Blackpool nem pela próxima hora.

“Aonde ela vai?”, disse Len.

“Aonde você vai?”, perguntou o pai.

Quinze minutos mais tarde, a finalista Sheila Jenkinson, uma ruiva alta e sonsa de Skelmersdale, era quem usava a coroa, e Barbara e seu pai estavam num táxi a caminho de casa. Ela foi embora para Londres na semana seguinte.

2.



Despedir-se do pai foi difícil. Ele tinha medo de ser abandonado, ela sabia, mas isso não a fez recuar. No trem, não se decidia se estava mais chateada com o sofrimento e o medo dele ou com sua própria crueldade: nunca nem passou pela cabeça dela mudar de ideia. Despedir-se de Aidan foi fácil, porém. Ele pareceu aliviado, e disse que sabia que ela lhe causaria problemas se ficasse em Blackpool. (Ele se casou com outra na primavera, e passou os quinze anos seguintes causando problemas à moça.)

Londres era fácil também, desde que não se tivesse muita expectativa. Ela encontrou uma pensão perto da estação de Euston, pagou três noites de hospedagem com suas economias, foi a uma

agência de empregos e arranjou uma vaga na Derry & Toms da Kensington High Street, na seção de cosméticos. Tudo o que se precisava fazer, assim parecia, era pedir por uma versão inferior da vida que se levava antes, e Londres atenderia ao pedido. Para Londres, tampouco importava o lugar de onde se vinha, era só não ligar para o vendedor de tabaco e para o motorista de ônibus que, rindo, repetiam cada palavra toda vez que o recém-chegado abria a boca para falar: “Duas *pilas!*”, “*Piccadelle!*”, “*Xícra* de chá!”. Por vezes os outros clientes ou passageiros eram convidados a partilhar da gozação.

Uma garota chamada Marjorie, que trabalhava na seção de calçados, lhe ofereceu um quarto em Earl’s Court, muito mais perto da loja, e Barbara aceitou sem se dar conta de que Marjorie dividiria o quarto com ela.

Sentia-se ainda mais como uma religiosa agora: Lucille Ball a transformara numa espécie de mártir da ambição. A janela da cozinha dava para a linha férrea e, quando o trem passava, cinzas caíam da moldura da janela no assoalho. Em Londres, quase todo o dinheiro que ganhava ia para comida, aluguel e passagens de ônibus. Marjorie era tão solitária quanto Barbara, e nunca saía, de modo que as duas passavam a maior parte do tempo juntas. Sobreviviam de sopa em lata e torradas, e nunca sobravam trocados suficientes para o gás da lareira. Ela não podia ver Lucy, pois não tinham tevê, o que tornava sua saudade de casa particularmente forte nos domingos à tarde. Não ajudava lembrar a si mesma de que, se estivesse em Blackpool, passaria a tarde sofrendo por não estar em Londres. Servia apenas para fazê-la sentir que nunca seria feliz em lugar nenhum. Às vezes parava para olhar as vitrines das agências de emprego, mas ninguém parecia estar atrás de uma comediante de tevê. Certas noites, deitada na cama, chorava em silêncio pela própria burrice. O que ela tinha achado que aconteceria?

Marjorie disse que ela devia comprar a revista *The Stage* para ver os anúncios. Ela contou que havia uma porção de garotas na Derry & Toms que liam *The Stage* na hora do chá, e pouco depois desapareciam da loja.

“Será que já ouvi falar de alguma delas?”, perguntou Barbara.

“Provavelmente só da Margie Nash”, disse Marjorie. “Você já deve ter ouvido a gente conversando sobre ela.”

Barbara balançou a cabeça, ansiosa por saber de alguém que tivesse encontrado algum tipo de passagem secreta da loja para o mundo do *showbiz*.

“Aquela que pegaram com um cliente no banheiro masculino do terceiro andar, e que depois admitiu que tinha roubado uma saia. Ela costumava comprar *The Stage* toda semana.”

E, sem se deixar afetar pela advertência na história de Margie Nash, Barbara passou a comprar a revista todas as quintas, na banca de jornais da estação de metrô de Kensington High Street. Mas não entendia muito do que lia ali. A revista parecia cheia de notinhas escritas em código:

SELEÇÃO DA SEMANA

Shaftesbury — *Our Man Crichton*. Kenneth More, Millicent Martin, George Benson, David Kernan, Dilys Watling, Anna Barry, Eunice Black, Glyn Worship, Patricia Lambert (Delfont/Lewis/Arnold).

Quem, exatamente, estava sendo selecionado naquela semana? Claro que não eram Kenneth More, Millicent Martin e o resto do pessoal. Todos já deviam estar sabendo que logo estreariam uma peça no West End. Será que ela própria, Barbara, e garotas como

ela podiam ser selecionadas? E, se havia alguma possibilidade de que essa seleção misteriosa tivesse a ver com ela, ou com alguém como ela, como saberia o que fazer para participar? Ali não dizia nada sobre data ou horário, tampouco havia uma descrição do trabalho. Muitos dos espetáculos pareciam estar à procura de *soubrettes*, mas ela não sabia o que era uma *soubrette*, e não tinha um dicionário, tampouco sabia onde ficava a biblioteca mais próxima. Se não existia uma palavra em inglês para aquilo, porém, então provavelmente era o tipo de trabalho a ser evitado, pelo menos enquanto não estivesse desesperada.

As vagas anunciadas na contracapa da revista eram mais diretas, e ela não precisou ir atrás do significado de nenhuma palavra. O Embassy Club da Old Bond Street procurava acompanhantes espertas e atraentes. O Nell Gwynne da Dean Street precisava de coristas e/ ou dançarinas, mas “somente moças bonitas” eram convidadas a se candidatar. O Whisky A Go Go da Wardour Street buscava Panteras, altura mínima de um metro e sessenta e oito, mas Barbara suspeitou que esse não era o único requisito e não quis saber que outros poderia haver.

Odiava ficar se perguntando se sua beleza era suficiente para ser aceita como Pantera, acompanhante ou corista. Temia não ser tão bonita ali quanto era em Blackpool; ou melhor, que sua beleza fosse bem menos notável em Londres. Um dia, no refeitório dos funcionários, contou nos dedos as garotas que pareciam ser realmente páreo duro para ela: sete. Sete criaturas magras e belas só no seu turno de almoço na Derry & Toms. Quantas haveria no turno seguinte? E quantas na seção de cosméticos da Selfridges, da Harrods e da Army & Navy?

Ela tinha bastante certeza, porém, de que nenhuma daquelas moças queria fazer as pessoas rirem. Era sua única esperança. Não interessa o que importava para elas na vida — e Barbara não estava certa de que se importassem com muita coisa —, mas não era

aquilo. Fazer as pessoas rirem significava ficar vesga, mostrar a língua e dizer coisas que podiam soar idiotas ou ingênuas, e nenhuma daquelas garotas, com seus batons vermelhos e seu intimidante desprezo por qualquer um que fosse velho ou sem atrativos, jamais faria coisas assim. Mas isso não chegava a ser uma vantagem competitiva para Barbara, não ali, não ainda. Disposição a se fingir de vesga não era de muita serventia na seção de cosméticos. Tampouco devia ser o que o Whisky A Go Go esperava de suas Panteras.

Barbara passou a imaginar as moças atraentes que trabalhavam na Derry & Toms como belos peixes tropicais num aquário, nadando para cima e para baixo, para cima e para baixo, em serena desilusão, sem nenhum lugar para ir e nada para ver que já não tivessem visto um milhão de vezes. Cada uma esperava um homem. Um homem que as apanharia numa rede e levaria para casa e colocaria num aquário ainda menor. Nem todas estavam esperando *encontrar* um homem, pois já haviam encontrado um, mas isso não acabava com a espera. Algumas esperavam que esse homem se decidisse, e havia ainda, em número menor, as sortudas que esperavam que o homem já decidido juntasse dinheiro suficiente.

Barbara não estava esperando um homem, achava que não, mas não sabia mais o que estava esperando. Tinha dito a si mesma no trem que, por dois anos, nem pensaria em voltar para casa, e dois meses depois sentia que toda aquela vontade de lutar e aquele fogo morriam dentro dela, até ver que a única coisa que desejava era ter acesso a um aparelho de televisão no domingo. Era esse o tamanho do estrago que o trabalho tinha feito nela — o trabalho, a sopa em lata e Marjorie roncando. Esquecera completamente a história de virar Lucy; só queria, de algum jeito, poder vê-la na tela.

“Você conhece alguma pessoa que tenha tevê?”, perguntou a Marjorie uma noite.

“Não conheço pessoas, simplesmente”, falou Marjorie. Era uma sexta à noite. Ela estava pendurando meias para secar no varal portátil junto à lareira a gás. “Mas a maioria das garotas vive como a gente.”

“Algumas moram na casa dos pais”, observou Barbara.

“É”, disse Marjorie. “Você pode ficar amiga delas, ir ao cinema com elas, sair pra dançar com elas e aí, um dia, talvez te convidem pra uma visita, no chá de domingo, e você possa assistir tevê com elas.”

“Então vai ter que ser um namorado.”

“Você pode sair com eles, dançar com eles, ir ao cinema com eles, dar uns amassos na porta de casa com eles e...”

“Tudo bem”, falou Barbara, desanimada. “Entendi a ideia.”

“Eu diria que o caminho mais rápido para um aparelho de televisão é um amante galante. São difíceis de achar, mas existem.”

“Você quer dizer um homem rico e casado?”

“Você falou que estava atrás de uma tevê, não de amor eterno. Eles mantêm apartamentos clandestinos. Ou pagam hotéis. Hotéis razoáveis têm televisão nos quartos.”

Então parecia que Barbara estava, sim, esperando um homem. Claro que estava. Por que raios tinha sido levada a acreditar que podia fazer alguma coisa sem um? Por que sempre achava que era diferente de todo mundo? Não tinha sentido reclamar daquilo. Ou melhor, ela podia reclamar quanto quisesse, desde que, ao mesmo tempo, tentasse achar um homem, e desde que guardasse para si as queixas. Quem quer que fosse o tal homem, ele provavelmente não ia querer passar a noite inteira ouvindo-a palestrar sobre quanto o mundo era injusto. O sujeito não seria desse tipo, ao que parecia. Ela precisava mudar alguma coisa, qualquer coisa. Precisava conhecer pessoas que não fossem motoristas de ônibus ou vendedoras de loja. Em algum lugar havia oportunidades. Mas não

na seção de cosméticos, e ela achava que tampouco no Nell Gwynne.

“Como você sabe disso tudo?”, perguntou a Marjorie, que não lhe dava a impressão de ser uma moça com uma coleção de amantes galantes.

“Eu tinha uma amiga que trabalhava na seção de casacos de inverno”, contou Marjorie. “Algumas das garotas lá mantinham seus amantes galantes. Nunca acontece com alguém da seção de calçados, claro.”

“Por que ‘claro’?”

“Você já deve ter notado.”

“Notado o quê?”

“Ora, é por isso que colocam a gente lá, pra começar. Porque não parecemos o tipo de garota que encontraria um amante galante.”

Barbara queria dizer à colega que deixasse de ser boba, mas passou em revista na mente alguns daqueles rostos e concedeu que a observação era verdadeira. Todas as moças mais atraentes estavam nas seções de cosméticos e moda feminina. Havia um processo de seleção que ninguém nunca havia mencionado.

“Você acha que consegue uma vaga na seção de perfumes por uns dias?”, perguntou Marjorie.

“Por que na de perfumes?”

“A de cosméticos não é tão boa. Não tem muitos homens que comprem batom e rímel, não é?”

Marjorie tinha razão quanto a isso também. Barbara não conseguia lembrar qual tinha sido a última vez que atendera um homem.

“Mas eles dão perfumes de presente. E aí chegam com todo aquele galanteio. Querem que a gente borrafe no próprio pulso pra que eles possam pegar e cheirar a nossa mão.”

Barbara tinha visto esse tipo de coisa na R.H.O. Hills, na sua cidade, mas não muitas vezes, e nunca com algum propósito sério.

O pessoal era mais cuidadoso numa cidade pequena. Se um marido tentasse alguma coisa, a esposa descobriria rapidinho.

“Escuta”, disse Marjorie. “Um amante galante não quer saber de joguinhos de sedução. Só achei que devia te alertar.”

Barbara ficou surpresa. “O que eles querem, então? Se não estão interessados, bom, *naquilo*.”

“Ah, não, *naquilo* eles estão interessados. Só não na parte da sedução.”

“Não sei se estou entendendo.”

“Eles não vão querer ficar brincando de te seduzir. Isso é pra crianças.”

“Mas se a gente está falando de um homem galante...”

“Acho que a palavra ‘galante’ em ‘amante galante’ é como a palavra ‘pública’ em ‘verba pública’. Junto com a outra, significa o contrário, na verdade. Você não é virgem, né?”

“Claro que não”, falou Barbara.

A verdade era que não tinha certeza. Alguma coisa tinha rolado com Aidan, pouco antes do concurso de beleza. Ela havia decidido se desincumbir daquilo antes de ir embora para Londres. O desempenho dele, porém, tinha sido um desastre, e consequentemente Barbara não estava segura quanto à sua situação oficial.

“Bom, esteja avisada, só isso. Eles não estão aí pra brincadeira.”

“Obrigada.”

Aparentemente exasperada, Marjorie olhou para ela.

“Você tem consciência do quanto é atraente?”

“Não. Antes de vir pra cá achava que tinha. Mas aqui é diferente. É outra escala. Aquelas garotas todas nos cosméticos e na moda feminina... E quando a gente anda na Kensington High Street...”

“Aqueles paus de virar tripa?”, falou Marjorie. “Você não precisa se preocupar com elas. Certo, você não anda muito na moda. Mas os homens não ligam pra isso. Você é fora de série.”

“Ah”, disse Barbara. “Obrigada.”

“Você parece a Sabrina.”

Barbara tentou não demonstrar impaciência. Odiava Sabrina, a garota que ficava parada em frente à câmera no *Arthur Askey Show*, sorrindo e exibindo os seios feito uma tola. Era e fazia o oposto do que Barbara queria ser e fazer.

“Você tem seios, cintura, cabelo, pernas, olhos... Se eu soubesse que matando você agora mesmo com um cutelo de açougueiro ficaria com metade disso, nem pensava duas vezes antes de te picar em pedacinhos e te ver sangrar até morrer feito um porco abatido.”

“Obrigada”, falou Barbara.

Resolveu se concentrar no elogio e ignorar o aterrorizante vislumbre que acabara de ter da alma de sua colega de quarto. Viu-se particularmente preocupada com a disposição de Marjorie a fazer aquilo tudo, o picadinho, o sangue e a matança, por apenas um percentual dos atributos que invejava. Havia alguma coisa naquela determinação que tornava a possibilidade mais real do que Barbara gostaria que fosse.

“Você não tinha que estar em casa, à noite, enquanto eu coloco minhas roupas íntimas pra secar. Devia estar participando de concursos de beleza.”

“Não seja tonta”, disse Barbara. “Pra que eu faria isso?”

No dia seguinte, Barbara pediu a uma conhecida da seção de perfumes para trocar de posto com ela por uma tarde, só para ver se era fácil ou difícil encontrar um amante galante. O resultado da experiência foi surpreendente: bastava acender o sinal indicando que se estava à procura. Barbara ficou contente por não ter descoberto o interruptor durante a adolescência, porque teria se metido em todo tipo de encrenca em Blackpool — com donos de

sete lojas de tapetes, ou com cantores em cartaz no Winter Gardens.



Valentine Laws não era lá um grande partido. Talvez o melhor tivesse sido colocá-lo em seu lugar, mas queria levar a coisa adiante. Ele era pelo menos quinze anos mais velho, e cheirava a tabaco de cachimbo e sabonete de alcatrão. Na primeira vez que passou pela seção de perfumes, usava uma aliança, mas quando voltou, alguns minutos mais tarde, aparentemente para uma olhada mais demorada nela, o anel tinha sumido. Só veio conversar na terceira volta por ali.

“Então”, ele disse, como se o poço que abastecia a conversa tivesse secado momentaneamente. “Você sai muito?”

“Ah, sabe como é”, ela disse. “Gostaria de passear mais.”

“Seu sotaque é uma graça. De onde você é? Vou adivinhar. Sou bom nisso. Sei que é algum lugar no norte, mas onde? Eis a questão. Yorkshire?”

“Lancashire. Blackpool.”

Ele encarou, sem cerimônia, os seios dela.

“A Sabrina é de Blackpool, não é?”

“Não sei quem é Sabrina”, falou Barbara.

“Sério? Achava que todo mundo lá tinha orgulho dela.”

“Bom, não temos”, respondeu Barbara. “Porque nunca ouvimos falar dela.”

“Enfim, ela é parecida com você”, disse Valentine Laws.

“Azar o dela.”

Ele sorriu e seguiu adiante com a conversa, impassível. Claramente não estava interessado no talento dela para respostas. O interesse era pela semelhança com Sabrina.

“Pois então, Miss Blackpool.” Ela olhou para ele, surpresa, mas era só uma gracinha. “A que tipo de lugar você gostaria de ir?”

“Isso eu é que sei, e você que deve descobrir.”

Ela teria sido capaz de se esbofetear. Aquele era o tom para usar com um rapaz do Winter Gardens, em Blackpool, não ali. Ela estava fazendo joguinho, e Marjorie tinha dito que não fizesse isso. Para sorte dela, e talvez porque Valentine não estivesse habituado aos foras de sábado à noite nos salões de baile, ele ignorou a breve esnobada.

“Estou tentando”, disse, paciente. “Mas tenho uma proposta pra te fazer.”

“Não diga”, ela respondeu.

Não conseguia se conter. A vida toda, ou a parte em que havia homens interessados por ela, Barbara tentara se defender. Agora, de súbito, tinha de ser diferente e reprimir o reflexo do qual havia se utilizado por anos.

“Digo, sim. Pode apostar. Eu não estaria conversando com você se não fosse pra fazer uma proposta, certo?”

Ela assimilou o esclarecimento bruto e sorriu.

“Vou encontrar um amigo pra jantar. Um cliente. Ele vai levar uma amiga e sugeri que eu levasse uma também.”

Em sua outra vida, Barbara teria mencionado a aliança, mas estava começando a aprender.

“Parece uma boa ideia.”

Seria um longo caminho até um aparelho de tevê, mas já era um começo.

Marjorie a aconselhou a pegar uma roupa da loja emprestada. Era o que todas as outras garotas faziam, aparentemente. No intervalo do almoço, foi ao andar de cima com uma sacola, falou com uma de suas colegas e saiu dali levando um elegante vestido vermelho com bainha na altura do joelho e decote ousado. Quando se arrumava para sair, lembrou-se de como podia ficar bonita quando fazia um esforço para isso, passando um batom e deixando à mostra um naco da perna. Fazia tempo que isso não acontecia.



“Caramba”, disse Marjorie, e Barbara sorriu.

Valentine Laws tinha reservado uma mesa no Talk of the Town para assistirem a Matt Monro, o cantor favorito da tia Marie. Nos cartazes, à entrada, Barbara viu que em outras noites a atração podia ser as Supremes, Helen Shapiro ou Cliff and the Shadows, artistas sobre os quais as garotas do trabalho teriam gostado de ouvi-la contar tudinho. Matt Monto era de outro tempo, o tempo do qual tentara escapar ao sair de Blackpool. Ao ser conduzida até a mesa, percebeu que era de longe a pessoa mais jovem no recinto.

Ele a esperava numa mesa para quatro pessoas junto ao palco. Os outros convidados não haviam chegado. Ele pediu para ela um Dubonnet com limonada sem nem perguntar, e falaram sobre trabalho, Londres e boates, até que ele levantou a cabeça e sorriu.

“Sidney!”

Mas Sidney, um sujeito baixo, careca e de bigode, não pareceu contente ao ver Valentine, e então o rosto deste assumiu uma expressão complicada demais para que Barbara pudesse decifrar. Houve um sorriso, depois o sorriso sumiu e, em seguida, os olhos, subitamente assustados, se arregalaram. Então o sorriso voltou, mas não era caloroso ou satisfeito.

“Audrey!”, falou Valentine.

Audrey era uma mulher corpulenta trajando um vestido exageradamente roxo e inapropriadamente longo. Era a esposa de Sidney, Barbara deduziu. E, à medida que via o desenrolar da situação, começou a perceber que havia algum mal-entendido. Sidney pensara que aquela seria uma saída com certo tipo de garota (“as garotas”, “nossas meninas”, esse tipo), mas Valentine convidara Barbara imaginando uma noite completamente diferente, envolvendo *garotas*, e não *as* garotas. Os dois, presumia-se, haviam se encontrado antes para ambos os tipos de saída, daí a confusão. A vida de homens casados com dinheiro era tão complicada, tão dissimulada, e os códigos em que falavam eram tão ambíguos, que Barbara ficou se perguntando como aquelas coisas não aconteciam o tempo inteiro. Talvez acontecessem. Talvez o Talk of the Town estivesse cheio de mesas com mulheres de idades díspares, encarando umas às outras com olhares ameaçadores.

“O Valentine e eu temos uma coisinha pra discutir ali no bar”, disse Sidney. “Por favor, nos deem licença uns cinco minutinhos.”

Valentine ficou de pé, dirigiu um cumprimento de cabeça às mulheres e seguiu Sidney, que já ia à frente pisando duro. Era um mal-entendido que teria suas consequências, evidentemente. A mulher de Sidney se daria conta de quem era Barbara e do que ela representava; deduziria, presumivelmente, que não era a primeira saída como aquela, e que para as demais não havia sido convidada. Se Valentine tivesse sido ágil em perceber a situação, poderia ter

apresentado Barbara como sua prima, ou sua secretária, ou uma agente que cuidava do cumprimento de sua condicional, mas se deixou arrastar por Sidney para levar uma bronca, deixando às duas mulheres que tirassem suas próprias conclusões.

Audrey largou o peso na cadeira em frente à de Barbara e a encarou.

“Ele é casado, sabia?”, falou depois de um tempo.

Barbara duvidava muito que continuaria por ali para assistir a Matt Monro cantar, de modo que, pensou, o negócio era tentar se divertir o máximo que pudesse com a situação. Olhou para Audrey e imediatamente começou a rir, debochada.

“Com quem?”, disse. “Vou matar essa mulher.” E riu outra vez, só para mostrar quanto tinha ficado preocupada com a notícia que Audrey lhe dava.

“Ele é casado”, insistiu a outra. “Com a Joan. Eu a conheci. São casados há um bom tempo. Têm filhos e tudo. Filhos que nem são mais crianças. O menino está com dezesseis e a menina estuda enfermagem.”

“Bom”, respondeu Barbara, “acho que ele não deve estar sendo um bom pai. Faz dois anos que não passa uma noite fora de casa.”

“Fora de casa?”, falou Audrey. “Vocês moram juntos?”

“Ah, não é tão ruim quanto parece”, disse Barbara. “A gente deve se casar em junho. Embora, claro, se o que você está dizendo é verdade, ele vá ter que se explicar primeiro.” E riu pela terceira vez, balançando a cabeça diante do absurdo daquilo tudo. O Valentine! Casado! Com filhos! “Você conheceu esses ‘filhos’?”

“Bom”, disse Audrey, “não.” Uma pequena minhoca de dúvida tinha se instalado, Barbara notou, satisfeita. “Mas conversei com a Joan sobre eles. O Sidney e eu também temos dois adolescentes.”

“Ah”, falou Barbara. “Conversaram. Qualquer um pode conversar. Eu podia desfilas uns quinze filhos aqui, conversando com você. Um, dois, três, quatro, cinco...”

Quinze filhos faria aquela contagem ficar longa demais, ela percebeu. Ia parecer maluca se continuasse, então parou.

“Cinco, que seja”, disse.

“Como assim?”

“Conversar sobre uma coisa não é o mesmo que ver essa coisa, né?”

“Você está dizendo que a Joan inventou os filhos?”

“Pra falar a verdade, acho que essa Joan talvez seja inventada.”

“Como pode ser inventada? Eu a conheci!”

“Sim, mas você sabe como eles são. Às vezes querem dar uma saída sem a gente, se é que me entende. Nada grave. Bom, eu penso assim.”

“Você está dizendo que a Joan era algum tipo de...”

“Não, não. Ele só queria companhia. Eu provavelmente estava no cinema ou em algum outro lugar.”

“Ela não era nenhuma jovem”, falou Audrey.

“Ora, que meigo, querer passar uma noite com alguém da idade dele.”

Audrey assimilou o sofisticado engodo do qual tinha sido vítima e balançou a cabeça.

“Não acredito”, disse. “Que esquisitice alguém fazer uma coisa dessas.”

Sidney e Valentine retornaram à mesa, amigos de novo.

“Acho que eu devia apresentar vocês duas direito”, falou Valentine. “Audrey, esta é a Barbara. Ela trabalha comigo no escritório e é louca pelo Matt Monroe. Então, quando a Joan se sentiu mal hoje à tarde...”

A esposa de Sidney a encarou, confusa, depois indignada.

“Prazer em conhecer”, disse Barbara, e foi buscar seu casaco.

Aqueles minutos de conversa com Audrey tinham sido estranhamente prazerosos, pois permitiram que atuasse num esquete de comédia que ela própria tinha escrito, e ali, no ato. Seu desempenho havia sido até razoável, ela achava, considerando-se a falta de matéria-prima. Mas aí a adrenalina baixou e, enquanto estava na fila da chapelaria, Barbara se sentiu mais triste do que nunca, desde que chegara a Londres. Depois da conversa com Marjorie, vinha dizendo a si mesma que suas opções eram claras, ainda que desoladoras: ela podia trabalhar na seção de cosméticos ou podia seduzir sujeitos como Valentine Laws, na esperança de que a levassem alguns centímetros para mais perto de onde desejava estar. Barbara havia, no entanto, seduzido um sujeito como Valentine Laws e terminado por se sentir envergonhada e tola, e no dia seguinte voltaria à seção de cosméticos de qualquer jeito. Queria chorar. Queria ir para casa. Era o bastante. Voltaria para casa e se casaria com um dono de lojas de tapetes; criaria os filhos dele, ele levaria outras mulheres a boates, e ela ficaria velha e morreria torcendo para ter mais sorte da próxima vez.

E, na saída do Talk of the Town, ela conheceu Brian.

Quase trombou com ele quando subia as escadas até a porta. Ele disse olá, ela falou para ele dar o fora, ele pareceu espantado.

“Você não se lembra de mim, lembra?”

“Não”, ela disse, e que bom que não lembrava, pensou. Ele claramente não havia se mostrado digno de lembrança. Era bem bonito e estava usando o que parecia ser um terno bastante caro, mas era ainda mais velho do que Valentine Laws. Nada nele inspirava confiança.

“A gente se encontrou na estreia daquele filme do Arthur Askey em que você aparece.”

“Nunca apareci em filme nenhum.”

“Ah”, ele disse. “Desculpe. Você não é a Sabrina, é?”

“Não, não sou a porcaria da Sabrina porcaria nenhuma. A porcaria da Sabrina tem umas porcarias de uns *anos* a mais do que eu. E, sim, somos do mesmo lugar, e, sim, ela tem seios grandes. Mas, se algum de vocês alguma vez na vida reparasse numa mulher do pescoço pra cima, talvez aprendesse a diferenciar uma da outra.”

Ele engasgou com uma risada.

“Desculpe mesmo”, falou. “Ainda bem que você não é ela. O filme não era muito bom e a Sabrina está péssima nele. Mas aonde você vai?”

“Pra casa.”

“Você não pode ir ainda. O Matt Monro nem começou a cantar, começou?”

“E por que não posso ir?”

“Porque você devia ficar e tomar um drinque. Quero saber tudo sobre você.”

“Não diga.”

Ela podia se fazer de difícil com aquele sujeito, pois não queria nada dele e estava de saco cheio de todos os homens.

“Não sou quem você acha que eu sou”, ele disse.

“Não acho nada.”

“Sou muito bem casado”, falou o homem.

De repente surgiu, sorrindo ao lado dele, uma mulher atraente. Era um pouco mais nova, mas nada escandaloso.

“Aqui está ela”, ele disse. “Esta é minha esposa.”

“Olá”, falou a mulher. Não parecia estar zangada com Barbara. Só queria ser apresentada.

“Meu nome é Brian Debenham”, retomou o homem. “E esta é a Patsy.”

“Oi”, disse Patsy. “Você é tão bonita.”

Barbara começou a imaginar que interesse poderia haver ali. Marido e mulher tentando seduzi-la era uma coisa que ela só

conceberia com muita imaginação. Não conseguia nem mesmo achar uma palavra para isso.

“Estou tentando convencê-la a tomar um drinque com a gente”, disse Brian.

“E entendo por quê”, falou Patsy, dando uma olhada em Barbara de cima a baixo. “É bem seu tipo. Parece a Sabrina.”

“Acho que ela não gosta quando dizem isso.”

“Não gosto”, respondeu Barbara. “E não gosto de um homem tentando me seduzir enquanto a mulher assiste.”

Essa parecia ser a interpretação mais segura. Se ela não conseguia encontrar a palavra para aquela outra coisa, não tentaria acusá-los dela. Definitivamente tinha de descobrir o que era uma *soubrette*. Pelo que podia ver, estavam ali tentando transformá-la numa.

Brian e Patsy riram.

“Ah, não estou tentando te seduzir”, ele disse. “Não se trata de sexo. É pior que isso. Quero ganhar dinheiro com você. Sou agente de atores.”

Barbara voltou à chapalaria com seu casaco, e foi aí que tudo começou.

3.

Por insistência de Brian, ela não voltou à Derry & Toms.

“Preciso cumprir o aviso prévio de duas semanas.”

Já havia ligado dizendo que estava doente, de modo a poder ir fazer uma visita a Brian no escritório dele. Não tinha como ficar mais tempo sem trabalhar.

“Por quê?”

“Por quê?”

“É, por quê?”

“Porque...” Ela não conseguiu pensar num motivo, exceto o de que regras eram regras. “Como é que eu vou pagar o aluguel?”

“Vou conseguir trabalho pra você.”

“Preciso de trabalho agora.”

“Pago suas contas por duas semanas. Até um mês. Quanto você ganha, vinte por semana? Não vou te deixar jogar essa chance fora por causa de oitenta libras.”

Ela não ganhava nem perto de vinte por semana. Seu salário estava em doze, desde que completara o período de teste.

“Mas que chance é essa que estou jogando fora? Nunca atuei na vida.”

“Isso é que é o melhor, querida. Você não precisa de experiência. Nem atuar precisa. Nunca mais falo da Sabrina, esta é a última vez. Mas você deve ter reparado que ela não é exatamente uma Dorothy Tutin. Amorzinho, você só tem que ficar lá, parada, que o pessoal vai atirar dinheiro em cima de mim. Repasso uma parte pra você. Sério, é o negócio mais fácil do mundo.”

“Está parecendo o negócio mais antigo, isso sim.”

“Não seja cínica, querida. Eu trabalho com isso. Escuta. Você sabe o que é uma *soubrette*?”

Ela suspirou e revirou os olhos. Encontraria uma biblioteca assim que saísse do escritório de Brian.

“Você é o próprio epítome da *soubrette*. E todo mundo está atrás de uma. Mas, sério, nem isso você precisa ser. As pessoas vão pagar um dinheirão pra que você seja você mesma, simplesmente. Apenas faça o que eu disser e todos seremos felizes.”

“E o que você vai me dizer pra fazer?”

“Vou dizer pra encontrar pessoas, e essas pessoas vão pedir pra você fazer coisas. Sorria. Ande de lá pra cá. Estufe o peito e empine o bumbum. Coisas desse tipo. Em dois tempos arrumamos um contrato com um estúdio. E, antes que você possa se dar conta, todo homem com menos de setenta anos vai ter um retrato seu de biquíni na porta do armário de jardinagem.”

“Desde que me deixem atuar, uso o traje que for preciso.”

“Você está me dizendo que quer *mesmo* atuar?”

“Quero ser uma comediante”, disse Barbara. “Quero ser a Lucille Ball.”

O desejo delas de serem atrizes era o carma da vida de Brian. Todas aquelas garotas bonitas, esculturais, e metade delas não queria aparecer em folhinhas, ou ir a estreias. Queriam três falas numa peça da BBC sobre mães solteiras trabalhando numa mina de carvão. Ele não entendia aquela vontade, mas mantinha contatos entre produtores e selecionadores de elenco, aos quais mandava as garotas para que fizessem testes. Elas ficavam muito mais maleáveis depois de terem sido reprovadas várias vezes.

“Pelo que me lembro, a Lucille Ball não teve muita escolha. Estava meio decadente e ninguém mais lhe dava papéis de protagonista romântica, então ela foi obrigada a começar com as caretas. Você tem anos pela frente antes de a gente precisar

começar a pensar nisso. Décadas, provavelmente. Olha só pra você.”

“Quero fazer testes.”

“O que estou tentando dizer é que você não precisa passar por teste nenhum. Você pode ser modelo, e então vai fazer os filmes que quiser.”

Quantas vezes ele tinha feito aquela mesma breve pregação? Elas nunca davam ouvidos.

“Os filmes que eu quiser, desde que não abra a boca.”

“Não vou te bancar pra sempre.”

“Você acha que se eu abrir a boca vai ter que me bancar pra sempre?”

“Eu não disse isso.”

“Arranje os testes.”

Brian deu de ombros. Precisariam trilhar o caminho mais longo.

Na manhã seguinte, teve de explicar a Marjorie que não iriam juntas trabalhar porque um sujeito que tinha conhecido numa boate estava pagando para que ela não fosse mais.

“Que tipo de sujeito?”, ela quis saber. “E tem outros iguais de onde ele saiu? Sei que trabalho na seção de calçados, mas pode dizer pra ele que faço qualquer coisa, sério.”

“Ele é um agente.”

“Você conferiu a licença de trabalho, ou seja lá o que alguém precisa pra trabalhar como agente?”

“Não. Mas acredito nele.”

“Por quê?”

“Porque fui até o escritório hoje. Tinha uma secretária, uma escrivanhinha e...”

“Eles fazem isso o tempo todo.”

“Isso o quê?”

“Arranjam secretárias e escrivainhas. Pra enganar as pessoas. Eu me pergunto se, voltando lá hoje, você ainda encontraria essa escrivainha.”

“Tinha uns armários de arquivo.”

“Você pode ser tão ingênua, Barbara.”

“Mas por que ele estaria me enganando?”

“Não vou soletrar pra você.”

“Você acha que esse pessoal arranja secretárias, escrivainhas e armários de arquivo pra seduzir garotas? Parece trabalhoso demais.”

Marjorie não comentou nada, mas Barbara estava claramente sendo convidada a tirar suas próprias conclusões.

“Ele te deu dinheiro?”

“Não ainda. Mas prometeu que vai dar.”

“Você fez alguma coisa em troca desse dinheiro?”

“Não!”

“Ah, meu Deus.”

“Mas isso é bom, não é?”

“Não é bem o que eu penso. Se ele já está falando em dinheiro, sabe Deus o que quer de você.”

Barbara começaria a se sentir uma otária caso Brian não tivesse arranjado testes para ela imediatamente. Não tinha telefone, então seu dia se iniciava com uma visita à cabine da esquina, à qual ia munida de uma pilha de moedas; Brian havia instruído a secretária para que, se não tivesse nada novo, dissesse imediatamente, de modo que Barbara não colocasse mais uma moeda no aparelho.

O primeiro teste foi para uma farsa chamada *No quarto da minha senhora*. Era sobre... Ah, não importava sobre o que era. Tinha um monte de moças de roupa íntima, maridos lascivos apanhados com a calça na mão e esposas horrorosas e tristes. Na verdade, falava

de pessoas que não faziam sexo quando o que queriam era fazer. Grande parte das comédias britânicas era sobre isso, Barbara tinha reparado. Gente que, antes de conseguir fazer a coisa, era sempre impedida, em vez de descoberta depois da coisa feita. Isso a deprimia.

A peça estava sendo encenada num *vaudeville* próximo à Charing Cross Road. O produtor dissera a Brian que os censores do governo talvez proibissem o espetáculo se fosse posto em cartaz num teatro de verdade.

“Uma bobagem completa, claro. Os censores não dariam a mínima. Mas querem passar a impressão de que a peça é isso.”

“Por que querem passar essa impressão?”

“Você leu a peça”, disse Brian. “É de desesperar. Não duraria duas noites no West End. Mas assim podem conseguir vender alguns ingressos pros tolos que vão pensar que ali tem coisa apimentada demais pra ser liberada pela censura.”

“Não tem nada de engraçado nela.”

“Nem o mais remoto sinal de graça”, falou Brian. “Mas é uma comédia. Foi o que você me disse que queria fazer.”

Ela estava sendo punida, podia perceber. Ele a expunha a alguns trabalhos horrorosos e, no fim, ela acabaria de biquíni num programa de perguntas e respostas e o faria feliz.

Leu a peça novamente na noite anterior ao teste. Era ainda pior do que havia pensado, mas queria tanto estar nela que achou que era capaz de desmaiar, de tão desesperada pela oportunidade.

Sua personagem se chamava Polly, com quem o protagonista, marido de uma esposa certinha e horrenda, seria repetidamente impedido de fazer amor. Ela se sentou a uma das mesas do teatrinho sórdido, e o diretor, um sujeito cansado, de seus sessenta e tantos anos, cabelo grisalho manchado de nicotina, começou a passar as cenas de Barbara. Ela foi dizendo a primeira fala — com alguma confiança, pensou, e certa facilidade.

“A gente num pode fazer aqui. Não com sua esposa lá em cima.”

Mas, no momento em que ela abriu a boca, o diretor balançou a cabeça.

“É você mesma falando ou uma tentativa de alguma coisa?”

Ela nunca tinha estado no mesmo recinto com alguém de classe tão alta quanto ele. O pai dela não precisaria de mais do que aquele encontro como prova de que a vida de Barbara em Londres era um espantoso triunfo social.

Começou de novo, sem mudar nada, pois não sabia do que o diretor estava falando.

“É você mesma, não é?”

“Eu o quê?”

“Isso aí.” Ele fez um sinal de cabeça na direção da boca dela. “Esse sotaque.”

“Não é sotaque. É assim que eu falo.”

“No teatro é sotaque.”

Ele suspirou e esfregou os olhos.

“Tenho sessenta e três anos de idade”, ele disse. “Fui o segundo diretor mais jovem do Old Vic, em Bristol. Esta é a pior peça que já li na vida. A gente está se encontrando no momento mais decadente, talvez, da minha vida profissional, e nada indica que dias melhores virão. Eu poderia ser perdoado se não desse a mínima. Tenho certeza de que você concorda. Mas ainda assim me importo. E, se selecionar você para esse elenco, isso vai mostrar que entreguei os pontos, entende?”

Ela não entendia, e disse a ele.

“Por que está resistindo?”

“Não estou.”

“Na peça. Você está resistindo. E, antes de eu continuar, devo dizer que sim, sim, Albert Finney, Tom Courtenay, Richard Burton, parece que a gente está na cozinha de casa com eles, maravilhosos, maravilhosos. Mas aqui não tem cozinha nenhuma,

infelizmente. A peça se chama *No quarto da minha senhora*. Por que você está resistindo? Com esse jeito de falar, parece que passou a vida vendendo batata frita em saquinho a dois tostões. Deixaria um homem como Nigel fazer o que quisesse com você, não acha? Preciso que a plateia acredite, entende? Estou condenado, eu sei. Sou um dinossauro. Essas coisas são importantes pra mim.”

Ela tremia de ódio, mas, por razões que permaneceram obscuras para si própria, não quis que ele percebesse.

“Enfim. Obrigado por ter vindo e tentado.”

Ela queria se lembrar daquele sujeito. Tinha a sensação de que nunca mais o veria, porque era um velho cansado e inútil, e ela não. Mas precisava saber o nome, para o caso de algum dia estar em posição de pisar em sua mão quando ele estivesse dependurado no precipício da profissão que escolheu.

“Desculpe”, ela disse, meiga. “Não guardei seu nome.”

“Perdão. Que mal-educado. Julian Squires.”

Ofereceu-lhe a mão mole, que Barbara não apertou. Orgulho suficiente para isso ela tinha, pelo menos.

Foi encontrar com Brian e caiu no choro. Ele suspirou e balançou a cabeça, então passou a fuçar na gaveta da escrivaninha até encontrar uma pasta vermelha com os dizeres *GUIA PARA TREINAMENTO DE VOZ* em letras grandes na capa. Parecia um pouco com o livro que Eamonn Andrews consultava em *Esta é a sua vida*.

“Mal isto aqui não deve te fazer, o que quer que aconteça”, ele disse. “Recomendei para uma porção de atrizes. É muito bom, aparentemente. Michael Aspel e Jean Metcalfe. O rato roeu a roupa do rei de Roma, e tudo o mais. Ela tem mesmo uma bela pronúncia.”

O pai de Barbara adorava Jean Metcalfe. Ela atuava no rádio, e falava numa espécie de sotaque BBC que ninguém no país inteiro, de

norte a sul, tinha na vida real.

“Nunca em um milhão de anos eu conseguiria falar igual a ela.”

“Você não precisa falar igual a ela. Só... um pouquinho... menos como você mesma. Se é isso que quer. E, se não for, então deixe alguém tirar toda a sua roupa e te matar borrifando tinta dourada no seu corpo inteiro. Você me parte o coração. Todas as garotas da minha agência dariam qualquer coisa pra ter seus atributos. E você quer ignorá-los.”



“Esses atributos não estão me servindo pra nada. Não posso ser engraçada e ter atributos?”

“Não sou eu, você sabe disso. São eles.”

Ela examinou o guia para treinamento de voz. Era ela quem queria se tornar atriz, e atuar tinha tudo a ver com se transformar em outra pessoa, então por que não fazer isso antes mesmo de alguém lhe dar um emprego?

“E, falando nisso”, disse Brian, “estava pensando se não está na hora de você deixar de ser a Barbara de Blackpool.”

O que tinha em mente era a próxima etapa da carreira dela, claro. Ninguém da BBC responsável por uma peça sobre mães solteiras trabalhando numa mina de carvão se importaria de ela se chamar Barbara. Mas Sabrina um dia havia sido Norma Sykes. Era preciso dar alguns passos.

“Pensei que era disso que estávamos falando.”

“Estávamos falando da parte Blackpool dessa história. Não da parte Barbara.”

“O que eu posso fazer a respeito?”

“Você não precisa ser Barbara.”

“Está falando sério?”

“Não é uma questão de... vida ou morte.”

“Vou deixar como está, se pra você dá na mesma.”

“Mas é um pouco sério, sim. Talvez não seja uma situação de... vida ou morte. Mas certamente de risco.”

“Você quer que eu troque meu nome?”

“Você sempre pode voltar ao antigo, se não der certo.”

“Ah, obrigada.”

Foi tudo o que ela precisou para decidir que nunca mais queria ser Barbara: seria a marca do seu fracasso, e ela não fracassaria. Não importava. Podia mudar o nome e a voz e ainda assim seria ela, porque era apenas uma chama azul a queimar e nada mais, e a chama acabaria por queimá-la se não encontrasse uma saída de dentro dela.

“Você já tem um nome pra mim?”

“Claro que não. Não chego a ser o pequeno Hitler que você imagina. Vamos escolher juntos.”

Então Barbara escolheu Honor e Cathy, de *Os vingadores*, Glynis, Vivien e Yvonne, dos filmes, e até Lucy, da televisão. E, quando todos os nomes de que gostava tinham sido recusados, acabaram

ficando com a primeiríssima sugestão de Brian, Sophie Straw. Sophie soava sofisticado, ela compreendia.

“Por que Straw?”

“Sandie Shaw. Sophie Straw. Soa bem.”

“Mas por que não Sophie Simpson?”

“Quanto mais curto, melhor.”

“Smith, então.”

“Qual é o problema com Straw?”

“Por que você gosta?”

“Sou um homem muito bem casado.”

“Você já me disse isso.”

“Se mesmo eu, um homem muito bem casado, tenho fantasias com esse nome, imagine o que não vão sentir todos aqueles homens mal casados.”

Sophie Straw franziu o nariz.

“Isso foi meio asqueroso.”

“Não queria que fosse eu a dar a má notícia, meu docinho. Mas alguns aspectos desse ramo são um pouco asquerosos.”

No dia seguinte, Brian mandou Sophie Straw fazer o teste para o papel de uma jovem dona de casa num comercial de sabão. Ela estava bastante convicta de que ele tentava minar sua determinação. Tinha passado a noite ouvindo, na vitrola de Marjorie, os discos de Brian com os exercícios de locução, praticando seu melhor sotaque Jean Metcalfe, mas dessa vez a interromperam antes ainda de lhe pedirem para falar. Estava na sala com o diretor um sujeito da marca de sabão, que sorriu e balançou a cabeça.

“Desculpe, Sophie”, disse o diretor. “Não vai dar.”

“Posso perguntar por que não?”

O sujeito da marca de sabão cochichou no ouvido do diretor, que deu de ombros.

“Ele está dizendo que ninguém pensaria em você como uma dona de casa. Você é muito bonita, e tem todas as curvas erradas.”

“O que tem de errado com minhas curvas?”

O sujeito da marca de sabão riu. “Nada”, falou. “E esse é o problema. Estamos querendo alguém um pouco mais matrona.”

Ela se lembrou do prefeito de Blackpool: bebês e profiteroles, bebês e profiteroles.

“Eu poderia ser uma recém-casada”, disse, e mais uma vez sentiu aquele enjoo de quem está desesperada. Deveria ter se mandado dali, virado a mesa, cuspidos neles; em vez disso, estava mendigando.

“É um comercial de sabão, querida. Não dá pra ficar explicando há quanto tempo você é casada, onde conheceu seu marido e por que ainda mantém a forma.”

“Obrigado por ter vindo, de qualquer jeito”, falou o diretor. “Certamente vou me lembrar de você quando tiver alguma coisa que combine mais.”

“Como o quê?”, ela quis saber.

“Ah, você sabe. Uma bebida glamorosa. Babycham, Dubonnet, esse tipo de coisa. Talvez cigarro. Algo que não seja, sabe como é, o oposto de você.”

“Sabão é o oposto de mim?”

“Não, não. Tenho certeza de que você é muito agradável e asseada. Essa coisa doméstica é que é o seu oposto, não é?”

“É?”

“Você é casada, Sophie?”

“Bom. Não. Mas acho que poderia fingir que sou durante dois minutos num comercial de sabão.”

“Vou levar você até a saída”, disse o sujeito da marca de sabão.

O diretor sorriu para si mesmo e balançou de leve a cabeça.

Quando chegaram a um lugar onde não podiam mais ser ouvidos, o sujeito da marca de sabão a convidou para jantar. Ele usava uma

aliança, claro.

Ela já estava chegando ao final da terceira semana desempregada. Tinha fracassado em convencer o pessoal de estúdios, *vaudevilles* e teatros em todo o West End de que era capaz de fazer uma dona de casa, uma professora, uma policial, uma secretária... Tinha fracassado até mesmo num teste para fazer uma stripper, mesmo tendo mais ou menos ouvido de todo mundo que ela parecia uma. Dava muito na vista que era uma atriz fazendo uma stripper, aparentemente. Não ocorreu àquelas pessoas a ironia desse obstáculo para conseguir um emprego de atriz. As recusas, segundo sua impressão, se tornavam mais e mais inventivas, mais e mais humilhantes, e Brian não tinha muita coisa que ainda pudesse lhe oferecer, de qualquer jeito. Todos os testes para os quais a enviava serviam para provar que estava certo. Que ela não dava para aquilo. E, se estava disposta a pegar o papel de uma stripper num teatrinho medonho, dificilmente poderia fingir que os planos de Brian para ela eram sórdidos. Não havia muita diferença entre fazer uma stripper numa peça vulgar e ser uma.

“Tem que aparecer alguma coisa.”

“O único roteiro que me mandaram em que ao menos há uma personagem jovem é da *Comedy Playhouse*.”

Comedy Playhouse era uma série de histórias avulsas de meia hora que a BBC usava como plataforma de lançamento para novas comédias. Se as críticas fossem positivas e a emissora ficasse satisfeita, eventualmente um episódio poderia se tornar uma série à parte. *Steptoe and Son* tinha começado na *Comedy Playhouse*, e era só ver o que tinha acontecido.

“Eu adoraria fazer *Comedy Playhouse*”, disse Sophie.

“Sim”, falou Brian. “Posso imaginar você fazendo uma.”

“Então por que não?”

“É o papel principal.”

“Eu adoraria ser recusada pro papel principal. Um avanço em relação a ser recusada pro papel de Sub-Secretária.”

“A personagem não é muito a sua cara.”

Ele remexeu na pequena pilha sobre a escrivaninha, achou o roteiro e começou a ler.

“Cicely é uma moça pequena e bem-proporcionada, que fala com desenvoltura e frequentou as melhores escolas. É filha de um vigário. Completamente despreparada pra vida de casada, tem dificuldade até pra fritar um ovo.” Continuo?

“Essa sou eu. Tenho dificuldade até pra fritar um ovo. A história é sobre o quê?”

“Sobre... Bom, não muita coisa, na verdade. Casamento. Ela é casada com um sujeito. Os dois meio que fazem tudo errado, mas vão se virando. O título é *O casamento é uma bênção?*”

“Tem mesmo um ponto de interrogação no final, ou foi só o jeito como você pronunciou?”

“Tem, sim, o ponto de interrogação.”

“Ninguém pensa que a pontuação pode fazer algo perder a graça, né?”

“Acho que é um material bem ruinzinho. O pior é que os autores são muito bons. Já ouviu o *Esquadrão trapalhão* no rádio?”

“Adoro o *Esquadrão trapalhão*.”

Ela não escutava o programa desde que saíra de casa, e sentiu uma pontada aguda de saudade: adorava ouvir os esquetes com o pai na reprise de domingo na hora do almoço. Era o único programa de rádio ou televisão que ambos achavam engraçado. Tentavam acertar o horário de lavar a louça para que começasse à uma e meia, e durante trinta minutos eram perfeitamente felizes e provavelmente a única família — se é que duas pessoas contavam como uma família — em toda a Grã-Bretanha a gostar mais de lavar os pratos do que de comer neles. Nenhum dos dois era capaz de

preparar um assado de domingo, mas sabiam esfregar as panelas encrustadas de sujeira muito bem enquanto riam. O *Esquadrão trapalhão* era sobre um grupo de rapazes que, depois de terem feito o serviço militar juntos, acabam indo trabalhar na mesma fábrica, onde reproduzem os papéis que ocupavam no Exército. O capitão, um sujeito vacilante e incompetente, era o chefe, filho do dono do negócio, e o major, parvo e gritalhão, o supervisor. Os rapazes no chão de fábrica eram preguiçosos, distraídos, trapaceiros ou voluntariosos. Não havia uma única mulher no programa, claro, provavelmente a razão pela qual o pai de Barbara o adorava, mas ela conseguia desculpar essa ausência. Talvez até fosse um dos motivos pelos quais também amava os esquetes: a maioria das personagens femininas em séries cômicas a deprimia. Ela não chegava a entender totalmente como os rapazes faziam isso, mas parecia que cada episódio do *Esquadrão trapalhão* era sobre alguma coisa. Tinha piadas bestas, vozes tolas e complicadas peças sendo pregadas, mas os personagens viviam num país que ela conhecia, ainda que nenhum deles fosse do norte.

“*Esquadrão trapalhão*, texto de Tony Holmes e Bill Gardiner, produção de Dennis Maxwell-Bishop”, ela disse com sua melhor voz de locutora da BBC. “No papel de capitão Smythe, Clive Richardson; como Sparky...”

“Tá, tá bom”, falou Brian. “Você é capaz de fazer isso pra qualquer programa de rádio?”

Era bem possível que sim. Por que não seria? Outras garotas sonhavam em conhecer Elvis Presley ou Rock Hudson; tudo o que ela sempre desejara era ter meia hora a sós com Dennis Maxwell-Bishop. Não era uma fantasia que pudesse compartilhar com muita gente.

“Por alguma razão essa aí ficou na minha memória, só isso.”

“Bom, é o mesmo pessoal”, disse Brian. “Os mesmo autores, e Dennis, Clive...”

“E, se eu fosse fazer o teste, seria com eles?”, ela quis saber.

“Em pessoa?”, falou Brian. “Deus do céu, não. São importantes demais pra isso.”

“Ah, certo”, disse Sophie.

“Eu estava sendo sarcástico”, retomou Brian. “Sim, Tony Holmes e Bill Gardiner, obscuros autores do rádio, vão estar lá, em pessoa. E Dennis Maxwell-Bishop, produtor júnior de comédias. E é Clive Richardson quem faz o papel do marido, de modo que ele também deve participar. Parece que estão tentando lançá-lo como astro de tevê.”

“Então eu quero ir”, falou Sophie.

“É uma porcaria de um roteiro e você é completamente inadequada pro papel. Mas, se não tem mesmo nada melhor pra fazer, fique à vontade. Semana que vem você é minha.”

Ela levou o roteiro para casa e o leu três vezes. Era ainda pior do que Brian tinha feito parecer que era, mas, quando voltasse à sua cidade e a lavar louça em casa, o que aconteceria dentro de uns poucos meses, provavelmente, ia poder contar para o pai que tinha conhecido os autores do *Esquadrão trapalhão*. Seria sua única lembrança de Londres que valeria a pena guardar.

Os testes para *O casamento é uma bênção?* aconteciam no salão de uma paróquia em Shepherd's Bush, bem perto da BBC. Havia quatro homens no recinto, e dois deles se entreolharam e caíram na risada quando Sophie entrou.

Se fosse qualquer outro teste, ela teria imediatamente dado meia-volta e saído, mas não poderia dizer ao pai que conhecera Tony Holmes, Bill Gardiner e Dennis Maxwell-Bishop antes que os três a olhassem no olho.

“Que adorável”, ela disse, em vez de ir embora.

Um dos outros dois homens, os que tinham conseguido ficar sérios, parecia contrariado. Era o mais velho dos quatro, ela achou, embora provavelmente não tivesse nem trinta anos. Usava óculos e barba e estava fumando um cachimbo.

“Que diabos deu em vocês dois, idiotas? Desculpe, Sophie.”

“Não é o que você está pensando”, falou um dos idiotas.

“E no que eu estou pensando?”, disse Sophie.

“Boa pergunta”, disse o outro idiota. “No que ela está pensando, idiota?”

Ambos os idiotas tinham sotaque de Londres, o que fez Sophie simpatizar com eles, apesar daquele começo pouco promissor. Não podiam dispensá-la por ser comum, pelo menos.

“Ela está pensando: ‘Ah, eles riram de mim por eu parecer completamente inadequada pro papel’. Mas não é nada disso.”

“O que é, então?”, perguntou Sophie.

“Você parece alguém que a gente conhece.”

O quarto homem, que nem era idiota, nem fumava cachimbo, pela primeira vez prestou atenção nela. Até ali, tinha continuado com seu cigarro e seu jornal, no qual fazia as palavras cruzadas.

“Ela provavelmente estava muito nervosa pra ficar pensando por que vocês todos riram”, disse o sujeito.

“Nem todos estavam rindo, muito obrigado”, retrucou o do cachimbo.

Sophie, mesmo que para seu próprio deleite, tinha descoberto quem era quem. O das palavras cruzadas era Clive Richardson, o do cachimbo, Dennis, o produtor, e os idiotas eram Tony e Bill, embora ela não soubesse dizer qual era qual.

“E por que eu estava nervosa?”, quis saber Sophie.

“Por estar preocupada demais quanto à sua inadequação pro papel.”

“Você é o Clive, não é?”, disse Sophie.

“Como sabe?”

“Reconheci sua voz. Por causa do capitão Smythe.”

O capitão Smythe, do *Esquadrão trapalhão*, abobalhado filho do dono da fábrica, educado em boas escolas, falava com voz ridícula, como se fosse uma rainha da Inglaterra nascida simplória.

Desta vez todos os outros três riram, ainda que Clive estivesse claramente contrariado.

“Vocês chegaram a ler o roteiro?”, ele disse aos idiotas. “Moça pequena e bem-proporcionada, que fala com desenvoltura e frequentou as melhores escolas. Filha de um vigário.”

“Você não me acha pequena e bem-proporcionada?”, perguntou Sophie. “Esse casacão me faz parecer maior do que sou, na verdade.”

Exagerou seu sotaque de Lancashire, só para garantir que conseguiria fazê-los rir. E conseguiu com três dos quatro. Clive, por outro lado, dava a impressão de que jamais voltaria a dar uma risada.

“Esse riso todo é irônico, considerando o roteiro que temos aqui”, falou Clive.

“Lá vamos nós”, disse Tony ou Bill.

“Desculpe”, falou Sophie. “Qual dos dois é você? O Bill ou o Tony?”

“Sou o Bill.”

Era o que parecia mais velho dos dois. Não necessariamente era o mais velho, mas Tony tinha um rosto jovem e uma barba mais aparada.

“Perdão”, disse Dennis, e apresentou todos.

“O Clive acha que essa é a pior comédia da história da televisão”, falou Tony. “Por isso o riso é irônico.”

“E ele tem razão. A gente não riu muito hoje”, completou Bill, desanimado.

“Pois eu gostei”, disse Sophie. “Deve ter sido um roteiro divertido de escrever.”

Ambos os roteiristas bufaram, exatamente ao mesmo tempo.

“Divertido de escrever”, falou Bill. “Ô, como foi divertido, Tony!”

“E não foi?”, disse Tony. “Ser um autor me faz tão feliz!”

“É a mesma coisa comigo”, retomou Bill. “Diversão o dia inteiro!”

Os dois olharam para ela. Sophie estava confusa.

“Não foi”, respondeu Tony. “Foi horrível. Uma tortura. Como todas as coisas que a gente faz.”

“E antes que você diga qualquer coisa”, continuou Bill, “o ponto de interrogação foi ideia do Dennis, não nossa. A gente odiou.”

“Queria muito que vocês parassem de insistir com essa porcaria de ponto de interrogação”, falou Dennis. “É a primeira coisa que falam pra todo mundo que entra por aquela porta.”

Dennis começou a bater furiosamente seu cachimbo num dos cinzeiros — havia meia dúzia sobre a mesa. Todos transbordavam, e o salão cheirava a um vagão de fumantes de um trem, ainda que ali eles ocupassem apenas um cantinho do recinto.

“Nossos nomes aparecem logo abaixo dessa sua porcaria de ponto de interrogação”, falou Tony. “A gente está tentando sobreviver de escrever comédias. Não somos mais empregáveis por culpa sua.”

Dennis suspirou.

“Já admiti que foi um erro, me desculpei e disse que vamos nos livrar da interrogação. Agora podíamos tentar deixar isso pra lá.”

“Como, se você supostamente é um produtor de comédias, e agora sabemos o que acha que elas devem ser?”

“O que você quer que eu faça? Diga que eu faço.”

“Agora é tarde”, disse Tony. “O roteiro já foi distribuído pros nossos colegas.”

“Como a Sophie ali”, falou Clive. Ela sabia que ele estava sendo sarcástico de novo.

O que irritava, Sophie pensou, era ele ser tão bonito. Atores com aquela aparência normalmente não atuavam em comédias de rádio

fazendo vozes tolas e palermas; estavam sempre ocupados no resgate de donzelas peitudas em apuros, na televisão ou no cinema. Ele era até mais bonito do que Simon Templar, pensou. Tinha os olhos mais desconcertantemente claros e azuis, e maçãs do rosto de dar inveja até a ela.

“Você achou engraçado, Sophie?”, quis saber Dennis.

“O ponto de interrogação?”

“Não”, disse Bill. “Isso a gente sabe que não é. O roteiro.”

“Ah”, falou Sophie. “Bom. É como eu disse. Gostei bastante.”

“Mas achou engraçado?”

“Engraçado”, ela ecoou, como se aquela fosse uma característica que ainda não tinha levado em consideração ao avaliar o roteiro cômico escrito por Tony e Bill.

“As piadas e tal.”

“Bom”, ela disse. E, em seguida, porque agora já conhecia todos eles e não voltaria a vê-los: “Não”.

Por alguma razão, essa resposta pareceu encantar Bill e Tony.

“A gente não disse?”, Bill falou para Dennis.

“Vocês sempre dizem que tudo está horrível”, respondeu Dennis.

“Nunca sei quando acreditar.”

“O que você acha que tem de errado com o roteiro?”, perguntou Bill.

“Posso ser sincera?”, disse Sophie.

“Sim. Queremos sinceridade.”

“Tudo”, ela falou.

“Então, quando você disse que tinha gostado...”

“Eu não tinha”, ela disse. “Nem um pouco. E não estou fazendo graça...”

“Não é a única”, emendou Clive.

“Mas... não entendi sobre o que era pra ser a história.”

“Não admira”, falou Tony.

“O que levou vocês a escreverem esse texto?”

“Pediram pra gente”, disse Bill.

“Mas pediram o quê?”

“Pediram pra gente inventar um programa sobre casamento”, respondeu Dennis.

“Ah”, falou Sophie. “Então por que vocês não fizeram isso?”

Bill caiu na risada, e socava o peito como se Sophie tivesse acabado de cravar uma faca em seu coração.

“Sabe, no *Esquadrão trapalhão*, as pessoas pareciam de verdade, até aquelas meio caricatas. Esses dois, a esposa e o marido, mesmo dizendo coisas sérias, sem piadas no meio, parecem cartuns.”

Bill se inclinou à frente na cadeira e assentiu.

“E o negócio todo sobre casamento... É como se tivesse sido simplesmente enfiado ali. Sabe, eles ficam o tempo todo brigando. Mas não têm motivo nenhum pra isso, não é? Os dois são exatamente iguais. E ele devia saber que ela era meio tolinha quando a pediu em casamento.”

Nessa hora conseguiu arrancar a primeira risada de Clive.

“Dá pra calar a boca?”, Bill disse para ele.

“E por que ela é filha de um vigário? Sabemos que é isso que o pai dela é. Mas... nunca mais se fala no assunto. É só pra dizer que ela usa um cinto de castidade? E o que vai fazer com isso, uma vez que está casada? Vai ter que tirar.”

“Certo”, falou Bill. “Obrigado.”

“Desculpe”, disse Sophie. “Falei demais.”

“Não, ajudou muito”, interveio Tony.

“E por que ela é tão tolinha, afinal? No roteiro diz que foi pra faculdade. Como teria conseguido? Não era capaz de achar o caminho do ponto de ônibus, quanto mais da universidade.”

“Bom”, falou Clive, com um ar de satisfação. “Não tem mais peça nenhuma pra fazer teste. Você acabou com ela.”

“Desculpe”, Sophie disse, e ficou de pé para ir embora. Não era sua intenção ir a lugar algum até que a expulsassem dali, mas, se ninguém dissesse nada para impedi-la de sair, saberia que era o fim.

“A gente podia fazer uma leitura, e aí o Bill e o Tony vão pra casa fazer outra versão.”

“Mas que outra versão?”, retrucou Bill. “É como o Clive falou. Não sobrou nada.”

“Vamos fazer a leitura, de qualquer jeito”, disse Dennis. “Por favor. Faltam menos duas semanas pra começarmos as gravações.”

O resmungo foi geral, mas ninguém discordou. Todos voltaram à primeira página. Sophie estava dividida. Queria fazer a melhor leitura de que fosse capaz; e queria também fazê-la a passo de tartaruga. Estava desesperada para que aquela tarde durasse o máximo possível; queria continuar naquele salão, com aquelas pessoas, para sempre.

COMEDY PLAYHOUSE

4.

Tony Holmes e Bill Gardiner se conheceram numa cela provisória da delegacia de Aldershot, na semana anterior à do Natal de 1959. A polícia local queria que a polícia do Exército levasse os dois de volta à caserna; a polícia do Exército não queria se envolver. Enquanto as duas instâncias se estranhavam, os dois passaram vinte e quatro horas ali, conversando, fumando e sem dormir, ambos se sentindo idiotas e muito amedrontados. Chegaram à conclusão de que tinham sido presos no mesmo lugar da mesma rua, com duas horas de diferença; nem falaram sobre o que estavam fazendo de errado, ou onde estavam precisamente. Não precisavam. Simplesmente já sabiam.

Nenhum dos dois nunca havia sido flagrado na própria cidade, Londres, mas por razões diferentes. Bill porque era esperto e sabia a quais lugares ir, quais boates, bares e até banheiros públicos frequentar, embora não os usasse muito. Os eventos daquela noite fizeram-lhe lembrar por quê. Era bem possível que o policial que o prendera em Aldershot fosse um agente infiltrado, desses que, pela peculiar e obsessiva paixão com que odiavam aqueles como Bill, estavam prontos para passar noites inteiras tentando apanhá-los. E

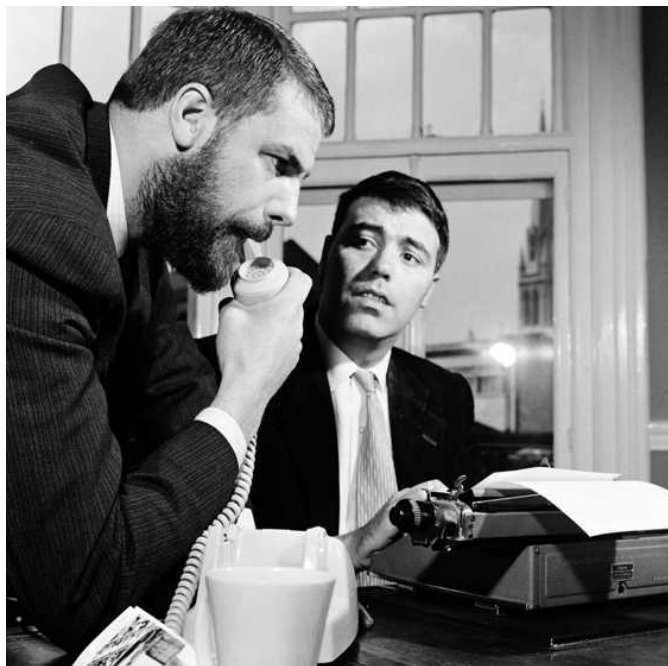
tinha uma porção deles na cidade. Tony nunca havia sido flagrado em Londres porque nunca havia tentado nada em Londres, nem em qualquer outro lugar, aliás. Não tinha certeza sobre muitas coisas, inclusive sobre quem e o que era, nem tinha uma ideia muito clara de por que decidira tentar encontrar as respostas a essas perguntas pouco antes de terminar o serviço militar. Havia a solidão, certamente, e o tédio, e a súbita e desesperada ânsia pelo toque de outro ser humano, de qualquer gênero, embora, admita-se, fosse improvável encontrar alguém do outro gênero no banheiro público masculino da Tennyson Street.

No fim das contas, ninguém teve coragem de processá-los, e no dia seguinte voltaram à caserna para concluir o que restava do serviço militar. Toda vez que olhavam para trás e se lembravam daquela noite — o que faziam com frequência, ainda que nunca juntos, e jamais em voz alta — as circunstâncias das prisões não faziam muito sentido. Estariam mesmo desesperados a ponto de chegar tão perto da humilhação e, possivelmente, da ruína? Mas o conteúdo daquelas vinte e quatro horas de conversa permanecia reconfortante e familiar, mesmo anos depois: tinham conversado sobre comédias. E, minutos depois de terem se conhecido, já descobriam uma paixão em comum por Ray Galton e Alan Simpson, recitavam trechos inteiros de *Hancock's Half Hour* um para o outro e tentavam lembrar o máximo que podiam de *The Blood Donor* para interpretá-lo. Tinham quase certeza de que eram capazes de fazer a cena do hospital à perfeição, palavra por palavra, com Bill no papel de Hancock e Tony, com sua voz mais aguda e anasalada, no de Hugh Lloyd.

Continuaram em contato depois de terem dado baixa do Exército. Tony morava no leste de Londres e Bill ao norte, em Barnet, de modo que costumavam se encontrar no centro, num café do Soho

— uma vez por semana, de início, quando ambos ainda tinham empregos dos quais vinham tentando se livrar. (Tony ajudava na banca de jornal do pai, Bill tinha um cargo burocrático no escritório do Departamento de Transportes.) Passaram os primeiros meses conversando, até que superaram o constrangimento e começaram a tentar escrever juntos, cada um com seu caderno. Mais tarde, tomada a decisão pelo desemprego, reuniam-se todos os dias no mesmo café, o que só mudou quando conseguiram ir para um escritório.

Nunca falavam sobre a outra coisa que talvez tivessem, talvez não tivessem, em comum, mas ainda assim Bill ficou chocado ao ver Tony se casar. Ele nunca dissera que estava com alguém. Bill foi ao casamento e a noiva de Tony, uma moça de cabelos castanhos chamada June, meiga, calada e inteligente, que trabalhava na BBC, pareceu saber tudo sobre o parceiro do marido, ou pelo menos tudo o que escolhera saber. E talvez não houvesse nada mais a ser descoberto. Bill e Tony escreviam roteiros de comédia em parceria; os dois eram isso, e a delegacia de polícia de Aldershot não tinha nada a ver com a história.



Ray Galton e Alan Simpson

Saíram-se muito melhor do que a expectativa mais otimista. Quase de imediato venderam tiradas avulsas a alguns dos mais velhos comediantes do rádio. Em emprego de tempo integral, passaram a fornecer material para Albert Bridges, cujos únicos ouvintes remanescentes eram aqueles ainda gratos ao comediante pela companhia e pelo bom humor durante os ataques aéreos na guerra. Quando primeiro o povo da Grã-Bretanha, depois o pessoal da BBC, chegou à conclusão de que Bridges já não vivia sua melhor fase, Bill e Tony conseguiram negociar seu *Esquadrão trapalhão*, uma série cômica inspirada na experiência dos dois no serviço militar — ou nas partes dessa experiência em que acharam que podiam se inspirar.

E agora tinham sido convidados a escrever para a *Comedy Playhouse*. Não viam a hora de tentar a sorte na tevê, mas, quando Dennis os levou para um drinque na Great Portland Street, certa noite, e disse que queria uma abordagem leve e descontraída do casamento contemporâneo, ficaram um pouco intimidados com a

encomenda. Depois que o produtor saiu, nenhum dos dois falou nada por um tempo.

“Bom”, disse Bill. “Você é casado.”

“Não sei se meu casamento pode nos ajudar muito. É um casamento, sabe, peculiar.”

“Posso perguntar uma coisa sobre isso?”

“O que é?”

“A June sabia quando casou com você?”

“Não sei o que teria pra ela saber.”

“Você foi pro xilindró por andar se oferecendo num banheiro masculino. Talvez ela quisesse saber isso.”

“Fui liberado sem acusação formal. E não incomodei ninguém, caso você não se lembre.”

“Então você achou que não valia a pena informar a June?”

“Não.”

“E quanto a... bom, à parte prática da coisa?”

“Essa conversa vai ajudar a gente a ter ideias?”

“Não. Só estou curioso.”

“Azar o seu.”

“Mas você tem que ser útil aqui, de algum jeito. Não sei o que é dormir com uma pessoa noite após noite. Ou discutir com ela sobre que canal assistir. Ou como é ter uma sogra.”

“A gente sempre concorda na hora de ver tevê. Temos exatamente os mesmos gostos.”

“Você acha que ele sabe que eu sou bicha?”, perguntou Bill. “E que isso é uma pegadinha sofisticada pra cima de mim?”

“Como ele poderia saber?”

Bill era extremamente cuidadoso. Sempre se certificava de estar a par dos resultados do críquete e de se vestir mal, e às vezes fazia referências cautelosas a garotas. Mas, no fim, como muitos homens na sua situação, tinha medo. Estava sempre a um deslize da prisão.

Decidiram, como se fossem Deus, que era só acertar na criação do homem que, de alguma forma, a mulher poderia ser criada a partir dele. E o protagonista de *O casamento é uma bênção?* não tinha saído tão ruim assim, eles achavam. Era meio esquisito, e exoticamente adorável, dado a surreais ataques de fúria provocados por tudo aquilo na Inglaterra que deixava Tony e Bill loucos da vida — uma espécie de Jimmy Porter, de *Look Back in Anger*, adaptado à comédia. Mas Sophie estava certa quanto a Cicely, a personagem feminina. Tinha ficado um desastre, uma caricatura. O que não era surpreendente, uma vez que, para delinear a personagem, os autores se inspiraram num cartum, a tirinha cômica *Gambols* publicada no *Express*. Cicely era a mais próxima que se podia ter de Gaye Gambol em forma de roteiro de tevê. Uma não se parecia nem um pouco com a outra, porém: Cicely, segundo eles a imaginavam, seria uma moça mais para o meigo do que para o curvilíneo, provavelmente porque todas as atrizes sugeridas por Dennis faziam muito o tipo BBC, e todas as atrizes da BBC tinham olhos grandes, temperamentos doces e peito reto. Certamente não eram sexy. Eles extraíram todas as parvoíces femininas de Gaye e distribuíram generosamente pelo texto. Cicely babava por casacos de pele, deixava queimar jantares, gastava além do orçamento doméstico e se justificava com desculpas complicadas e infantis, esquecia compromissos e era incapaz de entender o funcionamento do mais simples instrumento mecânico. Não que Tony e Bill tivessem algum dia acreditado que Gaye Gambol fosse real, ou verdadeira, tampouco que existissem donas de casa (ou mulheres, ou pessoas) como ela. Mas sabiam que a personagem era popular. Se não ousavam criar uma figura original e nova, queriam então uma aposta segura, pelo menos.

Foi quando Sophie apareceu. Tinha a cinturinha fina, os seios grandes, o cabelo loiro e os cílios longos e farfalhantes de Gaye Gambol, e Tony e Bill caíram na risada.

Sophie e Clive acabaram passando o roteiro do começo ao fim, basicamente porque Tony e Bill queriam segurá-la ali. Eles a adoraram. Ela dizia suas falas com uma facilidade e um *timing* que estava além da capacidade de qualquer outra das atrizes que tinham visto naquela semana, e conseguia até arrancar alguns risos do roteiro, para grande contrariedade de Clive, embora parte das risadas fosse produto da opção de Sophie por ler as falas de Cicely com sua voz de Jean Metcalfe. Sophie sorria, educada, para algumas das falas do parceiro, mas era o máximo que conseguia.

“Isso não é justo”, disse Clive.

“Isso o quê?”, perguntou Bill.

“Vocês podiam pelo menos fingir que estavam rindo. Estou aqui a porcaria do dia inteiro lendo esta porcaria de texto.”

“A questão”, falou Bill, “é que você odeia comédia.”

“Ele odeia”, Tony falou para Sophie. “Está sempre se queixando de ter que fazer. O que ele quer é, ui, ui, Shakespeare e *Lawrence da Arábia*.”

“Só porque não é meu negócio favorito não significa que não queira umas risadas”, disse Clive. “Odeio dentista, mas não significa que não queira fazer uma obturação.”

“Ninguém quer fazer uma obturação”, retrucou Tony.

“Não, mas... se for preciso...”

“Então risadas são como uma obturação pra você?”, disse Bill. “Dolorosas e desagradáveis, mas necessárias? Mas que poço de alegria!”

“Mas você é bom fazendo comédia”, falou Sophie. “O capitão Smythe era muito engraçado.”

“Ele odeia o capitão Smythe”, observou Tony.



“Ora, peço perdão se prefiro interpretar Hamlet, em vez de um idiota apalermado da classe alta.”

“Sophie, o que você gostaria de interpretar?”, quis saber Tony.

“Como assim?”

“Que personagem você gostaria de fazer?”

“Bom”, disse Sophie, indecisa. “Cicely.”

“Não”, falou Tony. “Cicely morreu. Está fora. Foi atirada pela janela.”

“Ah, Cristo”, disse Clive.

“Como é?”, interveio Bill.

“Você está se oferecendo pra criar uma personagem pra ela?”

“A gente está só batendo um papo.”

“É isso, sim. Você está se oferecendo pra criar uma personagem. Caramba. Você nunca me perguntou o que eu gostaria de fazer. É sempre: ‘Toma aqui esse idiota apalermado da classe alta com uma voz tola. Faça ele ser engraçado’.”

“Porque você já deixou bem claro que está destinado a algo melhor”, disse Bill.

“Bom, não me importaria de ter minha própria série.”

“Ah, isso aliviaria um pouco a parte dolorosa, né?”

“Sim. Bastante.”

“Tá vendo, não dá nem pra gente saber se você está brincando”, falou Tony.

“Razão pela qual não estamos com pressa de criar uma série cômica pra você”, completou Bill.

“De onde você é?”, perguntou Dennis.

“Sou de Blackpool.”

“Isso é interessante”, disse Dennis.

“É?” Sophie estava genuinamente surpresa.

“Ser de Blackpool é mais interessante do que ser filha de um vigário.”

“Ela não poderia ser a filha de um vigário de Blackpool?”, sugeriu Tony.

“Ela não tem nada a ver com a filha de um vigário”, falou Clive.

“Acho que isso não foi um elogio.”

Havia alguma coisa de novo naquele salão, pensou Dennis. Tinha sido um longo dia, com atrizes inadequadas passando um roteiro bem mediano, mas Sophie injetara energia em todos ali, e ela e Clive brilhavam juntos.

“O que, afinal, tem de interessante em ela ser de Blackpool?”, perguntou Bill.

“Nunca, que eu saiba, fizeram uma comédia sobre um romance norte-sul.”

“Mas alguém compraria isso?”, observou Clive.

“É o romance de um casal exótico. Aí é que estaria a graça.”

“Valha-me, Dennis”, disse Bill. “Se duas pessoas vêm de diferentes partes do país significa que formam um casal exótico?”

“Ele acha que qualquer um que não tenha estudado em Cambridge é exótico.”

Dennis pareceu constrangido por um momento.

“Entendo a objeção de vocês. As raízes geográficas seriam apenas uma pequena parte da incompatibilidade dos dois. Quando foi a primeira vez que você conheceu alguém de Londres, Sophie?”

Ela hesitou.

“Não conhecia ninguém até... bom, até bem recentemente.”

“Até se mudar pra cá?”

“Um pouquinho antes disso.”

E, então, só porque se sentia segura ali, naquele salão, decidiu contar a verdade a eles. “Participei de um concurso de beleza em Blackpool. Tinha uma garota de Londres participando também. Uma turista. Tem algum lugar chamado Gospel alguma coisa aqui?”

“Você foi miss? Ah, isso é simplesmente perfeito”, falou Clive, radiante.

“Ela só disse que participou do concurso”, respondeu Bill.

“Eu ganhei”, emendou Sophie antes que pudesse se controlar. “Fui Miss Blackpool. Por cinco minutos.”

“Ora, isso explica tudo!”, falou Clive.

“Explica o quê?”, quis saber Dennis.

“Olha só pra ela!”

“Acho que ela ganhou um concurso de beleza por ser como é”, observou Dennis. “Não acho que tenha ficado assim porque ganhou um concurso de beleza.”

“Por que só por cinco minutos?”, perguntou Tony.

“Porque aí me dei conta de que não queria ser miss e não podia continuar morando em Blackpool. Queria vir pra Londres e... Bom, quero ser a Lucile Ball.”

“Ah”, disse Bill. “Agora a conversa está ficando boa.”

“Está?”, falou Sophie.

“Claro que está”, disse Bill. “Todos nós amamos a Lucy.”

“Sério?”

“Somos estudiosos da comédia”, falou Tony. “Amamos quem quer que seja engraçado.”

“A Lucy é das nossas”, completou Dennis. “Galton e Simpson são nossos Shakespeare, obviamente. Mas ela é nossa Jane Austen.”

“E somos literalmente estudiosos”, retomou Bill. “A gente vê e ouve tudo várias vezes. Preferimos as reprises, porque é quando podemos começar a dissecar as coisas.”

Sophie se debulhou em lágrimas, de súbito e para seu grande constrangimento. Não tinha percebido que estava prestes a cair no choro e não conseguia, na verdade, explicar a intensidade do que estava sentindo.

“Você está bem?”, disse Dennis.

“Sim”, falou Sophie. “Desculpe.”

“Quer parar por hoje? Pode voltar amanhã e a gente conversa um pouco mais.”

“Não”, ela disse. “Estou bem. Aí é que está. Estou me divertindo.”

Duas horas depois, ainda estavam ali.

“Que tal o seguinte: Alan é bonito, esnobe, simpatizante ferrenho do Partido Conservador. Cicely é uma moça do norte, bela e jovial, e vota nos trabalhistas”, sugeriu Bill.

“Muito improvável que ela se chamasse Cicely, não?”, disse Clive.

“Verdade”, falou Bill. “Que nome podemos dar pra moça?”

“O que combina com Blackpool?”, perguntou Tony.

“Brenda”, disse Clive. “Beryl.”

“Que tal Barbara?”, sugeriu Dennis. “Barbara de Blackpool?”

Todos olharam para Sophie, que parecia ter perdido o interesse na conversa e olhava fixo para o teto.

“Eu gosto”, falou Tony. “Não é tão comum. É comum na medida. Alan e Barbara.”

“Não gosto de Alan”, disse Clive.

“Que diabos tem de errado com Alan?”

“Acho que o que o Clive está dizendo é que, se ela tem direito a mudar de nome, ele também tem”, falou Bill.

“Não tem nada a ver com isso”, disse Clive, irritado. “Meu melhor amigo no primário se chamava Alan. Morreu nos ataques aéreos.”

“Aposto que isso é uma mentira deslavada”, falou Tony.

Clive sorriu, desdenhoso.

“Foi a palavra ‘amigo’ que te entregou”, continuou Bill. “Você nunca teve um. Como você quer se chamar, então?”

“Quentin.”

“Ninguém quer assistir a um programa sobre alguém chamado Quentin.”

“Então Jim.”

“Ah, tanto faz pra mim”, disse Bill. “Jim está bom. Jim e Barbara. E como eles ficaram juntos?”

“Ele a engravidou”, sugeriu Clive.

“Acho que você vai descobrir que não”, disse Sophie, firme.

“Acho que isso não teria boa acolhida lá em cima”, avisou Dennis.

“Ah, lá vem”, falou Bill.

Bill e Tony adoravam Dennis, e não apenas porque ele os adorava. Dennis era inteligente, entusiasmado e um incansável incentivador. Mas era um homem da corporação até a ponta das botas de couro marrom, e sua animação tendia a desaparecer se achasse que o futuro da BBC, ou seu próprio futuro nela, estava sob ameaça, real ou imaginária.

“O.D. aprovaria a ideia.”

O.D., ou Outro Dennis, como era conhecido somente em seu pequeníssimo círculo, era Dennis Main Wilson, outro produtor de comédias da BBC, muito mais experiente e bem-sucedido do que N.D. — Nosso Dennis. Quando Tony e Bill estavam entediados, ou sentiam que uma ideia não ia a lugar nenhum, conversavam sobre o Outro Dennis e passavam alguns minutos pintando com palavras o idílico quadro de como seria trabalhar com ele.

“Pode dizer o que quiser do O.D., mas ele sempre defende seus autores”, disse Bill, fingindo-se de triste.

“Ah, isso já é demais”, reagiu Dennis. “Sempre defendi vocês. Sempre. Mesmo com o jogo perdido, quando o contra-ataque é rápido e agressivo. Mesmo quando... Mesmo quando nossa defesa é uma peneira. Como essa aí.”

Tony e Bill o vaiaram alegremente.

“Lembrem que sou uma pessoa de verdade”, disse Sophie.

Todos a encararam.

“Digo, vim do norte pra Londres. E conheci um esnobe metido a besta. Que podia ter conhecido em algum outro lugar.”

“Ah, é mesmo?”, falou Clive. “Onde, por exemplo?”

“Eu trabalhava na Derry & Toms”, disse Sophie. “Vocês já estiveram num lugar como aquele?”

“Muitas vezes”, respondeu Clive. “E consegui não me casar com nenhuma atendente.”

“Ou numa boate? Eu podia ser uma Pantera no Whisky A Go Go. Pensei nisso.”

“Ah, sim. É pra isso que essas garotas servem, pra apresentar à mãe.”

“Mas seu personagem não tem que ser exatamente como você”, disse Sophie. “Podia ter sangue humano nas veias. Podia ser um intelectual que não conhece garotas bonitas com muita frequência.”

“É”, falou Bill. “Ela tem razão. Você podia tentar interpretar.”

“Estou o tempo todo conhecendo garotas bonitas”, retrucou Clive. “E elas também se interessam.”

“Acho que ele estava falando da parte do intelectual”, disse Tony.

“Você algum dia seria capaz de se apaixonar por alguém que te servisse uma cerveja no pub?”, perguntou Dennis.

“Engraçado você dizer isso”, falou Clive. “Cheguei até a pedir em casamento uma garota que trabalha no balcão do Argyll Arms. Estava bêbado na hora. Mas falava absolutamente sério.”

“Pois então”, disse Dennis. “Barbara trabalha num pub e Jim chega pra encontrar um amigo...”

“Mas me recuso a ser uma porcaria de um conservador”, interrompeu Clive. “Ninguém em Londres que tenha metade de um cérebro vai votar nesse bando na semana que vem. Afinal, que fim levou a história de que o personagem trabalhava com o primeiro-ministro?”

Tony e Bill tinham esquecido que o marido infeliz de *O casamento é uma bênção?* seria, originalmente, algum tipo de jovem e ascendente militante político, um assessor de imprensa ou autor de discursos. A ideia havia sido abandonada quando miraram em *Gambols* como inspiração, o que tornara os roteiros tão genéricos que o único emprego possível para o personagem seria em algum posto burocrático sem maior especificação do que a frase: “Querida, estou indo pro escritório”.

“Caramba”, falou Tony. “Tinha esquecido totalmente disso. Era mais ou menos nossa única ideia decente quando começamos esse negócio.”

“E, quando chegar à tela, o Harold vai ter assumido o gabinete”, lembrou Bill. “Jim entra em cena no nascimento da nossa admirável nova Inglaterra.”

“Meu pai me mataria se eu fosse simpatizante dos trabalhistas”, disse Sophie. “Ele diz que batalhou muito na vida pra entregar tudo nas mãos desses preguiçosos dos sindicatos.”

Tony olhou para Bill, que olhou para Dennis, e cada um deles era capaz de afirmar que os outros estavam pensando a mesma coisa. Tudo o que queriam levar para a tela estava bem ali, num único pacote caprichado e lindamente embrulhado para presente, entregue a eles por um selvagem e anônimo talento com pinta de estrela. O sistema de classes, homens e mulheres e suas relações, esnobismo, níveis educacionais, o norte e o sul, política, e como um novo país parecia estar emergindo daquele outro, velho e desesperançado, no qual haviam crescido.

“Obrigado”, disse Bill para Sophie.

“Vocês podem dizer pro Brian, então?”, perguntou ela.

“Dizer o quê?”

“Dizer, sabe... Que vocês acham que eu sirvo pra isso.”

Todos os rapazes riram, muito, até Clive.

“Você é isso”, falou Bill.

“Mas vocês vão me deixar fazer?”

“A gente *quer* que você faça”, disse Tony.

“Nunca fiz nada parecido antes.”

“Nenhum de nós tinha feito até fazer”, respondeu Dennis. “Eu não sabia nada sobre produzir comédias até eles me darem o *Esquadrão trapalhão*.”

“Nem vale a pena a piada”, falou Tony.

“Seria como tirar doce da boca de criança”, disse Bill.

“Você não aprende nunca, não é, Dennis?”, comentou Clive.

Ele revirou os olhos.

“Mas... Eu não deveria antes fazer uma secretária engraçada numa peça horrorosa?”

“Se é isso que você quer, fique à vontade”, falou Bill. “E volte a procurar a gente em cinco anos. Só que não vamos ter muito tempo pra ficar planejando a sua carreira, porque precisamos urgentemente de alguém pra fazer a Barbara. Então, se não te interessa, com licença.”

“Acho que eu poderia fazer”, disse Sophie.

“Você?”, falou Bill, fingindo surpresa. “Bom. É uma ideia. O que acha, Tony?”

“Hum”, disse Tony. “Não tenho certeza. No que ela já trabalhou?”

Sophie sabia que era brincadeira, mas estava mais perto de chorar em desespero do que de dar risada.

“Parem de torturar a pobre da moça”, interveio Dennis.

Os dois roteiristas resmungaram, contrariados.

“O negócio é o seguinte”, falou Tony. “Se a gente tem sorte, encontra as pessoas certas na hora certa.”

“E a gente encontrou a pessoa certa na hora certa”, disse Dennis. Demorou um pouco para Sophie entender que era dela que ele estava falando.

* * *

Foi ver Brian na manhã seguinte.

“Arranjei um emprego”, contou.

“Você não precisava disso”, ele respondeu. “Faça as coisas do meu jeito que vai se dar bem.”

“Pensei que tinha permissão pra fazer as coisas do meu jeito por um mês.”

“Sim”, ele falou. “Mas depois não queria te ver de volta à Barkers de Kensington.”

“Derry & Toms.”

“Pode até ser algo melhor, não sei. Mas pra mim parece a mesma coisa.”

“Não é”, ela disse. “Eu trabalhava na Derry & Toms. Não vou voltar pra lá. Consegui um papel na *Comedy Playhouse*.”

“O papel da esposa?”

“Não, eles querem arriscar comigo no papel do marido.”

“Ah, pelo amor de Deus”, falou Brian.

“Achei que você fosse ficar feliz.”

“É claro que não estou feliz. Não era um bom roteiro, você não é adequada pra ele, esse negócio não vai virar uma série, e vou ser obrigado a esperar um pouco mais pra ter você coberta de tinta.”

“Estão mudando o roteiro.”

“Por quê?”

“Falei pra eles que não era muito bom.”

“E gostaram de te ouvir dizer isso, claro.”

“Parece que sim. Estão escrevendo um novo pra mim.”

Brian ficou olhando para ela.

“Você tem certeza de que alguma coisa do que está dizendo aconteceu de verdade? Quem estava lá?”

“O Clive, o Dennis, o Tony e o Bill.”

“E está tudo resolvido com o Tom?”

“Quem é Tom?”

“Tom Sloan. Diretor de Entretenimento Leve.”

“Não, ainda.”

“Ah.”

“O que isso quer dizer?”

“Que talvez a gente não devesse cancelar a saída pra comprar biquínis na segunda-feira.”

“Você ia me levar pra comprar biquínis?”

“Eu não, querida. A Patsy. Não estou interessado em ficar olhando pra jovens curvilíneas de biquíni. Sou profundamente apaixonado pela minha mulher e só me interessa o dinheiro.”

Ela agora compreendia que Brian enfatizava seus sentimentos pela esposa repetidamente pela mesma razão que pessoas com medo de altura dizem para si mesmas que não devem olhar para baixo do topo de um edifício: ele tinha medo. Toda vez que ela chegava ao escritório dele, outra linda moça estava de saída. Aquilo era meigo, de fato. Brian, na verdade, tinha uma paixão profunda pela mulher e queria manter as coisas daquele jeito.

Tom Sloan disse para Dennis que nem sonharia em escalar uma atriz desconhecida para o papel de Cicely.

“Bom”, respondeu Dennis, “ela não se chama mais Cicely. Agora se chama Barbara e é de Blackpool. É um roteiro totalmente novo.”

“E quem você vai colocar pra interpretar alguém chamada Barbara de Blackpool?”

“Sophie Straw”, falou Dennis.

“Quem é Sophie Straw?”

“Essa que você disse que nem sonharia em escalar pro papel.”

“Certo”, disse Tom. “Então o único argumento que você tem é do tipo circular.”

“É o que os rapazes querem.”

“É mesmo? E você?”

Era também o que Dennis queria, mas as palavras “sim” e “não” pareciam impossíveis de pronunciar sempre que ele estava ali, no escritório de Tom Sloan. Aquelas duas palavras não continham nada da ambiguidade que reuniões com seus superiores aparentemente demandavam. No passado, acostumou-se a ficar observando a atitude dos demais antes de se comprometer decidida e irrevogavelmente com isso ou aquilo no cardápio disponível. Mas Sophie Dennis queria. Ele a achava engraçada, magnética e linda. E achava ainda que faria brilhantemente o papel que os rapazes estavam criando para ela. Todos se arrependeriam caso Tom a barrasse.



Tom Sloan (esq.) em dias mais felizes de Eurovision

Ah, dane-se.

“Acho que é uma ideia interessante”, falou Dennis. Podia sentir seu pulso começando a acelerar.

“Mas é uma boa ideia?”

Ele hesitou.

“Bom. No geral, acho que não é a pior ideia do mundo.”

Não sabia que era capaz de tanto.

Sloan suspirou.

“Melhor você me trazer esse novo roteiro, então.”

“Ele ainda não existe. Os rapazes acabaram de conhecer a Sophie, na quinta-feira.”

Tom balançou a cabeça, impaciente.

“Então é bom você trazer essa Sophie pra eu conhecer.”

Dennis a levou ao quarto andar na tarde do dia seguinte. Sophie estava encantadora, ele achou. Quando veio para o teste, parecia uma estrela de cinema, mas tinha maneirado um pouquinho em tudo para o encontro com Tom, que era um presbiteriano severo. O vestido era mais longo e o batom, menos chamativo.

“Você está magnífica”, disse Dennis enquanto esperavam o elevador.

“Obrigada”, ela respondeu.

“Digo, pra entrevista.”

“Ah.”

“E... sempre. Você é magnífica sempre e está adequada pra entrevista. Ao mesmo tempo. Magnífica e adequada.”

Decidiu parar por ali.

“Você tem algum conselho?”, quis saber Sophie. “Devo parecer sedutora?”

“Agora?”

“Com Tom Sloan.”

“Ah. É. Entendi. Não, sedutora, não. E o Tom fica desconfiado quando acha que as pessoas estão dizendo o que ele quer ouvir.”

“Certo. E o que acontece se ele disser não? O que a gente faz?”

“Pensamos no problema quando ele surgir.”

“Vai ser daqui a pouco.”

O elevador chegou, mas Sophie não se moveu para entrar nele. Alguém devia ter chamado em outro andar, porque a porta se fechou.

“O Brian acha que ele não vai topar.”

“O Tom vai adorar você.”

“Mas o que a gente faz se ele não adorar?”

“Sei lá”, disse Dennis. “Vamos ter que conversar.”

“Vocês simplesmente seguiriam em frente sem mim?”

“Os rapazes não iam gostar disso. Estão escrevendo o roteiro pra você.”

“Então o que poderiam fazer?”

“Não tenho ideia.”

“Quais são as alternativas?”

“Acho que vai depender do quanto ficarem irritados.”

“E se ficarem muito irritados?”

“Talvez peçam demissão e ofereçam o texto pro concorrente, imagino.”

“Mas lá não tem *Comedy Playhouse*, tem?”

“Não. Eles teriam que criar uma série, mas estão cheios de ideias. Enfim. Não vai chegar a esse ponto.”

“Você iria com a gente?”

“Não. Sou funcionário da BBC. E que pena. A grana é muito melhor lá. Mas chega disso, por favor. Vai dar tudo certo.”

O elevador voltou e, dessa vez, Sophie embarcou.

“Obrigada”, ela disse, assim que a porta se fechou.

“Por quê?”

“Já tenho uma resposta, caso ele ache que não sou uma boa ideia.”

“Não”, disse Dennis. “Não. Não vamos mencionar nada disso pro Tom. Ele odeia a concorrência. Está perdendo o que tem de melhor pra eles.”

“Posso entender por quê.”

“Ele nem fez nada ainda!”, falou Dennis.

Ele não queria sair do elevador quando a porta se abriu, no quarto andar, ao contrário de Sophie, que não quisera entrar lá embaixo. Mas ela já tinha saído e ele foi obrigado a ir atrás.

“Então”, disse Tom Sloan, com o chá servido e depois de terem conversado sobre as séries da casa que eram as favoritas de Sophie. “Soube que os rapazes estão dando uns retoques no roteiro pra incluir você.”

“Jogaram fora o antigo.”

“Eu tinha gostado bastante.”

“Bom”, falou Sophie, “gosto não se discute.” E riu.

Dennis sentiu uma súbita urgência de ir ao banheiro.

“O que havia de errado com ele?”

“Ah, era uma droga”, ela disse. “Aqueles dois eram um casal de chatos.”

“E eu achando que podia virar uma série”, ele falou, e deu risada.

“Ah, não”, disse Sophie, decidida. Dennis podia ver que estava fazendo o maior esforço para não dizer a Tom o que ele queria ouvir.

“Bom”, retomou Sloan, “a questão é que, como Diretor de Entretenimento Leve, se decido que alguma coisa deve virar série, é normalmente o que acontece.”

“*Falando no diabo* foi ideia sua?”

Dennis não sabia onde se esconder na sala. *Falando no diabo* era uma comédia sobre o demônio na qual, depois de se dar a trabalhadeira de assumir a forma humana, ele arranjava emprego no Departamento de Registro de Veículos da prefeitura de uma cidade provinciana. Não tinha sido exatamente um sucesso de público ou crítica, e não chegara à segunda temporada. Ninguém mencionava *Falando no diabo*, não em voz alta.

“Infelizmente a série não chegou a embalar”, disse Sloan. “Eu achava que tinha algumas coisas muito boas ali.”

“Não teria embalado nem ladeira abaixo”, retrucou Sophie. “Você não vai querer outra dessas na sua mão.”

Tom Sloan tinha passado do encantamento à irritação, depois a uma leve indignação.

“Tem uma porção de boas atrizes do norte que poderiam interpretar Barbara”, ele observou.

Sophie ficou espantada.

“Sério? Atrizes cômicas?”

“Sim.”

“Quem, por exemplo?”

“Marcia Bell. Ela é muito boa.”

“Nunca ouvi falar.”

“Que coincidência, porque nunca ouvimos falar de você”, disse Sloan.

“Marcia Bell? Dennis?”

Ambos olharam para o produtor.

“Bom”, falou Dennis, “é uma opção, certamente.”

Sophie não passou o dedo na garganta porque estava tentando se comportar, mas conseguiu, com um sorrisinho e o olhar, dizer a Dennis que ele era um homem morto.

“E ela é engraçada, Dennis? Quanto?”, quis saber Sophie.

“Numa escala de um a dez?”, ele respondeu, e riu.

“É”, disse Sophie.

“Se quiser tentar”, falou Sloan.

“Bom”, continuou Dennis, “num bom dia...”

“Qual foi o melhor dia dela?”

Dennis ficou de pé.

“Enfim”, ele disse. “Muito obrigado por achar esse tempinho pra nos receber.”

“Ah, ele não liga”, falou Sophie. “Sabe que tenho razão.”

Dennis olhou para Tom Sloan. Não estava totalmente claro se uma das afirmativas era correta. Dennis voltou a se sentar.

“E tem mais uma coisa”, retomou Sophie. “Você quer mesmo perder a gente pra concorrência?”

“Quem eu estou perdendo?”

“O Dennis, não”, respondeu Sophie. “Ele vai ficar, não é, Dennis? É BBC da cabeça aos furos das meias.”

Dennis sorriu amarelo. Presumiu que não era um elogio.

“Mas o Bill, o Tony e eu... A questão é que a grana é muito melhor lá.”

“Lá nem tem *Comedy Playhouse*”, rebateu Sloan. “Você não pode levar um programa de trinta minutos pra eles e achar que vão saber o que fazer com isso.”

O canal comercial era o arqui-inimigo de Sloan — tinha perdido vários de seus astros, autores e atores nos últimos anos para ele. Sophie mudara o equilíbrio de forças na sala só de mencionar a concorrência.

“A gente não levaria um programa pra eles”, disse Sophie. “Levaria uma série completa.”

“Eles têm material suficiente pra uma série?”, Sloan perguntou para Dennis.

“Fácil”, respondeu Sophie. “Hoje de manhã estávamos falando da segunda temporada.”

“Segunda temporada?”

Sloan tinha a cara de um sujeito que chega à plataforma da estação no instante em que o trem acaba de sair. Para espanto de Dennis, ele agora corria para tentar alcançá-lo.

“Escuta”, disse o diretor. “Antes que vocês façam alguma coisa precipitada, por que não vemos como o programa se sai?”

Sophie fez cara de que, embora a proposta não fosse de todo desprovida de méritos, não preenchia totalmente suas expectativas. A moça era extraordinária, pensou Dennis. Tinham vindo até ali na esperança de convencer Tom Sloan a dar a uma atriz inexperiente e completamente desconhecida o papel principal no piloto de um programa cômico da BBC. Depois de conseguirem isso, contrariando todas as probabilidades, ela agia como se tivesse sido vagamente insultada.

Logo se alegrou. Estava pronta, aparentemente, a dar uma chance ao diretor.

“Ah, tudo bem então”, falou.

Dennis estava possesso demais para conseguir falar com ela enquanto desciam. Sophie não estava nem aí.

“Você ainda vai me agradecer”, ela disse.

“Por que algum dia vou agradecer por você ter me feito passar os quinze minutos mais excruciantes da minha vida?”

“Porque a recompensa vai ser maior do que o sofrimento.”

“Não existe dinheiro suficiente no mundo para isso”, falou Dennis.

“Não é uma questão de dinheiro, é?”, disse Sophie.

“Não? Então é o quê?”

“Ainda não sei”, ela falou. “Nem você. Ah, e também não te perdoo.”

“Eu?”

“É, você. Você e a maldita Marcia Bell.”

“Você vai ser sempre exigente assim?”

“Melhor não esperar outra coisa”, ela disse.

5.

Dennis morava num apartamento alugado em Hammersmith com a esposa e uma gata. Naquela noite, nem Edith nem a gata mostraram o menor interesse pela sua chegada — a gata porque dormia, basicamente, Edith porque estava no meio de um caso com um homem casado. Talvez não no meio; talvez nem no início, mas nem um pouco perto do fim, Dennis podia perceber. Mesmo com os dois em casa, Edith ficava ausente; só vinha a ele para expressar decepção e insatisfação.

O momento mais excruciante de sua vida não havia sido aquele no escritório de Tom Sloan, apesar do que dissera a Sophie. O mais excruciante havia sido aquele em que lera e relera uma carta que encontrara entre as páginas de um manuscrito trazido do trabalho para casa por Edith. Tinha colocado o papel de volta onde o achara, sem dizer nada sobre o assunto, e agora apenas esperava, embora não fizesse nenhuma ideia do quê. Sua angústia significava que era um marido fraco, calado, vigilante e despreparado.

Edith era alta, morena, bonita e inteligente, e quando aceitou o pedido de casamento de Dennis os amigos dele fizeram o tipo de piada que se espera nessas circunstâncias, ou seja, todas as

variações sobre o tema da descrença, na linha: “Como foi que você conseguiu fisgar uma dessas, seu sortudo?”. Não pareciam tão engraçadas agora, nem ele parecia tão sortudo. Não deveria tê-la fisgado. Ela não era o tipo de pescaria que se podia levar para casa e ficar exibindo para as pessoas; era do tipo que arrastava o pescador para fora do ancoradouro e o puxava para o mar, para em seguida fazê-lo em pedaços enquanto ele se afogava. Dennis não deveria nem ter ido pescar, estando tão mal equipado para isso.

Por que ela havia se casado com ele? Dennis ainda não sabia. Ela devia ter achado que ele chegaria a algum lugar, mas então Dennis percebeu que não estava indo tão rápido nem tão longe quanto ela esperava. O que era injusto, pois estava se saindo bem, apesar das constantes cutucadas que era obrigado a aturar sobre o Outro Dennis. Tom Sloan gostava dele, até então pelo menos, antes do último incidente; tinha boas relações com roteiristas e atores, e os programas, na maioria, eram bons, com somente uma ou outra aposta furada. (Ele sabia que não tinha como negar uma parte da culpa por *Falando no diabo*.)

O problema era que Edith não tinha, na verdade, nem um pingão de humor no corpo inteiro, e não conseguia ver um trabalho com comédia como adequado a um rapaz que fizera universidade. Na cabeça dela, ele se arrastaria por um par de anos com gente como Bill e Tony e então seguiria em frente para alguma coisa mais interessante, como o departamento de notícias e atualidades, ou algum dos programas sobre artes. Dennis, porém, adorava o trabalho, e queria continuar com aqueles roteiristas e atores engraçados pelo resto da vida.

Edith era editora na Penguin Books e tinha conhecido seu amante no escritório. Vernon Whitfield era poeta e ensaísta, colaborador frequente do *Third Programme*, mais velho do que ela e

insuportavelmente sisudo. Sua mais recente contribuição no rádio tivera o título de “Sartre, Stockhausen e a morte da alma”. Mesmo antes de Dennis ter encontrado a carta, sempre desligava o rádio ao ouvir aquela lenga-lenga familiar. Se pudesse escolher qualquer pessoa viva para representar tudo aquilo a que se opunha, provavelmente seria Whitfield.

E agora Edith estava dormindo com ele, e Dennis não sabia o que fazer a respeito. Ela acabaria por deixá-lo, achava, mas sabia que ele não seria capaz de deixá-la, não até acordar daquele penoso sonho e se dar conta de que era improvável que uma esposa que escolhia dormir com outro homem o fizesse feliz no horizonte visível, e que uma esposa que se prestasse a sequer sorrir para Vernon Whitfield já seria a companheira de vida menos adequada que poderia encontrar. Que coisa terrível era uma boa educação, ele pensou, se produzia o tipo de cabeça que desprezava o entretenimento e as pessoas que o valorizavam.

Edith não queria continuar na Penguin Books, claro. Para começar, odiava ir a Harmondsworth, perto do aeroporto, e gostaria de mudar para a Jonathan Cape ou a Chatto & Windus, editoras de verdade que, por acaso, também ficavam em bairros de verdade, centrais. Jamais confessaria que desaprovava o princípio da Penguin, a ideia de vender livros a gente que nunca os havia comprado; Edith era uma socialista e uma intelectual, e em tese era sinceramente a favor de que mais pessoas como ela fossem produzidas. Mas alguma coisa lhe provocava certa náusea, Dennis podia ver, e ela tinha ficado horrorizada pelas hordas de famintos por sexo comprando exemplares de *O amante de Lady Chatterley* aos milhões. Só para irritá-la, Dennis também comprou um, que lia na cama, rindo alto de todas as partes bobas e obscenas. Isso a deixava furiosa, então ele parou. Não o ajudava em nada, em nenhum sentido.

O que ele estava fazendo com ela? Como era possível que pudesse amá-la? Mas amava. Ou, pelo menos, Edith o fazia se sentir enjoado, triste e absorto. Talvez houvesse outra maneira de descrever aquela combinação única e inútil de sensações, mas “amor” teria de servir por enquanto. Ele, como todos os demais naquele salão, havia se encantado com Sophie, com seu riso, com seus olhos e com seu senso de humor, e no caminho para casa tentou imaginar como seria levá-la para jantar, levá-la para a cama, casar com ela. Mas não foi capaz. Era um sujeito formado em Letras em Cambridge com um cachimbo e uma barba, e estava condenado a ficar com alguém como Edith.

Edith não tinha feito compras, de modo que não havia nada para comer.

“Você quer sair pra pegar alguma coisa?”, ele perguntou a ela.

“Acho que não”, ela respondeu. “Tenho um monte de coisas pra ler. Tem ovos aí, acho, se estiver com fome. E um pouco de pão.”

“Como foi seu dia?”

“Ah, um massacre”, ela disse.

“Um massacre”, ele aprendera, não tinha o mesmo significado que talvez tivesse para um soldado ou um cirurgião. Geralmente significava um telefonema de um professor da área de política que se estendeu mais do que ela gostaria.

“Ah, poxa”, ele falou. “Você conseguiu sair durante o dia?”

Ela o encarou.

“Você tentou ligar? Precisei ir a uma reunião na cidade.”

“Não, não liguei. Mas a tarde estava linda.”

“Ah”, disse Edith. “É.”

“Só pensei nisso.”

Não era de jeito nenhum só o que ele tinha pensado. Mas aquele era o tipo de território perigoso e minado em que o sujeito podia

acabar indo parar com uma simples observação sobre o clima.

“E você?” Não era frequente a pergunta, e ele tomou o interesse fingido como sinal de culpa.

“Tive uma reunião bem complicada”, ele respondeu.

“O que você quer dizer com ‘complicada’?”

Ele imaginava coisas, sabia que imaginava, mas definitivamente tinha ouvido um leve tom de superioridade zombeteira, uma recusa a acreditar que qualquer coisa relacionada ao entretenimento leve pudesse chegar a ser grave.

“Quero dizer exatamente o que a palavra significa no seu trabalho também, imagino. Nada que tenha envolvido algum massacre, obviamente. Mas com momentos bem difíceis entre personagens bastante fortes.”

Ela soltou um suspiro pesado e apanhou um manuscrito. Dennis tinha errado o tom mais uma vez. Sempre errava. Como ela poderia amá-lo? Mas não amava.

“Vou tomar um banho”, ele anunciou. “Você quer ovos mexidos depois?”

“Não, obrigada”, ela disse. “E acho que ela acabou de entrar no banheiro.”

“Ela” era a sra. Posnanski, a senhoria polonesa que morava nos dois andares superiores da casa. Edith e Dennis ocupavam todo o térreo, mas o banheiro ficava no piso do meio. Se a sra. Posnanski tinha acabado de entrar ali, significava que demoraria horas a sair.

“Incomodaria muito se eu ligasse o rádio?”

“Eu precisaria ir ler no quarto.”

“Vou sair pra andar, então.”

A frase foi dita mais como uma reclamação, mas Edith não respondeu, de modo que Dennis saiu para uma caminhada ao longo do rio. Na volta para casa, parou no Rose and Crown, pediu um bolo de carne com ovo e uma cerveja, e jantou enquanto assistia a uma partida de dardos. Se, quando estava noivo de Edith, alguém tivesse

tentado lhe explicar quanto o casamento podia ser solitário, ele não acreditaria.

Foram quatro manhãs de ensaios, de terça a sexta, das dez à uma da tarde. No sábado, conheceram o diretor do programa, um sujeito agradável e vagamente tedioso chamado Bert, com uma porção de episódios da *Comedy Playhouse* no currículo, e consequentemente, ao que parecia, nenhuma ideia nova para aquele em particular. A conversa pouco inspiradora com Bert foi seguida de um ensaio técnico que tomou o resto do dia; Tony e Bill ficaram de fora, observando impotentes o diretor dizer aos atores onde deviam se posicionar e parecendo, nesse processo, destituir o roteiro de tudo o que tinha de mais precioso e vivo. No domingo era para valer — mais ensaios técnicos e, à noite, a apresentação diante de uma plateia.

Em nenhum momento tiveram dúvidas quanto a Sophie, pois ela não deu margem a isso. Decorou as falas e as melhorou, arrancando risadas quando dizia “por favor” e “obrigada” e quando fazia pausas. Tomou a dianteira e conquistou Clive a ponto de fazê-lo acreditar, temporariamente pelo menos, que a peça valia a pena.

E o roteiro, antes um arremedo de alguma coisa sem vida, hesitante e ocasionalmente constrangedora, havia se tornado um trabalho do qual Tony e Bill sentiam o maior orgulho. Sophie tinha levado os dois a subir de patamar, à força, até atingir uma altura que desde sempre esperavam atingir, mas não estavam seguros de que eram capazes. Na primeira versão do segundo esquete, Jim ia encontrar um amigo no pub onde Barbara trabalhava — um amigo que saía de cena quando a atração mútua e o antagonismo faiscante entre os dois o relegavam a segundo plano. Os roteiristas tinham pedido a Warren Graham, do *Esquadrão trapalhão*, que fizesse o papel de Bob, e nos ensaios Graham o fizera

convincentemente, mas ficava claro que cada segundo em que Jim e Barbara não estavam conversando era tempo perdido. De modo que Bob foi limado, e Jim e Barbara se conhecem quando ele estava matando o tempo no pub. Pretendia fazer isso na companhia de uma cerveja e dos jornais vespertinos, mas acaba se apaixonando dramática e vertiginosamente.

O programa corria mais rápido do que qualquer coisa que qualquer um dos envolvidos se lembrava de ter feito; as falas fluíam entre Clive e Sophie. A versão final do roteiro tinha quarenta páginas, dez a mais que o normal em comédias de meia hora, e quando Bert, o diretor, a folheou da primeira vez, pediu a Bill e Tony que cortassem. Eles tiveram de convencê-lo de que o texto poderia funcionar daquele tamanho, mas Bert não acreditou até que o elenco provasse que era possível. Ágil, engraçado e verdadeiro, dizia coisas sobre a Inglaterra que Tony e Bill nunca tinham ouvido antes na BBC. E a relação do casal era algo diferente também. Ia da briga ao flerte e voltava num piscar de olhos. Todos chegavam para trabalhar felizes e entusiasmados, tagarelando contribuições sobre como melhorar a peça. Se Sophie não tivesse ficado sabendo que a vida de seu pai corria risco por causa de um ataque do coração, tudo teria saído sem problemas.

Ela descobriu no sábado de manhã, pouco antes do ensaio técnico; já fazia dois dias que ele estava mal, mas Sophie não tinha telefone, e sua ida aos domingos à noite ao orelhão tinha se tornado quinzenal, nas últimas semanas, isso quando se lembrava dela, de modo que a notícia chegou por uma carta da tia Marie.

Sophie ligou assim que a leu.

“Ah, Barbara, querida, graças a Deus.”

“Como ele está?”

“Bem malzinho.”

Sophie começou a entrar em pânico, o que não estava relacionado só à preocupação com o pai. Ah, Deus, por favor, hoje

não, era o que ela pensava. Nem amanhã. Nem hoje nem amanhã. Na segunda faço o que for preciso.

“O que os médicos dizem?”

“Ele está estável no momento, mas a preocupação é que tenha outro ataque.”

“Está conversando?”

“Não, nos últimos dois dias só dormiu. Conferi os horários dos trens, só porque precisava fazer alguma coisa. Você consegue pegar um ao meio-dia e chegar ao hospital a tempo da visita da noite.”

“Certo.”

“Tem dinheiro pra passagem?”

Ela pensou por um momento. Se não tivesse, não haveria muito que a tia Marie pudesse fazer a respeito, não num sábado.

“Tenho”, ela disse, por fim.

“Que bom”, falou Marie. “Vou mandar o Jack te buscar na estação.”

Talvez ela tivesse outra chance. Talvez eles a perdoassem por deixá-los na mão vinte e quatro horas antes da gravação; e não tinham como substituí-la, não àquela altura, de modo que talvez remarcassem. Mas talvez não.

“Não posso ir, tia Marie.”

Silêncio, quebrado apenas pelos bipes avisando que ela precisava colocar mais uma moeda.

“Alô?”

“Ainda estou aqui”, disse tia Marie. “Você não pode vir?”

“Não.”

O pânico tinha ido embora.

“Por que não?”

“Posso ir na segunda. Aí eu conto.”

“Ele talvez esteja morto na segunda.”

Aquele não era, na opinião de Sophie, o argumento definitivo que Marie parecia achar que era. Ela não queria que o pai morresse. Choraria por ele. Era a ele que devia... não tudo, exatamente, porque uma porção de coisas tivera de conquistar por si mesma, mas um bom tanto. Se, porém, a escolha era entre um rápido adeus e uma nova vida, então nem havia o que escolher.

“Eu decepcionaria muita gente aqui.”

“A Derry & Toms nem abre no sábado à tarde, abre? Você não tem que voltar pro trabalho antes de segunda-feira.”

“Não é isso. Não estou mais trabalhando lá.”

Os bipes recomeçaram.

“Tia Marie, não tenho mais moedas. Vejo você na segunda, no hospital.”

Tia Marie conseguiu bater o telefone na cara dela antes que a linha caísse. O pânico havia sido substituído por outra coisa, algo entre a náusea e uma intensa tristeza. Sempre suspeitara ser o tipo de garota que não iria para casa visitar o pai doente, caso tivesse uma série de tevê para gravar, mas meio que esperava que isso ainda demorasse certo tempo para acontecer.

Todos os dias, ao que parecia, mais e mais gente se envolvia no programa. E havia algo de excitante em ver a ideia se tornando realidade pelas mãos de contrarregras e cenógrafos, editores de roteiro e eletricitas; mas também havia algo de triste naquilo, pois não pertencia mais a eles cinco. Quando Sophie chegava ao Centro de Televisão, tinha de se esquivar de pessoas que não conhecia, pessoas que não estavam lá desde o início e provavelmente não ligavam muito para o programa, certamente não tanto quanto ela. Para essas pessoas, era só mais um trabalho, e toda vez que via uma figurinista se irritando ou um carpinteiro xingando, Sophie queria voltar para o salão paroquial onde tinham ensaiado, e onde conhecia todo mundo. Não queria que aquilo fosse apenas um

trabalho, para ninguém ali. Ansiava por estar na tevê, mas agora desejava que pudessem ensaiar por mais dois ou três anos.

Tony, Bill e Dennis estavam no corredor ao lado dos camarins conversando sobre o nome do programa.

“Acho que o Tom se apegou a *O casamento é uma bênção*”, falou Dennis.

“É *O casamento é uma bênção*?, não?”, disse Tony.

“É”, respondeu Dennis. “Foi o que eu acabei de dizer.”

“Não”, falou Bill. “Você disse *O casamento é uma bênção*, e não *O casamento é uma bênção*?, com ponto de interrogação, hahaha.”

“Vocês sabem que o ponto de interrogação caiu”, disse Dennis. “Seus implicantes.”

“Acho útil te fazer lembrar sempre dos crimes passados”, disse Bill.

“Como pode se chamar *O casamento é uma bênção*”, retomou Tony, “se eles não são casados nem por um segundo durante o episódio? A gente sabe que, se conseguir transformar isso numa série, eles vão se casar. Mas, agora, ele topa com a garota pela primeira vez num pub e fica meia hora dando em cima dela. Na versão antiga, já eram casados.”

“O Tony tem razão”, continuou Bill. “Só podemos dar o nome de *O casamento é uma bênção* se o velho Sloan garantir a série antes de ir ao ar na *Comedy Playhouse*. Se for episódio único, o título é idiota.”

“Aí está ela”, falou Tony. “Você tem um título pra gente?”

“*Barbara*”, respondeu Sophie.

Para seu constrangimento, Dennis ficou pensando, ou fingindo pensar, por um momento.

“Hum”, ele disse. “Não passa muito do... da coisa da relação dos dois, como a gente quer.”

“Acho que ela estava brincando, Dennis”, falou Bill.

Dennis riu da piada, satisfeito e vinte segundos atrasado.

“Muito boa”, disse.

Tony captou o olhar de Bill. Todo mundo amava Sophie, mas Dennis a amava mais que todos.

“Quem sabe um título com o nome de ambos os personagens?”, sugeriu Dennis. “*Barbara e Jim?*”

“Você acabou de colocar uma porcaria de um ponto de interrogação de volta aí?”, perguntou Bill.

“Eu estava fazendo uma pergunta”, falou Dennis.

“*Barbara e Jim*”, disse Tony. “*Barbara e Jim.*”

“Emocionante, né?”, falou Bill. “Coisas que a gente nunca vai ouvir o Grande Público Britânico dizer sobre um episódio avulso de comédia. Número um: ‘Ah, mal posso esperar pra descobrir quem são Barbara e Jim’.”

“Sabe aquilo que a gente estava conversando outro dia?”, disse Dennis. “Sobre quanto esse é um programa da Sophie?”

“Vocês estavam?”, perguntou ela.

“Só que não era pra você saber”, falou Tony, lançando um olhar carregado para Dennis.

“Por que é meu programa?”, quis saber Sophie.

“Não queira saber”, disse Bill.

“Fiquei pensando se a gente não conseguiria passar isso de algum jeito”, falou Dennis.

“Não vamos falar disso agora”, continuou Bill. “Especialmente não na presença do elenco.”

“Por que é meu programa?”, insistiu Sophie.

“Ah, pelo amor de Deus”, falou Bill. “Porque você é bonita e ele está apaixonado; você fica com todas as tiradas e ele é o sujeito sério.”

“Ah”, ela disse.

“Você não tinha reparado?”

Ela certamente notara que conseguia mais risadas nos ensaios, mas pensou que era porque estava ganhando de Clive. Não havia

lhe ocorrido que simplesmente tinha mais tiradas.

“Talvez a gente devesse oficializar isso”, disse Dennis. “Sei que vocês vão rir, mas tenho outra ideia de pontuação.”

“Não vou rir”, falou Bill. “Prometo.”

“Podemos colocar ‘e Jim’ entre parêntesis. *Barbara (e Jim)*. Barbara, abre parêntesis, e Jim, fecha parêntesis.”

Bill deu risada.

“Engraçado?”, perguntou Dennis, esperançoso.

“Só pelo que vai causar na autoestima do Clive”, disse Bill. “Nesse sentido é hilário.”

“Ah”, falou Dennis. “Não tinha pensado nisso.”

“Então só contamos pra ele depois da gravação.”

“Não podemos fazer isso”, disse Dennis.

“Vamos dar um jeito”, falou Tony. “Definitivamente não podemos contar antes. Conheço o Clive. Ele não vai aparecer.”

“E pode isso?”, perguntou Sophie. “Simplesmente não aparecer?”

Isso nunca tinha lhe passado pela cabeça, e talvez fosse algo a se considerar.

“Claro que pode”, disse Bill. “Se você não ligar de nunca mais arranjar trabalho.”

Sophie deixou de considerar a possibilidade. Decidiu que seus problemas pessoais não tinham nenhuma relevância para os colegas e foi colocar o figurino dos ensaios finais.

6.

No dia da gravação, Clive descobriu que do camarim era possível ouvir as conversas do pessoal da plateia que formava fila lá fora. Não dava para não ouvir, a não ser que se ficasse o tempo todo cantarolando alto para si mesmo.

“Pelo menos o ingresso é de graça”, dizia a voz que mais se destacava, de um homem aparentemente de meia-idade.

“Só assim”, falou uma mulher. “Ninguém ia pagar pra ver esse pessoal. Você já ouviu falar de algum deles?”

“O nome do sujeito não me é estranho”, disse outra voz masculina. “Clive alguma coisa.”

“O que ele já fez?”

“Esse é que é o problema. Não faço ideia.”

Uma quarta pessoa entrou na conversa, outra mulher.

“Vocês não ouviam o *Esquadrão trapalhão*?”

“Ah, era horrível.”

“Você achava?”

“Aquele pateta daquele capitão e seu jeito esnobe e tolo de falar.”

“Ora, a voz era dele, Clive Richardson.”

“Ah, pelo amor de Deus. Ele não.”

“Eu achava engraçado.”

“Para com isso.”

“Achava mesmo.”

“Aquela voz esnobe e tola?”

“Ele estava interpretando. Para ser engraçado.”

“Espero que deixe isso pra lá hoje. Enfim, é só meia hora, né?”

Bateram na porta de Clive.

“Sou eu”, disse Sophie. “Você está ouvindo tudo isso aí?”

Clive a deixou entrar.

“Não tenho muita escolha. Só a BBC deixaria a plateia formar fila ao lado dos camarins.”

“Achei bem interessante ficar ouvindo.”

“Isso porque não estavam falando de você.”

Com timing apurado, a fã de Clive começou a falar de Sophie.

“Mas ela parece que é um desastre.”

“Achei que fosse uma estreante.”

“Ah, não. Minha filha viu a moça num festival de verão em Clacton.”

Clive olhou para Sophie, que balançou a cabeça.

“Aparentemente pensa que é a tal. A menina esperou meia hora por um autógrafo e ela simplesmente passou reto. Imagina — o que minha filha ia fazer com um autógrafo dela é que eu não sei.”

“Valeria a pena guardar, se esse negócio virar um sucesso”, disse um dos homens.

“É, mas não vai virar, né?”, retrucou a mulher. “Não com ela no elenco.”

“Nem com ele.”

“O problema é ela.”

“São os dois.”

“Ele não me incomoda.”

“Não gosto nem de um, nem do outro. Ah, mas o que a gente pode fazer?”

“Já vi uma dessas, uma vez”, falou a mulher. “Dura quase uma hora, entre acomodar todo mundo e o sujeito que faz o aquecimento com a plateia contar suas piadas.”

“E como era esse sujeito? Dessa vez?”

“Ah, sabe como é. Não muito bom. Não tão engraçado quanto ele achava que era.”

“Ah, pelo amor de Deus”, disse o homem. “Estou quase indo embora.”

“Ah, não vá”, respondeu a mulher. “Talvez não seja tão ruim assim.”

Sophie bufou.

“Vamos pro corredor?”, ela disse.

“Vai ser ótimo”, falou Clive.

“A gente estava vivendo numa bolha”, disse Sophie.

“Que tipo de bolha?”

“Uma bolha cor-de-rosa agradável e aconchegante.”

“Eu não viveria conscientemente numa bolha aconchegante e cor-de-rosa.”

“Da cor que você preferir, então. Todos adoramos o roteiro. Eu adoro, pelo menos. Tom Sloan adora o Dennis. O Dennis adora o Tony e o Bill. E agora tudo se desfaz no ar. De repente.”

“É o que acontece com bolhas”, disse Clive. “Por isso é que não se deve viver nelas.”

“As pessoas não vêm assistir a essas coisas pra aplaudir a gente, né?”, falou Sophie. “Vêm porque estão entediadas. Ou porque querem ver como é um estúdio de tevê por dentro.”

“Ou porque se inscreveram pra conseguir os ingressos meses atrás na esperança de serem contempladas com uma coisa boa”, disse Clive. “E aí somos nós.”

“Somos coisa boa.”

“Achamos que somos. Mas as pessoas nunca ouviram falar de nós. Por isso neste momento estão irritadas. Certa vez fui assistir a

um negócio porque tinha sido recusado pelo produtor. Fui esperando ver uma porcaria.”

“E era?”

“Qualquer coisa pode ser, se a gente quiser.”

“Mesmo coisas boas?”

“Especialmente coisas boas, às vezes. Porque causam inveja.”

“Não quero que nossa comédia saia pro mundo”, falou Sophie.

“Quero que a gente continue como era.”

“É um programa de tevê”, observou Clive. “Tem que sair pro mundo.”

“Ah, droga”, disse Sophie.

Dennis bateu na porta.

“Todo mundo bem?”

Sophie fez uma careta.

“Ah, você vai ficar”, falou Dennis.

“Como você sabe?”, perguntou Sophie.

“Porque você não é normal”, ele respondeu. “Nada importa mais pra você do que isso. Não vai deixar dar errado.”

E ela não deixou. Clive tinha participado de uma porção de montagens estudantis em que o objetivo do exercício era destruir amigos, colegas de classe e contemporâneos no palco, mas jamais vivera algo parecido: no momento em que a luz vermelha de gravação se acendeu, Sophie o atacou feito um cachorro louco que estivesse sendo mantido na escuridão de uma casinha e fosse solto na luz. O tempo todo, durante os ensaios, ela havia experimentado coisas, na tentativa de tirar mais do roteiro do que Tony e Bill tinham pretendido colocar ali: fazia caretas, segurava uma fala alguns segundos a mais do que todos estavam esperando, encontrava entonações e ênfases que eram capazes de transformar um simples “obrigada” em algo que fazia as pessoas rirem, ou pelo menos prestarem atenção nela. De modo que ele não deveria estar surpreso com a energia e a impetuosidade de sua parceira, mas

sentiu o baque ao enfrentá-la: ela estava em todo lugar, em cada vão, nas entrelinhas e nos subtextos de cada fala, as dela e as dele. O pobre Bert, Clive podia perceber, estava perdido, o que significava que parte da atuação de Sophie também. Ele sentia como se, numa partida de futebol, tivesse tomado três gols nos dois primeiros minutos de jogo, e embora suspeitasse que agora até um empate estava fora do alcance, podia pelo menos fazer o gol de honra. Sempre atuava com decência, qualquer que fosse o papel que lhe dessem, mas ninguém jamais o havia instigado a ir mais longe, e porque nunca o tinham feito, ele tinha se acomodado. Sophie não o deixaria se acomodar. Talvez isso até fosse bom, se olhado do jeito certo. Naquele momento, porém, ele precisava observar, escutar, sentir, a cada segundo da apresentação, e responder ao que ela estava de fato fazendo ali, em vez de àquilo que ele presumira que ela ia fazer. Era tudo bastante cansativo.

No final, o sujeito com a placa APLAUSOS nem precisou erguê-la acima da cabeça. Clive fez Sophie se adiantar para, curvada, ser ovacionada pela plateia, e ele também a aplaudiu. Não lhe restara muita escolha.

Na hora do almoço, na segunda-feira, Sophie estava ao lado do leito de hospital do pai. Ele não tinha morrido nem sofrido outros ataques do coração, e estava acordado, conversando. Alguém poderia argumentar que aquele era o pior dos desfechos possíveis, porque agora ele estava ali, com cara de magoado. Marie, do outro lado cama, não estava magoada. Estava apenas irritada e decepcionada. Sophie entregou ao pai as uvas que tinha comprado em Londres, mais uma garrafa de refresco Lucozade e um livro, *Morte ao alvorecer*, da série Comandos de Guerra.

“Você deve estar cheia da grana”, ele disse, como agradecimento.

“Ou cheia de culpa”, falou Marie.

Sophie respirou fundo.

“Sinto muito”, ela disse.

“Sim, mas sente muito por quê?”, retrucou Marie.

“Sinto muito por não ter podido vir.”

“Não serve”, disse Marie. “A gente conversou sobre isso. E decidi que você tinha que se desculpar por não ter vindo, e não por não ter podido vir.”

Ela entendia a diferença. Queria que admitisse que tinha errado.

“Não pude vir”, ela falou. “Queria ter podido.”

“E por que não pôde?”, quis saber o pai. “O que era tão importante?”

“Eu estava num programa da BBC.”

“Como assim, estava num programa? Na plateia?”

“Participando do programa. Atuando. Na *Comedy Playhouse*.”

Os outros dois ficaram olhando para ela.

“*Comedy Playhouse*?”

“É.”

“Na BBC?”

“É. *Comedy Playhouse*. E a gente teve de ensaiar no sábado e gravar no domingo, e talvez eu perdesse essa oportunidade se tivesse vindo pra casa. E é uma grande oportunidade. Eles querem que vire uma série, e é sobre um casal, um homem e uma mulher, e a mulher sou eu.”

Os outros dois ficaram olhando um pouco mais para ela, depois olharam um para o outro.

“Você... você tem certeza?”

Ela riu.

“Tenho.”

“E deu tudo certo?”

“A gente se saiu bem. Obrigada. Enfim. Vocês compreendem melhor agora?”

“Você não podia ter vindo”, disse o pai. “Não se tinha uma *Comedy Playhouse* pra gravar.”

“E que talvez vire uma série”, falou Marie.

“Você vai trabalhar na tevê!”, continuou o pai. “Vamos ficar tão orgulhosos!”

Não havia passado pela cabeça de Sophie que seria tão prontamente perdoada por seus deslizes, e ela não estava certa de que gostava disso. Tinha se recusado a fazer uma visita ao pai, doente e correndo risco num hospital, porque a carreira era mais importante para ela, e o mínimo que ele podia fazer era julgá-la por isso. Ao que parecia, bastava alguém estar na tevê para ser perdoado por qualquer coisa.

A PRIMEIRA TEMPORADA

7.

Clive Richardson era ator porque ser ator era de longe o jeito mais fácil de conhecer garotas bonitas. Ele já suspeitava disso antes de entrar no negócio, e não se decepcionara: aonde quer que fosse, havia garotas bonitas. Começou na LAMDA, a escola dramática que frequentou, onde pela primeira vez entendeu, para valer, que atrizes eram mais bonitas do que pessoas comuns; se tivesse ido fazer uma faculdade para se tornar professor ou médico, seria obrigado a descartar dezenove entre vinte de suas colegas de classe. Na LAMDA, desejava todas. E então se formou e foi trabalhar na BBC e nos teatros de repertório, onde encontrou centenas de outras.

No mundo real, descobriu que não eram apenas as atrizes bonitas que estavam disponíveis para ele. Garotas bonitas que trabalhavam em outras profissões adoravam atores. Às vezes estavam à procura de uma maneira de entrar no negócio do entretenimento —, e, no que dependia de Clive, ele poderia muito bem funcionar como uma porta de acesso —, mas, na maioria, queriam apenas ter uma ligação com um ator. Era o fraco das garotas bonitas, de modo que todas para as quais ele olhava pareciam se sentir aprovadas, de algum modo. *Ele me deseja!* Era

lindo. Ser ator era como ter um sistema de previsão para apostas que de fato funcionava.

A principal objeção de Clive à comédia era seu medo de que o sistema parasse de funcionar se seu trabalho se resumisse a fazer as pessoas rirem — especialmente se as fizesse rir por parecer um idiota. Não tinha nem um pouco de certeza de que garotas bonitas gostavam disso. Richard Burton, Tom Courtenay e Peter O'Toole eram astros do cinema, o que lhes dava vantagens de ordem completamente diferente: Clive ainda não tinha faturado uma Elizabeth Taylor. Mas será que eles eram astros do cinema porque tinham nascido astros do cinema? Ou eram astros do cinema porque tinham se recusado a interpretar um capitão Smythe? O único comediante cuja carreira, para Clive, dava o que pensar era Peter Sellers, que recentemente tinha se casado com Britt Ekland, e havia rumores de uma relação entre ele e Sophia Loren fora das telas. Se lhe garantissem que teria mulheres da qualidade de Ekland/ Loren, Clive faria vozes tolas para quem quisesse escutar, mas Peter Sellers fazia as suas em *Dr. Fantástico*, na tela grande, e não no *Esquadrão trapalhão* do rádio. Clive suspeitava que Sophia Loren não estaria muito interessada no sujeito que interpretava o capitão Smythe. *O casamento é uma bênção* era um programa de tevê, pelo menos, mas seu personagem não dava muita pinta de que ajudaria nisso.

Sophie funcionaria como um teste interessante. Estava mais para Sabrina do que para Sophia Loren — uma estrela de cinema italiana, não uma miss de Blackpool —, mas Sophie era magnífica, a seu modo. Ele achava que tinha detectado uma pequena fagulha de alguma coisa, quando se conheceram, mas então ela passara por cima dele na *Comedy Playhouse*. E isso foi antes de saber sobre a mudança de nome do programa.

Clive ainda não tinha instalado telefone em seu apartamento, sem se deixar convencer, até ali, das vantagens de fazê-lo. Assim seus pais não tinham como ligar, nem as garotas que, por acaso, não fossem exatamente o que procurava. Morava próximo à Warren Street e, se alguém quisesse entrar em contato, sabia que podia deixar um recado com Davie, que atendia no bar do Three Crowns, na Tottenham Court Road. Davie não se incomodava. Achava que anotar recados telefônicos para Clive e, muito ocasionalmente, receber roteiros pelo ator eram a parte mais glamorosa de seu trabalho. Depois de alguns meses como cliente assíduo, Clive chegou à conclusão de que era verdade. O Three Crowns não era um pub glamoroso.

Davie, que tinha vindo de Glasgow no final da guerra na tentativa de quebrar um ciclo de crime e castigo, ansiava particularmente por ver Clive numa série de faroeste — gostava tanto de *The Virginian* quanto de *Rawhide*. Fazia tempo que Clive desistira de explicar que bem poucos atores de Hampshire, em especial aqueles conhecidos principalmente por seu trabalho no rádio, davam a sorte de conseguir um papel em qualquer uma das duas séries. Davie não se abalava. Dizia que, na sua cabeça, sempre vira Clive como caubói. Clive não deixava de pensar que a cabeça de Davie deveria ser examinada.

Clive deu uma passada no Three Crowns na hora do almoço do dia seguinte ao da gravação e encontrou Davie num estado de grande empolgação.

“O Monty ligou”, ele disse. Monty era o agente de Clive e, de fato, não ligava com muita frequência. “Você acha que é A Chance?”

“Talvez, Davie.”

“Pode ligar pra ele daqui”, falou Davie, uma oferta que indicava seu nível de entusiasmo e quanto investia na carreira de Clive.

O salão do bar estava vazio, então Clive foi para trás do balcão e Davie lhe serviu uma caneca pequena de cerveja enquanto discava

o número de Monty.

“E aí, qual é a má notícia?”

Monty era agente desde a metade dos anos 20, e Clive nunca soube se sua fase áurea já passara ou se nunca tinha havido uma. Ele o abordara depois de uma apresentação da LAMDA em Edimburgo da peça *The Long and the Short and the Tall*, na qual Clive estava ótimo como o recruta Smith, era o que todos diziam. Mais tarde, o insuportável Laurence Harris, que se apropriara do personagem Bamforth enquanto todo mundo estava distraído, passou a receber os comentários elogiosos; qualquer idiota era capaz de interpretar Bamforth e chamar atenção. Quando Monty se aproximou, no bar, e perguntou se Clive não precisava de alguém que o agenciasse, o ator perguntou por que ele não estava correndo atrás de Harris, como todos os demais. Clive gostaria de ter ouvido Monty falar de sua capacidade de ver além de seu desempenho, por mais chamativo que fosse, e enxergar o talento verdadeiro. Em vez disso, o agente, desanimado, disse que estava velho demais para correr atrás das pessoas sem acabar atropelado na confusão; tentava, segundo suas palavras, “ver o que sobrava e dava pra aproveitar”. Clive devia ter percebido que Monty não era o sujeito mais determinado do mundo.

“Você sempre pensa que é má notícia”, disse Monty.

Clive não respondeu. Tinha descoberto que aquele era o melhor jeito de provocar Monty.

“Posso conseguir um pouco mais”, disse o agente, por fim.

“Então a grana não é boa.”

“É o padrão BBC. Mas mesmo com eles dá pra melhorar.”

Clive voltou a ficar em silêncio. Se havia alguma má notícia que não envolvia dinheiro, ele não conseguia imaginar qual seria, mas valia a pena tentar desencavá-la.

“E, claro, estou tentando tirar os parêntesis.”

“Que parêntesis?”

“Do nome do programa.”

“Não sei de porcaria nenhuma de parêntesis.”

“Ah. Desculpe. É *Barbara... e Jim*.”

“Continuo não percebendo onde estão os parêntesis.”

“Bom, eles ficam antes e depois de *e Jim*.”

“A série agora se chama *Barbara* parêntese *e Jim*?”

“Parêntese.”

“Como é?”

“Depois de *Jim*. Fecha parêntesis.”

“Você está dizendo que agora faço um personagem parentético?”

“É só uma brincadeirinha. Pra mostrar que é ela quem manda.”

“Ah, bom, então tudo bem”, falou Clive.

“Me disseram pra não te contar. Mas achei que devia.”

“E era pra eu descobrir quando?”

“Quando você visse na programação da *Radio Times*. Você não se incomoda, não é?”

“Claro que me incomodo, pra caramba.”

“São dezesseis episódios.”

“Isso não melhora as coisas, só piora.”

Clive nunca tinha ouvido falar de uma nova série receber encomenda para dezesseis episódios. Normalmente eram seis, às vezes doze, mas nunca dezesseis. Eles amavam Sophie e achavam que todo mundo no país inteiro ia amá-la. E era por isso que seu personagem estava entre parêntesis.

“Diga pra eles engolirem os malditos parêntesis.”

“Como assim?”

“Sabe os parêntesis no nome Jim? Não quero.”

“Ah, meu Deus”, falou Monty. “A questão do dinheiro, tudo bem. Não me importo de discutir isso com eles. Mas com pontuação não tenho experiência.”

“Se vira, querido.”

No dia seguinte, Monty avisou Clive que o cachê tinha aumentado, mas os parêntesis continuariam lá.

“Bom, então diga que agradecemos e recusamos.”

“Está falando sério, amigão? Você é um ator de bicos que acaba de receber uma oferta pra aparecer na televisão dezesseis vezes, meia hora cada uma. Isso vai tornar seu nome conhecido na casa das pessoas.”

“Vai tornar o nome dela conhecido. Não me ajuda muito. Vou passar o resto da vida dizendo: eu era o ‘e Jim’ no *Barbara (e Jim)*. Espera aí... Qual é o título do episódio piloto?”

“*Barbara (e Jim)*.”

“O que aconteceu com *O casamento é uma bênção*?”

“Vocês não são mais casados. Não fazia sentido.”

“Ah, pelo amor de Cristo. Aqueles desgraçados. Vão colocar no ar com esse nome sem me consultar?”

Monty riu.

“Parece que te passaram a perna.”

“Certo. Já deu. Não vou fazer. Ache algum trabalho pra mim, Monty.”

No outro dia, o agente deixou um recado avisando que tinham oferecido o papel de Jim para o velho aqui-inimigo de Clive, Laurence Harris. Clive sabia que Harris não aceitaria a oferta, não com os parêntesis. A menos que, magicamente, eles sumissem em respeito a alguém como Harris. Claro que era isso que aconteceria. “Ah, sim, se Laurence Harris está interessado...”

Que todos fossem para o inferno.

Por acaso, tinha combinado de visitar os pais em Eastleigh naquele fim de semana. O almoço de domingo com a família nunca era agradável, por duas razões. A primeira dizia respeito ao trabalho de Clive. Nem era tanto que desaprovassem a profissão que o filho

escolhera. Seu pai era dentista, mas não cultivava aquela tradicional aversão moralista da classe média à vida boêmia; Clive tinha tentado se defender com esse argumento, sem chegar a lugar nenhum. Se fosse capaz de ter um salário decente, o pai não daria a mínima para o que ele fazia, vestia ou bebia, tampouco lhe importaria com quem o filho ia para a cama. “Você simplesmente não é bom nisso, caramba”, dizia ele, em alto e bom som, e com frequência.

A segunda coisa que tornava as visitas tão desagradáveis era a permanente e inexplicável presença da ex-noiva de Clive, Cathy. Haviam ficado noivos quando ele tinha dezoito anos, logo no início de seu curso na LAMDA, por razões que Clive não saberia mais dizer, mas que quase certamente tinham algo a ver com sexo. Pouco depois ele terminou a relação, assim que conseguiu o que queria, presumivelmente, mas isso não pareceu fazer muita diferença quanto ao lugar da moça na família. Até onde Clive sabia, ela aparecia na casa dos pais dele todo domingo. Cathy tinha se tornado, não se sabia como, uma nora que permanecia solteira. Era uma garota meiga e tediosa, e Clive temia que, pelo resto da vida, fosse obrigado a participar daqueles almoços de domingo com a nora de sua mãe.

Tinha cometido o erro de contar aos pais que apareceria em um episódio de *Comedy Playhouse*, e que isso muito provavelmente se desdobraria num convite para fazer uma série. Seu pai perguntou a respeito quase tão logo o carneiro e a salada de repolho foram postos à mesa.

“Como ficou aquele negócio da BBC?”

“Ah, aquilo. Não deu tão certo quanto eu esperava.”

Cathy e a mãe dele fizeram cara de solidárias. O pai deu uma gargalhada.

“Eu sabia”, falou. “O que houve?”

Clive pensou por um momento em contar a verdade ao pai: que tinha recusado a oportunidade de estrelar um programa de tevê por não gostar da pontuação do título.

“Não era, na verdade, o que eu estava procurando, então recusei.”

“Era trabalho, você quer dizer?”

“Isso não é justo”, disse a mãe de Clive. “Ele está sempre procurando trabalho.”

“Não acabou de encontrar um? E de recusá-lo?”

“Não parece que foi isso que aconteceu”, falou a mãe.

Às vezes Clive não sabia qual dos dois o irritava mais. A devoção cega da mãe conseguia ser tão desencorajadora quanto o escárnio do pai; ambos o tratavam com condescendência. Decidiu, perversamente, ir contra a mãe.

“A senhora escutou alguma coisa do que eu disse? Foi exatamente o que aconteceu. Fizemos uma *Comedy Playhouse* que foi muito bem, recebi uma oferta de dezesseis episódios, não gostei do papel.”

“É inacreditável”, falou o pai.

Clive soltou um gemido.

“Achei que era nisso que o senhor acreditava. Até me acusou de preguiçoso. Estou concordando!”

“Você não tinha contado a história direito. Não se sustenta.”

“Por que não?”

“Ninguém ia te oferecer dezesseis episódios na tevê.”

“Mas acabaram de oferecer!”

“E você recusou. Agora vai fazer o quê?”

“Talvez vá para os Estados Unidos.”

“Ah, Clive”, disse Cathy. “Pra América?”

Os planos imaginários de Clive pareciam estar criando problemas para a relação imaginária dos dois.

“É”, falou Clive.

O pai largou a faca e o garfo e esfregou as mãos.

“Que foi?”, perguntou Clive.

“Estou gostando disso.”

“Por quê?”

“Porque o que quer que seja que você está prestes a dizer vai ser divertido, ou então uma mentira.”

“Meu Deus, pai. O senhor é um monstro.”

Tentou pensar numa mentira que não desse ao pai a chance de rir.

“Recebi uma oferta pra fazer *The Virginian*.”

“*The Virginian*”, repetiu o pai, sem ênfase. “A série de faroeste.”

“É”, disse Clive. “Não é grande coisa, mas talvez seja bem divertido.”

“E eles sabem que chorou quando um cavalo chegou muito perto de você, em Norfolk?”

“Sabem. Eu contei. Me ofereceram o papel mesmo assim.”

“*The Virginian!*”, retomou o pai. Fingia enxugar lágrimas de felicidade com o guardanapo. “Então talvez esta seja a última vez que a gente se vê por um tempo?”

“Ah, Clive”, disse Cathy.

“A não ser que eu aceite o outro negócio”, continuou Clive.

“Que outro negócio?”

“A série cômica da BBC.”

“Ah, a gente ainda está fingindo que isso é sério?”, falou o pai.

Clive estava tentado a se mudar para os Estados Unidos e implorar pela chance de interpretar um caubói, ou até uma vaca, só para provar ao pai que ele estava errado. Mas então lhe ocorreu que havia um jeito mais fácil de conseguir isso e, ao mesmo tempo, ganhar a vida com a única coisa que sabia fazer.

Mandou Monty ligar para Dennis no dia seguinte. Os parêntesis iam ficar, o cachê ia ser menor, mas Clive tinha um emprego.

* * *

A primeira entrevista de Sophie foi para uma revista nova chamada *Crush*. A jornalista perguntou se podiam fazê-la na casa da entrevistada, mas, como ela ainda estava morando com Marjorie, Brian não achou uma boa ideia e disse a Sophie que fosse até o escritório dele. Ela tinha comprado uma saia nova para a ocasião, a mais curta que conseguira encontrar, e um novo par de sapatos. Quando a viu, Brian balançou a cabeça, soltou um “tsc, tsc” e a lembrou de que era um homem muito bem casado, como se ela tivesse lhe sugerido algo impróprio.

Quando Diane, da *Crush*, chegou, Brian conduziu as duas até uma sala que havia sido transformada em depósito de mobília quebrada e arquivos antigos, e elas tiveram de sentar lado a lado num velho sofá marrom empoeirado. Nos primeiros minutos de conversa, Sophie não conseguia parar de olhar para uma caixa em que estava estampado: “ARTHUR ASKEY, 1935-7”.

“Eles sempre te obrigam a vir pra cá?”, perguntou Diane.

Ela parecia ter saído de um programa de tevê. Tinha cabelo comprido e escuro, nada de seios e usava botas brancas. Era tão mirrada quanto a prima de doze anos de Sophie.

“Por que me obrigariam a vir pra cá?”, quis saber Sophie.

“Pras entrevistas.”

“Ah. Não. Nunca dei entrevista.”

“Nossa”, disse Diane. “Bom, não vai doer nada. Você conhece a *Crush*? É pra garotas. Só queremos saber o que você veste, quem é seu namorado e o que você cozinha pra ele.”

Diane envesgou os olhos e fez uma careta pra indicar que não era bem sua revista favorita. Sophie riu.

“Você não gosta do trabalho?”

“Não, gosto”, respondeu Diane. “É divertido. Conheço gente famosa. Como você. E o pessoal está sempre mandando umas

roupinhas pra gente. Mas não é o que eu quero fazer da vida.”

“E o que você quer fazer da vida?”

“Quero escrever, mas não essas coisas. Adoraria fazer o que o Tony e o Bill fazem.”

Sophie ficou surpresa até por ela saber o nome deles. Não eram muitas as pessoas que se interessavam por quem escrevia programas de televisão e rádio.

“Você acha que é capaz?”, perguntou Sophie.

“E alguém me deixaria? Essa é a questão. Não tem muitas garotas engraçadas escrevendo por aí.”

“Você devia simplesmente escrever alguma coisa”, disse Sophie.

“Ah, é?”, falou Diane. “Quando você fala assim... soa impossível. Enfim. Responda às minhas perguntas idiotas. Roupas, namorado, pratos que costuma fazer.”

“Ah”, disse Sophie. “Bom, não tenho namorado e não cozinho. Mas uso roupas.”

“Por que você não tem namorado?”, quis saber Diane.

“Tinha um na minha cidade, em Blackpool, mas a gente terminou quando vim pra cá e... bom, não conheci mais ninguém.”

“Não dá pra imaginar que você precise conhecer alguém.”

“Não sei como alguém pode arranjar um namorado sem conhecer antes.”

“Imaginava que tudo quanto era homem, depois de te ver na tevê, ia ligar te procurando”, falou Diane.

“Não tenho telefone, então isso talvez não seja tão fácil.”

“Você não tem telefone?”

Sophie se deu conta de que não queria falar sobre quartos compartilhados em Earl’s Court ou sobre Marjorie, não para a revista *Crush*.

“Acabei de me mudar e ainda não foram instalar pra mim.”

“Ah, isso é fabuloso”, disse Diane. “Tudo aconteceu tão rápido pra você. Onde está morando?”

“Ah, prefiro não falar demais.”

“Só o bairro. Não vou colocar o endereço.”

“Kensington. Perto da Derry & Toms”, falou Sophie.

“É onde você trabalhava, não é?”

“Como sabe disso?”

“A assessoria de imprensa me contou. Seção de cosméticos. Já peguei tudo. Completa desconhecida aparece do nada, deixa todo mundo de queixo caído no teste, ganha o papel. É uma ótima história. Que lugares você gosta de frequentar?”

Diane estava entrevistando outra pessoa, pensou Sophie, alguém que tinha feito alguma coisa na vida. Ela tinha vindo a Londres, trabalhado numa loja de departamentos, escutado Marjorie roncar e sido selecionada para fazer uma série na televisão. Só que não via tevê, porque nem mesmo tinha uma.

“Gosto do Talk of the Town”, respondeu.

Agora não sobrara mais nada. Tinha esgotado suas experiências londrinas.

“Fabuloso”, falou Diane. “Excelente. E está empolgada com a série?”

“Empolgadíssima.”

“Sensacional”, falou Diane, e levantou.

“Só isso?”

“Já tenho bastante coisa. Sem namorado, sem telefone, apartamento novo, Talk of the Town... Sério, posso dizer que te conheço. Se me contar qual é seu Beatle preferido, meu editor vai explodir de alegria”, disse Diane, sem alegria nenhuma.

Sophie riu. Gostava de Diane.

“George.”

“Ele vai ler isso e te ligar pra vocês saírem.”

Sophie ficou vermelha.

“Ah. Não sei, não.”

“Vai nada”, falou Diane. “Brincadeira minha.”

“Será que um dia a gente pode fazer outra entrevista?”, perguntou Sophie. “Quando... alguma coisa tiver acontecido na minha vida?”

“Vamos ver como a série se sai”, disse Diane.

Não estava sendo indelicada. Apenas se recusava a fazer promessas. Não tinha ocorrido a Sophie que sua primeira entrevista talvez fosse também a última. Desejou ter aproveitado melhor e encontrado algo para dizer.

Tony e Bill não escreviam mais no café. Tinham alugado, para usar como escritório, uma sala na parte de cima de uma loja de sapatos na Great Portland Street, bem próximo da estação de metrô. No dia em que se mudaram, foram juntos à Oxford Street, onde compraram duas escrivaninhas, duas poltronas, uma luminária, uma vitrola e alguns discos, uma chaleira elétrica e alguns saquinhos de chá. Na John Lewis, discutiram se levavam ou não um sofá caro. Bill queria ficar deitado olhando o teto durante o dia. Tony achava que um sofá causaria inatividade e sono, e disse que não pagaria por metade de alguma coisa que só ia servir para diminuir os rendimentos. Bill respondeu que compraria o sofá sozinho, e nesse caso Tony não teria permissão nem para sentar nele. Tony falou para Bill que ficasse à vontade, porque seu traseiro jamais encostaria naquele sofá. Acabou que o prazo de entrega era de doze semanas, então Bill decidiu não seguir adiante, mas ficara uma irritação residual da qual os dois demoraram alguns dias para se livrar. Nunca haviam discutido, mas antes tudo parecia mais descontraído. Agora tinham uma encomenda de dezesseis episódios, um cachê mais alto, um escritório, uma chaleira elétrica... A coisa era séria.

E também não tinham certeza de como fariam para preencher oito horas de televisão. Nem quanto aos trinta primeiros minutos eles tinham certeza. Sentaram em suas poltronas novas, no escritório

novo, um de frente para o outro, caderno sobre os joelhos, mastigando o lápis.

“Então”, disse Tony, por fim, “Barbara e Jim são um casal.”

Isso eles já sabiam. Barbara e Jim se tornavam marido e mulher em algum momento entre o piloto e o primeiro episódio da novíssima série. Jim entraria no quarto com ela nos braços e a largaria na cama nos dez segundos iniciais do episódio um.

“Escrevo isso?”, perguntou Bill.

“Só quis dizer que... a gente precisa de material sobre casais. Além do valente, brilhante, inteligente e importante material sobre a Inglaterra e as classes sociais.”

“Voltamos pra *Gambols*? Penteados e jantares queimados?”

“Não!”

“Então o que os casais fazem que é corajoso, brilhante, inteligente e importante? O que você e a June fazem?”

“Por que você está interessado em mim e na June?”

“Porque vocês são um casal, metade do qual está bem na minha frente.”

“A gente não é como a Barbara e o Jim.”

“Entendi”, falou Bill, e deu risada.

“Não é isso”, disse Tony.

“Não?”, retrucou Bill. “Que interessante.”

“Só quis dizer que, sabe, não somos opostos. A June trabalha na BBC, gostamos das mesmas coisas, a gente... Enfim.”

“Mas aquela outra parte vai bem?”

“Não meta o bedelho onde não é chamado.”

“Você não pode me culpar por ser intrometido.”

“Posso e culpo.”

Aquela outra parte, como era de esperar, acabara em desastre — em dois desastres, para ser exato, separados por alguns meses. Ele não tinha ideia do que acontecera, ou do quanto. Não sabia se continuava virgem, ou se June continuava virgem, ou se ela ainda

era virgem quando casou com ele. Não conversavam sobre nada disso, ainda que June tivesse chorado depois da segunda tentativa.

“Queria que o Jim fosse gay”, disse Bill.

“Fico feliz que ele não seja”, falou Tony. “Porque, se fosse, a gente perderia o emprego.”

“Mas é uma situação dramática tão boa, um homossexual casado.”

“Bill”, disse Tony, “não vamos desperdiçar nosso tempo com ideias que nos levariam a nunca mais arranjar trabalho.”

“As pessoas se interessam por qualquer coisa que tenha a ver com... sabe como é. Sexo um pouquinho fora do comum.”

“Você não acha que se interessam por qualquer tipo de sexo? Não podem ver, não podem ouvir o que os outros dizem a respeito...”

Os olhos de Bill brilharam.

“É isso, então!”

“Ah, meu Deus”, falou Tony. “Já no primeiro episódio?”

“É o momento de tentar”, disse Bill. “Antes de eles terem feito qualquer coisa.”

“Você acha que não fizeram?”

“Talvez não... Não até o fim. Casaram muito rápido.”

“É mesmo? Como a gente sabe disso?”

Bill deu de ombros.

“O episódio piloto passou faz pouco tempo.”

Tony riu.

“Certo, então. Casaram muito rápido. E aí?”

“E se a coisa não acontecesse?”

“Nunca?”

“Por algumas semanas. Ou um mês, ou algo assim. Um dos dois tem um problema.”

Tony franziu o nariz.

“Que tipo de problema?”

“Nada que seja *clínico*, sabe? Talvez psicológico.”

“Tem que ser o Jim”, falou Tony.

“Por quê?”

“Porque mulher que não gosta de sexo a gente já viu muitas vezes.”

“Talvez ela goste, mas não consiga fazer”, sugeriu Bill.

“Por que não?”

“Por alguma dificuldade.”

“Já virou problema clínico.”

“Dificuldade psicológica. Que faz trancar tudo. Feito um cofre de banco, à noite?”

“Você parece saber um bocado disso.”

“Não sei, na verdade. Mas aposto que existe alguma coisa assim.”

“Mesmo que exista, não quero escrever sobre isso. Você quer?”

“Não. Então é com ele.”

“É com ele. O de sempre.”

“Qual de sempre? Tem pelo menos duas possibilidades.”

“Ah. É. Bom, o mais fácil é quando a coisa não dá certo.”

“Mais fácil em que sentido?”

“Mais fácil de passar pelo Tom Sloan. Não tenho certeza se ele ficaria muito empolgado com o outro de sempre. Complica um pouco a cena.”

“Tá certo. A coisa não acontece. Tudo bem. E por quê?”

“Ele está em pânico.”

“Excelente. Combina direitinho com os parêntesis.”

“Pobre Clive”, disse Tony. Pobre Tony, pensou Tony.

Tony amava a esposa, mas, desde os desastres, ir para a cama com ela o apavorava. Sempre se certificava de ficar vendo tevê até o hino nacional encerrar a programação, na esperança de que,

àquela altura, June tivesse pegado no sono lendo um roteiro ou uma pilha de contos oferecida para veiculação, e ele então pudesse se infiltrar debaixo das cobertas sem acordá-la. Pareciam ter chegado a um acordo silencioso segundo o qual horários de dormir escalonados e mudança de assunto sempre que necessário eram o melhor jeito de seguir em frente. June achava que compreendia a raiz dos problemas do marido, e deixara claro que estava pronta a se adaptar da maneira como ele achasse melhor; ela teria ficado espantada se descobrisse que a raiz dos problemas do marido causaria ainda mais perplexidade do que aquilo que já sabia, e que a sexualidade de Tony era um mistério para ele próprio. Tony se sentia atraído por June, sabia que sim, e também naquele sentido. Mas não tinha ideia do que fazer a respeito.

Decidiu que não queria de jeito nenhum falar de trabalho. De repente casa e trabalho tinham ficado muito próximos.

“Mas está dando certo?”, quis saber June.

Jantavam um sanduíche de queijo na frente da tevê.

“Está, acho que está.”

“Vai me deixar ler quando tiver chegado a uma versão de que goste?”

June era sua primeira e melhor leitora. Tudo o que ele e Bill escreviam, ela melhorava; June os desafiava quando estavam sendo preguiçosos, entendia o que os personagens diriam ou não, fariam ou não, detectava incoerências. Seria insano da parte dele não deixar que ela lesse algo que talvez fosse determinante para toda a sua carreira.

“Ah, você não quer ser obrigada a ler tudo o que a gente escreve pelo resto da vida. Já tem seus próprios roteiros pra cuidar.”

“Adoro o que você e o Bill escrevem. E você é meu marido. E esse é o primeiro episódio da sua primeira série de televisão. Só me diga sobre o que é.”

“A ideia é muito ruim.”

“Bom, então não usem.”

“Simples assim?”

“Você diz que é uma ideia muito ruim, mas, quando eu ler, vou perceber que no fundo é genial?”

“Não.”

“Então é simples assim. Ideias ruins nunca são uma boa maneira de... Bom, na verdade, nunca são uma boa maneira de fazer o que quer que seja. A ideia ruim é do Bill?”

“É.”

“Promete que amanhã você vai chegar lá e dizer que ele é um idiota?”

“Não.”

“Por que não?”

Ele suspirou.

“Porque a ideia é boa, no fim das contas.”

Ela largou o prato na mesa de centro, foi até a tevê e a desligou.

“Não estou entendendo nada do que você está dizendo.”

“É”, falou Tony. “Eu sei.”

“Me ajuda a entender?”

Ele suspirou.

“É sobre sexo.”

“Sério?”

“É.”

“Sobre a vida sexual deles?”

“É.”

“É uma ideia brilhante”, disse June.

“É”, falou Tony.

“Se a série for inteligente e divertida, e vai ser, todo mundo vai assistir. E vai ter um ar jovem e contemporâneo.”

“É.”

“Você não quer fazer?”

“Quero, quero.”

“Então qual é o problema?”

“O casamento entre Barbara e Jim não é consumado porque ele está tendo dificuldades com isso.”

“Ah.”

“Ideia do Bill.”

“Posso imaginar.”

“Não era pra eles serem eu e você”, disse Tony. “Mas a coisa foi indo pra esse lado, e senti que não dava pra evitar sem acabar me entregando demais.”

“Vocês encontram uma solução no final?”

“Sim.”

“Então vou gostar de ver”, falou June.

Ela ficou de pé, beijou-o na cabeça e ligou de novo a tevê.

8.

Dennis tinha sido agraciado com Bert como diretor. Sem discussão, e certamente sem que lhe fosse oferecida alguma alternativa. Bert simplesmente aparecera em seu escritório abanando no ar um comunicado.

“Sei que você não achou meu trabalho lá grande coisa naquela *Comedy Playhouse*”, falou Bert.

Dennis ficou esperando que ele continuasse com um “mas”, indicando que estava disposto a aprender, ouvir conselhos e melhorar, mas nada. Bert provavelmente esperava que Dennis o tranquilizasse de alguma forma, o que o produtor não via por que fazer. Tinha se sentido frustrado pela aparente determinação de Bert em fazer *Barbara (e Jim)* parecer igual a qualquer outro programa cômico até então levado ao ar pela BBC. Dennis compreendia que não dava para inventar muito numa comédia gravada ao vivo no estúdio, mas Bert dirigia burocraticamente, desinteressado de qualquer espontaneidade, alérgico a qualquer coisa que pudesse envolver colaboração.

“Não quero que *Barbara (e Jim)* pareça com nenhuma outra série cômica”, falou Dennis. “Quero que passe uma sensação de

jovialidade e frescor.”

Bert bufou.

“Sou o cara errado pra isso”, disse. “Olha só pra mim.”

Dennis fez o que ele pedia e viu um sujeito rabugento de meia-idade.

“Marcação ensaiada até sábado à noite é tudo o que me interessa”, disse Bert.

“E o programa?”, quis saber Dennis. “Não interessa?”

“Se a marcação estiver ensaiada até sábado à noite...”

“Então a resposta é sim. Deixar a parte técnica pronta no sábado abre espaço para o conteúdo, no domingo.”

Bert piscou lentamente, feito um sapo.

“Estava pensando na música-tema e na abertura”, continuou Dennis. “Quero alguma coisa diferente.”

“Ah, meu Deus”, falou Bert. “Lá vamos nós.”

“Você costuma se envolver nessa parte?”

“Não, obrigado.”

“Então qualquer coisa que eu fizer está bom pra você?”

“Não. Claro que não. Não se meu nome vai aparecer nisso.”

“Certo”, disse Dennis. “Fazemos como, então?”

“Você vai lá e me traz sua música-tema e sua abertura”, respondeu Bert. “Aí eu digo que não gostei.”

Dennis queria que a música refletisse as diferenças entre os dois personagens, e encomendou o trabalho a Ron Grainer, autor das trilhas de *Maigret* e *Steptoe*.

“Ora”, disse Grainer, depois de ouvir o que Dennis estava imaginando. “Só na sua cabeça mesmo.”

“Sério? Achei que ia ficar legal.”

“Vai ser um caos.”

E foi isso mesmo quando, uma semana mais tarde, Grainer tocou o que havia feito para Dennis ouvir. Trinta segundos de um refrão

pop, seguidos de trinta segundos de jazz contemporâneo, e assim por diante. Dois gatos se engalfinhando.

“Não tenho muita certeza de que é uma boa ideia ficar cortando de uma coisa pra outra desse jeito”, falou Grainer.

Estava sendo delicado, e Dennis agradeceu. Grainer podia ser perdoado por questionar sua competência profissional.

“Alguma sugestão?”, perguntou Dennis.

“Eu pegaria uma banda pop pra tocar uma melodia de jazz, ou então botaria um saxofonista de jazz pra tocar uma música dos Beatles ou algo do tipo.”

Uns dias depois, Dennis tinha sua música-tema. Ron Grainer pedira a um produtor de discos chamado Shel Talmy, da Decca Records, que lhe indicasse um guitarrista de estúdio, e Talmy lhe sugeriu um rapaz chamado Jimmy Page. Sob supervisão de Grainer, Page executou “So What”, de Miles Davis, num estilo meio *blues band* — fantástico, Dennis achou.

“Ah, porcaria”, disse Bill, quando escutou.

“Qual é o problema?”

“Não é esse tipo de roteiro que a gente está escrevendo”, falou Tony.

“E que tipo de roteiro vocês estão escrevendo?”, quis saber Dennis.

“Esse tema aí é todo classudo e climático”, disse Bill. “Não somos classudos nem climáticos. Manda o sujeito tocar ‘Freddie Freeloader’.”

“O que é isso?”

“A próxima faixa do LP.”

“Como ela é?”

“Daaa, da... Daaa, da... Daaa, da... Daaa, da... Dada, dada, dada.”

Dennis balançou a cabeça ao ritmo da música, ponderando. Entendia qual era a ideia de Bill.

“Não é divertida”, falou Bill. “Mas pelo menos é pra cima.”

Dennis chamou Jimmy Page para executar “Freddie Freeloader” na tarde seguinte. Agora já havia gasto cinquenta e oito libras do orçamento de quarenta que se propusera para a música-tema. Planejara contratar um fotógrafo de verdade, David Bailey ou Lewis Morley, para fazer a foto de Sophie, e um fotógrafo local de casamentos para fazer a de Clive, mas o orçamento estourado tornou impossível esse plano. Em vez de pagar pelas fotos, passou um dia inteiro coletando objetos — batons, cachimbos, sobrecapas de livros e minissaias — que pretendia que fossem representativos do casal e, em seguida, arranjou um sujeito da própria tevê para clicá-los contra um fundo branco de compensado. Ficou bem melhor do que ele esperava. Levantou as fotos no ar enquanto punha para tocar a música-tema e sentiu, de repente, um breve arrepio pelo que poderia vir a ser aquilo.

Bert odiou tudo, a música e as fotografias.

“Você quer que todo mundo simplesmente desligue a tevê antes do programa começar?”

“Não acho que isso vá acontecer”, respondeu Dennis.

“Ah, vai”, falou Bert. “Eu desligaria.”

“Claro que você desligaria”, disse Dennis. “Nem precisava dizer.”

“E a patroa também”, continuou Bert.

“Você não vai dizer a ela pra não desistir do programa porque a direção é sua?”

“Posso tentar”, falou Bert. “Mas não vai adiantar nada. Não com essa barulheira aí.”

“Então sua objeção é particularmente à música?”

“E às fotos.”

“Certo. Você e sua patroa desligariam a tevê porque essas imagens na abertura não agradam.”

“Não”, disse Bert, paciente. “A gente desligaria por causa da música.”

“Então, se a abertura fosse silenciosa...”

“A gente ia achar que o som da tevê tinha pifado.”

“Bert”, falou Dennis. “O que estou tentando fazer aqui é entender onde está sua objeção às imagens. Já entendi que você não gosta da música...”

“É uma droga.”

“... mas qual é o problema com as imagens?”

Bert deu uma repassada nas fotos.

“Gosto quando uma comédia abre com um pequeno cartum”, ele disse.

“Achei que a gente podia tentar algo mais ousado”, falou Dennis. “Alguma coisa um pouco diferente.”

“Bom”, disse Bert, “coisas diferentes nunca funcionam.”

Mais tarde, naquele mesmo dia, depois de uma conversa com Tom Sloan, Dennis se tornou produtor e diretor de *Barbara (e Jim)*. Imediatamente foi procurar o cenógrafo: queria que a sala de estar do casal estivesse na última moda e fosse a mais jovial da tevê. A cada sugestão do cenógrafo — paredes brancas! Pôsteres de arte moderna! Móvel dinamarquesa! — Dennis sentia que o fantasma de Bert e todos os outros do antiquado entretenimento leve inglês eram despachados para as ruas de Shepherd’s Bush.

Ao final da leitura, Dennis imitou o Big Ben para dar a entender que o casamento entre Jim e Barbara tinha se consumado, mas ninguém riu ou aplaudiu. Bill e Tony estavam ocupados tentando decifrar a expressão de Sophie e Clive; os dois, com o rosto inexpressivo, estavam ocupados folheando de trás para a frente o roteiro e tentando entender o que, exatamente, era sugerido ali sobre a vida sexual dos personagens.

1. BARBARA: Ora.

2. JIM: "Ora" não é a resposta que eu estava querendo.

3. BARBARA: Qual é a resposta que você estava querendo?

4. JIM: Imagino que... mais um "não" do que um "ora".

5. BARBARA: Ah.

6. JIM: Agora já temos "ora" e "ah".

7. BARBARA: É.

8. JIM: E "é". "Ora", "ah" e "é".
Tudo menos "não".

9. BARBARA: Huummm.

10. JIM: E agora...

11. BARBARA: Por favor não acrescente "hummm" à lista.
Senão daqui a pouco vamos começar a cantar
"A velha a fiar".

12. JIM: É possível pra você responder "não"?

13. BARBARA: Não.

(Pausa em que Jim tenta entender o que significava aquela resposta.)

14. JIM: Não, não é possível? Ou sim, é possível, e você acabou de dizer?

15. BARBARA: E quanto a você?

16. JIM: Não.

17. BARBARA: Simplesmente... não? Caramba.

"Nessa minha fala...", começou Sophie.

"Sim?", atendeu Bill.

"Ah. Tá. Tudo bem."

"Em que página?"

"Na quinze."

"Diga lá."

"Bom. Isto aqui quer dizer o que eu acho que quer dizer?"

"Sim."

"E a gente pode dizer?"

"Não estamos dizendo."

"Bill", interveio Dennis, paciente, "não me incomode de discutir o assunto com o Andar de Cima. Mas vamos ser honestos com o elenco. Sim, Sophie. A gente está dizendo..."

“Sugerindo”, falou Bill.

“Estamos dizendo, sim, que a Barbara tem experiência com sexo.”

“Ah, caramba.”

“Mas não precisamos dizer”, continuou Dennis, “se você não se sente confortável.”

“Ah, não?”, disse Tony. “O que você sugere então, Dennis?”

“O que te incomoda na fala, Sophie?”, quis saber Dennis.

“Ah, umas coisinhas à toa, sabe. Meu pai e minha tia Marie, e...”

“Mas eles sabem que é só encenação.”

“Mais ou menos. Não tenho muita certeza de que entenderam. Sabe como é, a Barbara é de Blackpool e eu também. Ela se chama Barbara e eu também. É confuso.”

De repente Sophie se deu conta de que todos olhavam para ela.

“Você se chama Barbara?”, perguntou Clive.

“Ah”, falou Barbara. “Bom, é. Chamava.”

“Quando?”

“Até uma semana antes da gente se conhecer.”

“Por que você não disse nada quando decidimos dar o nome de Barbara pra personagem?”

“Não sabia o que eu podia dizer ou não, naquele momento. Por favor, não fiquem me chamando de Barbara o tempo todo agora.”

“É sério que você já se acostumou a ser chamada de Sophie?”

Ela pensou um pouco e percebeu que sim. Uma parte dela sentia como se sua vida só tivesse realmente começado quando se mudara para Londres, o que significava que a maior parte da vida ela tinha se chamado Sophie.

“Sim”, respondeu. “A Barbara é uma personagem fictícia da série que estamos fazendo.” Era assim que sentia.

“Podemos falar de mim agora?”, retomou Clive. “Vocês estão dizendo aqui que eu sou... virgem?”

“Ah, você parece minha tia Marie”, disse Sophie. “É o Jim que é virgem. E ele não é real.”

“Sim, mas... as pessoas vão acreditar nisso?”

“Por que não acreditariam, Clive?”

Sophie podia perceber que estavam todos tentando segurar uma gargalhada, mas Bill era tão bom em fazer cara de paisagem que tinha sido encarregado de levar adiante a gozação.

“Sei que o Jim é fictício, mas eu...”

“Sim?”

Clive se interrompeu e tentou uma abordagem diferente.

“As coisas não são ao contrário? Normalmente? Não é o homem quem tem experiência com sexo e a mulher não?”

Bill soltou um gemido e ficou olhando para Clive com pena.

“Que foi?”

“É, isso mesmo”, disse Tony. “E meio que toda a graça do roteiro está aí. Não sei se você reparou, mas estamos tentando mostrar as coisas do modo menos convencional possível.”

“Nesse caso”, falou Clive, “vou precisar simplesmente me lixar pro fato de não estar sendo nada modesto e expressar minha outra objeção, que é: ninguém vai acreditar nesse negócio.”

“Em qual parte?”, quis saber Tony.

“Não me refiro à experiência da Barbara... Com isso ninguém vai implicar. Sem querer ofender.”

“Estou muito ofendida”, disse Sophie.

“É o Jim. O Jim, na minha cabeça, não é virgem.”

“Não achei que seria, na sua cabeça.”

“Posso interpretar um sujeito inseguro com cara de intelectual tímido e tudo o mais. Mas não posso fazer nada quanto à minha aparência.”

“Não achei que você teria coragem de chegar a esse ponto”, falou Dennis. “Mas teve.”

“Não vou me desculpar pela minha franqueza.”

“Não sei bem se entendi sobre o que ele está sendo tão franco”, disse Sophie.

“O Clive acha que é bonito demais pra interpretar um virgem”, explicou Tony.

Sophie deu risada. Clive pareceu magoado.

“É uma objeção séria”, falou Clive. “Sabia que iam zombar de mim por causa disso, o que não torna meu argumento menos válido.”

“O sujeito não precisa usar óculos e ter espinhas pra ser virgem”, disse Bill.

“Entendo, mas... Você não acha que está estampado na minha cara?”

Bill franziu o nariz, enojado.

“O que está estampado?”

“Que sou experiente.”

Sophie olhou para ele, já que pedia que o escrutinassem, e chegou à conclusão de que, ainda que provavelmente ele tivesse dormido com uma porção de garotas, havia ali uma inocência que poderia ser confundida com inexperiência sexual. Clive não era alguém que tinha vivido muito, até onde ela podia perceber. Tinha era passado tempo demais à espera de que alguma coisa lhe acontecesse.

“E por que eu... Por que eu preciso continuar virgem até o fim do episódio?”, continuou Clive.

“O que a gente está sugerindo”, disse Tony, “é que você... é um desastre no negócio, sabe?”

“E isso significa que...?”

“Bom. Tem vários tipos de desastre, obviamente. O que estávamos imaginando era você sofrer de impotência.”

Clive desabou na cadeira. Não conseguiu falar durante algum tempo.

“Onde diz isso?”

“Não diz.”

“Ah, caramba. E onde está sugerido?”

“Na página nove. Você entendeu alguma palavra do que foi lido agora há pouco?”

“Só leio as falas. Não penso sobre elas.”

Ele percorreu a página.

“Ah, Cristo. ‘Defeito hidráulico?’ Que tal se depois que esse primeiro episódio for pro ar eu fosse direto procurar um advogado?”

“Um advogado?”

“Algum processo isso deve render. Calúnia. Difamação. Alguma coisa.”

“Você estaria processando um personagem fictício que concordou em interpretar. Se isso for parar num tribunal, pode contar que estarei lá todos os dias do julgamento.”

“Eu nunca deveria ter concordado com aqueles parêntesis”, falou Clive. “Vou dizer isso pelo resto da vida.”

“Talvez tenham sido os parêntesis que nos deram a ideia”, disse Tony. “São meio que uma pontuação *caída*, não são?”

“Bom”, falou Clive, “escrevam o que estou dizendo: ninguém vai acreditar nesse negócio.”

Ele estava errado. Acreditaram e amaram e continuaram amando. Tinham um tipo de vida antes do primeiro episódio e passaram a ter outro depois, a noite em que o programa foi transmitido encerrando a vida anterior. Todos se lembrariam dessa transmissão num ou noutro momento dos anos seguintes, e jamais deixavam de se surpreender pela lembrança: sua nova vida tinha então nascido, mas estavam à frente da televisão na companhia de pessoas que pertenciam à sua vida antiga. Sophie foi para casa para ver com o pai e a tia Marie; ele ficou chocado, confuso e orgulhoso, tentando antecipar piadas e o desenvolvimento da trama, e sempre errando, para em seguida argumentar que sua versão das coisas era melhor,

o que significa que perdeu metade das falas e todas as sutilezas de timing e ênfase. Dennis viu o programa com Edith, que não deu sequer uma risada e, ao final, disse que tinha ficado realmente muito bom, para quem gostava daquele tipo de coisa. Clive não resistiu a ir para casa, em Eastleigh, e ver com Cathy, sua mãe e, a maior recompensa, seu incrédulo pai, o qual voltara ao normal no fim do episódio. Gostara mais dos parêntesis e do defeito hidráulico do que da atuação de Clive, declarou, e disse a Cathy que ela tinha se livrado de uma boa. Tony assistiu com June, que chorou de orgulho quando o programa terminou; tinham convidado Bill para ver com eles, mas o roteirista foi para Barnet, na casa dos pais, os quais ele sentiu, sem ter absolutamente nenhuma evidência para tanto, que estavam aliviados com o conteúdo sem dúvida heterossexual da série. Depois daquela noite, pertenciam uns aos outros tanto quanto pertenciam a todo mundo.

RESENHA DA TV:
BARBARA (E JIM)

O leitor provavelmente se lembra de Barbara, a moçoila de Blackpool curvilínea e cheia de energia que, num recente e particularmente notável episódio de *Comedy Playhouse*, saltou arrebatadoramente da tela para nossa sala de estar; talvez o leitor se lembre até mesmo de Jim — ou, conforme o título cruel do programa, (Jim), o sortudo que conquistou a moça num pub do West End onde ela trabalhava. Jim é, agora, um belo mas impotente, marido dos Home Counties, e trabalha com o sr. Wilson na sede do governo, Downing Street, número 10. Mas, como Barbara (e o próprio Jim) virou série na BBC, será tão difícil esquecê-los quanto como seria esquecer os familiares mais próximos.

Falamos aqui, claro, de uma série cômica, e portanto deveríamos hesitar antes de invocar os praticantes de outras e maiores formas de arte. Mas o soberbo trabalho de Tony Holmes e Bill Gardiner (autores do popular, mas genérico, *Esquadrão trapalhão*, no rádio), com sua cuidadosa atenção às cadências e aos ritmos da fala comum, e sua afeição a tipos que, até poucos anos atrás, se encontravam sub-representados em qualquer forma dramática ou ficcional, traz à mente a obra dos senhores Braine, Barstow e Sillitoe; nenhum desses autores, porém, é famoso por suas piadas, de modo que se deve, evidentemente, reconhecer no sr. Holmes e no sr. Gardiner as influências de Ray Galton e Alan Simpson, e talvez até de Kingsley Amis.

Ainda não apareceu, no entanto, uma série de Galton e Simpson que tenta abordar as relações entre homens e mulheres, e especificamente as relações entre maridos e esposas; tampouco os criadores de *Hancock's Half Hour* se arriscaram, até hoje, a ir buscar seus personagens ao norte de Watford. O sr. Holmes e o sr. Gardiner, ambos de Londres, abastecem Sophie Straw, a jovem e até há pouco desconhecida atriz que interpreta Barbara, com diálogos, aos nossos ouvidos, admiravelmente autênticos; a moça deve agradecer, a cada dia de trabalho, a sorte de ter encontrado autores com tamanha percepção. Ela, porém, os recompensa às pencas, pois a srta. Straw é a atriz cômica mais extraordinariamente talentosa que surgiu desde a guerra. Não poderia brilhar a esse ponto sem o sutil, modesto e, no entanto, marcante trabalho de Clive Richardson, outro egresso do *Esquadrão trapalhão*, mas é a srta. Straw a revelação e a alma da série.

O episódio de ontem à noite revelou, de forma chocante, que o casamento entre Barbara e Jim ainda não havia se consumado — uma situação lamentável que tinha sido claramente resolvida ao final do programa, quando soaram em êxtase e como divertida metáfora os badalos do Big Ben. De fato, a revelação pode ser chocante demais para alguns, e suspeitamos que, no momento em que escrevemos, o diretor-geral da BBC deve ter diante de si, consternado, milhares de cartas de telespectadores alucinados pedindo que ele renuncie. O que ele não deveria, em hipótese alguma, fazer. O próprio fato de algo como *Barbara (e Jim)* existir indica o nascimento de uma Grã-Bretanha moderna, pronta a reconhecer que seus cidadãos são tão obcecados por sexo quanto seus vizinhos do outro lado do Canal, e que aqueles que não tiveram o privilégio de uma educação em escola particular ou na universidade são tão capazes de fazer observações inteligentes e divertidas quanto aqueles que tiveram — talvez mais ainda, se o pobre Jim servir de parâmetro. Esse casamento pode, com o tempo, vir a sintetizar tudo o que apenas começamos a pensar sobre o país; quem sabe não tivesse acontecido antes, não fossem a guerra e os longos anos de austeridade que se interpuseram. Barbara (e Jim) não poderiam ser guias melhores, mais divertidos ou agradáveis para uma década que parece, enfim, livrar-se do peso morto da anterior.

The Times, 11 de dezembro de 1964

9.

A entrevista fez Sophie se mexer. Ela odiava a ideia de que pudesse ser apanhada numa mentira, então encontrou um apartamento na vizinhança que já tinha descrito — para Diane e as leitoras de *Crush* —, na Kensington Church Street, um pouco para cima da Derry & Toms. Se quisesse, podia cruzar a porta da frente e, em dez minutos, chegar à sua antiga seção para comprar cosméticos. Um pouquinho mais adiante ficava a Biba, na Abingdon Road. Caminhou até lá na primeira manhã em que acordou na própria cama e comprou um vestido marrom de risca de giz.

Marjorie parecia achar que elas se mudariam juntas.

“Ah”, disse Sophie. “Não.”

“Por que não?”

“Bom”, falou Sophie. “Porque lá só tem um quarto.”

“Aqui só tem um quarto.”

“É”, disse Sophie. “E eu pensei que nenhuma de nós duas gostasse desse esquema.”

“Não gostamos”, falou Marjorie. “Queria que você se mudasse pra um lugar com dois quartos.”

Sophie não tinha, na verdade, imaginado Marjorie como uma dependente, alguém para ficar carregando até que arranjasse um casamento, ou uma promoção, ou a própria série de tevê.

“A gente nunca conversou sobre ficar juntas”, disse Sophie.

“Não achei que fosse necessário”, falou Marjorie. “Pensei que era simplesmente natural.”

“Não”, respondeu Sophie. “Não é.”

Aquele grau de assertividade soava desconfortável, e Marjorie podia senti-lo.

“Você tem sorte”, falou.

“Eu sei.”

“Não acho que saiba.”

“Mas sei.”

“É tudo questão de aparência”, disse Marjorie. “Sério, eu arrancaria seu rosto e seus seios e colocaria em mim, se achasse que faria alguma diferença. Não sei o que faria quanto à cintura. Não dá pra roubar uma cintura, uma pena mesmo.”

Ah, droga, pensou Sophie. Isso de novo, não. Não podia mais dividir um apartamento com Marjorie, não com todos aqueles objetos cortantes à mão.

“Você também não tem como roubar seios e rostos, na verdade”, falou Sophie.

“Não, mas pelo menos são coisas concretas. Uma boa cintura é meio que a ausência de alguma coisa, não é?”

“Enfim”, retomou Sophie, que sentia que estavam se desgarrando do assunto imediato, “sei como tive sorte.”

“Mas não quer dividi-la.”

“Somos colegas de quarto, Marjorie. Não sei se te devo alguma coisa.”

“Muito, acho.”

“Estou vendo.”

“Acolhi você quando não tinha pra onde ir.”

“Você estava procurando alguém pra rachar o aluguel.”

“Tem sempre dois jeitos de ver as coisas.”

Não havia nada que se pudesse fazer quanto à sorte, se era isso que Sophie tinha. Ela estava percebendo que, enquanto durasse, as pessoas iam querer um pouco.

“Você vai conseguir outra pessoa”, falou. “O apartamento é bom.”

“Não é.”

“É prático pra quem trabalha na loja.”

“Então é isso?”, disse Marjorie. “Você vai simplesmente... embora?”

“Parece que sim”, falou Sophie. “Mas vou deixar pago mais um mês de aluguel.”

“Uau, que rica.”

Sophie só queria tirar suas coisas dali o mais rápido possível.

Sua casa em Blackpool tinha mobília escura, papel de parede e quadros de cavalos nas paredes. A mobília era herança de seus avós, e não podia ser de muito valor; os quadros de cavalos haviam sido comprados na Woolworths. Mas todas as casas que ela visitava eram iguais, mesmo as de pessoas que tinham um pouco de dinheiro — sempre aquela velharia, sempre a sensação de que todas as coisas boas naquele país, as que eram valorizadas, tinham acontecido havia muito tempo, bem antes de ela ter nascido. Antes de se mudar para Londres, Sophie adorava olhar fotos de revistas com os famosos em casa, gente jovem, estilistas, cantores e astros de cinema, e ficava encantada com as paredes brancas e as cores vibrantes. Será que de fato só os jovens queriam passar uma tinta sobre a tristeza dos vinte e cinco anos anteriores? A primeira coisa que ela fez ao se mudar foi arrancar o papel de parede marrom e contratar um rapaz para pintar as paredes de branco. Assim que tivesse dinheiro e tempo, arranjaría coisas para pendurar nas

paredes. Não importava o que seriam, desde que fossem amarelas, vermelhas e verdes, e que ficassem de fora barcos e castelos, e que nada, em lugar nenhum, tivesse quatro patas.

Comprou duas cadeiras estilo Le Corbusier, tapetes afegãos, uma cama, dois pufes e até, na Habitat da Fulham Road, alguns potes de vidro para guardar macarrão, ainda que nunca na vida tivesse comprado ou preparado macarrão. As primeiras pessoas a visitá-la foram Brian e a esposa; apareceram para aperitivos antes de levá-la para jantar. O primeiro a passar a noite foi Clive.

No dia seguinte à transmissão do primeiro episódio, com suas desastrosas insinuações, Clive decidiu que precisava partir para uma desesperada campanha de relações públicas que incluiria ir para a cama com o maior número possível de garotas, e quanto mais indiscretas fossem, melhor. Quando a sequência chegou a Bev, uma coisinha adorável que ele seduziu na festa de lançamento de um novo cabaré na Glasshouse Street, a nudez feminina começava a lhe parecer meio esquisita, o que o impediu de apreciar a ocasião como deveria. Não achava que ela tivesse notado. Era, afinal de contas, um bom ator e, ao contrário de Jim, nunca sofrera de nenhum bizarro problema psicológico e/ou fisiológico. Era quase que infalivelmente confiável, mas, como raramente ia para a cama com a mesma garota por mais do que algumas semanas, não recebia tantos comentários elogiosos quanto considerava merecidos. Um bom argumento para se casar, ele imaginava, talvez o melhor que já havia encontrado. Se dormisse com a mesma mulher sempre, ela saberia perfeitamente quanto era solícito e confiável.

“Posso dizer que te curei?”, falou Bev quando tinham terminado.

“Que me curou?”, respondeu Clive, como se não soubesse o que ela ia dizer em seguida.

“No primeiro episódio de *Barbara (e Jim)*...”

“Ah”, ele disse. “Tá. Entendi o que você está querendo dizer. Tinha esquecido completamente esse negócio.”

Desde então, dois outros episódios tinham ido ao ar, nenhum deles, felizmente, com referências à sua inadequação como marido; ele instigara Bill e Tony a incluir referências à sua subsequente adequação como marido, apenas para auxiliar o público na percepção de um quadro mais completo do casamento, mas até ali os roteiristas não haviam mostrado nenhum interesse por seus comentários.

“A questão é que eu já estava curado no final do episódio”, continuou Clive. “Não lembra? Os badalos do Big Ben e tudo o mais?”

“Na verdade não entendi muito essa parte”, falou Bev. “Achei que já era noite de Ano-Novo.”

“Não”, disse Clive. “Os badalos representavam conciliação sexual satisfatória.”

“Não percebi”, falou Bev. “Mas adoro o programa. Agora não saio mais de casa às quintas.”

Bev não estava só. Tinham começado com dez milhões de telespectadores e, até ali, outro milhão a cada semana havia se somado ao público inicial.

“Como ela é?”, quis saber Bev.

“A Sophie? É ótima.”

“Você devia ficar com ela.”

O tom não era nem um pouco melancólico. Bev parecia estar falando como fã do programa, mais do que como sua amante.

“Você acha?”

“Acho. Você não consegue imaginar?”

“Imaginar o quê?”

“Vocês seriam o Burton e a Taylor da BBC. Todo mundo iria à loucura.”

“Sério?”

“Bom, eu adoraria ver, e estou numa cama com você.”

Aquela observação foi bastante persuasiva.

Numa noite de sábado, depois do ensaio técnico para o quarto episódio, Clive levou Sophie ao Trattoo, bem perto do novo apartamento dela. Disse que Spike Milligan e Peter Sellers eram frequentadores assíduos, mas não viram nem sinal de nenhum dos dois. Na ausência de uma celebridade de verdade, cabeças viraram na direção do casal que entrava no restaurante, e as pessoas começaram a falar baixo. E, porque ver os demais clientes cochichando foi surpreendente, Clive e Sophie passaram a cochichar também.

“Estão falando baixinho porque viram a gente chegar?”, perguntou Sophie.

“Acho que sim”, disse Clive.

“Caramba”, falou Sophie.

“Pois é”, disse Clive.

“Isso já tinha acontecido com você?”

“Você quer dizer por causa do meu trabalho no *Esquadrão trapalhão*, no rádio?”

“Que esquisito. O que a gente faz?”

Uma senhora na mesa atrás de Clive sorriu para ela. Sophie sorriu de volta.

“Vamos dar a eles algo de que falar.”

Pegou as mãos de Sophie e a olhou nos olhos. O cochicho não aumentou de volume, porque todas as pessoas ali estavam muito bem vestidas e sabiam se comportar, mas o zum-zum ficou mais intenso: o “zzz” virou uma só massa sonora até que o recinto parecesse a savana africana, e então Sophie teve um ataque de risinhos. Clive fez cara de ofendido.

“Desculpe”, ela disse. “Você fez isso a sério?”

“Bom”, ele falou. “Fiz, sim.”

E foi assim que a relação dos dois começou. Teve mais, claro. Teve o vinho e a comida deliciosa, e Sophie chegando à conclusão de que Clive era, de fato, muito bonito. Depois do jantar, eles voltaram pela rua de mãos dadas e ela o convidou para entrar, e beberam um pouco mais, e então foram para a cama dela e fizeram amor. Clive não teve nenhum tipo de dificuldade, de modo que não se incomodou quando, depois, ela se referiu brincando ao pânico de Jim no primeiro episódio. Mas não parecia a mesma coisa de antes, quando ficaram a sós. Foi como se a graça de formarem um casal tivesse se perdido. Não tinham como dar às pessoas o que elas queriam, uma vez que não havia ninguém por perto para ver.

Perto do final da série, Tony e Bill se viram quase sem inspiração e voltaram a rondar perigosamente o território de *Gambols*. Tudo o que tinham para o último episódio era uma ideia sobre uma nova secretária que começava a trabalhar no escritório de Jim, na sede do governo.

“Deixa eu adivinhar”, falou Clive, ao ver a folha de rosto do roteiro. “Jim contrata uma nova secretária e Barbara fica com ciúmes.”

Tony e Bill não disseram nada.

“Ah, Cristo”, disse Clive.

“Lendo as falas, é engraçado”, falou Bill.

Clive fechou os olhos e abriu numa página ao acaso.

“Não faça isso, seu patife”, disse Tony.

“Se lendo as falas é engraçado...”

“Sim, mas você vai ler de um jeito pra não sobrar nada de bom.”

“Então é isso que eu faço normalmente? Muito obrigado.”

Ele leu uma das falas em voz alta, mesmo assim.

“Nem reparei se ela é um homem ou uma mulher.”

Silêncio ao redor da mesa.

“Tento outra vez? ‘Nem reparei se ela é um homem ou uma mulher.’ Me deem uma ajudinha aqui”, disse Clive. “Digam como arrancar o máximo de graça dessa tirada em particular.”

“Não seja imbecil, Clive. Você sabe que não é assim que as coisas funcionam.”

“É uma situação tediosa”, continuou Clive. “Essa da nova secretária já foi encenada até cansar.”

“Você não leu o roteiro. Como sabe se a gente não achou um ângulo novo?”

Tony soltou um gemido.

“Pra que isso?”, disse para Bill. “Você sabe que não achamos.”

“Acabei de pegar esse roteiro”, falou Clive, “mas posso dizer o que tem nele.”

Ninguém o incentivou a prosseguir, mas ele foi adiante de qualquer jeito.

“Jim contrata uma nova secretária. Barbara enfia na cabeça que essa secretária tem a aparência da Marilyn Monroe e a conduta moral da Fanny Hill. Ela arranjar um pretexto pra ir visitar Jim no escritório. Acaba que a nova secretária é uma catequista gorda com bigode e óculos fundo de garrafa.”

Desta vez o silêncio foi muito, muito longo.

“Você não vai ficar feliz enquanto a gente não se enforcar, não é?”, perguntou Tony.

“É muita cara de pau”, disse Clive. “Vocês voltaram pra *Gambols*. George Gambol arranja uma secretária nova por mês.”

Gambols estava se tornando uma doença, feito sarampo ou caxumba. No momento em que Barbara dava de ter ciúmes ou Jim começava a passar muito tempo mexendo no carro, Tony e Bill sabiam que o roteiro não estava indo muito bem.

“Tá certo”, falou Bill. “Vamos fazer o contrário do que o Clive está esperando. Digamos que a Barbara tenha com o que se preocupar.”

“Melhorou”, disse Clive. “O Dennis pode trazer uma boneca linda e sonsa pra fazer a secretária e...”

“Quem?”, quis saber Dennis.

“Sei lá”, respondeu Clive. “Tem um milhão delas por aí.”

“Diga o nome de uma”, falou Dennis.

“A Anne Richards é bem bonitinha.”

Anne Richards era uma antiga colega de LAMDA que Clive tinha papado recentemente. Ela ficaria grata pela vaga.

“Não queremos alguém bonitinha”, disse Dennis. “Queremos alguém que seja um deslumbre completo.”

“Por quê? Uma bonitinha daria pro gasto.”

“A Barbara não se assustaria com uma bonitinha”, continuou Dennis. “Nossa protagonista é uma loira bombástica de vinte e um anos de idade...”

Tony e Bill estremeceram. Sophie também, quando percebeu o deslize de Dennis.

“Protagonista?”, disse Clive.

“Quis dizer protagonista feminina...”

“Só que não disse”, falou Clive. “Eu nunca deveria ter concordado com aquelas porcarias de parêntesis. Foi um erro terrível.”

“Lá vamos nós de novo”, disse Tony.

“Sabem o que vai estar escrito na minha lápide?”, perguntou Clive. Ninguém mostrou o menor interesse em saber. “Aqui jaz um ator desconhecido. Ele jamais deveria ter concordado com os parêntesis.”

“Ah, você não vai sobreviver nem mais um ano”, respondeu Tony. “Mato você antes.”

“Nossa protagonista *feminina* é uma loira bombástica de vinte e um anos de idade”, retomou Dennis. “Ela já é muita areia pro caminhãozinho do Jim. E ele trabalha na sede do governo, um lugar que, cá pra nós... Bom, que não é conhecido pela, pela...”

“Qualidade do material”, disse Clive, prestativo.

“A Barbara é jovem, linda, não tem filhos, anda na moda... Mesmo que o Jim fosse totalmente fisgado pela nova secretária, o público teria dificuldades pra acreditar que ela representa qualquer tipo de ameaça.”

“Especialmente com o Clive tentando arrumar trabalho pra uma das suas ex-namoradas rodadas da LAMDA”, falou Bill.

“Isso me ofende”, disse Clive.

“Qual parte?”

Clive pensou um pouquinho demais, o que provocou risadas cruéis dos roteiristas.

“Tenho minhas dúvidas”, continuou Dennis, “se a velha trama da nova secretária não serve só pra um casamento mais longo com uma mulher mais... acabada.”

“Mulheres jovens podem ter ciúmes”, interveio Sophie.

“Mas ninguém ia entender por quê, essa é que é a questão”, falou Dennis.

Uma das coisas que adorava nos ensaios era que podia, aqui e ali, contrabandear um elogio e ninguém reparava.

Tony e Bill estavam taciturnos.

“Parece que temos o resto do dia de folga”, disse Clive. “E viva a imaginação tediosa dos nossos roteiristas.”

Ele ficou de pé e se espreguiçou.

“Você não se esqueceu de hoje à noite, não é?”, perguntou Dennis.

Ele e Edith dariam uma festa. Ninguém ali queria ir: todos temiam Edith e seus amigos, e odiavam o jeito como ela falava com o marido.

“Nem temos um roteiro ainda”, lembrou Tony.

“Vocês têm que ir”, pediu Dennis.

Sabia que o apelo era de quem estava em pânico, mas, se nenhum de seus amigos da BBC aparecesse, seriam apenas Eles, os

Vernon Whitfields da vida, críticos e editores, o show de horrores do *Third Programme*.

“Aquele bando todo não vai estar lá, vai?”

“Que bando?”

“Os críticos, poetas e editores?”

“Não”, disse Dennis. “Insisti pra que só tivesse gente divertida.”

Ninguém acreditou, ele podia perceber.

“Estaremos lá”, falou Sophie. “Não tenho medo.”

Ela olhou ameaçadora para os outros, que cederam. Dennis estava agradecido a eles. Não era toda noite que o amante de sua esposa aparecia em sua casa — não que ele soubesse, pelo menos.

Clive e Sophie foram à festa juntos.

“Tem um monte de gente falando sobre a Edith e Vernon Whitfield”, ele disse a ela no caminho. “Só pra você saber.”

“Parece interessante. O que acontece em Vernon Whitfield?”

Clive bufou.

“Não é um lugar. É um sujeito. Um crítico, tem um programa no rádio, e é romancista etc. etc.”

“Como você sabe disso?”, ela quis saber.

“Não sei. Não com certeza. É um boato. Mas faz todo sentido.”

“Não, digo... Como você sabe que Vernon Whitfield é um crítico que tem um programa no rádio etc. etc.?”

“Ah. Isso não é boato. É mais o que se pode chamar de fato.”

“Mas por que você sabe desse fato e eu não?”

“Você não se interessa muito por críticos com programas de rádio, né?”

“É no *Third* que ele fala?”

“No *Third* e no *Home Service*.”

“Às vezes ouço o *Home*, mas só as comédias.”

“Ele não tem nada de comediante. É o oposto disso. É a pessoa menos engraçada que já existiu.”

“Então o que eu faço?”

“Pra descobrir quem é Vernon Whitfield? Bom, acho que você pode começar escutando o *Third* e aquilo que não é engraçado no *Home*. E lendo os semanários. Mas eu nem me incomodaria, se fosse você.”

“Mas, quando estou conversando com pessoas inteligentes que nem você, posso acabar falando coisas como um piquenique em Vernon Whitfield.”

“Piquenique não é com ele, isso eu garanto.”

“Você entendeu.”

“Você já assistiu àquela série na tevê, *Barbara (e Jim)*?” Ele desenhcou os parêntesis no ar. Sempre fazia isso. “Você ia gostar. A garota da série é bem insegura intelectualmente.”

“Por que você não fez faculdade?”

“Porque fui estudar na escola dramática. Por que você não fez?”

“Você sabe que eu não tinha como. Com quinze anos já estava trabalhando numa seção de cosméticos.”

“E olha só pra você hoje.”

“Enfim”, disse Sophie, “coitado do Dennis.”

“Sei lá. Ele pode se livrar dela.”

“Eu nunca seria capaz de ter um caso com Vernon Whitfield”, falou Sophie, pensativa, o que fez Clive dar muita risada.

“O que foi que eu disse agora?”

“Acho que você vai descobrir que, se oferecesse uma rapidinha a Vernon Whitfield, faria dele um intelectual do rádio muito, muito feliz.”

“Não quero esse tipo de caso.”

“Não tenho certeza de quantas variedades existem.”

“Aposto que o caso que Vernon Whitfield está tendo com a Edith não é do mesmo tipo que teria comigo.”

“Você se surpreenderia.”

“Quem sabe não tento?”, ela disse, maquinando. “Só pra ver como é.”

“Fique à vontade”, ele falou, e riu.

Sophie não entendeu a risada até chegarem ao apartamento de Dennis: Vernon Whitfield não era um homem bonito, no sentido tradicional. Era baixo, usava óculos e dava a impressão de estar nervoso. Ela nunca tinha conhecido ninguém que falasse no *Third Programme*, mas conseguia perceber por que o lugar dele era lá. E o mais estranho: Edith, sim, era bastante atraente. Não era nem um pouco sexy (muito magra, fria demais), mas era alta, muito mais alta que Vernon, e elegante, com um pescoço bem longo que Sophie invejou consideravelmente.

Edith chegou discreta até onde estava a convidada e perguntou se ela não gostaria de completar a taça. Todo mundo que Sophie conhecia parecia ter desaparecido com o propósito de um reencontro do *Esquadrão trapalhão*.

“Vinho tinto”, disse Sophie, estendendo a taça.

“Beaujolais?”, perguntou Edith.

Foi o que bastou para Sophie sentir que não tinha direito de estar naquela festa, de conhecer Dennis, de trabalhar na BBC. Aquilo era tão idiota. Talvez Beaujolais fosse um vinho tinto, talvez não fosse. Quem se importava? Podia simplesmente ter assentido, sorrido, agradecido e bebido o que quer que Edith lhe trouxesse. Em vez disso, travou.

“Beaujolais é um vinho tinto, querida”, disse Edith. “Não estamos tentando te envenenar.”

Sophie podia ter simplesmente saído dali e ido para perto do pessoal do *Esquadrão*. Eles a teriam apresentado aos atores que ela não conhecia, que teriam dito coisas como: “Prazer em

conhecer”, “Parabéns!”, “A gente te adora!”. Mas Edith saía para buscar a bebida dela, de modo que não estava autorizada a se mover do lugar.

“*Salut*”, falou Edith quando voltou, tocando a taça de Sophie.

Ela sorriu. Vernon Whitfield se aproximou para lhes fazer companhia.

“Você conhece o Vernon Whitfield?”, perguntou Edith.

“Já ouvi falar de você, claro”, disse Sophie.

Vernon Whitfield aquiesceu, como se isso fosse inevitável e também um pouco chato.

“Sophie é a estrela do programa de tevê do Dennis”, informou Edith.

“Ah”, falou Vernon Whitfield.

Na cabeça de Vernon, era ele a estrela ali; era ele que dava palestras transmitidas pelo *Third*. O tipo de estrelato de Sophie — dezessete milhões de espectadores, àquela altura, e capa da *Radio Times* (com Jim) — não lhe dizia muito, na verdade.

“Todo mundo tem uma televisão hoje”, ele disse, desaprovando.

“Eu não”, respondeu Edith.

“Bom pra você”, falou Vernon Whitfield.

“Aquilo ali não é uma?”, quis saber Sophie, apontando com a cabeça para o canto da sala de estar.

“Não é minha”, retrucou Edith.

Desdenhou a mera sugestão de que pudesse ser, no que foi acompanhada por Vernon Whitfield. Seria mesmo possível que aqueles dois estivessem tendo um caso? Sophie podia imaginar um acompanhando o outro numa bela desdenhada, mas era só. Não fazia ideia de como Dennis se saía na cama, e não queria pensar muito nisso, mas era capaz de imaginá-lo entusiasmado e gentil. E, além disso, Dennis não parecia em nada com um sapo.

“É engraçado você ter televisão e eu não”, disse Sophie. Era verdade. A Radio Rentals ainda não havia entregado o aparelho.

“Não é minha”, repetiu Edith. “E por que isso seria engraçado?”

“Por que, como Suzy não tem televisão, ela conseguiu encontrar tempo pra ler o último da Margaret Drabble, enquanto a gente não”, interveio Vernon Whitfield.

Aquilo, por sua vez, era ainda mais engraçado do que a ideia de que a televisão da casa de Edith fosse da própria Edith. Margaret Drabble, óbvio, era uma autora; era óbvio também que não se esperava que Sophie a tivesse lido. Ela não era burra. Mas aquela gente a fazia sentir que era. Ficava com medo, e do medo resultava a paralisia mental.

“Nunca li a Margaret Drabble”, disse Sophie.

Era a frase que ela vinha se policiando para não dizer, alguns minutos antes. Tinha saído mesmo assim. E Vernon e Edith tiveram um ataque de risinhos.

Na hora do almoço do dia seguinte, “A nova colega”, título final do anterior “A nova secretária”, estava pronto. Todos, inclusive Dennis, tinham dado palpites, numa longa e animada reunião, movida a álcool, num pub da Hammersmith Grove, bem perto da casa do produtor. Dennis abandonara a própria festa e, mais tarde naquela noite, quando chegara em casa, abandonara também o casamento. Disse a Edith que sabia do caso, que não a amava mais e queria que ela fosse embora. Edith ficou chocada, constrangida e irritada, mas foi. Ele estava bêbado quando falou tudo, o que, na sua opinião, não diminuiu o esplendor do discurso e seu orgulho por tê-lo feito.

“A nova colega” foi concebido como um ato de vingança — contra Edith, pelo que tinha feito com Dennis e Sophie, e com a classe média britânica, e (nada muito específico) com Tony e Bill. Jim convida Edwina, a nova funcionária da sede do governo referida no título, para jantar em casa; Edwina se mostra uma intelectual

socialista que ao mesmo tempo se diverte e se choca com Barbara, tenta tratá-la com condescendência e claramente vê o casamento de Jim como temporário. (Há uma sugestão de que ela se imagina preenchendo a vaga.) Ao longo dos trinta minutos do episódio, Barbara dá um baile em Edwina — de início, para desconforto de Jim, depois para grande deleite do marido. Simplesmente qualquer posicionamento que Edwina tenta adotar — sobre política, artes ou religião — é destroçado por Sophie. Ela não tem a formação de Edwina, claro, mas a companheira de Jim mostra que, com uma inteligência preguiçosa, seu intelectualismo se resume a um monte de suposições levianas e duas pernas longas e finas. (Dennis chamou para o elenco a garota mais alta e grã-fina que foi capaz de encontrar.) Edwina entrega a carta de demissão no dia seguinte e vai trabalhar para o Partido Conservador — o que deixa Barbara, eleitora dos conservadores, bastante confusa e consternada. Foi um episódio que dividiu os críticos, mas os que não gostaram do programa alegaram não acreditar que Barbara pudesse ser tão ágil de raciocínio, e isso basicamente comprovava o sucesso do argumento.

Depois de tirar o último resquício de maquiagem do rosto, Sophie percebeu os primeiros sinais de algo que parecia saudade. Já tinham sido avisados de que a BBC queria outras temporadas, mas só voltariam a trabalhar em alguns meses; e o último episódio da primeira série a fez se dar conta de que um dia haveria o episódio derradeiro, e que não sabia se seria capaz de suportar tal coisa. Não ajudava muito dizer a si mesma que, quando chegasse a hora desse episódio final, ela já estaria cheia daquilo, porque não suportava essa ideia. Queria que tudo continuasse como era, para sempre. Rapidamente mudou o desejo: não assim, não exatamente... Queria que a segunda-feira tivesse passado, com a perspectiva de uma semana inteira de ensaios pela frente e, depois, a gravação. Era só aí que gostaria de parar. Já estava com medo de

nunca mais conseguir ser tão feliz quanto agora, naquela hora, que já tinha passado. Procurou Clive e o levou para casa, cozinhou alguma coisa para ele e fizeram amor. Mas não era trabalho.

A SEGUNDA TEMPORADA

10.

Se Sophie tivesse pedido a Brian alguns meses de tormento planejados especialmente para fazê-la se sentir grata por *Barbara* (e *Jim*) e todo mundo de sua primeira série, ele não faria melhor. Gente de Hollywood a queria em filmes, ele disse, e, como ela não acreditou, mandou um roteiro intitulado *Chemin de Fer*. Ela leu e não entendeu muito bem, então ligou para ele. Não se cansava de estranhar a ideia de que podia pegar o telefone e discar um número, sem precisar colocar moedas.

“Primeira coisa”, ela falou. “O que significa *Chemin de Fer*?”

“O mesmo que bacará.”

“Você vai ter que dizer outra palavra que também signifique a mesma coisa.”

“Zero.”

“Como assim?”

“É um jogo de baralho jogado em cassinos.”

“Ninguém sabe que cassinos existem.”

“Claro que sabem, docinho. Eles até são legais agora. Você está sendo ingênua.”

“Nunca fui a um cassino.”

“Claro que não.”

“Aposto que o Tony e o Bill nunca foram a um cassino.”

“E por que nos interessa saber o que o Tony e o Bill nunca fizeram? Eles são roteiristas da BBC. Nunca fizeram nada na vida.”

Tony e Bill jamais teriam escrito *Chemin de Fer*. Para eles, era importante demais que as coisas fossem reais, e se preocupavam com como uma cena levava à seguinte. Aquele roteiro era um prato preparado com coisas encontradas na despensa que é preciso usar logo antes que estraguem: uma montanha no País de Gales, um cassino, uma loira com seios grandes.

“Eles bem que podiam ter ido. Estão ganhando muito”, disse Sophie.

“Não tanto quanto se ganha na tevê comercial.”

“Digo, comparado com o resto do país. Com gente do norte que trabalha no comércio.”

“Ah, bom”, falou Brian, “não sei se precisamos nos preocupar muito com esse pessoal.”

“Você não quer que eles vejam o filme? Se for só pra gente que joga *chemin de fer*, não vai fazer muito sucesso.”

“Bobagem”, respondeu Brian. “O cassino de Crockford estava lotado na sexta.”

Sophie desistiu.

“Enfim, o que você achou do roteiro?”, Brian quis saber.

“Uma droga.”

“Eles sabem que está uma droga. Chamaram John Osborne pra reescrever. E ele vai colocar um monte de piadas nas falas da sua personagem.”

“Vai explicar por que acabam num tiroteio no País de Gales?”

“Estão numa montanha, Sophie. Não tem montanhas em Paris, nem em Londres, nem sei lá onde você quer que aconteça o tiroteio. Sério. O que está procurando?”

* * *

Sophie percebeu que aquele não era um roteiro que merecesse ser discutido. Ou fazia o filme ou o recusava. Ela não tinha nada mais em vista, o cachê era extraordinário e Brian estava muito empolgado. Se insistia em ser atriz, aquilo era exatamente o tipo de coisa em que deveria estar atuando, ele achava. Estava a um ou dois passos apenas da tinta dourada e dos biquínis, e então o mundo seria seu. Clive, ao mesmo tempo, não parecia estar ligando, tanto fazia se ela desaparecesse no caminho para o País de Gales.

“Digo não pra eles, se você quiser.”

“Por que eu ia querer isso?”

“Porque vai sentir demais minha falta.”

“Vou até o País de Gales ver você.”

“Vai mesmo?”

“Claro.”

“Posso pedir um favor?”

“Qualquer coisa.”

“Você dá comida pro Brando?”

O pessoal de um pet shop de Blackpool, orgulhoso dela, tinha mandado de presente um gato siamês. Foi entregue na BBC por uma van, cujo motorista se recusava a levar o bicho de volta.

“Seria ótimo. Assim mantemos uma ligação enquanto você está fora.”

Clive não foi ao País de Gales. (Tampouco deu comida ao gato. Quando Sophie voltou, Brando tinha fugido.)

John Osborne não estava disponível para reescrever o roteiro de *Chemin de Fer*, afinal. (Sophie sugeriu Tony e Bill, mas os produtores americanos não mostraram interesse.) Um sujeito que tinha escrito alguma coisa para um filme de Dean Martin foi chamado. Colocou três tiradas na boca da personagem dela, duas

das quais foram cortadas antes das filmagens, enquanto a terceira não sobreviveu à edição. Sophie odiou o diretor.

Gostou do ator principal, um cantor pop francês batizado de Johnny Solo, presumia-se que por seu agente, em vez de por um Monsieur e uma Madame Solo. Era charmoso e extraordinariamente bonito, e Sophie, depois de ser caçada por todo lado no hotel em que se hospedavam, não foi mais capaz de lembrar por que estava fugindo, então parou com aquilo. Até onde sabia, não tinha um namorado. Johnny era um desastre como ator, porém, e não falava inglês. Quase todos os dias, Sophie tinha de pedir que interrompessem a gravação, porque só conseguia ficar escutando o sotaque americano do astro francês com expressão séria por períodos curtos de tempo. O roteiro era ruim, o diretor, horroroso, e o ator principal, terrível; era tudo tão desastroso que ela, por sorte, nem precisava se preocupar com o próprio desempenho.

Clive não ligou até alguns dias antes da data marcada para voltarem a ensaiar juntos.

“Onde você andou?”, ela perguntou.

“Onde andei? Em lugar nenhum. Você, por outro lado, ficou perambulando em trajes mínimos no País de Gales, enquanto Johnny Ulalá te comia com os olhos.”

“Poderia ser você, se tivesse vindo.”

“Quem é que iria até o País de Gales só pra comer alguém com os olhos? Especialmente algo de segunda mão?”

Ela não queria ter uma conversa sobre comer com os olhos, segunda mão ou Johnny Ulalá.

“O que você ficou fazendo, então?”

“Ah, sabe como é”, ele disse, leviano. “Fiquei por aí pensando. Lendo. Refletindo.”

Sophie preferia que ele tivesse escolhido outras três atividades quaisquer — exploração espacial, tricô e mineração, por exemplo. Clive não era do tipo pensador, leitor ou reflexivo.

“Saindo com algumas moças?”

“Ah, pelo amor de Deus.”

“‘Pelo amor de Deus’ não é bem um ‘não’.”

Parecia não conseguir se controlar. E que direito tinha de dizer alguma coisa, se resolvera parar de fugir de Johnny Ulalá? Mas, se Clive tivesse aparecido no País de Gales, não teria parado. Teria continuado a correr e correr.

“Estava ligando, na verdade, pra te convidar pra jantar”, ele disse, por fim. Ao que parecia, já bastava de discussão sobre o significado preciso da expressão “Pelo amor de Deus”.

Sophie deu de ombros do outro lado da linha, mas ele não podia vê-la, de modo que, no fim, ela aceitou.

Tiveram outra discussão, agora bem feia, no Trattoo. Ele a acusou de ser uma burguesa, o que quer que isso significasse — aparentemente, envolvia alianças de noivado, bebês e todo tipo de coisa em que Sophie não estava interessada. Clive ficou tão exaltado com a história que, por um momento, ela achou que talvez ele a estivesse pedindo em casamento de um jeito desastrado. Sophie perguntou sobre as moças e ele se recusou a falar, ao que ela respondeu que não se incomodava; ele perguntou sobre Johnny Ulalá e ela se recusou a falar, ao que ele reagiu ignorando-a o caminho todo de volta para casa. E não ficou para dormir.

Tony reservou uma mesa no Salão Positano da Trattoria Terrazza para seu aniversário de casamento, basicamente porque Bill lhe dissera para fazer isso.

“Aquele lugar na Romilly Street? Nunca que vou entrar lá. Não é onde eles todos costumam ir? O Michael Caine e a Jean Shrimpton e todo mundo?”

“‘Nós’. Não ‘eles’”, falou Bill.

“‘Nós’ quem?”

“Você, eu, o Michael Caine e a Jean Shrimpton.”

“Ah, dá um tempo”, disse Tony.

“O pessoal sabe quem a gente é.”

“O pessoal que cuida dos contratos na BBC. E um ou outro crítico. Não vamos nos achar demais. Somos roteiristas.”

“É o suficiente pra você conseguir uma mesa.”

“Não vou ligar pra lá e dizer que sou um famoso roteirista de tevê e que vão ter que me deixar reservar uma mesa.”

“Peça pra Hazel fazer isso.”

Hazel era a nova secretária. As ligações não paravam no escritório desde *Barbara*, a maior parte ofertas de trabalho, e eles tinham contratado Hazel para atender o telefone. O que ocupava talvez meia hora do dia de trabalho da moça, sem que soubessem o que fazer com ela no resto do tempo. E não conseguiam, eles próprios, trabalhar, com a secretária junto no escritório de sala única, de modo que, por ora, tinham voltado ao café.

“Que diferença isso faz?”

“A Hazel vai dizer pra eles que você é um famoso roteirista de tevê e vão ter que te deixar reservar uma mesa.”

“Mas aí vou chegar lá sendo só eu mesmo e vai ser constrangedor.”

“Que dia você está querendo ir?”, quis saber Bill.

“Nosso aniversário é na próxima terça. Eu ia sair com ela no sábado.”

“Ah.”

“Que foi?”

“Você não é tão famoso pra sábado à noite. Reserve na terça e pode ir tranquilo.”

Tinha gente famosa no Salão Positano mesmo para uma noite de terça. Enquanto Tony e June esperavam sua mesa, Terence Stamp

olhou direto para eles, e Tony ficou intimidado por um momento.

“Procuramos outro lugar?”

June o encarou, surpresa.

“Por quê?”

“O Terence Stamp acabou de olhar pra mim.”

“E pra onde ele deveria olhar?”

“Dá pra ver o que está pensando. ‘Quem deixou esses aí entrarem? Não são bonitos nem famosos.’”

“Obrigada.”

Mas June riu. Tony nunca precisava se preocupar com algum mau humor dela, e jamais a vira procurar pretexto para uma briga. Era um milagre que continuassem casados, passada uma centena de semanas e tudo considerado, e a opinião de June era que já tinham problemas suficientes para procurar mais. Parecia determinada a achar divertidos os insultos e as ironias acidentais sempre que pudesse.



Mick Jagger no Salão Positano

Um garçom italiano chamativo em uma camiseta de marinheiro que deixava à mostra sua bela pele morena os conduziu até a mesa num canto do salão. As vizinhas da mesa mais próxima eram duas bonequinhas aparentemente bonitas demais para conversar, ou mesmo comer. Os pratos permaneceram intocados enquanto ambas fumavam cigarros finos e compridos. June tentava não olhar o tempo todo para as pernas longas e esbeltas e para a saia curta das duas.

“É pra gente pedir o ossobuco”, falou Tony, enquanto examinavam o cardápio.

“Quem disse?”

“O Bill.”

“Com quem ele veio aqui?”

“Não sei.”

Por que não tinha perguntado? Talvez assim ficasse sabendo de alguma coisa sobre a vida do parceiro longe do escritório, dos ensaios e do estúdio.

“Você acha que ele é feliz?”

June sabia tanto da vida privada de Bill quanto Tony.

“Dá impressão de ser, sim.”

“Por que você nunca pergunta esse tipo de coisa pra ele?”

“Homens não fazem isso.”

“Que perguntas você faz pra ele, então?”

Tony ficou pensando. Na verdade, não conseguia se lembrar de ter perguntado a Bill algo que não fosse relacionado a algum roteiro em que estivessem trabalhando. Bill lhe perguntava o tempo todo sobre June, mas Tony, de sua parte, não perguntava nada ao parceiro. Tinha medo do que Bill talvez lhe contasse.

“Ah, sabe como é. Se ele está com alguma garota e tal.”

June fez uma careta.

“Que foi?”

“Não sou boba. É claro que com uma garota ele não está.”

“Você sempre soube?”

“Sim. Digo, não de cara. Ele não é do tipo louca. Nenhum de vocês dois é.”

“Não sou nada disso.”

“Por que é um homem casado, você quer dizer?”

O garçom da bela pele morena voltou e eles escolheram melão de entrada e o ossobuco, conforme as instruções. Tony pediu ao rapaz uma recomendação de vinho também. Queria perguntar sobre o pós-barba que ele estava usando, mas concluiu que isso poderia dar a impressão errada a June.

“Taí uma coisa que a gente tem em comum”, falou June quando o garçom foi embora.

“O quê?”

“Ele.”

“O garçom? É mesmo?”

“Ô. Mas acho que seria cometer o mesmo erro.”

“Você não... Não seria cometer o mesmo erro. Bom, talvez. Eu precisaria saber mais dele.”

“Ah, a conversa de sempre.”

Ela soltou uma risada. Era excruciante para Tony.

“Não sei o que eu sou.”

June o encarou.

“Sério?”

“Sério. Achei que sabia. Então encontrei você, e agora não sei mais.”

“Minha nossa. Então... Certo. Tá. Caramba. Eu não fazia ideia.”

“Você só achou que eu...”

“No começo, não. Óbvio. Mas depois... Bom, sim. Pra encurtar uma longa conversa.”

Houve uma pausa incômoda.

“Posso fazer umas perguntas?”

“Ah, meu Deus.”

Conseguiu fazê-la rir, mas não demovê-la da ideia.

“Você... Bom, você algum dia já fez alguma coisa quanto ao outro negócio?”

“Não”, ele respondeu, rápido demais. E, em seguida, porque queria dar o peso devido ao incidente de Aldershot: “Não exatamente”.

“O que significa ‘não exatamente’?”

“Procurei uma vez. Quando estava no Exército. A história terminou mal, e nada aconteceu.”

“Ah. E... você pretende passar o resto da vida assim?”

Tony vinha tentando não pensar muito sobre o resto de sua vida. Vislumbrava flashes aqui e ali, e o que via o deixava desconfortável, pois enxergava a possibilidade de sofrimento e drama, e isso ele não desejava.

“Não sei. Espero... O que eu espero é que continue a não acontecer nada. Do lado de lá. E que algo comece a acontecer do lado de cá.”

“Obrigada”, falou June.

“Por quê?”

“Só por dizer isso. Ajuda.”

“Obrigado”, ele disse.

“Por quê?”

“Você é tão paciente, boa e amorosa, e eu não entendo por quê.”

“Eu te amo”, ela respondeu com um dar de ombros e um leve sorriso — não exatamente um sorriso triste, mas um que revelava complicações.

“Eu também te amo.”

Tinham dito as coisas que supostamente são ditas num jantar de aniversário de casamento, mas não por dizer. Brindaram.

“É um negócio engraçado, o sexo”, ela retomou. “É uma coisinha de nada, assim como um copo d’água é uma coisinha de nada. Ou uma coisinha que cai do carro e não custa mais do que uns trocados

pra colocar uma nova no lugar. Só coisinhas, mas nada funciona sem elas.”

O garçom de pele morena e cheiro bom voltou com sua camiseta listrada trazendo o melão.

“O que a gente deve usar?”, perguntou Tony. “Colher?”

“Acho que sim.”

“Sou virgem nessas coisas”, falou Tony. “Absurdo, né?”

“O que tem de tão absurdo?”

“Sei lá. Dá impressão de que não fiz nada do que deveria ter feito na vida.”

“Eu também sou virgem então.”

“Bom, tem uma razão pra isso.”

June riu.

“Isto aqui parece a cena em que eles estão comendo, em *Tom Jones*”, ela disse. “Lembra? Com o Albert Finney e a Susannah York?”

“Não era a Susannah York naquela cena. Era a Joyce alguma coisa.”

“Joyce Redman”, emendou June.

“Joyce Redman”, confirmou Tony.

Uma vida boa não era algo tão distante, se de algum jeito eles conseguissem arranjar aquela coisinha que faz funcionar o motor. Ele conseguia lembrar que a atriz era Joyce alguma coisa, e não Susannah York, e ela, o sobrenome de Joyce, o que faria deles um grande casal dali a quarenta anos.

“Quando é o aniversário de casamento da Barbara e do Jim?”, perguntou June.

E ali estava mais um motivo: a série parecia sempre ocupar um lugar importante na cabeça dela. Como é que ele podia não amar isso?

“Não faço ideia.”

“Talvez vocês devessem escolher uma data.”

“Ah”, ele falou. “Entendo o que você quer dizer.”

“E eles ainda não conversaram sobre formar uma família.”

“Nossa.” Ele riu. “A gente nem chegou a pensar nisso. Eu seria capaz de te dar beijo.”

“Os homens normalmente dizem isso pra quem eles não querem beijar”, observou ela. “A velha secretária, quando ela faz alguma coisa inteligente. A faxineira, quando acha os óculos que estavam perdidos.” Ela deu risada, mas ele queria se matar por ter dito aquilo.

“Certo, então, vou te dar um beijo”, falou Tony.

E, quando chegaram em casa, depois de tomar mais um drinque, e de mais um bom tanto de incentivo e algumas risadas e um pouco de imaginação, conseguiram alguma coisa. Provavelmente não era o suficiente para evitar novas conversas no futuro, a menos que Tony tivesse descoberto por acaso uma mistura alquímica de álcool, desejo, dissociação e competência que pudesse engarrafar, mas não era desprezível. Depois que June foi dormir, ele se deu conta de que eles, tampouco, tinham conversado sobre formar uma família. Nunca passara pela sua cabeça que fosse capaz.

Certa tarde, em julho, Dennis ligou para Tony e Bill no escritório para dizer a eles que assistissem ao episódio de *Comedy Playhouse* daquela noite.

“E é o quê?”, quis saber Bill.

“Chama *Até que a morte nos separe*.”

“Saco”, falou Bill.

“Que foi?”

“É um título brilhante. Por que não pensamos nele?”

“O programa ficou bem bom”, disse Dennis. “Fui ver a gravação. A produção é do Outro Dennis. Ele me convidou. Está bastante orgulhoso do negócio.”

“A gente vai se deprimir?”, perguntou Bill. “Porque não quero ver, se for ficar deprimido.”

“É muito engraçado”, respondeu Dennis.

“É exatamente do que eu estou falando”, disse Bill. “Muito engraçado é igual a deprimente.”

“Nosso programa é muito engraçado”, falou Dennis. “Esse é engraçado de outro jeito.”

“De um jeito melhor ou pior?”, perguntou Bill.

“De um jeito diferente”, falou Dennis, decidido. “Enfim. Talvez nem vire série. Parece que o Sloan odiou.”

“Por quê?”

“Subversivo demais.”

Bill soube ali que, sem a menor dúvida, *Até que a morte nos separe* seria muito deprimente.

Bill assistiu ao programa com Tony, na casa do parceiro. June fez salsicha e purê e todos sentaram na sala, cada um com sua bandeja no colo. Os Ramsey, a família que protagonizava o programa, eram da classe trabalhadora do East End londrino; o estivador Alf era um conservador, boquirroto no limite do que seria permitido na BBC, cheio de preconceitos (contra negros, judeus, qualquer um que não fosse branco e inglês, na visão dele), adorador de Churchill, um fervoroso monarquista. Nunca se tinha visto nada como aquilo na televisão. Quando o genro de Alf, um rapaz nortista, de Liverpool, apareceu pela primeira vez, Bill urrou de indignação.

“Roubaram nossa ideia!”

“Porque o rapaz é do norte?”, perguntou Tony.

“Os dois parecem muito diferentes, Barbara e esse aí”, acrescentou June.

“E vêm de lugares diferentes”, observou Tony.

“É a mesma coisa!”, insistiu Bill. “A ideia é nossa!”

“Sim”, falou Tony. “A gente é brilhante. Inventou o personagem que vem de outro lugar.”

“Não inventaram, na verdade”, disse June. “Foi Sophie. E inventou porque ela, na vida real, vem de outro lugar.”

“Dá pra todo mundo calar a boca?”, interveio Bill. “Estou querendo escutar.”

Até que a morte nos separe era brilhante, cruel, novo, real e diferente de tudo o que eles já tinham visto. Tony e June gostaram muito, mas Bill estava imerso em tamanho abatimento, na altura dos créditos finais, que mal conseguia falar.



“Estamos perdidos”, disse, por fim.

“Por que estamos perdidos?”

“Eles passaram na frente. Éramos alguma coisa quando começamos. Agora não somos nada.”

June soltou uma risada.

“Ainda nem virou série. Talvez nunca vire. Vocês estão quilômetros na frente. E as pessoas adoram *Barbara (e Jim)*.”

“Ah, as *pessoas*”, retrucou Bill. “Não estou falando das *pessoas*.”

“De quem estamos falando, então?”, perguntou Tony. “Da crítica?”

“Enquanto existirem as pessoas, vocês não estão acabados”, falou June. “A coisa toda se resume a isso.”

“Por que não ambientamos nossa série em uma casa de gente comum da classe trabalhadora? A gente morou em uma casa de gente comum da classe trabalhadora.”

“É, e era uma porcaria”, disse Tony. “Eu é que não ia querer ver isso uma vez por semana, muito menos escrever sobre o tema todos os dias.”

“E a graça toda de *Barbara (e Jim)* é que os dois vêm de classes diferentes”, lembrou June. “Essa é a piada.”

“Mas por que ela acabou indo parar na casa dele?”, falou Bill. “Por que ele não foi parar na casa dela?”

“E por que iria?”, perguntou Tony. “Por que ela faria isso, melhor dizendo? Por que alguém faria, se tivesse escolha? As pessoas querem dar o fora desses lugares, Bill. Lugares que estão sendo derrubados.”

“E a casa dela era em Blackpool”, disse June. “Não sei como alguém que trabalha na sede do governo pode ir até Blackpool e voltar todo dia.”

“Pois é, a gente não devia ter colocado ele pra trabalhar lá, né?”

“Então o que você está dizendo é que escrevemos o programa errado, do começo ao fim?”

“É.”

“A série que praticamente todo mundo na Grã-Bretanha vê toda semana?”

“O programa que transformou a Sophie numa estrela?”, reforçou June.

“A série que paga um salário justo para você e é um sucesso ... não é boa, caramba?”

“Tom Sloan odiou *Até que a morte nos separe*, segundo Dennis”, falou Bill. “Por que ele não odeia nada que escrevemos?”

“Você preferiria isso? Que nosso chefe odiasse o que a gente faz?”

“É”, respondeu Bill. “Claro.”

Tony começava a se dar conta de que ele e Bill talvez quisessem coisas diferentes. Isso nunca havia lhe ocorrido.

“Então”, disse Dennis, quando todos se reencontraram para a segunda temporada. “O que todo mundo andou fazendo?”

Ele estava genuinamente feliz em vê-los. Andava solitário, não gostava dos outros programas em que vinha trabalhando e sentia falta de Sophie, que, ausente, tinha atingido status mítico, numa mistura de Helena e Afrodite. Quando voltou a encontrá-la, ele se deu conta de que ainda não tinha lhe dado o devido valor.

“Bom”, começou Clive, “a Sophie anda dormindo com pop stars franceses.”

“E o Clive com qualquer uma em que esbarra.”

Ambos exibiram um sorriso cínico.

“Ah, Cristo”, falou Bill.

“Que foi?”, quis saber Dennis.

Estava espantado e aturdido. Não queria que Sophie dormisse com ninguém, menos ainda com pop stars franceses.

“Você tinha que estragar tudo, não é?”, Bill falou para Clive.

“Eu?”, retrucou Clive, indignado. “O que eu fiz agora?”

“Ah, caramba”, disse Tony.

Dennis agora só entendia que era a única pessoa no recinto que não estava entendendo nada.

“Estou por fora de alguma coisa?”, ele perguntou.

“É óbvio”, falou Bill, à maneira de um detetive na última cena de uma peça de Agatha Christie. “Esses dois” — gesticulou na direção de Clive e Sophie — “andaram aprontando. Só que o Clive não consegue aprontar com uma única pessoa de cada vez, então deu tudo errado. E a gente vai ter que lidar com isso.”

Claro, pensou Dennis. Era evidente que os dois acabariam dormindo juntos. Era um tolo por ter pensado que seria diferente. Respirou fundo e tentou se concentrar nos assuntos do dia. Era um produtor, e não um amante despeitado.

“Quer contar pra eles do Johnny Ulalá, ou conto eu?”, Clive falou para Sophie.

“É o tal pop star francês?”, disse Bill. “Você falou dele um minuto atrás.”

“Vocês não vão precisar lidar com nada”, afirmou Sophie. “Vamos agir como profissionais.”

Clive não respondeu.

“Clive?”, disse Dennis. “Você vai agir como profissional?”

“Sim, claro que vou”, ele falou, emburrado.

“Certo”, retomou Dennis. “Podemos começar?”

“Antes de fazer a leitura, posso dizer uma coisa?”, perguntou Sophie. “Sobre o roteiro?”

Bill gesticulou como quem diz “Fique à vontade”.

“Certo. Bom. É que não quero falar sobre formar uma família.”

“Não estamos pedindo pra você fazer isso”, respondeu Bill. “Estamos pedindo pra Barbara. Você pode falar sobre o que quiser.”

“É muito comprometedor”, falou Sophie.

“Concordo”, disse Clive.

“Sei que já falamos isso antes pra vocês, mas acho que vale a pena repetir”, interveio Bill. “Barbara e Jim são personagens

fictícios. No programa, são casados. Na vida real, não. Não estamos querendo que vocês tenham um bebê de verdade.”

“A gente não está nem obrigando os personagens a ter uma porcaria de um bebê”, falou Tony. “Só queremos que *conversem* sobre isso. Estão casados faz um ano e nenhum dos dois demonstrou o menor interesse em ter filhos.”

“Meu contrato não previa que eu seria pai”, disse Clive. “Aí a coisa já fica bem diferente.”

“Sei que já falamos isso antes pra vocês, mas acho que vale a pena repetir”, retomou Bill. “Barbara e Jim são personagens fictícios. No programa, são casados. Na vida...”

“Me tornando um pai fictício, assumo um compromisso real com meus filhos fictícios”, interrompeu Clive.

“Ah”, falou Tony. “Acho que encontramos o mal-entendido. Não sei quem foi que disse isso, mas não é verdade. Um ator não tem nenhuma responsabilidade legal para com os dependentes que lhe forem designados num roteiro de comédia televisiva.”

“Sei que vocês acham que eu sou um idiota”, respondeu Clive. “Mas não sou eu que fico confuso. É aquele bando lá. Os telespectadores. As pessoas já estão comentando. Se o Jim virar pai, vão comentar ainda mais.”

“Comentando o quê?”

“Estão achando...” Ele olhou de relance para Sophie, nervoso. “Estão achando que eu devia ficar em casa com a Barbara.”

“Quando?”

“Quando não fico.”

Os outros o encararam, fascinados.

“O que é que estão dizendo?”

“Ah, sabe como é. ‘Vou contar pra Barbara.’ Coisas do tipo. Ficam me falando isso o tempo inteiro desde que saímos do ar.”

“E o que você tem feito pra ouvir esses comentários?”, quis saber Sophie.

“Nada! Ouço quando estou lá, jantando com algum colega.”

“Nós não somos seus colegas?”

“Algum colega ator.”

“Não entendi”, disse Sophie. “Você está num pub...”

“Por exemplo”, confirmou Clive.

“... tomando uma cerveja com outro camarada...”

Ela fez uma pausa, que Clive resolveu não preencher.

“... e as pessoas dizem que vão contar pra Barbara? Por que diriam isso?”

“E o que interessa o que elas dizem?”, completou Tony.

“Não gosto”, falou Clive. “E é constrangedor pros meus... meus colegas.”

“Pra sujeitos num pub tomando cerveja.”

“Eu estava pensando”, disse Bill, coçando o queixo, reflexivo, “se a coisa não fica ainda mais confusa pelo fato de você andar fazendo sexo com a atriz que interpreta Barbara.”

“As pessoas não sabem disso.”

“Provavelmente sabem, a esta altura”, interveio Sophie. “Parece que não falam de outro assunto além da minha vida sexual.”

“A coisa é confusa pra você, eu quis dizer”, retomou Bill. “Você provavelmente não se incomodaria que dissessem que vão contar pra Barbara caso não se importasse de ela ficar sabendo.”

“Não tem nada pra Barbara ficar sabendo”, retrucou Clive.

“Nada que você queira contar pra ela, pelo menos.”

“Só estou dizendo que atuar num programa de sucesso na tevê é incômodo”, falou Clive. “E não quero que se torne pior. E se eu resolver ir embora?”

“Você está falando como Jim ou como Clive?”

“Como Clive, seu idiota.”

“Se você fosse embora, não teríamos mais um programa chamado *Barbara (e Jim)*”, disse Bill.

“É a coisa mais amável que você já me falou na vida.”

“Seria um programa chamado só *Barbara*”, emendou Sophie. Ela nunca se cansava daquela tirada.

“Mas é isso que me preocupa”, falou Clive. “Se eu largasse a Barbara e as crianças, não ia mais poder sair de casa. Seria agredido nas ruas.”

“E você, Sophie?”, quis saber Dennis. “Por que não quer filhos?”

“Eu quero”, respondeu Sophie. “Só não com ele.”

“Devia ter pensado nisso antes de casar com ele”, disse Clive.

Dennis percebeu, de repente, que a piada de Bill não funcionava mais: Barbara e Jim não eram personagens fictícios. A popularidade dos dois, o envolvimento do público, os tornara reais, e eles precisavam de cuidados e orientação. Dennis estava pronto a oferecer isso, já que não tinha ninguém com quem se preocupar em casa. Esperava que os outros estivessem igualmente dispostos.

A maior parte dos episódios tinha sido escrita para a dupla de personagens, e roteiristas, elenco e crítica pareciam preferir que fosse assim. “O aniversário”, porém, era ambientado basicamente num restaurante descolado, e Tony e Bill escreveram falas para outro casal, dois idosos na mesa ao lado que acabavam expondo, aos berros, suas mágoas e decepções conjugais, para grande consternação de Barbara e Jim — o qual, por fim, é obrigado a separar o casal quando a senhora começa a dar cascudos na cabeça do marido.

Na quarta-feira, ao chegar para trabalhar, Dennis encontrou os dois atores selecionados do lado de fora da sala de ensaios, ambos com uma cara perplexa. O homem usava uma gravata-borboleta e a mulher, um chapéu que bem podia ter sido emprestado de Mary Pickford. Ambos aparentavam desespero, assim como tinham mentido sobre a idade — Dennis pedira especificamente atores na casa dos sessenta, o marido recém-aposentado, a esposa

conservada e ativa no Instituto de Mulheres, esse tipo de coisa. Aqueles dois, no entanto, pareciam ter sido liberados do asilo por um dia. Se a violência prevista no roteiro fosse levada a cabo, haveria mortes.

“*Barbara (e Jim)?*”, disse o homem, confiante.

Tinha uma voz potente, sotaque grã-fino. Se gravatas-borboleta pudessem falar, pensou Dennis, soariam exatamente daquele jeito.

“É com a gente”, falou. “Comigo, enfim. Não sei onde o resto do pessoal se meteu.”

Entraram na sala de ensaios e Dennis colocou água para ferver na chaleira, enquanto Dulcie e Alfred se distraíam por ali com sobretudo, chapéu e roteiro. Suas roupas e mesmo seus nomes cheiravam a naftalina e ao derrotismo da era eduardiana.

“A gente adorou”, disse Dulcie.

“Lemos nossas falas em voz alta um pro outro, ontem à noite, na cama”, contou Alfred.

Dennis teve um momento de sobressalto.

“Ah”, falou. “Vocês são casados?”

A pergunta claramente os decepcionou.

“As pessoas vão esquecendo”, disse Dulcie para Alfred, com tristeza.

“Esse jovem talvez nem saiba da gente, pra começar”, falou Alfred. “Já faz quase cinquenta anos.”

“Quantos anos você tem, meu bem?”

“Vinte e nove.”

“É por isso”, disse ela para o marido.

“Pergunte pra sua mãe”, falou Alfred.

“Vou perguntar”, respondeu Dennis. Já podia perceber que não seria produtivo pedir ajuda na forma de uma pergunta.

“Os autores vêm pro ensaio?”, quis saber Dulcie. “Porque temos algumas sugestões.”

“Ótimo”, disse Dennis. “Tenho certeza de que vão adorar.”

Bem feito para os dois, por estarem atrasados.

Demorou ainda uma hora para que Bill e Tony chegassem com uma nova versão do roteiro, e aquela hora fez Dennis se lembrar do verão chuvoso que, certa vez, foi obrigado a passar com os avós em Norfolk, durante a guerra.

“Ora, e quem temos aqui?”, perguntou Tony.

“Somos Dulcie e Alfred”, respondeu Dulcie, com o sorriso aberto.

“E são uma dupla, é isso?”

O sorriso de Dulcie desapareceu.

“Bom, é”, falou Alfred. Deixou a resposta nisso quanto pode, mas ficou claro que esperavam dele uma explicação. “Somos casados.”

“Que sorte a de vocês”, disse Bill.

Dulcie apertou de leve a mão do marido, consoladora.

“Não ligue.”

“Esse pessoal de televisão”, completou Alfred, melancólico.

Tony lançou a Dennis um olhar de quem está confuso, mas o produtor não conseguiu pensar num jeito de explicar, sem palavras, que Dulcie e Alfred talvez tivessem sido famosos lá pela época da Grande Guerra, e que aquela união possivelmente fora motivo de celebração nacional.

“Temos algumas sugestões pra vocês”, disse Alfred para Bill e Tony. “Nada muito complicado.”

“Pensem que são apenas observações”, emendou Dulcie.

“Vocês se incomodam se a gente não pensar, simplesmente?”, retrucou Bill, animado.

Dulcie arfou e levou a mão à boca.

Sophie e Clive foram os últimos a chegar.

“Não é que a gente não seja profissional”, falou Sophie para Dulcie e Alfred. “A gente sabia que o roteiro ia atrasar.”

“Somos grandes admiradores seus”, disse Alfred.

Olhou confiante para Sophie e sorriu. Ela agradeceu e devolveu o sorriso. Esperavam, claramente, que Sophie dissesse algo mais,

mas ela não foi capaz de pensar o que seria, e essa falta de reciprocidade, de uma palavra para Alfred e Dulcie que afirmasse quanto os dois tinham sido importantes para Sophie ao longo dos anos, causou mais um abalo no moral, mais um aperto leve de mãos.

“Continuamos na ativa, isso é o que importa”, falou Dulcie.

“E ainda juntos”, completou Alfred.

“Estamos vendo”, disse Clive. “Adorável.”

Clive olhou para os outros, tentando ver se também estavam com cara de quem quer se enforcar. A longevidade a um só tempo da relação e da carreira soava como uma terrível lição para todos.

“Vamos começar?”, propôs Dennis.

Leram em voz alta o roteiro, que soou como música, uma beleza, como de costume depois de aparadas as arestas, e isso apesar da gritaria desagradável e desafinada de Alfred. Dulcie se mostrou surpreendentemente boa. Era discreta e inteligente, e Bill e Tony acabaram escrevendo algumas falas a mais para ela.

De repente, Barbara e Jim se tornaram as únicas pessoas que importavam no mundo, e o único casamento que contava, e tudo o mais minguou. Clive surgiu alinhado, gentil e sóbrio, enquanto Sophie navegava na confiança e na segurança de quem é amada. Dennis gostou do companheirismo, Tony, da simplicidade e da franqueza da atração, Dulcie e Alfred, da juventude e da expectativa. Um mundo tão radiante que Tony se preocupou, por um momento, se ele e Bill não tinham afrouxado demais, mas aqueles personagens tinham problemas de verdade, e conversavam usando frases de verdade, então não era isso. Era o formato em si, com sua promessa de uma próxima semana, de mais um episódio, de mais uma série; não tinha como não oferecer esperança aos personagens e a todos que se identificavam com eles. Tony ficou pensando que nunca ia querer escrever outra coisa além de

comédias de meia hora. Eram a chave para a saúde, a riqueza e a felicidade.

“A gente devia fazer um episódio de aniversário todo ano”, sugeriu Dennis.

“Pelos próximos cinquenta anos”, emendou Sophie.

Dulcie e Alfred sorriram, tristes.

“Ah”, disse Sophie. “Desculpa.”

“A Barbara e o Jim provavelmente não sentariam ao lado do mesmo casal no mesmo restaurante todo ano, enfim”, lembrou Clive.

Depois da gravação, e de ajudarem Dulcie e Alfred a achar um táxi, foram para o bar interno da BBC beber vinho e conversar sobre envelhecer.

“Foi meio patético, não foi?”, falou Clive.

“O que mais eles podem fazer?”, ponderou Sophie.

“Palavras cruzadas. Jardinagem. Quebra-cabeças. Qualquer coisa, menos atuar.”

“É”, disse Dennis. “Essas coisas todas que as pessoas fazem à espera da morte. Simplesmente deviam aceitar numa boa que estão aqui matando tempo.”

“Eu vou ser que nem ela”, falou Sophie. “Vão ter que me mandar embora.”

“E vão”, disse Clive. “É o que acaba acontecendo.”

11.

Na semana anterior ao início da segunda temporada, Dennis estava na cantina e não conseguiu escapar de Barry Bannister, o produtor de *Cachimbos fumegantes*. Dennis odiava o programa, embora o visse todas as noites. Nele, sujeitos de barba e óculos (mas sem cachimbos, recentemente banidos porque a fumaceira tornava difícil a vida do câmara) falavam com irritante assertividade sobre Deus e a bomba H, sobre teatro e música clássica. Dennis usava barba e óculos, e ainda fumava cachimbo, mas tinha esperança de não ser insuportável como aqueles chatos terríveis de Bannister. *Cachimbos fumegantes* era a última atração da programação, antes do encerramento, às 23h20, e Dennis se perguntava se o tédio do programa não seria deliberado, uma tentativa da BBC de convencer os trabalhadores da Grã-Bretanha de que precisavam dormir mais.

“Você conhece Vernon Whitfield?”, perguntou Bannister.

Dennis saltou para dentro da primeira toca de coelho que encontrou, e dali para todo um labirinto de túneis interconectados. Esses túneis todos o levaram a salas repletas de sofrimento e humilhação: cartas escondidas em livros, camas congelantes na

hora de ir se deitar, mentiras, lágrimas e (perto do fim) um longo poema sobre perda que Edith leu para ele, nua, sem explicação nenhuma, nem sobre o poema, nem sobre a nudez, e aos prantos. O tempo passando e ele apenas sorrindo, com expressão vazia, para Barry. Esse tipo de coisa vinha acontecendo muito desde a partida de Edith. Minutos inteiros se passavam, em lojas, pubs e reuniões de trabalho, durante os quais ele parecia se perder. Quando voltava a si, quase sempre era para descobrir que as pessoas ali tinham desistido dele. As conversas já estavam em outro lugar, as vendedoras, atendendo outros clientes. Ter finalmente dado fim a seu casamento era, ele achava, motivo de alegria, mas não havia sido capaz de se preparar para o choque, para a completa exaustão.

“Oi?”, falou Barry Bannister. “Tem alguém aí?”

“Desculpe”, respondeu Dennis. “Estou cansado.”

“Vernon Whitfield?”

“Sei quem é, claro. Mas não conheço.”

“Bom, está querendo participar do *Cachimbos fumegantes* pra atacar seu programa, quando voltar ao ar.”

“E por que diabos ele quer fazer isso?”

“Não é nada pessoal”, disse Bannister, e Dennis resistiu à tentação de agraciá-lo com todas as informações relevantes. “Ele apenas acha que a BBC deveria procurar manter um nível mais alto do que esse de comédias tolas sobre jovens sem instrução. Palavras dele, não minhas.”

“E o que você quer que eu faça a respeito?”

“Fiquei pensando se não gostaria de participar pra se defender.”

“Por que eu? Por que não o Tony e o Bill? Ou um dos atores?”

“Porque... Bom, você é o produtor e o diretor. E tem mais a cara do *Cachimbos fumegantes*, né? Estudou em Cambridge, é articulado, fala bem. Não estou dizendo que somos contra outro tipo de pessoa...”

“É muito tolerante da sua parte.”

“...mas o que é interessante, do nosso ponto de vista, é que você escolheu se juntar à oposição, por assim dizer.”

“Que oposição?”

“O entretenimento leve.”

“Você acha que o entretenimento leve é ‘oposição’?”

“Pessoalmente, não. Mas me parece que os convidados que normalmente temos no programa acham. E uma boa parte dos nossos telespectadores também.”

Era verdade, então, pensou Dennis. Ele sempre suspeitara, mas nunca antes alguém tinha dito abertamente. Alguns daqueles sujeitos de cara amarrada que via zanzando pelos corredores mais sombrios da BBC acreditavam que a comédia era o inimigo. Queriam mesmo que as pessoas não rissem, jamais.

“Então o que um sujeito como Vernon Whitfield quer?”

“Como assim?”

“Bom, se somos oposição... O que significaria uma vitória pra ele? Tirar a gente do ar?”

“Ah, não acho que seja esse o desejo dele. É só que preferiria ver vocês no canal comercial. Não posso falar por ele, mas imagino que o argumento é que o contribuinte não deveria estar pagando o salário da Sophie Straw.”

Dennis odiava Vernon Whitfield por razões pessoais, e odiava gente como ele por razões filosóficas, políticas e culturais. Era cada vez mais frequente, para Dennis, fantasiar a cena em que reduzia um sujeito do tipo Vernon Whitfield, normalmente o próprio, a um bebezão de cara vermelha e aos soluços, e ali estava Barry Bannister lhe oferecendo a chance de transformar seus sonhos em realidade. Teria inteligência suficiente para isso, porém?

“Ah, vou arriscar, então”, falou.

Dennis não sabia se era possível treinar para um debate na televisão com um intelectual do mesmo jeito que boxeadores treinavam para uma luta com Cassius Clay, mas tentou. Na noite anterior à gravação, ficou na cama imaginando cada soco que Vernon Whitfield poderia tentar acertar nele, ao mesmo tempo que procurava se preparar para que seus próprios ataques fossem convincentes. O que Whitfield poderia dizer? O que havia para ser contestado em *Barbara (e Jim)* ou qualquer outro bom programa cômico e popular? Será que Whitfield achava que era simplório? E o que havia de simplório numa comédia baseada em observação inteligente? Dennis era capaz de pensar em alguns exemplos dessas observações inteligentes? Não, não era. Ou melhor, era, mas Vernon Whitfield poderia dizer, simplesmente, que aquilo não era observação inteligente coisa nenhuma, e Dennis teria de retrucar que sim, era, mas Whitfield diria que não, não era.

E se Whitfield argumentasse que o dinheiro do contribuinte só deveria ser usado para coisas que não fossem do gosto das pessoas comuns? O que Dennis responderia? Perguntaria a Whitfield quem era ele para dizer às pessoas comuns que tinham de se alimentar somente de fibra intelectual — sim, era o que diria. Ah, mas e se então Whitfield devolvesse perguntando por que ele achava que as pessoas comuns não gostavam de fibra intelectual? Quem ali estava sendo condescendente? Bom, aí ele, Dennis, retrucaria que Whitfield não deveria dormir com a mulher dos outros, e os dois partiriam para a briga, e Dennis sentaria em cima da cabeça dele, e Whitfield imploraria por clemência. Dennis se deu conta, àquela altura, de que ficar deitado ali, acordado, não ajudaria em nada, mas não conseguia dormir. Consequentemente, acordou exausto e temeroso na manhã seguinte.

Barry Bannister os apresentou na antessala do estúdio e eles trocaram um aperto de mãos, fingindo que aquele era um encontro perfeitamente rotineiro entre intelectuais barbudos na programação de fim de noite da BBC. Mas, assim que Barry saiu, houve um silêncio longo e constrangedor. Nem morrendo falo alguma coisa aqui, pensou Dennis.

“Obrigado por não tornar as coisas desagradáveis”, disse Whitfield, por fim. “Muito decente da sua parte.”

“Como assim?”, falou Dennis, animado, de repente percebendo que havia um jeito de tornar as coisas mais desagradáveis do que tudo o que Whitfield pudesse ter imaginado, e tão desagradáveis quanto tudo o que Dennis imaginara em tantas fantasias de vingança.

Whitfield o encarou, claramente tentando decidir se era possível que Dennis não soubesse.

“Ah”, retomou Dennis. “Desculpe. Está tudo bem, sério.”

“Ora. Você é um cavalheiro, isso eu tenho que admitir”, disse Whitfield, com o ar de um sujeito que não admitiria nada mais.

“Não dá pra todo mundo gostar das mesmas coisas, né?”

“Isso é bem verdade”, falou Whitfield, inseguro. “Então... a gente não gosta?”

“Perdão?”

“Das mesmas coisas?”

“Acho que não”, disse Dennis. “Não podemos, essa é a questão.”

“É.”

“Mas é uma pena.”

“Desculpe”, falou Whitfield.

“Ah, obrigada por isso”, respondeu Dennis.

Sentia-se enjoado e tinha de se obrigar a olhar nos olhos do outro; desde seu aniversário de doze anos não se sentia tão

propenso a cair no choro. Estava com a vantagem, porém, e queria mantê-la, o que significava engolir o vômito e as lágrimas.

“Imagino que não tenhamos nos saído melhor esta semana.”

“Esta semana?”

“Com *Barbara (e Jim)*.”

“O programa?”

“É. Sobre o que você achou que eu estava falando?”

Whitfield ficou pensando um bom tempo, e então disse, finalmente: “Achei que talvez você quisesse conversar sobre a Edith”.

“Ah”, falou Dennis. “Não. Nossa. Só sobre o programa.”

“Você sabe que não gosto dele”, disse Whitfield.

“Não dá pra todo mundo gostar das mesmas coisas, não é?”, falou Dennis. Preocupava-o se não tinha cedido terreno demais ao esclarecer o mal-entendido, mas podia ver que irritara Whitfield ao manter a coisa rolando por tanto tempo.

“Já tinha visto antes, claro. Mas esta semana o material estava realmente muito fraco, achei.”

O episódio em questão, “A palestra”, não havia sido dos melhores, para o desgosto de Dennis. A ideia era boa: Jim é convidado a dar uma palestra na faculdade onde estudou, em Oxford. Barbara é a primeira ouvinte de Jim, dá alguns palpites para melhorar a fala e resolve acompanhá-lo na viagem. Chegando lá, não se dá bem com o antigo orientador dele, e mais tarde o conquista. Dennis não achava que a direção tivesse ficado boa. Não fluiu, o cenário da sala da faculdade não convencia e o ator que interpretava o orientador tinha sido mal escalado. Mas não era essa a questão. Vernon Whitfield teria odiado os melhores episódios.

“A plateia no estúdio morreu de rir.”

“É, bom”, disse Whitfield. “Não sei onde acham as pessoas que vão ver essas coisas.”

“Não precisamos achar”, retrucou Dennis. “Elas se inscrevem pra conseguir os ingressos. Vêm do país inteiro, de ônibus.”

“Certamente”, falou Whitfield.

“São pessoas normais.”

“Tenho certeza de que você tem razão”, disse Whitfield. “É isso que me incomoda.”

Finalmente Dennis sentia gana de entrar na briga para a qual havia sido convidado. Elas *eram* normais, aquelas pessoas que se deslocavam para ver *Barbara (e Jim)* todos os domingos à noite; ou melhor, eram, até onde ele podia perceber, razoavelmente representativas dos milhões de pessoas que assistiam ao programa na tevê. Às vezes Dennis se sentava no final de uma fileira e ficava escutando as conversas em torno. Ouvia enquanto falavam da viagem até ali, do trabalho, da necessidade desesperada de uma xícara de chá ou de um cigarro. E de vez em quando ouvia aquelas pessoas repetirem falas — às vezes lembradas com erro, mas sempre citadas com entusiasmo — ou sinopses de episódios anteriores a outros espectadores que já as conheciam, mas assentiam entusiasticamente mesmo assim, até sua vez de contribuir com a conversa. Aquela gente estava sempre animada, não importava a distância que tivesse viajado. Não podiam acreditar que estavam prestes a ver a Barbara e o Jim de verdade. Dennis não sabia o que ninguém ali fazia da vida, embora tivesse bastante certeza de não haver, na plateia, nenhum apresentador do *Third Programme* ou crítico do *Times Literary Supplement*. E evidentemente tinha uma inclinação a adorar aquelas pessoas, pois elas adoravam o programa, mas estava certo de uma coisa: não eram idiotas.

“Você não gosta de pessoas normais?”, perguntou Dennis.

“Adoro pessoas normais individualmente”, respondeu Vernon Whitfield. “É a massa de pessoas normais que me incomoda. Parece que perdem a capacidade de pensar. E lamento que justo

uma instituição como a BBC se sinta obrigada a se rebaixar pra falar com esse público.”

“Não acho que a gente se rebaixe pra falar com esse público.”

“Bom, claro que isso a gente deveria discutir no ar. Mas... onde é que vamos parar? A programação da BBC já está tomada por corridas de cavalo, shows de variedades e conjuntos pop que soam como homens das cavernas. Como é que vai ser daqui a dez anos? Ou cinquenta? As piadas já são sobre banheiro e sabe Deus mais o quê. Quanto tempo leva pra resolverem que tudo bem mostrar alguém cagando, desde que alguma hiena na plateia possa rir histericamente?”

“Não acho que alguém queira ver gente cagando na tevê”, falou Dennis.

“Ainda não”, disse Whitfield. “Mas esse dia vai chegar, escreva o que estou dizendo. Eu sei. E, enquanto estiver respirando, vou lutar contra isso.”

“Mas, resumindo então, você acha que *Barbara (e Jim)* é um atalho pra um dia termos um programa chamado *Trinta Minutos de Caganeira?*”

“Sim, meu rapaz.”

Dennis se perguntava se Whitfield não seria de fato louco e, portanto, se ele e Edith não acabariam matando um ao outro, ou se matando juntos, talvez depois de terem ido viver numa colônia de nudistas na Suécia.

Barry Bannister apareceu para levá-los até o cenário.

“Os outros convidados estão quase terminando suas resenhas da semana”, informou Bannister. “Vão ficar lá, no lugar deles, ouvindo a parte de vocês. O Robert deve fazer algumas perguntas, mas o papel dele é principalmente de facilitador. Queremos que vocês conversem entre si.”

Robert Mitchell, o apresentador de *Cachimbos fumegantes*, era um sujeito de barba e óculos que escrevia para os semanários e

falava no *Third Programme*. Ele e os outros dois em cena estavam conversando sobre a morte da poesia.

“Certo”, sussurrou Barry. “Quase no fim. Ele deve chamar vocês num segundo. Então vocês entram. E lembrem: é ao vivo, então tentem já chegar mandando bala, certo?”

Seguiram atrás dele através do vão na enorme cortina.

“Queria mesmo é que você não estivesse indo pra cama com a Edith”, cochichou Dennis, e os dois deram um passo à frente para dentro da luz momentaneamente ofuscante e se sentaram.

“Boa noite”, disse Whitfield, em voz alta, enquanto Robert Mitchell ainda falava e a câmera focava outro ponto.

Um tremor mínimo de irritação passou pelo rosto de Mitchell, e Whitfield começou a piscar e suar profusamente. Estava com roupa demais — camisa, gravata, cardigã, paletó — de repente Dennis se deu conta, com uma leve pontada de decepção, de que Whitfield seria um completo desastre na tevê.

Começou sua fala com um ataque à superficialidade dos programas de entretenimento, em essência aquele papo do *Third Programme* que Dennis havia antecipado. As piscadas, no entanto, tinham dado lugar a um olhar feroz, e o suadouro já deixava transparente a camisa branca.

“Fico pensando”, ponderou Dennis, “se não pode existir um olhar diferente quando se considera a inteligência.”

Whitfield sorriu, condescendente.

“Hoje tenho certeza que existe”, respondeu. “Certamente o pessoal que trabalha com comédia achou uma maneira de redesenhar as fronteiras da inteligência pra se incluir nela.”

“O senhor não acha que comédias podem ser inteligentes?”

“Algumas podem, claro. Os novos shows satíricos são muito inteligentes.”

“Mas aí se trata de espetáculos escritos e interpretados por egressos de Cambridge”, observou Dennis.

“Exatamente”, disse Whitfield. “Sujeitos brilhantes.”

“E quanto a Shakespeare?”, perguntou Dennis. “*Muito barulho por nada, Bom é o que acaba bem*, e assim por diante?”

“Ah, entendi”, falou Whitfield. “*Jim e Barbara* é Shakespeare, é isso? Supimpa.”

“Shakespeare fazia as pessoas comuns rirem.”

“As pessoas comuns”, retrucou Whitfield. “O último refúgio dos canalhas.”

“Mas qual é a diferença?”

“*Muito barulho por nada*”, retomou Whitfield, com toda a satisfação de um sujeito que acabava de atrair o oponente para uma armadilha fatal, “tem raízes no Renascimento italiano.”

“*Barbara (e Jim)* tem raízes na era de ouro da comédia radiofônica na BBC.”

“Vou tomar isso como uma blague e ignorá-la”, disse Whitfield.

“Apenas observei que tudo tem raízes”, falou Dennis.

“Não no Renascimento italiano”, devolveu Whitfield.

“Bom, não”, disse Dennis. “Mas é possível remontar ao Renascimento italiano pra um bom tanto da pornografia de hoje.”

Não fazia ideia se aquilo era correto, mas soava bem, e funcionou. Pelo menos serviu para produzir muitas piscadas e mais suor.

“E *Muito barulho por nada* tem a gloriosa linguagem shakespeariana.”

“Aí o senhor me pegou”, falou Dennis. “Que tal a gente ouvir uma amostra?”

Whitfield o encarou com pânico nos olhos, um nazista morrendo num filme de guerra. Dennis sorriu, educado. Seguiu-se um longo momento de silêncio.

“Me pergunto se as pessoas riam não porque a linguagem fosse gloriosa, mas por causa da técnica de Shakespeare”, continuou Dennis. “As peças eram extremamente bem construídas. E é aí que

acho que entra a inteligência dos meus roteiristas. Na construção, na caracterização e...”

“Não suspireis mais, senhoras, não suspireis mais!”, declamou Vernon Whitfield, súbito. “Que homens são sempre mentirosos!”

“Maravilhoso”, assentiu Dennis. “Não chamavam o sujeito de bardo por nada, não é?”

Robert Mitchell riu.

“Mentirosos sempre são!”, corrigiu-se Whitfield. “E não ‘são sempre mentirosos’.”

“Melhorou”, concordou Dennis.

“E nem é um trecho muito bom”, retrucou Vernon Whitfield.

“Talvez devêssemos prosseguir com o debate”, interveio Mitchell, preocupado com os longos e suarentos silêncios de Whitfield.

Dennis sabia que estava tudo acabado.

“Acho que o senhor seria capaz de participar de um programa como este quatrocentos anos atrás”, disse Dennis, “pra se queixar de retardados que riam das peças de Shakespeare.”

“Na televisão?”, zombou Whitfield.

Dennis revirou os olhos e Whitfield ficou vermelho de raiva.

“Não faça essa cara pra mim!”

“O que me preocupa”, retomou Dennis, “é que Vernon Whitfield e gente do seu tipo não gostam, na verdade, que as pessoas se divirtam muito. Até acho que ele não gosta mesmo é de pessoas. Não vai demorar muito pra que comece com alguma ladainha sobre eugenia.”

“Ah, pelo amor de Deus”, falou Whitfield.

Robert Mitchell não o ajudou em nada quando, a essa altura, ofereceu-lhe um copo d’água, como se Whitfield fosse uma senhora desorientada pelo calor de um dia de verão.

“Vernon Whitfield parece muito razoável, inteligente e assim por diante. Mas há pouco descrevia o público de *Barbara (e Jim)* como um bando de hienas ridentes.”

“Não foi nada disso que eu falei. O senhor está distorcendo e inventando grosserias quanto ao que era, na verdade, uma conversa privada.”

“Sinto muito. Pareceu relevante. Afinal, o senhor usou de fato ‘hienas’ pra descrever a audiência típica de um programa cômico da BBC.”

“Falei de uma hiena, no singular.”

“Sinto muitíssimo por tê-lo citado equivocadamente. É que pareceu que o senhor estava sendo um pouquinho condescendente, só isso.”

“O que eu disse, na verdade...”

“Por favor, gostaria mesmo de esclarecer isso”, falou Dennis, animado.

“...foi que vocês seriam capazes de mostrar um sujeito *cagando*, se achassem que renderia risadas de alguma hiena.”

Dennis só pretendia que Whitfield fizesse papel de idiota, jamais induzi-lo a pronunciar aquela palavra no ar pela primeira vez na história da televisão britânica. Agora que tinha acontecido, porém, certamente não podia fingir que não. Foi obrigado a parar de falar e olhar para Robert Mitchell em busca de alguma instrução.

“Bom”, disse Mitchell, “pedimos desculpas aos nossos telespectadores pela... pela linguagem pesada que inadvertidamente acabou emergindo nessa discussão bastante acalorada. Hoje encerraremos alguns minutos mais cedo, assim todos poderão colocar a chaleira no fogo e se acalmar.”

(Algumas noites mais tarde, Robert Mitchell teve de voltar a se desculpar. A Federação Nacional dos Sindicatos tinha escrito para a BBC com a observação de que um intelectual egresso dos bancos de Oxbridge havia sido o responsável por pronunciar tal palavra na televisão pela primeira vez na história, e não um membro da classe trabalhadora.)

“Sinto muitíssimo”, sussurrou Whitfield.

“Boa noite”, disse Robert Mitchell.

Três semanas depois, outro crítico usou uma palavra ainda pior num programa e o crime de Vernon Whitfield foi esquecido, mas ele nunca mais voltou à tevê. Mais tarde, Dennis se arrependeu da tática incontestavelmente simplória da qual lançara mão. Agora jamais poderia saber se teria sido capaz de ganhar aquela briga jogando limpo.

12.

Sophie acabou ficando sem mais desculpas, de modo que seu pai e a tia Marie foram a Londres pela primeira vez para visitá-la, conhecer o apartamento e assistir a uma gravação do programa. Os dois, claro, não souberam aproveitar a diversão e o orgulho da ocasião: Sophie mandou dinheiro para passagens de primeira classe no trem, mas insistiram em pegar um ônibus; reservou dois quartos no Royal Garden Hotel, mas, quando descobriram que as diárias custavam nove guinéus por quarto, foram para uma hospedaria familiar nas proximidades.

“Aquele hotel tinha um café aberto vinte e quatro horas”, disse George Parker, indignado, as sobrancelhas arqueadas o mais alto que podiam ir.

Estavam no apartamento dela, o pai se remexendo desconfortável na cadeira da Habitat. Marie tinha ido fazer compras.

“Sim”, falou Sophie. “The Maze, é o lugar. Já fui lá.”

“E o restaurante fica no terraço.”

“É. Estive lá também. The Royal Roof. Tem vista pro Palácio de Kensington. Onde a Meg e o Tony moram. Achei que o senhor ia gostar.”

“A Meg e o Tony?”

“É assim que as pessoas chamam os dois.”

“Não, as ‘pessoas’ não chamam assim.”

Era um dos temas recorrentes da visita: pessoas contra pessoas. O pessoal dela contra o resto do pessoal. Londres contra o norte do país. O mundo do espetáculo contra o mundo. Ela estava percebendo que se acostumara a uma porção de coisas que, antes, seriam fonte permanente de deslumbre.

“Ora, a gente não queria comer no terraço, nem precisava de café a noite toda.”

“Vocês não precisavam usar essas coisas”, disse Sophie. “Mas outras pessoas talvez gostem.”

“É disso que não gostamos”, falou George.

“Por quê?”

“Porque se tem gente hospedada naquele hotel que gosta de tomar um café às quatro da manhã, então não é o hotel certo pra nós.”

Não havia como discutir com eles, e Sophie deixou que se hospedassem onde quisessem, o que rendeu uma economia considerável de seis guinéus por pessoa por noite, café da manhã completo incluído.

Queriam conhecer Clive e, quando ela fez a bobagem de contar a ele que os dois estavam para chegar, Clive disse que queria conhecê-los. Sophie falou que ele os conheceria na gravação, mas Clive sentia merecer mais.

“Estou te poupando”, ela explicou.

“Não quero ser poupado. Sou de uma categoria à parte, não a do Dennis nem a do Brian nem a de qualquer outro que anda te rondando.”

“E por quê?”

“Porque sou seu marido na tela, e fora dela sou...”

“O quê? Você não é capaz de terminar essa frase com alguma coisa que eles entendam.”

“Vou pagar um jantar pra vocês todos. Sábado à noite. Não posso simplesmente trocar um aperto de mãos depois da gravação e sumir.”

“Bom, então não faça isso. Fique pra tomar uma bebida.”

“Sinto como se eles fossem parentes.”

Sophie sabia que Clive falava sério. Ele a levaria à loucura. Às vezes dormiam juntos, às vezes não, e ela nunca tinha certeza de qual era seu lugar, e se flagrava ficando enciumada, mesmo consciente de que ter ciúme, naquele caso, não tinha o menor sentido, e pertencia ao tipo de relacionamento que não queria ter com ele.

“Eles vão misturar alhos com bugalhos.”

“Deixe que misturem. Que mal pode fazer? De todo jeito tem alhos na história. Não importa que levem bugalhos no pacote.”

“Eu ia ouvir até não poder mais.”

“Não posso ser um amigo?”

“Eles não sabem o que é isso. Não numa saída num sábado à noite. Sabem é de maridos e esposas, namorados, e só.”

“Vou reservar uma mesa no Sheekey’s. Eles vão gostar de lá.”

“Você conhece os dois tão bem.”

Clive estava certo. Adoraram o Sheekey’s, até porque fechava às 20h30 e ele tinha apostado, corretamente, que preferiam o chá às 18h. Se Sophie estivesse pagando, teriam levantado e saído quando viram os preços no cardápio, mas se limitaram a repetidas vezes perguntar a Clive se tinha certeza de que podiam escolher aqueles pratos e lhe dizer que estava sendo muito gentil.

“Você tem namorada, Clive?”, perguntou Marie mais ou menos no mesmo instante em que se sentaram.

“Ainda estou olhando as vitrines”, respondeu Clive.

“Você é jovem”, falou Marie.

“Nossa Barbara aqui está livre”, disse George.

“É Sophie”, corrigiu Sophie. “E não estou ‘livre’.”

“Não?”, quis saber George.

“Conta tudo pra gente”, falou Clive.

“É que quero fazer minha carreira antes de começar a pensar nessas coisas todas.”

“Clive pode esperar, não é, Clive?”, disse George.

“Claro que posso”, confirmou Clive.

“E isso não te impede de continuar olhando as vitrines, certo?”

“Claro que não. Não atrapalharia em nada.”

“Pronto”, falou George.

“Ah, pelo amor de Deus”, reclamou Sophie.

“O que foi que a gente disse agora?”, retrucou George, e fez uma cara para Clive indicando que, para a filha, sempre tinha algum problema.

“Podemos mudar de assunto?”, retomou Sophie. “Como vai o trabalho, pai?”

Mas não tinham vindo até Londres para ficar conversando sobre Blackpool. Queriam saber do programa e de outras estrelas da tevê e do cinema que Clive e Sophie conhecessem, e se já haviam topado com os Beatles. (Clive tinha perdido Paul numa festa por pouco, contou, e a história foi ouvida com grande deslumbramento e abundantes meneios de cabeça.) E então o mágico e comediante Maurice “Mr. Magic” Beck se acomodou na mesa ao lado, sozinho, e o quase encontro de Clive com Paul foi esquecido.

“Minha nossa”, disse George. “Aquele ali é quem eu estou pensando que é?”

Se a observação tinha um alvo, esse alvo era Mr. Magic, que sorriu para, em seguida, fazer a encenação teatral de quem olha e volta a olhar, incrédulo, ao ver Sophie e Clive.

“Minha nossa”, ele disse. “Aqueles ali são quem eu estou pensando que são?”

O pai de Sophie soltou uma gargalhada ruidosa de satisfação, e ela se lembrou de como o comportamento dele tinha sido constrangedor quando viu que o jornal local enviara seu principal fotógrafo para retratá-la.

Alguns momentos mais tarde, os garçons rearranjavam as mesas para que os cinco pudessem sentar juntos, e, passados mais alguns momentos, Mr. Magic deu início ao seu show. Preparava, por aqueles dias, uma apresentação marcada de última hora, um espetáculo de variedades no Palladium, e lhes ofereceu uma prévia de alguns dos números mais simples, truques de mesa, enquanto comiam. (Linguado com batatas fritas para George, hadoque com ovos pochés para Marie.) O mágico contava piadas enquanto fazia sumir coisas, relógios, colheres e guardanapos, e Sophie estava preocupada se o pai não teria outro ataque do coração, tal o volume de suas gargalhadas e a intensidade de seu espanto.

Ela se deu conta de que olhava para o rosto de Maurice Beck na mesma medida em que observava suas mãos. Para surpresa dela, ele até que era bonito, aqui e ali, quando sua expressão era serena. Ela o via na televisão, em Blackpool, na época em que assistia aos programas de sábado à noite, e eram tantas as caretas que o mágico fazia — no intento de mostrar surpresa, alegria, infortúnio — que jamais pensaria nele como alguém atraente. No restaurante, porém, o show não era para valer, e Sophie podia ver que o mágico estava consciente da atenção dela. Na maior parte do tempo, mantinha a expressão imóvel, de modo que pôde reparar nas maçãs do rosto pronunciadas e nos olhos muito castanhos. Também era mais jovem do que Sophie achava, talvez não tivesse nem quarenta. Não era tão bonito quanto Clive, mas Clive era vaidoso demais para, em algum momento, esquecer que as mulheres o apreciavam. Ou talvez pensasse, simplesmente, que a aparência, e não os talentos

como ator, era seu bem mais precioso, o dom que precisava de maior proteção e cuidado, então não podia se dar ao luxo do tipo de animação que Maurice proporcionava. Sophie de repente se deu conta de que Clive nunca chegaria lá, não do jeito que desejava. Ou seria protagonista, ou não seria nada, e protagonista ele não era.

“Posso fazer uma pergunta pros dois?”, falou Maurice. “O programa de vocês... é só um programa?”

“Como assim?”, perguntou Sophie.

“Não quero trombar com ninguém, só isso. Caso o programa não seja só um programa.”

“Ah, já entendi onde ele quer chegar”, falou Marie.

“Onde ele quer chegar?”, quis saber George.

“Você não está vendo?”, retrucou Marie.

“Não”, respondeu George.

“Ele já deixou claro que não”, interveio Sophie. “E eu também não.”

“Você também? Ele quer saber se vocês dois estão namorando na vida real. E se você não estaria...”

“Marie!”, falou Sophie. “Ele pode não estar dizendo nada disso!”

“É exatamente isso que estou dizendo”, disse Maurice. “Você é muito esperta, Marie.”

Marie fez uma cara satisfeita.

“É só que... Eu sempre disse a mim mesmo: ‘Maurice, se alguém já não levou aquela garota’...”

“Daria pra dizer”, respondeu Sophie, “que o programa é só um programa, mas já tenho namorado, de qualquer jeito.”

“Você acabou de dizer pra gente que não tinha”, falou George.

“Ele não tinha escutado.”

Clive procurava desesperadamente uma maneira de entrar na conversa. Sentia como se estivesse na Conferência de Ialta, com a Europa sendo retalhada e ele só observando, impotente.

“Agora escutou”, retomou George, triunfante. “Ela não está namorando, Maurice. Está livre como um passarinho.”

“Talvez ela goste assim”, interveio Clive.

“Você já teve sua chance”, disse George. “E não aproveitou.”

“Sinto muito que tudo isso esteja acontecendo assim, tão publicamente”, falou Maurice, “mas será que você poderia me dar seu número de telefone?”

Fuçou na carteira, achou um recibo e uma caneta e os empurrou na direção dela. Sophie não sabia o que dizer. O que quer que fizesse a levaria a se indispor com alguém.

“O que você está esperando?”, perguntou o pai. “Maurice Beck acabou de pedir seu número de telefone! Não dá pra você ficar aí, com a boca escancarada!”

Ela escreveu o número no papel, apenas porque parecia a forma mais rápida de acabar com o constrangimento. Temeu, por um momento, que Marie e seu pai fossem aplaudir quando Maurice pegasse o papel e o enfiasse de volta na carteira, mas os dois apenas se cutucaram.

“Não vamos nos empolgar”, falou Sophie. “Ainda não aconteceu nada.”

Quando a conta chegou, Clive e Maurice lutaram para ver quem pagava e Maurice ganhou.

“Ninguém vai acreditar, lá em Blackpool, quando eu contar que o Mr. Magic me pagou um jantar”, disse George.

“Também não vão acreditar que ele pediu o número de telefone da sua filha”, observou Marie.

“Obrigada”, falou Sophie.

Despediram-se de Maurice em frente ao restaurante. Ele beijou Marie no rosto e a mão de Sophie, enquanto George ria, incrédulo, o tempo inteiro. Maurice então fingiu que ia beijá-lo, o que elevou a hilaridade a picos inéditos. Clive ficou quase esquecido, e Sophie se sentiu mal por ele: suspeitava que Marie e George não o

consideravam um astro, uma vez que ela o conhecia e trabalhava com ele, e que portanto não contava. Além disso, fazia anos e anos que viam Maurice Beck na tevê. Tinham uma relação preexistente com o mágico. Clive desapareceu na noite antes mesmo de terem chamado o táxi.

Mr. Magic sacou o recibo e discou o número de Sophie no momento em que ela tomava chá com Diane, da revista *Crush*. A jornalista tinha ido ao apartamento para fazer uma matéria. O editor havia gostado da história da estrela de tevê sem telefone nem namorado, e *Barbara (e Jim)* era a série cômica mais popular da televisão. As garotas que liam a revista queriam ser Sophie, todas elas, e apreciariam atualizações regulares, disse o editor. De modo que Diane estava ali, sentada, ouvindo os planos monossilábicos da estrela para o sábado à noite, revelados com o máximo de mistério e segredo que a boa educação e a habilidade de Sophie permitiam.

Ela pôs o fone de volta no gancho, sorriu e tentou continuar a conversa sobre os móveis da Habitat e o pôster que tinha acabado de comprar, de um enorme sol vermelho descendo sobre um mar muito azul.

“Desembucha”, disse Diane.

“Não vou contar meus planos para o sábado à noite.”

“Você não precisa contar pros leitores da *Crush*. Só tem que contar pra mim.”

“Não é ninguém que você conheça.”

“Sei que o Clive não era.”

“Como você sabe que não?”

“Porque você disse: ‘Alô, Maurice’.”

Sophie abriu a boca, deu de ombros e riu.

“Era o Maurice”, falou.

“Tinha uns boatos sobre você e o Clive. Gente que via vocês juntos por aí.”

“Se eu estivesse com o Clive, não sairia com o Maurice, não é?”

“Não sei.”

“Ora, não sairia.”

“O único Maurice que conheço é o Mr. Magic do *Sunday Night at the London Palladium*.”

Sophie corou e viu que Diane arregalava os olhos. Mas não entregaria a informação assim. Resistiria.

“Como assim, o único Maurice que você conhece? Ninguém na sua escola se chamava Maurice? Você não tem um parente chamado Maurice? Por que ele precisa ser um Maurice famoso?”

“Você não queria que eu descobrisse. Ficou dizendo ‘sim’, ‘não’, ‘obrigada’. E, além disso, meu tio Maurice é muito bem casado com minha tia Janet lá em Redcar.”

“Isso é o que você pensa.”

“Ele não faz seu tipo. Você vai sair sábado à noite com o Maurice Beck!”

“Ah, caramba”, disse Sophie. “Por que ele tinha que ligar quando você estava aqui?”

“Provavelmente tentou mil vezes enquanto você estava fora.”

“Se disser qualquer coisa pra quem quer que seja, eu te mato. É nosso primeiro encontro.”

“Mr. Magic!”

“Você me acha louca?”

“Não”, respondeu Diane, ponderando. “Ele é mais novo do que parece. E mais bonito do que você acha que é.”

“Mais bonito do que eu acho?” Sophie soltou um gemido, fingindo desespero.

“Aonde vocês vão?”

“Não sei. Ele vem me buscar. Disse que quer ir a algum lugar divertido.”

“Uma discoteca.”

“Uau, eu adoraria ir num lugar desses”, falou Sophie. “Você conhece algum?”

“Gosto do Scotch”, disse Diane.

“Não sei o que é isso”, admitiu Sophie.

“The Scotch of St. James. É bem elegante.”

“Não está na moda demais?”

“Não pra você. E ele é famoso. O pessoal perdoa um monte de coisas nos famosos.”

Sophie usou o mesmo gemido.

“Me liga depois? Vou estar louca pra saber como foi.”

Sophie disse que ligaria, e falava com sinceridade. Até ali não havia realmente lhe ocorrido que, com tantas coisas que agora tinha e jamais antecipara que teria, era uma garota sem amigos.

De início, disseram a eles que Maurice — ou Sophie, ela imaginou, mas o porteiro parecia presumir que aquilo era assunto a ser tratado com o cavalheiro — precisava pagar três guinéus para se tornar sócio temporário do Scotch of St. James, mas então umas garotas que estavam na fila atrás deles pediram autógrafos e, de súbito, os dois foram transformados em membros honorários. Terem sido reconhecidos imediatamente os deixou nervosos, mas, uma vez lá dentro, foram ignorados. Sophie sentiu que havia algo quase que meticulosamente artificial nessa falta de atenção, como se estivessem lhes dizendo que não eram famosos o suficiente, ou que eram famosos pelas razões erradas. Todas as garotas ali se pareciam com Diane, muito magras, cabelos escuros, saias curtas, olhos pretos de maquiagem, feito pandas, e todos os rapazes davam pinta de ser guitarristas ou até vocalistas de bandas pop. Sophie tinha se produzido, mas Maurice, meu Deus, usava terno e gravata. Ela não conseguia se livrar da sensação de que estava saindo com o tio Maurice de Diane, aquele de Redcar, ainda que o terno fosse muito elegante.

Na parte de baixo havia uma pista de dança, na de cima, o bar, e fumaça, barulho e estampas axadrezadas por todo lado. O xadrez em tudo parecia explicar o nome do clube, ou era o nome do clube que explicava tanto xadrez, mas nem uma explicação nem outra eram satisfatórias. Foram para o andar de cima, pois nem mesmo Sophie era capaz de sair da rua direto para a pista de dança. Ela se acomodou numa mesa de canto e, depois de uma espera de alguns minutos por alguém que viesse lhes perguntar o que queriam beber, Maurice foi até o bar.

Um rapaz bonito de cabelo bem comprido e usando um blazer listrado e chamativo veio substituir Maurice em segundos.

“Olá”, ele disse. “Sou o Keith.”

Sophie sorriu para o moço, mas não se apresentou.

“Somos amigos, certo?”

“Acho que não”, respondeu Sophie.

“Ah. Mas... também não somos ex-amigos.”

“Não acho que somos ex-amigos”, falou Sophie. “Só acho que a gente não se conhece.”

“Que bom. Isso é um alívio pra mim.”

“Por que seríamos ex-amigos?”

“Vou falar a verdade”, disse Keith. “Às vezes acontece de eu ter conhecido uma boneca certa vez, e de uma coisa ter levado a outra, e aí, por causa do meu estilo de vida agitado eu não ter mais visto ela de verdade.”

“*De verdade?* O que isso quer dizer?”

Keith riu.

“Você tem razão. Eu quis dizer ‘nunca mais’.”

“Acho que já entendi”, falou Sophie.

“Não deixe isso te influenciar”, disse Keith.

“Ah, não”, respondeu Sophie. “Você soa como o pretendente dos sonhos.”

Keith voltou a encará-la.

“Somos amigos, não é?”

“Não”, falou Sophie. “Mas não acho que somos ex-amigos.”

“Acabei de ter um déjà-vu”, disse Keith. “Sinto que já estive exatamente neste lugar tendo exatamente esta conversa. Você já sentiu isso alguma vez?”

“Acabo de sentir. Neste segundo.”

“Minha mãe e meu pai”, falou Keith, de repente.

“Perdão?”

“Minha mãe e meu pai gostam de você, mas não sei como é que eles te conhecem. Ou como é que eu sei que eles te conhecem. E que gostam de você.”

Ele parecia perplexo de verdade. Sophie compreendia no que consistia sua relação com os pais de Keith, mas não via nenhuma razão por que devesse embarcar nela.

“Aliás, não me admira que achem isso. Você é uma graça.”

“Obrigada.”

Maurice voltou com as bebidas, mas Keith não saiu do lugar.

“Meu amigo já voltou agora”, disse Sophie, educada. “Foi bom conversar com você.”

Keith levantou os olhos para Maurice.

“Esse aí?”, falou para Sophie. “Sério?” Ficou de pé e examinou o rosto de Maurice como se fosse um espelho e estivesse espremendo espinhas. “Quantos anos ele tem?”

“Você poderia dar licença?”, pediu Maurice.

Sophie conseguiu reprimir a tentação de uma risada. Teria sido desleal e injusto. E, embora Maurice fosse pelo menos dez anos mais velho, não era a isso que Keith se referia, ela achava; era a outra coisa. Maurice parecia pertencer a uma época completamente diferente. Tinha a aparência de um mágico de show de variedades, enquanto todas as demais pessoas na boate davam a impressão de viver num mundo que haviam acabado de inventar para elas. Sophie não queria soar como o pai dela, que passara o tempo todo da visita

a Londres balançando a cabeça, desaprovador, para praticamente qualquer um com menos de vinte e cinco anos, mas o rosto de Keith e de todos os outros no Scotch of St. James eram um pouco como o de Clive: sem as marcas da experiência, de certa forma. Ela tinha desejado viver numa cidade com ares de juventude, mas agora começava a se perguntar se não havia algo de falso naquelas pessoas, como se tivessem trapaceado.

“Acho que é melhor você sair do caminho agora, garotão”, disse Maurice.

“Mr. Magic!”, reconheceu Keith. “Putá que pariu! Faz um truquezinho pra gente, Mr. Magic!”

Maurice parecia confuso e um pouco assustado, Sophie pensou.

“Não posso fazer truques numa discoteca”, ele respondeu, por fim.

“Por que não?”, quis saber Keith.

“Você está com alguém, Keith?”, perguntou Sophie. “Porque talvez devesse ir procurar seus amigos. Eles devem estar preocupados com você.”

Tinha falado demais. O som da voz dela tocou alguma coisa no fundo da memória de Keith.

“Você é aquela garota! Do programa! É de lá que te conheço. Meu pai é apaixonado por você! Fui jantar lá e não pude abrir a boca! Eles precisavam assistir. Não perdem um episódio. Como é que chama? Não acredito nisso. Mr. Magic e a boneca da tevê que meu pai adora! Sou o Keith, dos Yardbirds. Prazer em conhecer.”

Ofereceu a mão a Maurice, que precisou largar as bebidas na mesa para cumprimentá-lo. Sophie fez um pequeno aceno para ele.

“Bom”, retomou Keith. “Eu mesmo não costumo ver vocês, mas Deus abençoe vocês por fazer os coroaos felizes. Enfim.”

“Enfim” acabou sendo o “tchau” de Keith, que foi embora.

“Quem são os Yardbirds?”, perguntou Maurice depois que Keith saiu.

“São uma banda pop”, explicou Sophie, mas nunca tinha ouvido falar deles. Apenas queria ter a sensação de que sabia mais do que Maurice sobre essas coisas. Nenhum dos dois admitia estar se sentindo desconfortável, mas tomaram rapidamente seus drinques e seguiram para o restaurante, onde estava mais calmo e podiam conversar, comer e ficar sentados sem susto. Não que Sophie se sentisse velha — não se sentia. Sentia-se jovem e viva e bem-sucedida, cheia de esperança e ambição. Mas trabalhava com entretenimento e, mesmo suspeitando que Maurice Beck não era o homem certo e que aquela vida não era para ela, o mágico era um dos seus.

Sophie saiu para jantar com Maurice mais três vezes nas semanas seguintes. Depois da segunda vez, convidou-o a entrar para um café e o beijou, só para ver se isso faria alguma diferença, mas já estava de sobreaviso, antes mesmo de os lábios se tocarem, para o bom e velho mau hálito, o tipo de coisa que associava ao tempo de escola e, em particular, a Janice Stringer, uma garota que, rezava a lenda, não tinha escova de dente em casa. Sophie não queria ficar pensando em Janice Stringer enquanto beijava alguém. O que se seguiu ao beijo foi uma sessão infeliz e indigna de tentativas de avanço, do tipo sobre o qual Marjorie a alertara, cuja recusa Maurice parecia achar que era parte da diversão. Ela sabia que teria de dizer a ele que a relação estava acabada, mas não podia fazer isso passados dez segundos de um beijo, de modo que seriam necessários mais um jantar, outra noite ouvindo histórias sobre a Associação dos Mágicos e o Winter Gardens de Bournemouth, e depois uma conversa difícil.

Infelizmente, a disposição dela a mais um encontro, após o beijo de mau hálito, foi mal interpretada, e ele a pediu em casamento. Levou-a ao Sheekey's, pois era o mais próximo que tinham de um

Lugar com Significado Romântico e Histórico; ele fez a aliança aparecer numa taça de champanhe sob aplausos dos funcionários do restaurante. Como ela não respondeu nada imediatamente, o pessoal foi procurar o que fazer. Tinham sido as tentativas de avanço, ela se deu conta, que o convenceram a comprar o anel. Ele devia ter pensado que ela o repelira por ser uma garota à moda antiga, mas não era nada disso. Era simplesmente porque não queria ir para a cama com ele.

“Deu tudo errado, né?”, perguntou Maurice quando a mesa já não estava mais cercada de espectadores.

“Não”, ela respondeu. “Foi um truque muito bom. E foi romântico, com todos os garçons em volta.”

“Posso ouvir um ‘mas’ a caminho...”

“A gente não se conhece, na verdade”, disse Sophie.

“Acho que você me conhece”, ele retrucou. “Mas, também, estou na tevê há mais tempo. E, além disso, você é uma atriz.”

“O que isso tem a ver?”

“Quando aparece na tevê, não é você. Está representando um papel. Mas eu, na tevê, sou eu mesmo. Maurice.”

Isso era verdade, infelizmente. O Maurice da vida privada era muito semelhante ao Maurice conhecido do público. Parecia jamais ir a lugar algum sem maquiagem, para começar, e aquele sorriso falso, cheio de dentes, aparecia e desaparecia, aleatório, feito um farol de carro com defeito.

“Tenho certeza de que você é muito mais do que isso”, falou Sophie.

“Não sou”, ele disse. “Não sou nada mais, sério. O que você está vendo é tudo o que posso oferecer. E não tenho vergonha disso. Você podia ficar casada comigo mil anos que eu continuaria a ser a pessoa que aparece no *Sunday Night at the London Palladium*.”

Sophie se sentiu tentada a, como agradecimento pelos jantares, aconselhá-lo a nunca mais dizer aquilo para mulher nenhuma, a não

ser que, por alguma razão, quisesse que a moça em questão cometesse suicídio.

“Não duvido”, disse Sophie.

“Então o que você está dizendo”, retomou Maurice, “é que... eu deveria dar um tempo. A gente continuaria a sair. E daria umas bitocas e namoraria bastante.”

Esse era um dos problemas dele: usar uma palavra como “bitocas”. Era o tipo de coisa que os avós dela diriam. Era provável que existisse uma velha canção de baile chamada “A gente daria umas bitocas e namoraria bastante”; nunca haveria uma música dos Rolling Stones com esse título. Ou dos Yardbirds, ela imaginou, embora ainda não soubesse como era a música dos Yardbirds. E, além disso, que emprego era aquele, de mágico cômico? Ela não achava que conseguiria suportar ser casada com um mágico cômico, mesmo que o hálito dele fosse mais cheiroso do que as pastilhas Parma Violets e seus beijos bombásticos. Mágicos cômicos eram o tipo de atração de rua. Mágicos cômicos eram figuras das quais queria fugir quando viera para Londres, e não figuras para voltar a encontrar ali, muito menos com quem se casar.

“Acho que não é isso que estou dizendo, na verdade”, falou Sophie, por fim.

“Ah.”

“Acho que o que estou dizendo é que dar um tempo não vai fazer diferença nenhuma.”

“Por que não?”

Ele olhava ansioso para ela. Queria entender, de verdade.

“Não acho que eu seja a pessoa certa pra você.”

“Você é. Com certeza. Eu sei.”

“Ah. Bom. Então acho que deve ser o contrário.”

“Ainda não estou entendendo.”

Sophie ficou pensando que nunca tinha demonstrado a devida gratidão ao pessoal com quem trabalhava por serem sujeitos tão

rápidos de raciocínio, e que, se aquela noite enfim terminasse, o que não parecia que ia acontecer, corrigiria essa falta. Compraria flores e uísque para eles todos e escreveria um cartão agradecendo tanta inteligência. Havia mil razões por que jamais aquela conversa seria possível com Dennis. Ele nunca teria feito aparecer uma aliança de noivado numa taça de champanhe, claro, mas, uma vez que tivesse se dado conta de que ela não pretendia usar o anel, também não perguntaria por que não. Sophie não queria ser a esposa tola de um mágico cômico, e não precisava ser, embora percebesse, igualmente, que essa escolha, caso ela a fizesse, não chegaria a espantar as pessoas.

Explicou-se do jeito mais claro que pôde, despedaçou o coração de Maurice e voltou para casa sozinha.

13.

Quando Bill tinha se acostumado à ideia e não agia mais com tanto desprezo em relação ao primeiro evento, nem se sentia mais tão deprimido quanto ao segundo, passou a brincar dizendo que Tony fora responsável por duas gravidezes no mesmo mês. Tony não queria estragar a brincadeira com a observação de que a paternidade da outra criança era duvidosa: Tom Sloan era suspeito, Dennis também. E o próprio Bill dificilmente seria considerado inocente. Mas, enfim, a paternidade. De repente havia muito mais dela na vida de Tony do que ele jamais poderia ter previsto.

Ele e Bill haviam se mudado para um escritório maior agora, um imóvel que tinha espaço para Hazel e lhes reservava uma sala dos fundos para trabalhar. Quando June veio contar a novidade, não entrou direto lá, como costumava fazer; parou na mesa de Hazel e esperou que a secretária avisasse que ela estava ali. Ele soube do que se tratava assim que a viu.

Levou-a para a rua, para longe dos olhares curiosos, e a abraçou apertado.

“Dá pra acreditar? Você botou pra quebrar”, ela disse, e Tony riu da conotação de violência, no mínimo de vigor, na expressão usada

pela mulher. Ele não tinha botado pra quebrar. Aquilo era resultado de muita paciência, de muito convencimento, de muitos “talvez amanhã”, “não tem problema” e “acho que sim”. Só recentemente surgiam sinais de que as coisas estavam melhorando, ou pelo menos ficando menos complicadas.

“Vamos ter que nos mudar”, falou Tony. “Pra uma casa com jardim.”

“Não se apresse”, disse June. “A gente vai ficar bem por um tempo.”

Moravam num apartamento em Camden Town, e June adorava as lojas, os cinemas e a feira do bairro.

“Vamos pra algum lugar bem arborizado e calmo. Pinner, algo assim.”

“Sério? Ah, querido. Enfim, tem outras coisas pra gente se preocupar antes disso.”

“Como o quê?”

“O parto, pra começar. Estou apavorada.”

“Desculpe. Claro.”

“E se vou ser uma boa mãe.”

“Você vai ser uma mãe maravilhosa.”

“Você vai ser um pai maravilhoso.”

“Ah, meu Deus”, disse Tony. “E eu aqui me preocupando com jardins.”

“Como você está se sentindo?”

“Estou ótimo.”

E continuou se sentindo assim, até contar para Bill.

Talvez aquilo fosse saudável e coisas ótimas resultassem dali, mas ele e Bill estavam no processo de se tornar duas pessoas diferentes. Ao final de um dia de trabalho, Tony ficava dolorido do jeito que costumava ficar depois de todos aqueles exercícios nos

treinamentos idiotas que tivera de suportar durante o serviço militar. Até então, era como se ele e Bill compartilhassem o mesmo cérebro, ou pelo menos como se tivessem criado um novo que pairava entre os dois e que abasteciam com coisas, falas, histórias e personagens, como duas torneiras enchendo uma banheira. Em alguns momentos uma funcionava melhor que a outra, noutros a banheira precisava de mais água quente do que fria, mas o processo de mistura era natural, óbvio. Eles simplesmente conversavam e, em seguida, escreviam.

Ao longo da nova temporada, porém, estava ficando difícil de achar o cérebro compartilhado. Agora eram dois sujeitos unidos por talento e circunstâncias, tentando falar com voz própria, e de súbito cada diálogo e cada escolha narrativa precisavam ser debatidos, atacados, defendidos; ambos, Tony e Bill, conquistavam suas pequenas vitórias e sofriam suas pequenas derrotas. Talvez toda parceria entre autores funcionasse assim, mas nunca eles tinham precisado fazer daquela forma, e era difícil.

Tony tentou pensar em como contar a novidade para Bill de modo a, de alguma forma, evitar o sarcasmo e o escárnio do amigo. Bill gostava de June, pareciam apreciar a companhia um do outro quando se encontravam. Talvez fosse paranoia de Tony, mas ele não conseguia evitar o pensamento de que Bill olhava para seu casamento como alguma coisa falsa, um sinal de covardia e um desejo de se enquadrar. Tony e Bill costumavam ser feitos da mesma água. Agora Tony se transformava em vinho. Tudo bem que não chegava a ser um daqueles vinhos exóticos — provavelmente estava mais para um simples, da casa, do que para um francês fermentado por sabe-se lá que bactérias. Mas ele era um pacato homem casado e, mesmo antes de June engravidar, costumava ficar em casa com ela, noite após noite, vendo televisão, ouvindo rádio, conversando sobre o que tinham visto ou escutado, analisando roteiros. Uma ou duas vezes por semana iam ao cinema

e, no caminho de volta, dissecavam o filme que tinham acabado de ver. Tony podia ficar ouvindo June falar sobre roteiros a noite toda. Ela não era capaz de escrevê-los — tinha tentado, embora nunca mostrasse os resultados nem para Tony nem para ninguém —, mas sempre sabia onde falhavam, o que faltava neles, o momento em que viravam para um lado quando deveriam ter virado para o outro, por que algumas cenas pensadas para arrebentar resultavam chochas. Tony começava a se perguntar se aquela facilidade de June e o interesse comum dos dois talvez não lhes fossem mais úteis, no longo prazo, do que uma relação baseada em sexo apaixonado que terminaria por não se sustentar.

Bill, porém, frequentava boates e bares de cuja existência ninguém mais sabia, e bebia muito, e conhecia pessoas extravagantes e perigosas que, com frequência, viviam sob risco de prisão por suas preferências sexuais, mas não estavam nem aí. E ele começava a olhar para um mundo que ia além do entretenimento, um mundo que Tony não compreendia, na verdade. Bill ia ao teatro — tinha descoberto Harold Pinter, N.F. Simpson e Joe Orton — e conhecia Peter Cook, Dudley Moore e o pessoal da *Private Eye*. Também apresentara a Ned Sherrin alguns esquetes inteligentes e agressivos para o novo show satírico do diretor, *Not So Much a Programme, More a Way of Life* — chegou mesmo a escrever um negócio chamado “O homossexual virgem de dois mil anos de idade”, satirizando o tempo que estava demorando para que as recomendações do Relatório Wolfenden pela descriminalização do homossexualismo fossem seguidas. “O homossexual” tinha sido recusado, mas Bill ficara orgulhoso do resultado, e Tony tinha a impressão de que o parceiro tentava escrever coisas mais longas, que lhe permitissem chegar a lugares onde *Barbara (e Jim)* jamais poderia ir. Tony admirava tudo isso e desejava poder ser mais como ele, mas sabia que não era, e provavelmente nunca seria.

“Ah, puta que pariu”, falou Bill quando Tony lhe contou.

Também andava xingando mais ostensivamente nos últimos tempos. Tentava evitar os palavrões quando começaram a trabalhar juntos, pois não queria que as pessoas pensassem que era um bronco mal-educado de Barnet. Agora que metade dos atores e roteiristas que conhecia queria parecer um bronco mal-educado de Barnet, soltava a língua como nunca.

“Como foi que isso aconteceu?”

Tony sorriu, envergonhado. “Do jeito normal. Mais ou menos.”

“O sr. Normal”, emendou Bill. “A porra do sr. Cidadão Comum.”

“O próprio”, falou Tony.

“Mas você é, não é?”

“Sei lá, Bill. Sou um roteirista de tevê que abandonou a escola aos quinze anos e certa vez foi preso num banheiro público em Aldershot. E acabo de descobrir que estou prestes a virar pai depois de ter feito amor com minha esposa uma dúzia de vezes durante todo o nosso casamento, com uma taxa de sucesso de menos de cinquenta por cento. Estou na média?”

“Provavelmente melhor que a média, nessa última parte.”

Tony riu e lembrou as tiradas cruéis de sua mãe às custas de seu pai.

“Mas está tratando de aparar todas as arestas”, disse Bill. “Você quer ser um sujeito respeitável.”

“Aconteceu, simplesmente. Não procurei nada disso. E me convém.”

“É. Acho uma boa que um de nós dois seja assim.”

“Por quê?”

“É o que a gente está tentando fazer, não é? Escrever sobre o sr. e a sra. Cidadão Comum?”

“Claro, ela parece com a Sabrina e ele trabalha com o Harold Wilson.”

“Bom, escrevemos *para* o sr. e a sra. Cidadão Comum pelo menos.”

“Primeiro, não acredito nisso de alguém ser o cidadão comum. Segundo... e se a gente fosse? O que tem de errado? A gente escreveu sobre o que queria e acabou com dezoito milhões de espectadores. Essa é que é a graça da comédia televisiva, não é? Fazer todo mundo se identificar com algo. É isso que eu amo nesse negócio. A gente ri da mesma coisa que o chefe, a mãe, o vizinho, o crítico de tevê do *Times* e a rainha, se bobear. É genial.”

Bill soltou um suspiro. “Enfim”, falou. “Meus parabéns.”

Foi simplesmente um azar que Tom Sloan chamasse Dennis à sua sala no dia seguinte para contar dos planos da ITV de lançar um novo programa de perguntas e respostas na mesma noite em que iria ao ar o último episódio da segunda temporada.

“No mesmo horário?”

“Não, eles não são tão loucos. Mas acham que *Up Your Alley* é fraca.”

Infelizmente *Up Your Alley*, série dramática sobre a vida num asilo de pobres numa cidade industrial do condado de Yorkshire durante a Depressão, era fraca, pelo menos no sentido de que ninguém queria assisti-la.

“Como posso ajudar?”, perguntou Dennis, embora sem saber se queria mesmo dizer aquilo. A oferta de ajuda quase certamente lhe causaria problemas.

“Quais são seus planos pro último episódio? Precisamos de alguma coisa que todo mundo vá querer assistir. E esperar que, no fim, o sujeito não se dê ao trabalho de levantar da poltrona para trocar de canal.”

“Ah, o material que temos está bem bom”, disse Dennis. “Lembra que no primeiro episódio a Barbara menciona que tinha vindo pra

Londres pra ser cantora? Bom, ela vai fazer um teste no...”

“Nada de gente cantando.”

“O público não chega a ouvir Sophie cantar, ainda que ela tenha uma ótima voz, na verdade. A história é sobre a Barbara querer fazer alguma coisa e se tornar alguém por si mesma, em vez de...”

“Deixa eu te interromper aí mesmo. Não queremos nada de política no último episódio da temporada.”

“Mas isso é política? Uma jovem entediada correndo atrás de um sonho?”

“Pra mim parece político.”

“Podemos rever, certamente”, falou Dennis.

Tinha incentivado Tony e Bill a encontrar algo para Barbara fazer e os dois usaram a imaginação; agora temia ser obrigado a lhes dizer que achassem outra coisa.

“Por que ela ainda não engravidou? Tem algum motivo? Eles não podem ter filhos?”

Dennis não queria ter de explicar que Clive e Sophie resistiam ao compromisso de formar uma família fictícia.

“Não estão casados há tanto tempo, e o Jim...”

“Então não tem motivo nenhum. Muito bem. Arranje uma família pra ela. Vai funcionar.”

“Tá certo”, disse Dennis.

“Ah, puta que pariu”, falou Bill quando Dennis lhe contou.

Tony riu.

“Qual é a graça?”, quis saber Bill.

“Você diz isso toda vez que fica sabendo que alguém vai ter um bebê”, respondeu Tony.

“Por quê?”, perguntou Dennis.

“Sei lá. Você vai ter que perguntar pra ele.”

“É a porcaria dessa lógica de casais”, disse Bill. “Não importa quem sejam: um homem e uma mulher se conhecem, casam, montam uma casa, têm filhos. É que nem... comida. Pode parecer tudo diferente no prato, mas só tem um lugar por onde descer e, quando sai do outro lado, a aparência e o cheiro são sempre os mesmos. E quem quer escrever sobre isso?”

Dennis olhou perplexo para Tony, que deu de ombros.

“Não sei o que fazer com ele”, falou Tony.

“Será que dá pra ela ter um aborto antes do começo da próxima temporada?”, continuou Bill. “Ou decidir abortar? Abortos são engraçados?”

“Pergunte pra uma mulher que morreu de septicemia depois de enfiarem uma agulha de tricô dentro dela”, disse Dennis.

“Ela não me escutaria”, retrucou Bill.

“Você é um canalha às vezes”, falou Dennis. “Por que a pobre da mulher não pode ficar grávida?”

“Pode”, respondeu Bill. “Mas estou certo ao pensar que aí ela teria um bebê pra cuidar? E, se é assim, que porcaria esperam que a gente faça com ele em dezesseis episódios?”

“Bebês podem ser engraçados”, disse Dennis.

“Conta pra gente sua melhor piada de bebê.”

A pergunta era retórica, claro, mas Dennis fez a besteira de levá-la a sério, numa tentativa de aplacar os temores de Bill.

“Tá certo. Quando minha sobrinha tinha três meses de idade...”

“Ah, pelo amor de Deus, poupe-nos”, falou Bill.

“Você não quer nem ouvir”, disse Dennis.

“Um bebê”, insistiu Bill, “vai estragar tudo.”

“Obrigado”, interveio Tony. “Vou ser pai, Dennis.”

“Que notícia maravilhosa”, falou Dennis.

“Tente dizer isso pra ele.”

“Não me importo com o que os outros fazem com seu tempo livre”, retomou Bill. “Mas...”

“Não é verdade”, interrompeu Tony.

“Vamos nos concentrar no Jim e na Barbara”, disse Dennis. “O que a gente pode fazer pra tornar a ideia mais palatável pra você?”

“Por quanto tempo ela precisa ficar grávida?”, quis saber Bill. E, quando Tony e Dennis já se preparavam para soltar duas versões da mesma piada: “Tá, tá, muito engraçado. Quanto tempo na série?”.

“Assim, chutando?”, perguntou Dennis.

“Será que existe mesmo uma fórmula que alguém confere depois?”, retrucou Bill. “Da Duração Oficial da Gravidez na Tevê?”

“Ela aparece grávida no primeiro episódio da próxima temporada pra gente se preparar, no segundo ela aparece com o bebê.”

“Pelo amor de Deus”, falou Bill.

“Não é tão ruim quanto você está pensando”, continuou Tony. “Tem como pensar em situações.”

“Me dá um exemplo.”

“Batizado. O Jim é ateu, eu imaginaria. Ele se opõe. Podemos fazer um episódio inteiro tirando sarro de um vigário meloso da Igreja anglicana.”

“Talvez a gente precise discutir isso melhor”, observou Dennis. “O Tom é presbiteriano.”

Bill o encarou com tal desprezo que Dennis resolveu que preferia enfrentar a fúria presbiteriana de Tom.

“Já entendi, Bill, mas o Tony tem razão. Não é porque eles vão formar uma família que vocês precisam parar de fazer o que vinham fazendo. Só precisam ser inventivos em cima disso.”

“E nem mencionar o pestinha em alguns episódios.”

“Se isso fizer você se sentir melhor.”

“Faz.”

Nunca, pensou Tony, uma bela garota tinha sido engravidada à base de tanta irritação e relutância.

No fim das contas, foi ideia de Bill a cena em que Barbara conta a Jim e a todo o povo da Grã-Bretanha que ele vai ser pai. E era uma boa cena — tão inesperada e inteligente que pareceu a Tony que o profissionalismo, a imaginação e o talento de Bill sempre prevaleceriam sobre suas teimosias e hostilidades. No episódio “A surpresa”, Barbara simplesmente se esquece de contar a Jim, presumindo que a notícia é de tal forma cataclísmica que ele já devia saber. Jim circula pela sala de estar enquanto Barbara fala ao telefone com a mãe, e o momento em que o marido entende o que está acontecendo, o que é assinalado por um lento baixar do jornal que tem à frente do rosto, é exatamente o mesmo em que o público no estúdio se dá conta, justamente como Tony e Bill esperavam. A expressão de Clive, quando finalmente se revelou, era perfeita, um momento que acabou se tornando representativo de tudo o que as pessoas amavam no programa. Tom Sloan compareceu à gravação pela primeira vez e, de tão satisfeito com o que viu, providenciou que duas garrafas de champanhe fossem entregues nos bastidores. E o champanhe, por sua vez, ajudou Clive e Sophie a novamente tomar o rumo da cama dela.

Sophie estava começando a perceber que não havia o que fazer para evitar que atores acabassem dormindo uns com os outros. Sempre tinham feito isso e provavelmente sempre fariam. Atores eram mais atraentes, no geral, do que as pessoas comuns. Uma das bênçãos com que eram agraciados — talvez a única que valia alguma coisa. Em muitos casos, nem havia outra. E essas pessoas atraentes passavam uma porção de tempo juntas, e outras pessoas, menos atraentes, as vestiam e as maquiavam e as iluminavam de modo a acentuar sua beleza e lhes diziam quanto eram maravilhosas. Atores com frequência acabavam confinados juntos em locações glamorosas, muito longe de casa. Era frequente que

lhes dessem quartos vizinhos em belos hotéis, e não faltava incentivo na vida deles para uma batida à porta tarde da noite. Clive e Sophie eram um prurido permanente um para o outro, uma coceira que não parava e precisava ser coçada. Dormiam juntos, juravam não fazer mais isso, aí faziam outra vez, e sempre gostavam muito quando acontecia. Sophie não conseguia ver mal nenhum naquilo, mas também não haveria muito futuro; Clive não era do tipo capaz de enxergar além do café da manhã do dia seguinte. A diferença com “A surpresa” foi que o episódio criou um pretexto para que romantizassem uma espécie de futuro substituto.

“Não me importo de ter um bebê com você”, disse Sophie, ainda na cama. “Digo, no programa. Sinto ter falado aquelas coisas.”

“Sei o que você quer dizer”, respondeu Clive. “Também me sinto assim. E também sinto muito.”

“Acho que vamos ser ótimos pais no programa”, falou Sophie.

“Talvez seja uma boa pra eu praticar”, disse Clive. “Experimentar como é e tal.”

“Acho que sim.”

Ela gostava daquele senso de responsabilidade dele, e não queria desencorajá-lo, mas se sentiu obrigada a manter os pés no chão.

“Você sabe que as cenas vão ser com uma boneca de plástico, na maior parte do tempo?”

“Sim, claro, mas é simbólico.”

“Você acha?”

“Com certeza. Vou precisar me tornar uma pessoa diferente. Alguém que nunca fui antes. Alguns diriam: ‘Sim, mas você é ator, é seu trabalho’. Só que não é só isso. O Jim tem que mudar, e tenho que mudar junto com ele.”

“Eu diria que... o que o Jim tem que mudar é menos do que o que você tem que mudar. Sem querer ofender.”

“Não ofende. Por que acha isso?”

“Bom, ele é um marido dedicado, não é? Completamente apaixonado. E tem um bom emprego e...”

“O que é um bom emprego?”

“Sei lá. Quando o cara tem que colocar um terno e fazer coisas importantes.”

“Tá, mas venho interpretando o personagem muito bem, se posso me permitir o elogio. Então não deve ser muito difícil.”

“Só estou dizendo que o Jim está pronto pra ser pai, mas você não.”

“Devo me considerar insultado?”

Estava tentando insultá-lo, sim, ela achava.

“Não, claro que não. Só quis dizer... Você se imagina como pai, de verdade?”

“Meu Deus, não.”

“Sério? Nunca?”

“Ah, tenho certeza de que vou ser, um dia. Mas não consigo imaginar. É só que... me falta imaginação pra isso. Mais uma razão por que estou contente com o bebê da Barbara.”

“E seu.”

“É, você está certa. É assim que eu deveria pensar. Enfim. Quando o Tony e o Bill escreverem o roteiro, vou conseguir visualizar a coisa mais claramente.”

Ela o beijou no ombro. Ele era muito meigo e engraçado, e um caso perdido.

A TERCEIRA TEMPORADA

14.

Tony e Bill tinham esquecido como era o luxo de ter tempo — tempo para planejar, tempo para conversar, tempo para escrever e reescrever. Tempo era dinheiro, uma bela nota de dez libras estalando de nova, e eles não iam gastá-la de uma vez. Poupariam e usariam o recurso em dezesseis novos episódios, cada um deles mais engraçado, mais rico e mais verdadeiro do que qualquer coisa que haviam escrito até então. Encontrariam maneiras inteligentes e elegantes de lidar com a Questão do Bebê, de modo que pudessem, por fim, esquecer totalmente o pestinha.

Precisavam de uma parada, claro. Estavam exaustos, e ambos tinham certeza de que a escrita fluiria mais facilmente se pudessem passar algumas semanas ao sol, comendo, bebendo, dormindo e pensando, em vez de olhando um para a cara do outro sob a luz fluorescente e insalubre de um escritório. Bill foi para Tanger com um amigo ator, enquanto Tony e June reservaram um hotel à beira-mar em Nice, a primeira e última vez que tirariam férias como um casal sem filhos. Nenhum dos roteiristas tinha estado no exterior antes, nem mesmo durante o serviço militar; seus pais nem passaporte tinham. De modo que ficaram completamente fascinados

ao descobrir que outros países eram lugares espantosamente belos. Várias vezes os colegas, atores, roteiristas e agentes haviam contado sobre esses lugares, do mar que era mais quente, do céu que era mais azul e da comida à qual nada que se pudesse comprar em Londres, pelo preço que fosse, se comparava. Mas nenhum daqueles colegas tinha feito o que Tony teve vontade de fazer ao voltar: agarrar os outros pelo colarinho e gritar, com fúria nos olhos, até que concordassem em ir reservar suas passagens. As pessoas na Inglaterra, em sua maioria, ele pensava, não faziam ideia de que a algumas horas de viagem dali podiam encontrar um lugar que as faria abominar cada segundo passado em Hastings, Skegness ou no Lake District. Talvez fosse melhor assim.

As viagens os deixaram com um pouco menos de tempo do que estavam contando, pois acabou sendo impossível sincronizá-las — o amigo ator de Bill estava estreando uma temporada num teatro de repertório em agosto, precisamente quando June tinha marcado suas férias. Tudo bem. Nada grave. Que diferença fazia terem quatro ou três meses?

Não os preocupava o tempo que, conforme as ordens, precisariam dedicar a traduzir os melhores episódios do *Esquadrão trapalhão* para a linguagem de tevê. Estavam seguros de que as mudanças necessárias seriam, em grande medida, pontuais e não estruturais, e que portanto grande parte do trabalho poderia ser entregue à secretária, Hazel. Televisão não era tão diferente de rádio, como espanhol não era tão diferente de italiano, uma piada era uma piada em qualquer língua, e assim por diante.

O que não esperavam era se dar conta de que o *Esquadrão trapalhão* não havia sido escrito em italiano, mas em latim. As piadas eram antiquadas, gastas e batidas, provavelmente já no tempo em que Tony e Bill as haviam criado, e eles passaram, cheios de culpa, a lembrar quanto copiavam dos programas e comediantes que admiravam lá atrás. As poucas mulheres que tinham se dado ao

trabalho de incluir nos textos eram encenqueiras e idiotas, e os homens, nada atraentes, pareciam bufões lascivos que, até onde seus criadores se lembravam, pretendiam ser carismáticos. O mundo girava e, se o *Esquadrão trapalhão* algum dia fosse passar na tevê, precisaria ser concebido novamente. Nem sabiam se queriam ainda falar de serviço militar, tampouco se alguém ainda queria. Aquilo os fazia se sentirem velhos. Os Beatles tinham simplesmente ignorado o Exército. O país agora era outro e tudo o mais. Gastaram algumas semanas erráticas trabalhando num piloto, mas o episódio, para fúria e alívio dos dois, nunca chegou a ficar pronto. De repente se viram com menos de três semanas para dedicar a *Barbara (e Jim)*, a única coisa que importava para eles.

O pânico explicava, mas não desculpava, o que foi o primeiro episódio da terceira temporada: uma tentativa de mostrar Barbara e Jim preparando o ninho para a chegada do rebento. Tony, que cuidava dos preparativos para a vinda do próprio rebento, recentemente tentara instalar uma pia em casa, depois de assistir a um programa do tipo “faça você mesmo”, e o que se seguiu foi um pandemônio cômico — June riu até se acabar quando, na primeira vez que as torneiras foram ligadas, o sifão caiu. Em “O banheiro novo”, Jim resolve dispensar os serviços do encanador após ver na televisão um desses programas, embora não se limite ao encanamento e decida tentar fazer tudo sozinho. Tony se baseava na matemática duvidosa segundo a qual uma pia *mais* uma banheira *mais* um privada produziriam suficientes pandemônios cômicos para entreter a população inteira da Grã-Bretanha, e não apenas uma June muito grávida e um pouco histérica. Acabou ficando evidente, porém, que um roteiro, quanto mais louça de banheiro tivesse, menos engraçado ficava, uma descoberta que talvez um dia viesse a ser útil às futuras gerações de autores cômicos, mas não teve serventia nenhuma para Tony e Bill. Tinham torrado a nota de dez libras e ficado sem nada.

“Pode dizer que a ideia foi minha”, falou Tony antes do primeiro ensaio.

“É o que eu vou fazer, porque foi ideia sua”, disse Bill.

“Você entendeu”, respondeu Tony.

“Meu nome também aparece aí, então vou defender o roteiro.”

“Você prefere tirar o nome?”

“Claro que não!”, reagiu Bill, ligeiro. “Não.” A negativa saiu sem muita convicção.

“O que isso quer dizer?”

“O que você acha que quer dizer?”

“Diga você.”

“Quer dizer: nunca fizemos isso na vida.”

Tony riu.

“Sabia que queria dizer alguma coisa. Quer tentar ver o que os outros acham?”

“Não.”

“O que isso quer dizer?”

“Quer dizer não. Definitivamente. É uma péssima ideia.”

“Por quê?”

“Você está dizendo que, se todo mundo achar que o negócio é um lixo, posso tirar meu nome? Mas, se acharem que está bom, metade do mérito é meu?”

“Acho que é isso.”

“É a receita para o desastre. Não dá pra ter uma parceria assim. Mas talvez seja alguma coisa para pensar no futuro.”

“E por que no futuro deixaria de ser a receita para o desastre?”

“A gente entra em acordo com antecedência. Antes de escrever a primeira palavra. ‘Simplesmente estou a fim de fazer esse sozinho.’ Ou: ‘Os dentes do bebê começaram a nascer. Você não assumiria o episódio desta semana?’. Talvez dar um tempo nos faça bem.”

“Entendi.”

Fazia perfeito sentido para Tony, e quase o fazia morrer de medo também.

“Ainda precisa de uns ajustes”, falou Tony, assim que terminaram a passagem do texto. “E muita coisa aí vai ficar mais engraçada quando entrarem os efeitos especiais.”

O roteiro não tinha provocado uma única risada. Mesmo Dennis, que em geral tentava ajudá-los com um primeiro rascunho complicado, parecia indeciso sobre como reagir.

“Efeitos especiais?”, perguntou Clive. “A gente está falando de uma torneira pingando, não de *Os dez mandamentos*.”

“Você pelo menos entendeu o que estava lendo?”, disse Bill. “É uma inundação. Banheira, privada, pia...”

“Hilariante”, retrucou Clive. “A privada que transborda. Vocês querem mesmo começar a temporada com piada de privada?”

“Não é piada de privada”, respondeu Tony. “São piadas envolvendo uma privada. E uma pia, e uma banheira. É diferente.”

“Mas é aquele tipo de pastelão sem graça.”

“Como o de Laurel e Hardy, você diz?”, falou Bill. “Ou o de Harold Lloyd?”

“Exato”, disse Clive, um pouco surpreso achando que Bill defendia sua posição.

Bill revirou os olhos.

“Você não acha o Gordo e o Magro engraçados, Clive?”, quis saber Dennis.

Clive simplesmente riu.

“Vou dizer o que isto aqui me faz lembrar”, retomou ele. “Um velho episódio da Lucille Ball. Digo isso no mau sentido, Sophie, antes que você se anime.”

Mas era tarde demais.

“Me deem alguma coisa a mais”, ela disse para Tony e Bill. “Eu só fico ali aos berros.”

“Não sei o que mais alguém pode fazer com a privada esguichando direto pro teto”, falou Tony.

“Por que não pode ser a Barbara que assiste ao programa que ensina a fazer consertos?”

“E por que o Jim teria a ideia de fazer tudo ele mesmo, se fosse a Barbara quem assistisse ao programa?”, perguntou Clive.

“Acho que o que a Sophie está sugerindo”, interveio Dennis, “é que seja ela tentando consertar o banheiro.”

Clive riu, desdenhoso.

“Qual é a graça?”, disse Sophie.

“Espero que seja a ideia de ver a Barbara consertando um banheiro”, falou Dennis.

“É, a ideia é engraçada”, respondeu Clive. “Mas não a... a *coisa de verdade*.”

“Por que não seria a coisa de verdade?”, perguntou Dennis.

“E estamos falando de mim, ou da Barbara?”, quis saber Sophie.

“O motivo desse seu riso de desdém é simplesmente a noção de uma mulher consertando o encanamento?”, emendou Tony.

Clive parecia cercado, mas a pergunta de Tony lhe oferecia uma saída.

“Bom, imagino que ela vá transformar o negócio todo num caos”, disse Clive. “Senão não tem programa.”

“Vai virar um caos, sim”, falou Tony. “Mas a noção de uma mulher mexendo no encanamento do banheiro não é, por si só, engraçada.”

“Discordo”, retrucou Clive.

Aquela conversa, Tony pensou mais tarde, captava com precisão todas as enlouquecedoras contradições do programa. Jim consertando o banheiro era tedioso e óbvio; Barbara transformando o conserto num caos era engraçado e novo, ou seja, completamente

previsível. Talvez a televisão — e, ele imaginava, a vida — funcionasse assim sempre.

Uma pessoa do público passou mal durante a gravação. Teve um ataque de riso e, de tanto se sacudir, acabou vomitando no encosto da poltrona à sua frente. A história da inundação — e, é preciso reconhecer, Tony e Bill tinham retrabalhado, polido e melhorado o roteiro até deixá-lo tinindo, um episódio que parecia uma daquelas motos americanas imponentes e barulhentas — precisou ser regravado porque o delírio da plateia encobria os diálogos. A desorientação de Sophie em meio a canos e vazamentos foi representada com um talento tal que ela conseguiu, finalmente, ser comparada a Lucille Ball, pelo menos na imprensa popular. A cena em que Jim chega e encontra Barbara trepada no reservatório de descarga da privada, para em seguida fingir que nada estava acontecendo, apareceu no programa de Natal com os melhores momentos da BBC por quatro anos seguidos e virou sinônimo de *Barbara (e Jim)*. E Bill, em desespero de causa, começou a levar a sério o romance que estava escrevendo.

15.

Desde a partida de Edith, Dennis tinha sido convidado para mais jantares do que durante todo o tempo em que ficou casado, mesmo descontando aqueles que sua mãe vinha organizando com humilhante regularidade. Parecia ter se tornado oficialmente um Solteiro Disponível. Tinha sido apresentado a mulheres solteiras que eram aterrorizantemente parecidas com Edith e outras que claramente pretendiam ser o oposto. As Ediths eram altas, magras e intelectuais; as opostas eram baixas, robustas e intelectuais. O diploma de Cambridge de Dennis, aparentemente algo tão limitador e taxativo quanto a crença religiosa mais devota, significava que a inteligência era um dado inalterável, mas ele estava tendo dificuldade em se deixar convencer de que intelectuais baixinhas e robustas faziam seu tipo. Isso se devia, ele tinha certeza, à sua superficialidade, mas não parecia haver nada que pudesse fazer a respeito.

O verdadeiro oposto de Edith era uma loira despretensiosa, bem-humorada e de tiradas rápidas, engraçada, inteligente e cheia de curvas. Dennis estava apaixonado por Sophie havia muito mais tempo do que jamais admitiria, mas era relativamente recente,

provavelmente por causa daquela praga de anti-Ediths que o atacava, essa sua percepção de que cada uma das qualidades que idolatrava em Sophie faltava em sua ex-mulher. Talvez estivesse sendo injusto e Edith tivesse mudado desde a última vez que a vira, mas duvidava. Difícil imaginar Vernon Whitfield conseguindo trazer à tona em Edith seu lado amante da diversão até então recôndito.

Pelo que podia ver, ele não fazia o tipo de Sophie. Tanto Clive quanto Maurice eram o que se poderia chamar, convencionalmente, de bem-apanhados, deixando-se de lado o nariz de jogador de rúgbi de Clive e o sorriso demente de Maurice. Os dois também eram famosos e, ainda que Sophie pudesse ficar horrorizada com essa observação, ele sabia, por ter sentido na própria pele, que aquilo fazia diferença. Era possível que Edith tivesse se sentido atraída pela mente de Vernon Whitfield, mas, se aquela mente estivesse escondida no fundo de algum empoeirado departamento de história, na universidade, talvez ela pensasse que era mais interessante desfrutá-la nas páginas do suplemento literário do *Times* do que na cama.

Dennis considerava que o melhor a fazer era sofrer em silêncio. Era quase certo que uma declaração de amor causaria constrangimento e, com sorte, resultaria num pequeno depoimento sobre como ele era amável e ela valorizava sua amizade e seu apoio profissional. E que produtor arriscaria estragar sua relação com a atriz principal e, se Sophie fosse indiscreta, com o ator principal, confessando uma afeição que bem poderia ser o resultado direto de um trauma psicológico recente?

Estava cada vez mais difícil, porém, manter a coisa reprimida. O amor não se prestava a isso, na opinião dele. Seu objetivo era ser corajoso, do contrário o próprio argumento já saía derrotado: um homem que não fosse capaz de dizer a uma mulher que a amava não era, por definição, digno dela. Decidiu, por fim, que tinha de dizer alguma coisa quando Clive e Sophie anunciassem o noivado.

Eles contaram para todo mundo no primeiro dia de ensaios do episódio “A chegada”, assim que terminaram a passagem do texto. As últimas páginas do roteiro, escritas por Tony como antecipação a seu próprio estado emocional, eram sérias, eivadas de amor e delicadeza, e claramente o casalzinho feliz ficara tão comovido que não conseguiu mais manter segredo. O público presente ao anúncio incluía Sandra, a atriz algo difícil e antipática que Dennis havia selecionado para interpretar a parteira. Ela foi a primeira a se manifestar; Tony, Bill e Dennis simplesmente ficaram boquiabertos de incredulidade e, no caso de Dennis, de infelicidade.

“Que notícia maravilhosa”, disse Sandra. “Fico tão feliz de estar aqui pra ouvir.”

“A gente não sabia que você ia estar, pra falar a verdade.”

“Não, mas contaram mesmo assim”, falou Sandra. “Me sinto honrada.”

“Pois não devia”, retrucou Clive. “Num mundo ideal, você...”

“Agora chega, Clive”, interrompeu Sophie.

“Vocês vão se casar de verdade?”, quis saber Bill.

“E por que outra razão ficaríamos noivos?”, respondeu Clive.

“Gente como vocês está sempre anunciando noivados”, disse Bill. “E metade das vezes não acontece nada. É como uma gravidez falsa. Ou um vento que escapole.”

“Não anuncio mais nada”, falou Clive. “Ainda bem que a Sandra está aqui pra nos desejar felicidades. Senão é o Bill comparando nosso noivado a um peido e o resto sem dizer nada.”

“Desculpe”, disse Tony. “Estamos todos muito felizes por vocês.”

Olharam para Dennis, que ainda não tinha falado.

“É”, ele falou. “Ainda estou tentando processar.”

“No seu tempo”, disse Bill. “A gente espera.”

“A questão é que eu também ia pedir a Sophie em casamento.”
Dennis soltou um risinho nervoso.

Tony torceu para que tivesse sido a única pessoa no recinto a entender que Dennis falava sério.

“Entendi o que você está fazendo”, disse Tony.

“O que ele está fazendo?”, perguntou Clive.

“Muito bom. Certo.”

Tony ficou de pé.

“Eu sou Spartacus.”

Bill riu e o acompanhou, também de pé.

“Eu sou Spartacus.”

“Eu não vi *Spartacus*”, falou Clive.

“Se todos nós pedirmos a Sophie em casamento, ela não vai saber quem escolher, e será poupada de um destino pior que a morte.”

“Ah!”, aderiu Dennis. “Muito bom.”

Ficou de pé.

“Você não precisa fazer, Dennis”, disse Tony.

“Ah.”

“Você começou. Não pode fazer duas vezes.”

“Mas eu não disse: ‘Eu sou Spartacus’. Só falei que ia pedir a Sophie em casamento.”

“Foi o seu ‘Eu sou Spartacus’.”

“Tá certo”, concordou Dennis. “Entendi.”

Tony podia ver que ele suava agora — uma indicação de que a estranha bolha de insanidade tinha saído de seu cérebro e chegado ao recinto. Podiam seguir adiante.

“Meus parabéns”, falou Dennis.

“Obrigada”, disse Sophie.

Ela continuava a olhar para Dennis quando todos já tinham voltado ao roteiro.

Diane queria entrevistar o caszinho feliz para a *Crush*, e logo, mas não conseguiram encontrar Clive, então as duas garotas acabaram saindo para jantar e comemorar, por conta da jornalista.

“Como foi o pedido?”

“Ele me levou no Tratt, pediu champanhe, mandou o pianista tocar ‘And I Love Her’, tirou a aliança e ficou de joelho.”

“Ah, meu Deus.”

“Isso é um ‘ah, meu Deus’ bom ou um ‘ah, meu Deus’ ruim?”

“Ah, ruim. Terrível. Constrangedor. Cafona.”

“Fico contente que você ache isso.”

“E o que você fez?”

“Falei pra ele parar com aquela idiotice. Falei que se fizesse a pergunta eu ia embora do restaurante.”

“E aí ele fez e você disse sim.”

Sophie riu e soltou um suspiro ao mesmo tempo.

“É. Mais ou menos isso. Muito tempo depois. O Clive ficou insistindo e falei que sim só pra ele calar a boca, na verdade.”

“Lindo. Um conto de fadas se torna realidade. Mas vou precisar ser um pouco mais animada na descrição pros leitores da *Crush*, ou eles acabam enfiando a cabeça num forno e ligando o gás. Enfim. Um pouquinho de maquiagem da Diane nisso aí e você vai fazer as pessoas muito felizes.”

“Elas outra vez”, comentou Sophie.

“Quem?”

“‘As pessoas.’ Será que isso vai *me* fazer feliz?, essa é a pergunta. Sou uma pessoa.”

“Então por que você disse sim?”

“Porque... Bom, pra fazer as pessoas muito felizes. É difícil resistir, quando todo mundo fica falando nisso o tempo inteiro.”

O que não era realmente verdade. Quando os dois saíam juntos, as pessoas sorriam, pediam autógrafos, faziam brincadeiras. Nunca

ninguém dizia: “Por favor, casem”. Um casamento faria felizes os jornais e as revistas, ela sabia, mas a enorme pressão para dar às pessoas o que elas queriam vinha de dentro. Um pequeno passo e ela seria capaz de juntar todos os pontos, Jim e Barbara, Clive e Sophie, e talvez um bebê para acompanhar o que estava prestes a nascer no programa. Havia uma parte de Sophie que desejava já estar casada, já estar grávida, porque então tudo seria em dobro e isso lhe daria mais satisfação do que qualquer mulher comum ou qualquer personagem fictícia jamais teriam. Mas sabia que a satisfação não duraria muito, pois não havia nada real na essência daquilo, e ela se pegou ansiando por alguma outra coisa.

“Você o ama?”

“Ah, para com isso, Diane. Talvez esteja na hora de você sair da *Crush*”, disse Sophie.

Percebeu de imediato que tinha sido ríspida demais. Não era a pergunta mais tola que se podia fazer a uma garota que acabara de ficar noiva.

“Posso escrever ‘Não ia conseguir suportar se outra garota roubasse meu Jim’?”, perguntou Diane.

“Pode”, falou Sophie. “Assim fica bom.”

O *Daily Express* descobriu o noivado antes de a *Crush* sair, e alguns outros jornais publicaram a notícia também. Um deles alegava ter descoberto que o bebê de Barbara era um menino. A volta da série fez parecer, pelo menos para eles, que Sophie e Clive eram a única coisa acontecendo no mundo inteiro.

Foi uma semana cheia de emoções. Na quinta, Dennis foi avisado de um telefonema de Tom Sloan, que pedia que ele ligasse de volta imediatamente.

Dennis ficou de pé.

“Senta aí”, falou Bill. “Ele pode esperar pelo menos até a gente terminar a cena.”

Dennis sentou. Sabia que Bill e Tony o consideravam um capacho da empresa, e de vez em quando gostava de fazer um pequeno gesto que talvez ajudasse a convencê-los de que tinha vontade própria, ainda que, nesse caso, tivesse sido necessário que alguém lhe dissesse para agir assim.

“Onde é que a gente estava?”

“Eu só estava pensando se a parteira não devia dizer mais alguma coisa nessa hora”, disse Sandra, a parteira. Ela passou uma boa parte do ensaio pensando se a parteira não devia dizer mais alguma coisa; para Sandra, uma parteira era uma combinação de médico, conselheiro, padre, terceira parte do casal e coro grego.

“Não”, respondeu Bill.

“Não tenho certeza se concordo”, retrucou Sandra.

Dennis voltou a se levantar.

“Senta aí”, falou Clive.

Dennis resolveu que não podia sentar outra vez só porque alguém tinha lhe dito para fazer isso, e não conseguia se concentrar, de qualquer jeito, então saiu e foi ligar para Tom Sloan.

“Então”, disse ele ao voltar.

“É bom ou ruim?”, quis saber Clive.

“Deixo pra vocês decidirem.”

“Ah, meu Deus”, falou Bill.

“Que foi?”

“Se é a gente que decide, não pode ser coisa boa. Não pode ser um aumento, por exemplo.”

“Não acho que o Tom Sloan possa resolver, de repente, dar mais dinheiro pra todo mundo. Todos temos contrato.”

“O que ele pode resolver, então?”, perguntou Sophie.

“Bom”, falou Dennis. “Em última análise, é ele o responsável por todos os programas do Entretenimento Leve e...”

“Ah, pelo amor de Cristo”, interrompeu Clive. “Não foi isso que ela perguntou. O que ela perguntou foi: ‘O que ele ligou para dizer’?”

“Ah”, disse Dennis. “Então.”

“Foi o que você falou quando chegou aqui, há duas horas”, observou Tony. “E continuamos sem saber de nada.”

“Acabei de falar com Marcia Williams.”

“Não é possível!”, exclamou Bill. “O que ela queria?”

“Não sabemos quem é Marcia Williams”, interveio Sophie.

“Sim, sabemos”, continuou Bill. “Por que você acha que eu disse: ‘Não é possível!’?”

“Pensei que você estava sendo sarcástico. Quem é ela, afinal?”

“É a secretária do primeiro-ministro. Vocês sabem o que dizem dela, né?”

“Muito cuidado aí”, alertou Dennis. “Estamos na BBC.”

“Ah, não seja tão bundão, Dennis”, falou Bill. E em seguida, só para ser perverso, começou a gritar: “DIZEM QUE OS DOIS TÊM UM CASO!”.

“Quem?”

“O WILSON E A MARCIA!”

“Fico deprimido de ver que estou tentando criar uma série cômica sofisticada com mentes tão infantis”, comentou Dennis.

“Problema seu”, retrucou Bill.

“É verdade isso?”, quis saber Sophie, com os olhos arregalados.

“Dizem por aí”, respondeu Clive.

“Dizem por aí”, debochou Dennis. “Se algum dia existiu uma frase que resumisse a futilidade da fofoca, é essa: ‘Dizem por aí’... Pelo amor de Deus.”

“Ora, é porque a gente não sabe com certeza”, disse Clive.

“Não, a gente não sabe. Se soubesse, seria fato.”

“Mas é isso que as pessoas comentam?”, perguntou Sophie.

“É”, respondeu Dennis. “Fofoca.”

“Não liga pra ele”, falou Bill. “Ele não é humano. É um robô.”

Dennis pareceu magoado. “Só porque não tenho a mesma obsessão pela vida sexual dos outros não quer dizer que eu seja um

robô”, disse Dennis. “Isso só me faz um sujeito... decente.”

“Que monte de babaquice você diz”, falou Clive.

“Conto ou não o que a Marcia e eu conversamos?”, encerrou Dennis. “Alguém está interessado em saber?”

“Olha só ele”, comentou Sophie. “A Marcia e eu...”

“Ela queria que a gente soubesse que o pessoal lá gosta muito do programa. Parece que Harold e Mary não perdem um episódio.”

“Pelo menos a Mary sabe que ele não anda aprontando às oito da noite de quinta”, disse Sophie.

“Pelo menos não com outra”, retrucou Bill. “Talvez quinta seja a Grande Noite do casal.”

“Ah, não seja tão vulgar”, falou Sophie.

“Vou simplesmente ignorar vocês e continuar”, anunciou Dennis. “A Marcia disse que...”

“Olha só ele”, comentou Sophie. “A Marcia disse...”

“A Marcia disse que o primeiro-ministro gostaria de ter alguém tão inteligente quanto o Jim trabalhando com ele na vida real. E então perguntou se a gente não quer conhecer a sede do governo.”

“A gente vai encontrar a Marcia?”, perguntou Sophie.

“Acho que talvez a visita seja pra encontrarmos o primeiro-ministro”, respondeu Dennis.

Sandra, a parteira, juntou as mãos numa palma de entusiasmo.

“Não acredito nisso”, falou. “Vamos conhecer o gabinete do primeiro-ministro?”

“Ah”, disse Dennis. “Tem uma coisinha.”

“Ah, não”, falou Sandra, a parteira. “Não depois de tudo o que me esforcei esta semana.”

O que, eles só podiam presumir, era uma referência à sua relativa pontualidade e à boa vontade com que, nos ensaios, se limitava a ler as falas como estavam escritas.

“Sinto muito, mas é isso mesmo”, confirmou Dennis.

“Disseram especificamente que eu não podia ir?”

“Não, mas... não sabem, na verdade, da sua existência.”

“Mas, se veem todos os episódios, eles vão me ver no da semana que vem, e...”

“Convidaram ‘a equipe’”, explicou Dennis. “Você diria que faz parte dela?”

“Sim”, falou Sandra. “Vocês fizeram eu me sentir tão em casa.”

Impotente, Dennis olhou para Sophie. Nenhum dos outros seria de alguma ajuda ali.

“Se sobrar uma vaga”, disse Sophie, “acho que provavelmente seria da Betty Pertwee.”

Betty Pertwee, que interpretava a mãe de Barbara, tinha aparecido no programa três vezes até então, e Tony e Bill planejavam usá-la de novo no episódio do batizado.

“Mas acho que nem a Betty vai poder ir”, avisou Dennis.

“Mas ela é sua mãe!”, falou Sandra.

“Eu sei”, disse Sophie, triste. “Que coisa horrível, né?”

E foi assim que acalmaram Sandra e evitaram uma crise. Tudo mérito de Sophie. Ela era tão esperta, pensou Dennis, e tão meiga, e ele sentiu a conhecida depressão tomando conta.

Naquela noite, Sophie ligou para o pai, que não ficou tão impressionado com a notícia quanto ela esperava.

“Meu pai diz que a gente devia recusar o convite”, ela comentou no dia seguinte, no trabalho.

“Não vou dar ouvidos ao seu pai”, respondeu Bill. “Eu vou.”

“Eu também”, falou Tony.

“Ótimo”, disse Clive. “O Harold já vai ficar feliz se puder tirar uma foto com os roteiristas.”

“Muito engraçado”, retrucou Bill.

“Podemos saber quais são as objeções do seu pai?”, perguntou Dennis.

“Ele acha que o país está indo pro brejo”, explicou Sophie, “e que a gente não devia dar moral pro Harold.”

“E pra qual brejo o país está indo?”, falou Bill. “Pra que lado fica?”

“Você está perguntando o que meu pai acha que está ruim?”

“Acho que está, à sua própria maneira tediosa e pretensiosa”, interveio Clive.

“Ele não está gostando da situação do balanço”, disse Sophie.

“Ninguém está”, continuou Clive. “Mas tenho certeza de que o país ainda tem dinheiro para o bule de chá e os biscoitos.”

“E também está preocupado com o pessoal de cor.”

“Andam criando muito problema pra ele lá em Blackpool?”, quis saber Bill.

“Na semana passada, um sujeito de cor assobiou pra mim”, contou Sandra. “Um limpador de vidraças.”

“Que desgraça”, disse Bill. “Manda de volta pro país dele. Jamais um sujeito branco assobiou pra uma mulher em toda a história da limpeza de vidraças.”

“Nenhum homem branco jamais assobiou pra mim”, disse Sandra. Houve um silêncio respeitoso.

“E meu pai acha que o Harold devia ter apoiado mais o Smith na Rodésia.”

“Ah”, falou Bill. “Isso explica tudo.”

“Explica?”, perguntou Sophie, esperançosa.

“Explica, sim. Seu velho é um bufão imperialista. Aposto que lê a porcaria do *Daily Express*.”

“Como você sabia?”

“Você também pensa essas coisas?”, quis saber Bill. “Ou só o seu pai?”

“Não sei”, respondeu Sophie. “Nunca pensei sobre isso, na verdade.”

“Nunca pensou sobre o que você pensa?”

“Parece engraçado dito assim.”

“Você é uma garota inteligente”, disse Clive. “Por que acredita nesse lixo tóxico?”

“Você acha que é lixo?”, falou Sophie. “E tóxico?”

“Claro que acho”, disse Clive.

“Todo mundo acha”, completou Bill.

Sophie olhou em volta. Ninguém parecia discordar, a menos que Sandra procurando uma pastilha para tosse na bolsa fosse considerado discordância.

“Ah”, falou Sophie. “Eu nem imaginava.”

Ela precisou de um mês. Passou a escutar *Any Questions?* e conversar com qualquer um que mostrasse o mínimo interesse pelo que estava acontecendo no mundo. A conselho de Bill, comprava a *New Statesman* e a *Listener* e se obrigava a ler três artigos por semana. Não compreendia tudo, mas acabou entendendo que Bill tinha razão: todo mundo achava que as opiniões do pai dela eram lixo tóxico. Alguém se solidarizar com Ian Smith na Rodésia ou se queixar do problema das pessoas de cor era como dizer que preferia “How Much is That Doggie in the Window” a “Twist and Shout”. E, no fim das contas, aquilo foi tudo o que ela precisou saber para se educar. Não tinha certeza se as pessoas com quem trabalhava e a quem ouvia e admirava tinham razão em todas aquelas coisas; e a confusão só aumentou à medida que ficava mais velha. Mas aprendeu que, para seus amigos e colegas, tudo aquilo em que seu pai acreditava era antiquado e desagradável como uma calça social em liquidação numa loja de departamento. A pessoa podia se recusar a dar importância à moda se quisesse, mas, se a ideia era passar a maior parte do tempo na companhia de gente descolada, precisava saber quando seria alvo de risadas.

Bill já tinha se importado muito com índices de audiência. Mas, depois de “O banheiro novo”, começou a ansiar pela aprovação de

gente que nem morta seria vista assistindo a um programa cômico popular da BBC. Queria ser respeitado pelas pessoas que via no teatro alternativo e pelos produtores dos shows satíricos que vinham recusando seus esquetes. Queria impressionar os jovens e inteligentes homossexuais que seduzia nas boates sofisticadas, e até os críticos de tevê que, de início, tinham adorado o programa, mas desde a primeira temporada não se davam mais ao trabalho de escrever sobre ele. Houve um tempo em que Bill e Tony tinham todas essas coisas, agora perdidas, sem que tivessem se preocupado muito com a perda. Naquela época sentiam necessidade de ser amados, tanto quanto possível, e esse amor vinha de uma audiência popular enorme. Acabaram ficando balofos de amor, e Bill se pegou olhando com inveja para o pessoal do realismo socialista, para os surrealistas, para os experimentalistas e para os satiristas, todos sempre magricelas e pálidos. Tudo isso tinha a ver com dinheiro, ele imaginava. Agora que tinha dinheiro, não precisava dele tanto quanto antes, e sabia que contava com os meios para ganhar mais a qualquer momento. De modo que, claro, passou a mirar outra coisa.

Mas o que desejava não viria com *Barbara (e Jim)*, e “A chegada” só fez piorar tudo. Bill não ficara particularmente orgulhoso do material, ainda que tivesse funcionado: as dores do parto, Jim distraído numa reunião, um taxista catastroficamente nervoso, uma parteira — interpretada por Sandra com surpreendente charme e humor — querendo que Barbara a ajudasse numa estimativa de quanto a família real consumia em produtos de armazém, e por fim o bebê, e o amor. De canto de olho, percebeu que Tony chorava durante a gravação, embora o parceiro tivesse conseguido que ninguém mais visse. Bill sentiu apenas uma leve repulsa de si mesmo. Tiveram os maiores índices de audiência até então, que acabariam sendo os maiores índices da história do programa. Antes da gravação, alguém da assessoria de imprensa conseguiu

emprestar o bebê de verdade de uma moça do departamento de contratos para que Sophie pudesse posar para fotos com seu recém-nascido. (Seria de fato um menino — Timothy, mais conhecido como Timmy.) Os jornais populares, em sua maioria, publicaram as fotos antes de o episódio ir ao ar. E, conforme temia Bill, o bebê Timmy tornou tudo mais complicado. O episódio do batizado ficou bom: inventaram um vigário que perdera sua fé, mas era preguiçoso demais, velho e sem outra qualificação para fazer outra coisa da vida. E “A soirée” teve bons momentos também. Jim convida um antigo colega de faculdade e a mulher dele para jantar em casa e, quando Barbara conta o que estava planejando cozinhar, decide que é ele quem deve assumir o fogão. Não chega a dizer com todas as letras, mas está claramente incomodado com o cardápio de Barbara, trivial, à moda antiga, muito inglês. A primeira metade do episódio, Bill achou, mostrava frescor e perspicácia, tirando sarro ao mesmo tempo da insularidade da classe trabalhadora de Barbara quanto das aspirações da classe média de Jim. Mas, na sequência, tinham perdido a mão e voltado à fórmula segura de “O banheiro novo”; na segunda metade, os espectadores das duas primeiras fileiras da plateia tiveram de usar capas de chuva como proteção contra o molho bechamel que voava do palco, para o delirante entusiasmo da maioria. Dennis lhes disse, mais tarde, que seus superiores tinham adorado a parte da cozinha e odiado a conversa toda da primeira parte: em suma, o recado de cima era “mais molho bechamel, menos Elizabeth David”.

“Ninguém mais que eu conheço está fazendo esse troço”, Bill falou para Tony. “Está todo mundo tentando causar mal-estar nos pais, e não entretê-los.”

“Fazendo o quê?”

“Sexo no palco no Royal Court. Ou filmes underground sobre poetas românticos decadentes.”

“Ninguém está te segurando”, disse Tony. “Pode ir lá e ganhar uns trocados no seu tempo livre a hora que quiser. E durante o dia escrever a série cômica mais popular da Grã-Bretanha.”

“Não é a série cômica mais popular da Grã-Bretanha pra todo mundo.”

“Não, não é. Metade do país não vê. Posso me conformar com isso.”

“Só que nessa metade que não vê estão todas as pessoas inteligentes. Já desistiram da gente.”

“Quem são as pessoas inteligentes?”

“As que fazem sexo no palco no Royal Court.”

“Elas não ficam em casa nas quintas à noite”, retrucou Tony. “Não precisamos nos preocupar com esse pessoal.”

O único momento em que Bill sentia alguma coisa parecida com a velha chama era quando Barbara e Jim discutiam, o que, presume-se que em consequência, pareciam estar fazendo com mais frequência. Fora isso, precisava se voltar para seu hobby para se sentir enlevado com a possibilidade de que aquilo que escrevia expressasse quem ele era.

* * *

Agora suas manhãs, antes de encontrar Tony no escritório, eram dedicadas ao romance *Rapaz do Soho*. Nunca tinha escrito prosa, e não foi fácil de início: começou acreditando que, se quisesse ser resenhado, cada frase teria de conter um mínimo de cinco orações subordinadas. E abusava dos advérbios como se não houvesse amanhã, possivelmente porque nem Barbara nem Jim faziam uso deles. Jamais diziam alguma coisa severamente, andavam cautelosamente ou sorriam friamente. Simplesmente sorriam e andavam e diziam coisas. Mas, depois de “O banheiro novo”, quando entendeu que precisava de algo que mantivesse sua

sanidade, passou a pensar mais seriamente no livro, analisando aquilo de que não gostava. E o resultado foi que começou a permitir que seu personagem — um jovem homossexual que havia abandonado a vida nas West Midlands e vindo para Londres — falasse como quem conversava. *Rapaz do Soho* se transformou no *Diário de um rapaz do Soho*, e súbito ele sentiu que era alguém que talvez fosse capaz de, pelo menos, concluir um livro. Impôs-se uma meta de vinte páginas com entrelinha simples por semana, e em algumas conseguiu fazer mais. Antes que tivessem terminado de escrever a terceira temporada, tinha um calhamaço junto à máquina de escrever que, se visto pelo ângulo certo, podia ser considerado um manuscrito.

16.

Sophie conheceu Lucille Ball e Harold Wilson num intervalo de dez dias, e essa quase sobreposição, que apenas alguns anos antes teria parecido um tema meio desesperado para uma redação escolar, nem chegava a ser uma coincidência absurda. Era rotina, para ela, conhecer gente famosa. Não chegava a conhecer direito, mas com regularidade se via dividindo o mesmo recinto com essas pessoas, e frequentemente era cumprimentada por elas — George Best, que era bonito e pediu seu número de telefone, Tommy Cooper, Marianne Faithfull, até mesmo Reggie Kray. Gente famosa às pencas. E, também, Lucy já não era tão famosa quanto antes. Já não significava tanto para a geração de Sophie. Mas, quando Diane ligou para dizer que ela estava em Londres gravando um especial para a tevê, Sophie sabia que tinha de fazer pelo menos um esforço para encontrá-la e agradecer-lhe por tudo.

“Mas será que ela aceitaria conversar comigo?”, perguntou.

“Seria uma tola se não aceitasse. Você é a Sophie Straw de hoje. Ela é a Lucille Ball de ontem. Esse encontro é mais vantagem pra ela do que pra você.”

“Não diga isso.”

“É verdade.”

“O que eu vou dizer pra ela?”

Sophie já podia sentir a sensação de pânico no estômago. Provavelmente acabaria fazendo alguma bobagem, e no melhor estilo Lucy — caindo, ou errando o nome do ídolo, ou pegando a bolsa de Lucy por engano para, em seguida, ser presa pela polícia, e era capaz de fazer tudo isso de um jeito nem de longe engraçado.

“Simplesmente conte quanto você adorava o programa dela, a inspiração que foi pra você, e tudo o mais.”

“E depois?”

“Bom, ela provavelmente vai fazer uma pergunta e pronto, você engatou um papo.”

“Que tipo de coisa ela vai me perguntar?”

“Nada que você não saiba responder. O quadrado da hipotenusa é que não vai ser.”

“Me dá um exemplo.”

“Faz quanto tempo que você é atriz?”

“Ah, meu Deus. Vou ter que contar que esse é meu primeiro programa e ela vai perguntar por que já comecei como protagonista de uma série e... você vai comigo?”

“Gostaria de escrever sobre o encontro pra revista: ‘Sophie conhece Lucy’.”

“Está mais para ‘Lucy conhece Sophie’.”

“Ah, de repente ela ficou toda convencida.”

“Ah, não, eu não quis dizer isso. Achei que o contrário é que parecia que sou convencida.”

“Não.”

“Foi por isso que inverti, entendeu?”

“Sim. Eu sei que você não é convencida.”

“Ah, acho que não é bom eu ir. Você já está me deixando nervosa só de falar no assunto.”

“Parece que eles vão filmar na frente do Palácio de Buckingham, na segunda-feira.”

“Ah, droga. Não trabalho na segunda.”

“Eu sei. Foi por isso que descobri onde eles iam estar.”

“Ela provavelmente nunca ouviu falar de mim.”

“Não. Mas tenho certeza de que vai ser muito educada. Alguém vai contar pra ela a grande estrela que você é aqui.”

“E precisam mesmo contar?”

“Se não contarem, é provável que fique se perguntando por que estariam tirando uma foto dela com você.”

“Mas ela é tão linda.”

“Sophie, ela já tem seus cinquenta e tantos. E bem mais motivos que você pra temer.”

Lucy era mais velha que o pai dela? Como isso tinha acontecido? Era algo que a fazia se sentir ainda mais enjoada. Tinha medo de deparar com o Fantasma da Futura Sophie.

Lucy não parecia mais velha que o pai dela. Estava usando o que parecia ser um vestido da Foale and Tuffin, um negócio branco estiloso com uma grande letra laranja em relevo na lateral, e ainda tinha corpo e pernas para isso. Parecia velha, porém, do jeito que um fantasma pareceria. A maquiagem era tão pesada que o rosto ficara com um aspecto esbranquiçado e vazio, os olhos grandes, perdidos ali no meio, como único traço capaz de expressão. Era onde Sophie conseguia enxergar Lucy, nos olhos, mas eles pareciam aprisionados, os olhos de um animal assustado escondido na neve. E estava velha demais para ficar saracoteando ao redor de uma guarita com um bando de jovens dançarinos usando os chapéus de pele típicos da guarda real, enquanto num palco improvisado, ao lado, uma banda pop que Diane identificou como os Dave Clark Five dublava a música. (A cena foi cortada, no fim das

contas. *Lucy in London* acabou ficando uma porcaria, mas mesmo numa porcaria de programa não havia espaço para guardas reais dançando com chapéus típicos.)

“Você acha que alguém *escreveu* isso?”, quis saber Diane.

“Tudo é escrito primeiro”, respondeu Sophie.

“Minha nossa”, disse Diane. “Então eu tenho mesmo chance na carreira, não tenho?”

Sophie olhava atenta para Lucy.

“Ela parece diferente”, sussurrou.

“Mexeu em alguma coisa no rosto”, falou Diane. Como a amiga não sussurrava, Sophie chiou para que falasse mais baixo.

“Como assim? Por que alguém mexeria em alguma coisa no rosto?”

“Elas fazem umas operações”, explicou Diane. “Pra parecer mais jovens. Esticam o rosto e tudo o mais. Acho que ela deu uma esticada nos olhos.”

“Esticada?”

“Esticam a pele pra se livrar das rugas. Está vendo? Onde a maquiagem é mais pesada, em torno dos olhos? Ela não consegue fazer suas caretas. Olha só. É tão triste. Prometa que você nunca vai apelar pra isso.”

Sophie não respondeu. Compreendeu que um dia teria de escolher, como tinha acontecido com Lucy. Era possível fazer todo tipo de operação que incapacitasse o trabalho de uma atriz; ou então ela podia escolher deixar que a pele dos olhos, os seios e o queixo tomassem o rumo que quisessem tomar. E, se a escolha fosse essa, não haveria ofertas para um show chamado *Lucy in London*, ou *Sophie in Hollywood*. Desejou que Lucy não estivesse fazendo aquele papelão em frente ao Palácio de Buckingham. Era indigno. Mas será que era digno ficar sentada em casa esperando o telefone tocar, como Dulcie, que tinha feito uma participação no episódio de primeiro aniversário de *Barbara (e Jim)*? Ou desistir,

engordar e passar os últimos vinte e cinco anos da vida pensando na época em que era jovem, bonita e famosa? Queria não passar tanto tempo se preocupando com o fim de tudo, mas não conseguia evitar. Estar no topo da carreira era como estar no ponto mais alto de uma roda gigante: a gente sabe que tem de continuar rodando, e sabe para onde. Não tem escolha.

Lucy e os guardas reais terminaram a coreografia e deram uma parada, e um rapaz apareceu para acompanhar Sophie até onde estava Lucy. Sophie de repente se deu conta de que Lucy olharia para ela, de que aqueles olhos olhariam nos seus, e achou que suas pernas iriam fraquejar.

“Olá, meu bem”, disse Lucy.

“Olá”, falou Sophie. “Gostei do seu vestido.”

“Não é lindo? Parabéns pelo seu programa.”

“Você viu? Você gostou?”, perguntou Sophie.

Não conseguiu se segurar. Foi um erro, claro. Entendeu que tinha sido um erro porque viu uma porta se fechar na cabeça de Lucy, a porta que levava dos olhos ao cérebro. Aqueles olhos continuavam a olhar para ela, mas daria na mesma se estivessem atrás da tela de uma tevê. Lucy já não estava ali.

“Ah, tudo bem”, disse Sophie, em seguida, só que não mais falando: esgoelava-se. “Você não teria como. Desculpe.”

“Obrigada por ter vindo me cumprimentar, meu bem”, falou Lucy, para logo ser levada dali. Ninguém chegou a fotografar as duas.

“Ah”, disse Diane. “Ora. Que velha chata.”

“Não”, falou Sophie. “Não. Fui que eu errei tudo.”

“O que você fez de errado?”

“Não devia ter perguntado aquilo.”

“E por que não?”

“Avancei o sinal.”



Lucy in London

“E como você podia saber que havia um sinal?”

Mas ela sabia. Era bem fraquinho e ninguém mais além delas, além de Sophie e de Lucy, teria percebido que estava ali. (Delas! Sophie e Lucy! Até mesmo aquela distinção, entre as duas e o resto do mundo, soava presunçosa.) Sophie tinha visto o sinal e ignorado, por ganância. Tinha pedido a Lucy uma prova da própria existência, e Lucy não podia lhe dar essa prova porque Sophie não tinha existência própria, não ainda, e talvez nunca tivesse, não do mesmo jeito que Lucy. Começou a temer que fosse ser sempre gananciosa, o tempo todo. Nada parecia satisfazê-la, nunca. Ela era um saco sem fundo.

Foram em dois táxis para a sede do governo, na Downing Street, ainda que os cinco pudessem ter sido acomodados num carro só.

Clive disse que ficaria feio chegarem lá batendo cabeças e tendo de desenroscar as pernas na frente de policiais e assessores. Sophie queria ir no táxi de Clive, mas, segundo ele, não era interessante que as estrelas ocupassem um dos táxis e os zés-ninguém, o outro.

“Isso nem me passaria pela cabeça”, falou Sophie.

“Sabe por que não?”, disse Bill. “Porque você não pensa em termos de estrelas e zés-ninguém.”

“Você entendeu”, respondeu Clive. “Não é que você seja um zé-ninguém pra mim. Você só é um zé-ninguém pro resto do mundo.”

Tiveram de bater à porta, como se ali fosse uma casa da rua, e uma secretária os conduziu até uma recepção antes de acompanhá-los escada acima. Na parede ao lado dos degraus, havia uma sequência ascendente de gravuras, pinturas e por fim fotografias de cada um dos primeiros-ministros da história do Reino Unido, e Sophie intimamente se penitenciou por reconhecer tão poucos daqueles nomes.

Marcia Williams esperava por eles numa sala de estar no andar de cima. Ficou entusiasmada ao encontrá-los, ou fingiu ficar, e, ao pegar a mão de Sophie para cumprimentá-la deu, ao mesmo tempo, um leve aperto no braço da estrela. Ela parecia atraente, pensou Sophie, mas era difícil vê-la como amante do primeiro-ministro. Era difícil vê-la como amante de qualquer homem. Era obviamente uma mulher muito inteligente, com dentes grandes demais para a boca. Sophie ficou pensando se não seria uma questão de falta de opção. Harold provavelmente não conhecia milhares de mulheres glamorosas ao longo de um ano normal, com todas aquelas reuniões da Federação Nacional dos Sindicatos e visitas à União Soviética. Marcia talvez fosse o mais próximo que ele podia ter de uma Raquel Welch. Mas de repente Sophie se sentiu inibida e desejou ter escolhido uma saia mais comprida. Não queria que Harold achasse que suas conquistas não eram satisfatórias, se fosse mesmo verdade que Marcia estava entre elas. E não queria

ser obrigada a repelir o primeiro-ministro, caso ele gostasse do que estava vendo. Seria constrangedor.



Harold Wilson e Marcia Williams

Sentaram-se e Marcia pediu café com biscoitos e lhes ofereceu cigarros de uma caixa envernizada sobre a mesa de centro. Conversaram sobre aquela casa onde ficava a sede do governo, sobre o formato estranho do imóvel, seu tamanho, que enganava, com outra entrada em outra rua completamente diferente. As respostas de Marcia eram tão fluentes que se reduziam a quase nada, e Sophie desconfiou que nenhum deles fizera qualquer pergunta que a secretária do primeiro-ministro não tivesse ouvido mil vezes naquela semana.

“Harold já está a caminho”, informou Marcia. “Mas pensei apenas que seria agradável a gente bater um papinho antes.”

“Ótimo”, falou Sophie.

“Desde que comecei a assistir *Barbara (e Jim)*”, continuou Marcia, “venho fazendo planos.”

“Ah”, disse Dennis. “Que tipo de planos?”

“Bom, parece meio tolo que, sempre que está no trabalho, o Jim apareça num escritório montado no estúdio da BBC. Ele trabalha no número 10 da Downing Street. Então o que eu estava pensando era se vocês não gostariam de filmar aqui.”

“Minha nossa”, falou Dennis.

“Não digo toda semana”, disse Marcia. “O que é uma pena. Eu gostaria, mas Harold provavelmente ia começar a resmungar.”

Riram, educados.

“Mas tenho certeza de que podemos arranjar uma ocasião.”

“Caramba”, disse Clive.

“E gostaríamos que fosse logo”, acrescentou Marcia.

“Ah”, falou Dennis.

“A questão é que está todo mundo dizendo que esta eleição vai ser realmente tediosa, e que Harold deve ganhar com facilidade, e estamos desesperados pensando em maneiras de torná-la mais interessante”, explicou Marcia. “Senão vira uma coisa penosa, o comparecimento às urnas cai e, se vencermos, o governo começa com um estampido, em vez de um estrondo.”

Sobravam sorrisos e meneios de cabeça na sala, mas ninguém dizia nada até ali.

“Não pediríamos a vocês pra serem parciais, claro”, prosseguiu Marcia. “A BBC não aceitaria. Mas um debate divertido entre a Barbara e o Jim teria bem mais efeito do que a propaganda dos partidos. As pessoas amam o programa.”

“Muito gentil da sua parte dizer isso”, falou Bill.

Sophie se perguntava se todos ali, menos ela, tinham enlouquecido. A secretária do primeiro-ministro perguntando se eles queriam gravar o programa na sede do governo e tudo o que todo mundo conseguia dizer era “minha nossa” e “caramba”.

“A gente adoraria”, falou Sophie.

“Que bom”, disse Marcia, e sorriu para todos.

Dennis, Tony e Bill olharam para Sophie como se ela tivesse falado quando não era sua vez.

“Mas é que não tenho certeza se...”, começou Dennis.

“Aí está Harold”, interrompeu Marcia, e lá estava o primeiro-ministro, levando seu cachimbo como se ninguém fosse reconhecê-lo sem ele.

Ficaram todos de pé e se apresentaram, menos Sophie porque, antes que pudesse falar, foi cortada pelo primeiro-ministro.

“E você deve ser a Barbara”, ele disse, e todos riram, educados.

“Sim”, ela respondeu. “Sou a Sophie.”

Ele pareceu perplexo por um momento.

“Barbara, no programa”, emendou ela.

“Claro que sim”, disse Harold. “Já vi. Muito bom.”

Tinham sido levados a acreditar que todas as quintas, às oito da noite, Harold se livrava de suas terríveis responsabilidades, acendia seu cachimbo, sentava com a esposa e ria às sacudidelas por trinta minutos. Agora o que ele lhes dizia era que até conhecia o programa. Talvez a percepção de Sophie estivesse sendo deformada por uma hipersensibilidade profissional, mas para ela parecia haver uma diferença.

“E de onde você é? Tem alguma coisa lá de cima nesse sotaque.”

“Isso mesmo. Sou de Blackpool, sr. Wilson.”

“Uh. Aposto que você está escondendo isso da BBC, não está? Normalmente não dão muita chance pro pessoal do norte. O que ainda tem demais naquela emissora, pro meu gosto, são esses rapazes de escola particular dos Home Counties.”

Vários olhares circularam fora do radar do primeiro-ministro nessa hora. Tony e Bill, ambos, captaram o olhar de Sophie, e Marcia notou o olhar de Tony e Bill para ela. Dennis continuava a rir, educado, como se esperava de um rapaz de escola particular dos Home Counties, mas a risada agora era só forma e nenhum conteúdo.

“Você é um bobo, Harold”, falou Marcia, e Sophie entendeu, assim que ouviu aquilo, o que havia entre os dois. Aquela irritação não exatamente afetuosa era a de uma filha falando com o pai. Não havia um caso ali, ela tinha certeza. “Você sabe muito bem que a Barbara é de Blackpool.”

Harold pareceu confuso de novo.

“Achei que ela era a Sophie.”

“Ah, pelo amor de Deus”, disse Marcia, e balançou a cabeça. “Barbara, no programa, é de Blackpool”, informou ela. “Também.”

“Claro que sim”, falou Harold. Não parecia nem um pouco preocupado com o fato de que confessava, inadvertidamente, nunca ter visto nem cinco minutos da série. Talvez tivesse outras coisas com que se preocupar. “O que vocês acham da ideia da Marcia, enfim?”, quis saber o primeiro-ministro. “Gostariam de ambientar um episódio aqui, dentro da sede do governo?”

“Falei pro Dennis ali que você gostaria muito de ter alguém inteligente como o Jim trabalhando no gabinete na vida real”, observou Marcia.

“Não que meu pessoal seja ruim”, respondeu Harold. “Mas sempre tem lugar pra um jovem inteligente.”

“Digo pro Jim se cruzar com ele”, falou Clive.

Marcia riu.

“Obrigado”, disse Harold, inseguro.

Um fotógrafo apareceu e fez alguns cliques de Clive e Sophie conversando com o primeiro-ministro, que em seguida se despediu e desapareceu.

Dividiram o mesmo táxi na volta, pois estavam tão empolgados, indignados e mal conseguindo conter os risinhos que não podiam perder uma palavra de nada que cada um tinha a dizer. De início, tudo se resumiu a uma reformulação sem fim da mesma queixa furiosa: “Ele nunca tinha visto ninguém aqui!”; “Nunca viu nem um segundo do programa!”; “Era tudo um golpe de relações públicas!”.

E então Dennis conseguiu mudar o tom, de um tipo de incredulidade para outro. “A gente acabou de sair do número 10 da Downing Street!”, falou, e em seguida todos se aventuraram na reformulação da frase: “A gente acabou de conhecer o Harold Wilson!”; “Tomamos um chá com o primeiro-ministro!”; “Caramba!”; “O Harold e a Marcia!”. A terceira onda de comentários foi sobre Marcia. Ninguém se interessou muito pela certeza de Sophie de que não estava acontecendo nada entre os dois, e ela entendeu por quê. Todos ali já sabiam que, durante muito tempo, talvez pelo resto de suas vidas, contariam o acontecimento daquela manhã, e que aquela corrida de táxi era a primeira tentativa de rascunhar uma história que teria de satisfazer pais, irmãos, filhos e netos. Se houvesse alguma chance de darem a impressão de um vislumbre privilegiado da vida particular pouco convencional do primeiro-ministro, estavam obrigados a fazer isso. Por fim, em algum ponto de Paddington, as interjeições, exclamações e suspiros deram lugar a um silêncio contemplativo.

“Quantos discos dos Beatles vocês acham que o Harold escutou antes de dar pra eles a comenda da Ordem do Império Britânico?”, falou Bill.

“Ah, agora ele pensa que nós somos os Beatles”, disse Tony.

“Vocês acham que a gente vai ganhar a comenda?”, perguntou Sophie. “Porque eu não me importaria.”

“O Bill está certo”, opinou Dennis. “Se tem alguma coisa acontecendo, o Harold quer uma parte do mérito por acontecer num governo trabalhista. É se cobrir da glória alheia. Mesmo que ele não entenda nada daquilo.”

“Desculpa insistir”, interveio Sophie, “mas ninguém respondeu à minha pergunta. Vocês acham que a gente vai ganhar a comenda?”

“Pode ser, se fizermos o que ele quer”, respondeu Tony.

“E você não vai ganhar nada, em todo caso”, falou Clive. “Só a Sophie e eu. Ninguém está nem aí pros roteiristas.”

“Nem pro produtor”, emendou Dennis.

“Vamos fazer, então?”, quis saber Sophie.

“Não”, disseram Tony, Bill e Dennis ao mesmo tempo.

“Falei pra ela que a gente ia”, disse Sophie.

“É”, falou Bill. “Reparamos.”

Ela não se importava. Não se importava que não fossem gravar na sede do governo, não se importava que não fosse ganhar a comenda da Ordem do Império Britânico, pelo menos não naquele ano. Nem mesmo se importava que Harold Wilson nunca tivesse visto o programa. Se tivesse, querer conhecê-los teria sido mero capricho pessoal do primeiro-ministro, alguma coisa apenas para ele e Mary. Mas o convite de Marcia significava o reconhecimento oficial de que ela e os outros tinham relevância. Dennis estava certo. Harold queria se cobrir de um pouco de glória alheia. Ora, isso significava que eles eram a glória.

Não gravaram no número 10 da Downing Street; nem mesmo tiveram autorização para ir ao ar na semana das eleições gerais. O diretor-geral da BBC achava, ao que parecia, que *Barbara (e Jim)* era escancaradamente político e prejudicaria o compromisso da emissora com a neutralidade e a imparcialidade.

“Que monte de babaquice”, falou Bill. “A gente não vai aguentar isso quieto, espero.”

“Não”, disse Dennis. “Vou direto até a sala do diretor dizer pra ele que estamos sequestrando o transmissor lá de Crystal Palace.”

“Mas sério”, insistiu Bill, “o que vamos fazer a respeito?”

“Acho que o que Dennis está dizendo”, interveio Tony, “é que não vamos fazer nada.”

“E pra você tudo bem, é isso?”

“Não me incomodo de ter uma semana de folga. Estamos com um bocado de coisa acumulada.”

Tinham começado a trabalhar numa nova série, *Vermelhos embaixo da cama*, sobre uma célula de azarados espiões comunistas retida em Cricklewood, e Anthony Newley também tinha encomendado um roteiro aos dois. Hazel recusava outras ofertas na maioria dos dias da maioria das semanas.

“Mas teremos uma nova temporada, se servir de consolo”, contou Dennis.

“Se não vão deixar o programa ir ao ar na semana das eleições, você pode ir lá dizer pra enfiarem a nova temporada naquele lugar”, respondeu Bill.

“Ah, tá bom”, retrucou Dennis.

“Não vou aceitar que cancelem o programa quando bem entenderem”, continuou Bill.

“Não é quando bem entenderem”, disse Dennis. “É sempre que tiver eleições. Talvez resolvam te impedir de alardear as injustiças do sistema de classes na próxima votação também. Pode contar com uma semana de folga em algum momento da primavera de 1971.”

“Então pra que porra isso serve?”, falou Bill. “Sério? Se calam a gente bem no momento que mais conta?”

“Só um lembrete delicado de que você supostamente está escrevendo uma sitcom sobre ser casado”, observou Dennis. “Não o

Manifesto do Partido Trabalhista.”

“Claro que seria um lembrete delicado”, disse Bill. “Um lembrete delicado pra uma série delicada. Tudo aqui é delicado e bem-comportado. Especialmente você.”

“Vai com calma, Bill”, pediu Tony.

“Já me xingaram de coisa pior”, falou Dennis.

“E por que você não se indignou mais também?”, Bill disse para Tony. “Só falta deitar de barriga pra cima e levantar as patinhas.”

Toda história tem aquele momento em que se pode apontar e dizer: vejam, foi aí que começou a degradingolar, e talvez este seja o momento. Era o que Dennis diria nos anos seguintes: “A coisa nunca mais foi a mesma depois da briga da semana das eleições”. Mas Tony era um contador de histórias e sabia que, olhando mais de perto para qualquer narrativa, pode-se retroceder e retroceder e retroceder — até exatamente o início do problema, caso a história seja boa.

O estranho era que a discussão parecera artificial para Tony. Será que alguém podia mesmo se incomodar tanto por ser pago para não trabalhar? Mas a raiva era claramente real. Estava ali, debatendo-se, procurando o buraco mais próximo por onde escapar.

“Você vai mesmo dizer pra eles que podem enfiar a nova temporada naquele lugar?”, perguntou Tony. “Porque eu não vou.”

“Você faria a temporada sem mim?”

“Não”, respondeu Tony. “Claro que não. Mas preciso trabalhar. Tenho esposa e um bebê a caminho.”

“Ah, é mesmo, Tony? Eu não sabia. Você devia ter dito antes.”

“Isso é meio injusto.”

“Sinto muito”, falou Bill, mas não sentia.

Tony teve um vislumbre. Será que tudo tinha a ver com aquilo? Talvez tivesse. O núcleo familiar sempre representava alguma coisa

para um homem, em especial para um homem solteiro, em especial para um homem solteiro com pendores anárquicos, em especial para um homem solteiro com pendores anárquicos que se via na situação de ter de escrever sobre um núcleo familiar para ganhar a vida. E o núcleo familiar de Tony representava muito mais para Bill do que a maioria dos núcleos familiares, por razões óbvias. Tony não queria que June e seu bebê ainda por nascer fossem uma espécie de Vietnã, nem queria estar do lado errado da guerra. Mas começava a temer que fosse tarde demais, e que as trincheiras daquela batalha já tivessem sido posicionadas muito tempo antes.

A QUARTA TEMPORADA

17.

Roger Nicholas Holmes nasceu no Hospital Maternidade Bushey três semanas após ter ido ao ar o último episódio da terceira temporada. Foi um trabalho de parto relativamente curto, de cinco horas, mas pareceu uma eternidade para Tony. De início ele ficou no corredor do lado de fora da ala de maternidade, fumando e tentando fazer as palavras cruzadas do *Times*, mas os ruídos terríveis e as parteiras e enfermeiras que, de quando em quando, passavam por ali numa urgência apressada o perturbaram demais, de modo que, no fim das contas, foi para o pub e de hora em hora voltava até, por fim, ser apresentado a seu filho de trinta e cinco minutos de idade.

Estava preocupado em não ser capaz de se emocionar o suficiente. Tinha chorado no nascimento do bebê de Barbara no programa, o que, na ocasião, quis acreditar que fosse um sinal de que nutria sentimentos humanos normais, mas depois se perguntou se não acontecera por conta de seu envolvimento com o programa, ou porque sempre achara fácil chorar por coisas que não eram reais. Chegara arrasado ao final de *A noviça rebelde*, por exemplo. Mas, ao segurar seu filho pela primeira vez, foi imediatamente tomado de soluços espasmódicos e incontrolláveis que pareciam

brotar bem no fundo do estômago. Não precisava ter se preocupado. Todo mundo ama os próprios filhos, afinal. Tony desejou que houvesse um jeito de homens homossexuais experimentarem um momento como aquele. Gostaria que Bill sentisse o que ele estava sentindo.

“Você está bem?”, perguntou June.

“Sim”, ele disse. “Muito bem. Obrigado.”

“Tudo bem.”

“Digo, obrigado por tudo, não por perguntar. Obrigado por insistir. Obrigado por ele.”

Não era um pensamento muito apropriado, mas aquele bebê pouco tinha do ato de fazer amor, nem era o resultado automático da abençoada ou mesmo indiferente união entre duas pessoas. Era um tipo diferente de milagre, o resultado trabalhoso de uma colaboração intrincada entre parceiros improváveis. Era a versão deles de um programa de tevê.

June e Tony passaram algumas semanas felizes, caminhando e descansando em parques e tomando sorvetes enquanto seu recém-nascido dormia, e então, passada a trégua, a função de marido e pai começou para valer. Revelou-se, aliás, uma função complicada. O bebê fazia tudo parecer concreto e assustador, e Tony de súbito estava achando bem mais difícil respirar. Se formar uma família era como qualquer outro trabalho, ele estaria contando os dias para o Natal e as demais folgas, mas ali não havia pausa, nem nunca haveria. Tampouco se animou com a volta ao escritório, pois agora tinha de ganhar a vida — de verdade, a sério, e o suficiente para o sustento de três pessoas. Tudo dependia dele, uma vez que June deixara o trabalho dela. Precisava transformar o que tinha na cabeça em berços, mordedores e prestações da casa própria, e de repente sua cabeça parecia ter menos a oferecer do que ele

esperava. Cada hora improdutiva gasta usando elásticos de estilingue para atirar cliques nas luminárias de teto, ou escutando música na vitrola que mantinham no escritório, parecia mau presságio, em vez de algo que podia se permitir como parte da rotina. Será que era capaz, realmente, de levar aquilo adiante para sempre? Seria mesmo possível ter ideias — de falas, tiradas, personagens, enredos, episódios — em número suficiente para alimentar, vestir e educar uma criança?

Estava contando com Bill, e ele tinha desaparecido. Ia todos os dias ao escritório, mas não estava ali, nem parecia querer estar. Passava a maior parte do tempo botando para tocar sem parar o LP *Revolver*, dos Beatles, a ponto de Tony ter começado a desgostar do disco.

“Lembra quando eles só sabiam cantar ‘I love you, yeah, yeah, yeah’?”, comentou Bill.

“Acho que era ‘She loves you’”, falou Tony.

“Dá na mesma.”

“Enfim, o que tem isso?”

“Saíram daquilo pra esse disco em, sei lá... três anos. E nós, fomos de onde pra onde?”

“Pra onde você quer ir? Pra onde a gente deveria estar indo?”

“Pra outro lugar.”

“Que outro lugar?”

“Não consigo pensar numa única nova variação possível da vida doméstica. Uma chegada de parentes. Uma ida pra casa de parentes. Aniversários de casamento. Constrangedores jantares em casa com convidados. Banheiros. Babás. Tapetes novos.”

“Pra outro lugar!”, exclamou Tony. “Fantástico! ‘A casa nova’.”

Bill deu de ombros.

“Que seja. Na falta de outra coisa.”

“Você não parece muito empolgado.”

“Essa não é uma mina que ainda vamos estar cavando daqui a cinco anos, é? Batendo cabeça desse jeito no segundo episódio de uma temporada, a gente vai estar no sufoco até lá.”

“O que foi que nos colocou nesta crise?”

“Sei lá.”

“*Até que a morte nos separe?*”

A série estava no ar agora e todo mundo só falava dela. Ninguém mais falava de *Barbara (e Jim)*, porque nunca se falava de dois programas de tevê ao mesmo tempo, especialmente quando um dos dois era velho. Alf Ramsey tinha virado Alf Garnett — Alf Ramsey tinha acabado de ganhar a Copa do Mundo para a Inglaterra e ninguém, muito menos a BBC, desejava ver o nome do mais novo nome coroado do país sendo manchado pela obtusidade e pela beligerância de um personagem fictício. Mas, à parte isso, Alf era o mesmo personagem e, o que era um pouco assustador, o povo da Grã-Bretanha o adorava de um jeito que seu criador talvez não tivesse pretendido.

“Não estou nem aí para aqueles lá”, disse Bill, num tom tanto de ressentimento quanto de irritação. “O que me incomoda é a gente estar empacado. Temos um casamento, duas pessoas. Você tem algo mais a dizer sobre isso? É você quem tem uma família. Cadê as tiradas? Cadê as histórias? Vamos lá. Você é o especialista. Só que, devo dizer, desde que virou pai você não tem me parecido muito o sujeito com o mapa da mina das séries cômicas.”

“Ando acabado, poxa, é por isso. Acabado e com um pouco de medo.”

“Ah, pobrezinho. Com medo de quê?”

“De você e da sua vontade de ir pra outro lugar.”

“Você não quer ir?”

“Não. Não quero ir pra lugar nenhum.”

“Isso não é verdade.”

“É! Estou feliz assim! Só quero conseguir encher umas páginas de texto!”

O que ele queria dizer era que gostava daquele emprego, adorava até, que tinha um trabalho que era capaz de fazer e pelo qual era bem pago. Tudo isso lhe parecia um milagre. Mais sorte do que poderia ter imaginado para si. De modo que, sim, queria conseguir encher páginas de texto com as piadas, as observações e as situações que Dennis, a BBC e o público esperavam. Se conseguisse, então poderia continuar a fazer aquilo. Não pensava em nada além. Não pensava sobre o que mais teria a dizer, ou se as limitações do meio o frustravam ou não. Só queria chegar lá adiante, na página trinta do roteiro, e poder apreciar a distância até a página um, assim como um mecânico só quer consertar o carro, ou um médico só quer fazer o paciente se sentir melhor. Tony não conseguia imaginar um mecânico frustrado porque motores são coisas simples demais. Cada motor deve apresentar um problema diferente, do mesmo jeito que cada episódio apresentava um novo desafio. E, se era capaz de vencê-los, por que não continuar?

“Quanta ambição.”

“Tem coisas piores a ambicionar do que fazer as pessoas felizes.”

“Sinto como se a gente estivesse sempre voltando pro mesmo lugar”, falou Bill.

“Então é porque a gente deve estar se movendo. Mesmo que seja em círculos.”

“Honestamente, você consegue se ver fazendo isso pra sempre?”

“Se a gente continuar a fazer bem, por que não?”

“Você não ficaria entediado?”

“Isto aqui está começando a parecer papo de revista feminina”, disse Tony. “Querida Evelyn: nossa vida de casados tem sido sem graça e estou preocupada que ele decida procurar alternativas. O que devo fazer?”

“Ela diria pra você usar calcinha de renda.”

“Eu uso, se ajudar.”

“Ela diria pra você fazer alguma coisa diferente. O que ela não diria é: ‘Simplesmente continue com o de sempre, que, no fim, ele acaba ficando tão velho e desinteressante que você esquece o assunto’.”

“Pensei que seu romance talvez fosse suficiente.”

“O problema é que gosto demais de trabalhar nele. Me faz perceber tudo o que estou perdendo.”

Tony suspirou. “É complicado, não é?”, falou.

“O quê?”

“Sei lá como chamar. Você e eu. Nosso casamento. A gente começa achando que a pessoa é exatamente como a gente e, com o passar dos anos, se dá conta de que não é.”

“Depois do Exército eu soube que a gente não era igual”, disse Bill. “Quando você se acovardou.”

“Como assim?”

“Você sabe.”

“Você acha que eu me acovardei?”

“Como você definiria, então?”

“Acha que eu casei com June por medo?”

“Então por quê?”

“Eu... bom, eu me apaixonei por ela.”

“Então você é ambidestro?”

“Sou as duas coisas ou nenhuma, sei lá. Na época eu sentia como se nem tivesse braços.”

“Muito boa essa”, falou Bill, sem que seu rosto registrasse uma expressão divertida, na verdade.

“Obrigado.”

“Foi muito conveniente você se apaixonar justo pela June.”

“Por quê?”

“Porque era a opção mais fácil. E aí está você, numa casinha agradável em Pinner com esposa e filho.”

Tony só conseguiu dar de ombros, impotente.

“É. Me convém. Estou feliz. Não seria capaz de fazer o que você faz.”

“Você não tem ideia do que eu faço.”

“Você desrespeita a lei toda vez que faz alguma coisa.”

“A lei é imbecil.”

“Eu sei disso. Só estou dizendo. Se o sujeito pode tanto ser as duas coisas como nenhuma, por que escolher o caminho em que vai acabar preso?”

“Eu não tive escolha.”

“Eu sei. Mas eu tive. E isso não significa que agora precise sempre tomar o caminho seguro e tedioso.”

“Tenho certeza de que é isso que você sente”, falou Bill.

Ele estava sendo compreensivo, e não partindo para o confronto, Tony sabia, e de repente entendeu o que Bill queria dizer: uma coisa levava à outra. Aqueles anos desde que tinham começado a escrever *Barbara (e Jim)* seriam completamente outros, caso o amigo não fosse homossexual. Bill conhecera pessoas diferentes, claro. Mas também tinha lido livros diferentes, assistido a peças e filmes diferentes, ouvido músicas diferentes, circulado num mundo muito distante da casinha de Tony, em Pinner.

“Precisamos de mais do que uma coluna de aconselhamento”, disse Tony. “Precisamos do Conselho de Orientação de Casais.”

E, pela primeira vez em semanas, os olhos de Bill de repente brilharam.

“Não entendi”, falou Dennis, quando contaram a ideia a ele. “Qual é o problema dos dois?”

“O problema dos dois”, explicou Bill, “é que eles são opostos.”

“Mas eles sempre foram opostos”, argumentou Dennis. “O programa é sobre isso.”

“Sim, e agora vai chegar à sua conclusão lógica. Eles estão tendo dificuldades pra fazer o casamento funcionar porque são muito diferentes. Precisam de ajuda.”

“Só pra confirmar”, retomou Dennis, “vocês vão continuar escrevendo uma comédia, certo? Ou agora virou drama social? Quem sabe ele não acaba estrangulando ela no fim?”

“Por que não dá pra fazer graça com orientação de casais?”, perguntou Bill.

“Quantos casais procuram o conselho porque estão rindo à toa?”, devolveu Dennis.

“Quantos deles não queriam estar?”, interveio Tony.

“Está havendo uma epidemia de divórcios”, falou Bill.

“Você não precisa me dizer isso”, respondeu Dennis.

“Desculpa”, disse Bill. “Tinha esquecido.”

“Mas é isso”, continuou Dennis. “Não dá pra sair se desculpando com todo mundo.” Ele olhou para Bill, perscrutando. “Tudo isso é por causa da porcaria do *Até que a morte nos separe?*”

Bill evitou encarar Dennis.

“Esse negócio pegou você de jeito, não é?”

“Só quero escrever alguma coisa que seja sobre o mundo real”, falou Bill. “E, no mundo real, um casal como a Barbara e o Jim precisaria de ajuda.”

Dennis soltou um suspiro. Gostava de trabalhar com gente talentosa e inteligente, mas às vezes desejava que fosse possível conseguir o mesmo sucesso com imbecis sem imaginação.

“E eles sobrevivem?”, quis saber, por fim. “Porque quero que esse casamento dê certo.”

“Vamos resolver o rumo da temporada e deixar pra se preocupar com o resto depois”, disse Bill.

Nancy Lawson, a atriz que Dennis selecionou para interpretar Marguerite, era a pessoa mais grã-fina que qualquer um deles já tinha conhecido. Mais até do que Edith, detentora do recorde mundial antes dela; o pai de Edith era médico, mas o de Nancy era algum tipo de lorde. Tinha um pequeno castelo em algum lugar no condado de Northumberland, e Nancy frequentara um caro colégio interno até ser expulsa — por fumar enquanto fazia sexo, segundo ela. Era uma tirada que claramente já havia usado antes, muitas vezes, mas ainda funcionava: não só recebeu risadas como Clive, Tony reparou, imediatamente começou a apalpar sua carteira de cigarros. Esperou alguns minutos para oferecer um a Nancy, na esperança de que Sophie não fosse ligar uma coisa à outra (ela ligou).

Sophie era sexy fazendo o tipo pin-up, pernas, peitos e loirice, mas Nancy, que devia ser uns dez anos mais velha, parecia prometer algo mais obscuro e perigoso. Dispunha também de uma estranha coleção de aforismos desbocados, paródias do tipo de coisa que se podia encontrar em livros de etiqueta: “Um cavalheiro sempre deixa que a dama faça a toalete primeiro”. Ou: “Uma dama jamais usa as mãos para colocar a camisa de vênus”. Na vida real, não daria uma orientadora sexual muito boa, a menos que a procurassem para falar de um conjunto bem específico de problemas conjugais. Mas era uma excelente atriz cômica — Dennis tinha reparado nela em uma ou duas farsas de Brian Rix — e, depois que a instruíram a fechar alguns botões e prender num coque o cabelo escuro, cuidadosamente mantido longo e ondulado, conseguiu incorporar a seriedade necessária. O que queriam dela eram aquelas vogais arredondadas. Pelo que puderam descobrir numa rápida pesquisa que fizeram, o que não era comum no trabalho da dupla, Tony e Bill concluíram que o Conselho de Orientação de Casais tinha como conselheiras senhoras entediadas, egressas de colégios particulares e casadas com bispos da Igreja

anglicana, cirurgiões e industriais, e que Marguerite quase certamente voltaria todas as noites para uma casa agradável em Hampstead ou Primrose Hill. Nancy era outro tipo de mulher. Claro, dava para imaginá-la casada com um industrial, em algum momento do passado, mas ou o teria abandonado ou — mais provável — assassinado nas primeiras semanas do casamento.

Ao perceber como Nancy era boa atriz, Tony e Bill reescreveram o roteiro. No primeiro rascunho, Barbara e Jim só apareciam no consultório de Marguerite depois de uns quinze minutos de episódio. Passavam a primeira metade do roteiro aos gritos e choradeira, até chegar à conclusão de que precisavam de ajuda. O dramalhão foi reduzido a umas poucas páginas, e o programa agora começava no meio de uma briga que, ficava sugerido, vinha de meses — de modo que pudessem ir logo à parte com Nancy.

E ela arrasou na gravação. Tinha a vantagem da surpresa, evidentemente — ninguém na plateia estava esperando ver um esquete a três. Mas a dinâmica entre os personagens pareceu dar ao programa e ao elenco uma energia inteiramente nova, e o tema atraiu bastante a atenção da imprensa. “Nunca um programa cômico tinha se dedicado à crise conjugal, até onde este crítico é capaz de lembrar”, disse o *Times*. “E, com o chocante aumento no número de divórcios desde a virada da década, *Barbara (e Jim)* se mostra, ao mesmo tempo, atual e corajoso, sem perder seu humor e seu charme característicos. Não é pouca coisa.”

Tony se pegou esperançoso de que Marguerite fosse uma boa profissional: o bem-estar futuro de sua família dependia dela. Infelizmente, ainda que fosse a melhor conselheira de casais do mundo, não teria sabido o que fazer a respeito de Nancy.

Clive rapidamente chegava à conclusão de que estar noivo de alguém significava que tinha de passar um tempo absurdo deixando

de fazer coisas que gostaria. Até onde ele podia ver, era essa a diferença entre ter e não ter uma noiva. Curiosamente, não parecia gastar muito tempo fazendo o que não queria. Sophie não se interessava pelos preparativos do casamento, tampouco por apresentá-lo a amigos e família. Não tinha nenhum amigo que ele já não conhecesse e procurava evitar qualquer pessoa da família sempre que podia. Era o deixar de fazer que parecia a Clive uma restrição. E o que era mais tolo: se tivesse sentado com Sophie e tentado explicar a situação, ela teria sido solidária e pragmática — não era dada à ingenuidade ou à censura. Teria, porém, observado que aquilo indicava certo despreparo para a vida de casado, e talvez até sugerisse o cancelamento do noivado. Por um lado, ele era capaz de perceber que fazia sentido. Mas gostava de estar noivo de Sophie. As pessoas pareciam gostar mais dele por isso. Como consequência, vinha restringindo suas atividades extracurriculares ao mínimo dos mínimos. Para todos os usos e efeitos, era um homem totalmente monogâmico.

Nancy, sua nova colega, no entanto, surgiu como uma tentação completamente diferente, frequente e nada ambígua. Sabia que o único culpado era ele mesmo, mas a culpa tinha sido mais ou menos toda dela: por que insistia tanto em seduzi-lo? Por que não parava de soltar aquelas tiradas maliciosas na frente dele? (Sim, ela as dizia na frente dos outros, mas Clive não conseguia deixar de pensar que eram direcionadas a ele.) Por que tinha de fazer referências constantes a desvios sexuais e à sua familiaridade com eles?

A primeira vez que dormiu com a mulher que deveria, supostamente, salvar o casamento fictício que mantinha com a personagem interpretada por sua noiva na vida real foi para tirar uma teima: estava convencido de que Nancy era só papo, provavelmente frígida, possivelmente virgem. Infelizmente, nada disso se confirmou. Não teve papo, Nancy estava mais para ferro

quente do que frio e, se era virgem, não deu sinal nenhum do nervosismo ou do embaraço que apareciam, com frequência, numa primeira vez, segundo a experiência dele. Clive ainda estava para conhecer uma virgem que pedisse, em altos brados e repetidas vezes, para... Enfim. Encurtando a conversa, para resistir ao tipo de tentação que Nancy colocou em seu caminho, só mesmo com uma determinação e um heroísmo que ele não tinha. A vulgaridade dela, sua dependência de álcool e comprimidos e seu hábito repulsivo de fofocar eram más notícias, claro, e era possível que Nancy fosse louca — uma ou duas vezes, Clive se pegou pensando se poderia contar com a discrição que precisava da parte dela. Mas, como com qualquer má notícia, é muito fácil cobrir os olhos e ignorar quando, já na página seguinte, vem uma notícia boa.

18.

Dennis desanimou ao ver a mulher de meia-idade com olhar suplicante para Sophie junto à porta pela qual os artistas deixavam o estúdio, longe do pessoal que acenava com os cadernos de autógrafos. Se tivesse sorte, conseguiria quinze ou vinte minutos a sós com Sophie: a corrida de táxi até o Ming's, em Bayswater, o único restaurante no oeste de Londres que tinham conseguido encontrar aberto num domingo à noite, e mais o tempo que Bill, Nancy e Clive demorariam para terminar seus drinques no bar, antes de se juntar a eles. Sophie não gostava muito dessas saídas depois das gravações. Gostava menos ainda agora que Nancy, com seus vestidos curtos, sua voz espalhafatosa e suas piadas sujas que faziam Clive gargalhar aos urros, era parte da equipe. Nas duas ou três semanas anteriores, Dennis vinha se encarregando de manter Sophie afastada.

Não que ele tivesse a mínima ideia do que fazer com o tempo em que ficavam juntos. Se *Barbara (e Jim)* durasse mais umas vinte ou trinta temporadas, então talvez o acúmulo de conversas informais sobre trabalho durante corridas de táxi e silenciosas perscrutações em cardápios de restaurante chinês levasse a alguma coisa. Sophie

se daria conta, enfim, do quanto ele era fiel, paciente e sensível à sua calada introspecção pós-gravações e diria que o amava. E, a essa altura, o noivado com Clive com certeza teria terminado. Se ele tivesse o hábito de jogar, apostaria dez moedas que a relação acabaria com Sophie atirando nele a aliança antes de chegarem à igreja; mas casamento seguido de divórcio era a aposta mais segura.

Ele já teria seus sessenta e tantos anos quando começasse a trigésima temporada, com o século xx quase no fim, mas, se comesse bastante salada, fizesse longas caminhadas e largasse o cachimbo, talvez ainda estivesse em condições físicas de consumir o casamento. E, na verdade, não se importaria se não estivesse. Não se importaria com isso dali a trinta anos, e tinha quase certeza de que tampouco hoje se importava. Na visão dele, não era algo essencial para a relação dos dois, de qualquer modo. Será que podia dizer isso a ela? Apenas para quebrar o gelo? Será que podia lhe dizer que estava preparado para dormirem juntos pelo resto da vida sem que jamais invadisse a metade dela da cama? Ou Sophie acharia esquisito? Podia dormir no quarto de hóspedes, se eles tivessem um na casa. Contanto que pudesse tomar o café com ela toda manhã, já ficaria feliz.

Mas estava quase certo de que a mulher de meia-idade era a mãe de Sophie, a mãe que a havia abandonado quando ela ainda era menina. Parecia um pouco com a atriz, o entorno dos olhos e da boca. E dava a impressão de estar tão nervosa e desamparada que ficava difícil imaginar que a circunstância ou a explicação fossem outras. A única razão para dúvida era seu aspecto ordinário. A pessoa precisava ter algum glamour para decidir ir embora com um homem casado, certo? Sem falar que tinha de ser glamorosa para ser mãe da Sophie. Quinze anos, porém, era um longo tempo na vida de uma mulher, se tivessem sido anos de decepção.

Desde que Sophie lhe contara a história de sua infância, ele aguardava esse momento: era o que acontecia com gente famosa. Pais há muito desaparecidos que surgem querendo se cobrir de um pouco da glória alheia à qual pensam ter direito, e geralmente atrás de dinheiro também. E quanto tempo aquilo tudo não levaria, os pedidos de perdão e as justificativas, a raiva e as acusações? Dennis não via chance de a coisa se resolver em menos de dez minutos. Seu abençoado e sacrossanto tempo com Sophie estava ameaçado.

“Olá”, disse Sophie. “Estava me perguntando quando você ia aparecer.”

“Desculpe”, falou a mãe. “Sei que deve ser um choque. Você não tem que falar comigo. Só queria te ver.”

“Você não estava vendo o show?”

“Estava. Entrei no sorteio dos ingressos várias vezes, mas só agora tive sorte.”

“Bom, então você já me viu lá, não viu?”

“Quería olhar pra você e que você olhasse pra mim. Só isso.”

“Te encontro lá, Sophie?”, quis saber Dennis. “Você precisa de um tempo?”

“Não, espera só um segundinho”, ela pediu.

“Bom”, disse Dennis, gentil. “Não sou especialista nessas coisas, mas não tenho certeza se um segundinho vai ser o bastante, nesse caso.”

“Olá”, falou a mãe de Sophie. “Sou a mãe da Barbara.”

“Sim”, respondeu Dennis. “Imaginei. Meu nome é Dennis. Produzo e dirijo o programa.” Ele apertou a mão dela. “Prazer em conhecê-la, sra. Parker.”

“Acho que o sobrenome não pode mais ser Parker, não é?”, disse Sophie.

Dennis podia sentir a raiva a metros de distância. Dava para esquentar as mãos nela.

“Talvez fosse melhor você perguntar isso pra ela”, falou Dennis. “Aproveitando que está aqui.”

A mãe de Sophie sorriu, agradecida.

“É sra. Balderstone”, disse Gloria.

“Sra. Balderstone não pode ser”, interveio Sophie. “Pode ser sra. Qualquer Coisa, ou sra. Parker, se você não chegou a casar com outro, não dá pra colocar senhora na frente do seu nome de solteira.”

“Bom, foi o que eu fiz”, respondeu Gloria. “Você pode me chamar como quiser.”

O tom de voz não era agressivo, nem mesmo indiferente. Eram as palavras de uma penitente, de alguém que tinha transformado várias vidas num caos e sabia disso. Sophie sentiu um princípio de solidariedade, mas o sufocou.

“Mas você não pode me chamar como quiser”, falou. “Meu nome é Sophie.”

“Desculpe”, disse Gloria. “Mesmo lendo o tempo todo que a Sophie isso, a Sophie aquilo, sempre penso: ‘Ah, olha aí nossa Barbara outra vez’. Provavelmente vou demorar um tempinho pra me acostumar.”

“Você não tem um tempinho”, cortou Sophie.

“A gente está indo num restaurante chinês em Bayswater, encontrar o Clive e mais um pessoal”, falou Dennis. “Se chama Ming’s. Você não precisa comer comida chinesa. Também servem bife com fritas lá. Ou omelete com fritas. Talvez...”

“Você pode recitar a droga do cardápio inteiro que não vai fazer diferença”, atalhou Sophie. “Ela não vai com a gente.”

Sophie saiu pisando duro e sem olhar para trás, na direção do táxi que esperava. Dennis fez cara de quem pedia desculpas.

“Sinto muito”, disse.

“Eu precisava tentar”, respondeu Gloria.

“Até outra hora, espero”, falou Dennis e foi saindo. Mas quase imediatamente deu meia-volta. Ele era a última ligação entre um mundo e outro, tinha a obrigação de, pelo maior tempo possível, mantê-los juntos. “Você vai passar a noite em Londres, Gloria?”

“Vou.”

“Pode me dizer onde?”

“Ah. Sim. Claro. Estou na Hospedaria Russell Square. Que não fica na Russell Square, aliás.”

“Ah.” E, como nenhuma outra informação parecia a caminho: “Onde é, exatamente?”.

“Ah. É muita bondade sua perguntar. Fica na Farringdon Road. Volto pra casa amanhã de manhã. Saio mais ou menos às 10h30.”

“Está certo.”

Dennis se deu conta de que um endereço residencial talvez fosse útil também. Improvável que a raiva de Sophie já tivesse ido embora na manhã seguinte.

“E onde mesmo você mora? Será que podia anotar o endereço?”

Enquanto ela fuçava dentro da bolsa atrás de um pedaço de papel, o táxi de Sophie arrancou.

“Desculpe”, disse Gloria. “Ela foi sem você.”

“Não se preocupe com isso.”

“Diga pra ela que não quero nada”, falou Gloria.

“Vou dizer.”

Ela parecia sincera, mas Dennis sabia que não podia ser verdade.

Ele conseguiu um táxi e, quando chegou ao restaurante, encontrou Sophie sentada sozinha. Existia um Deus, afinal.

“Sobre o que você ficou conversando com ela?”, perguntou Sophie.

“Posso ir buscar uma bebida antes?”

Só serviam álcool até as dez aos domingos, e Dennis queria botar umas duas doses para dentro o mais rápido que pudesse. Ficara nervoso com a aparição de Gloria, e o programa não tinha sido

muito bom. O elenco dera o melhor de si, com Nancy se esforçando demais, mas desde o início do aconselhamento conjugal de Barbara e Jim as piadas pareciam ter sido relegadas a segundo plano no roteiro. Ele pediu uma garrafa de cerveja e uma taça de vinho, e bebeu a cerveja antes de responder à pergunta de Sophie.

“Perguntei onde ela está morando.”

“Por que você fez isso?”

“Pode ser útil.”

“Onde ela está morando?”

“Em Morecambe.”

“Por quê?”

“Talvez você mesma devesse perguntar. Eu não sabia que morar em Morecambe precisasse de explicação.”

“Depois da confusão toda, ela acaba indo morar a alguns quilômetros no mesmo litoral.”

Dennis quase fez a observação espirituosa de que a proximidade entre Morecambe e Blackpool parecia ser um detalhe estranho ao qual se apegar, mas refreou o comentário bem a tempo, quando entendeu o que aquilo poderia ter de notável. Dennis, evidentemente, nunca tinha pensado muito sobre a questão, mas, em geral, mães não costumavam abandonar os filhos e desaparecer com colegas de trabalho para nunca mais serem vistas. Sophie devia ter passado uma boa parte da vida em perpétuo estado de vergonha e humilhação. Era para Gloria estar morando em algum lugar muito, muito longe, inimaginável, como a Patagônia ou a Tasmânia.

“O que ela veio fazer em Londres, afinal?”

“Imagino que te ver.”

“Bom, eu é que não vou até a porcaria de Morecambe”, falou Sophie.

“Você não precisa”, disse Dennis. “Sei onde ela está hospedada.”

“Ah, saco”, reagiu Sophie. “O que eu devo fazer?”

“Faça o que você quiser.”

“Você acha que devo ir lá. Senão não teria voltado pra falar com ela.”

“Não, não é isso que eu acho. Queria que você tivesse a opção. Não queria te encontrar aqui toda angustiada por ter cometido um erro.”

“Era isso”, respondeu Sophie.

“Era isso o quê?”

“Acabei de me dar conta. Era isso, e eu não tinha percebido porque estava com muita raiva. Desde o começo tudo tinha a ver com isso. Queria ficar famosa pra minha mãe ler sobre mim nos jornais ou me ver na tevê e vir me procurar.”

“E depois?”

“Eu diria pra ela sumir da minha frente.”

“Foi exatamente o que você fez.”

“Mas não percebi. Porque estava com muita raiva. Não percebi o que acontecia.”

“Bom, imagino que o tempo todo era o mais provável, nas circunstâncias.”

“E agora?”

“Tudo depende de você ter ou não o que fazer com uma senhora de meia-idade, claramente patética e arrependida, que um dia foi sua mãe.”

“Não tenho, na verdade.”

“Você quer ouvir um pedido de desculpas? Porque ela me pareceu uma mulher disposta a isso.”

“Ah, droga”, disse Sophie. “Quero, eu acho.” E em seguida: “Obrigada”.

Clive, Nancy e Bill apareceram, meio bêbados e idiotas, falando alto. Nancy imediatamente desatou a contar uma história sobre uma amiga que fizera sexo com um ex-ministro num camarote da Royal Opera House. Ela parecia ter um número suspeitamente grande de

amigas que se prestavam a esse tipo de coisa, Dennis reparou, e as histórias sempre vinham com detalhes que amigas jamais teriam compartilhado. Clive aparentemente também as tomava como mal disfarçada autobiografia e, conseqüentemente, escutava com absorta e deliciada atenção, feito um menininho sentado de pernas cruzadas diante do rádio da família ouvindo *Dick Barton*.

“Você podia me levar pra casa?”, Sophie perguntou baixinho para Dennis, em meio a arfares chocados e urros de riso.

Não apenas existia um Deus como Ele era sábio e justo: as negociações de Dennis com Gloria haviam, de algum jeito, lhe rendido mais uma corrida de táxi de quinze minutos.

Sophie levou a mãe para tomar café no Ritz, de táxi, simplesmente porque podia, e simplesmente porque sabia que isso a deixaria desconfortável.

“Ainda vou conseguir pegar o trem das 11h30?”, quis saber a mãe, quando ficou óbvio para ela que o Ritz não era logo ali, como tinha prometido displicentemente a filha.

“Você precisa pegar esse?”

“Se eu perder, vou ter que esperar duas horas pelo próximo.”

“Imagino que isso dependa de por quanto você vai perder o das 11h30, né? Se chegar à estação às 13h25, só vai precisar esperar cinco minutos pelo outro. Nunca se sabe, pode ser que a conversa seja longa.”

Foi a deixa para que Gloria passasse o resto do trajeto até o hotel em silêncio, olhando pela janela. Quando iam entrando, o porteiro cumprimentou Sophie pelo nome e disse a ela para ficar de olho em Jim, e Sophie riu e respondeu que ficaria. Tinha estado antes no Ritz e passado por uma cena semelhante; tinha sido uma das razões para levar a mãe ali.

Sentaram-se num dos sofás do grande saguão e pediram café com biscoitos.

“É assim, então?”, perguntou Gloria. “Café no Ritz e tudo o mais?”

“Quando estou a fim.” E, em seguida, porque aquela resposta soara esnobe demais: “Mas passo a maior parte do tempo no estúdio. Ou em casa. Trabalho duro”.

“Ah. Esse sofá é bem confortável. Mas é difícil sentar ereta.”

Sophie esperou e esperou por alguma coisa, por algo mais, um vislumbre do interesse da mãe pelos últimos quinze anos da vida da filha, mas Gloria parecia distraída com a maciez dos estofados e a excentricidade dos hóspedes fixos do hotel.

“É tudo o que você tem pra dizer?”, falou Sophie. “Que o sofá é confortável?”

Tinha prometido a si mesma que tentaria se manter calma, mas era impossível.

“Não sei o que dizer, pra falar a verdade”, disse Gloria.

“Então por que veio até aqui?”

A mãe deu de ombros.

“Eu precisava.”

“Você ficou em Morecambe esse tempo todo?”

“Não, a gente circulou um pouco. Ele arranjou um emprego em Bolton quando... quando a gente se mudou. E depois outro em Lancaster. Tínhamos acabado de mudar pra onde estou hoje quando ele foi embora.”

“Foi pra onde?”

“Não sei. Acho que talvez tenha voltado pra Blackpool.”

“Você casou com ele?”

“Não. Ele estava feliz do jeito que era. Já tinha seu filé.”

Ninguém que passasse por elas no Ritz jamais descreveria a mãe de Sophie como filé. Estava mais para carne de pescoço, Sophie podia ver agora. Mas sempre tinha pensado nela como filé. Crescera ouvindo o pai falar da fuga e de amantes, de modo que, na

cabeça dela, a mãe aparecia toda produzida, de maquiagem e meia-calça, um filé bem temperado e suculento. Mas era apenas uma mulher agarrada ao sobretudo e a uma bolsa gasta e fora de moda que Sophie queria arrancar dela e jogar na primeira lixeira que encontrasse.

“Não tenho nada pra dizer, Barbara. Sophie. Sério. Nada. Nada de interessante, nenhum segredo. Só o que tenho é uma história longa e tediosa sobre nada.”

“Então pra que tudo aquilo? O que você esperava?”

“Alguma coisa melhor, só isso. Não consegui, se serve de consolo.”

“Não serve, na verdade.”

Servia, porém. Ela entendia a necessidade de alguma coisa melhor. Sophie não tinha magoado ninguém ao vir para Londres, mas teria, se fosse preciso. Podia argumentar que era talentosa e que, se tivesse deixado seu talento inflamar e ulcerar, ele a mataria. Mas não sabia ao certo se era um talento real, tampouco sabia com certeza que a salvaria. A rota de fuga escolhida pela mãe parecia, para ela, coisa de outros tempos. Gloria jamais teria sonhado em se mudar para Londres e descobrir do que era capaz, ou se podia ir mais longe. A saída que encontrara tinha sido se engrajar com um sujeito e ir embora para Bolton. Nunca antes havia ocorrido a Sophie, mas a pior coisa de ser Miss Blackpool era o título. Ter de usar o nome do marido ao se tornar uma mulher casada era uma coisa. Ter de usar o nome da cidade ao se tornar miss do lugar era outra bem diferente.

“Você sabe que eu sinto muito, não sabe?”, perguntou Gloria.

“Não. Como eu saberia? Você nunca me disse. Nunca nem tentou me procurar.”

“Ah, claro que tentei. Mas seu pai não aceitava, e eu me sentia tão culpada... Ele me disse que era melhor eu ficar longe. Falou que você me odiava.”

Sophie não disse nada. Era verdade: ela tinha odiado a mãe. Um ódio infantil, instável, cuidadosamente cultivado nela pelo pai, e portanto imaturo, mas ódio, ainda assim. Pensou de novo naquilo que havia confessado a Dennis na noite anterior, que era um sonho de longa data que sua mãe aparecesse para poder ignorá-la. O sonho nunca poderia ter se realizado se Gloria tivesse sido uma mãe melhor, mais determinada, mais desesperada. Um punhado de vezes as duas se encontrariam sem alegria, e ninguém seria beneficiado com isso, não haveria raiva, nem paixão, nem mudança para Londres. Ela se tornaria Miss Blackpool, com a mãe numa das espreguiçadeiras, aplaudindo e chorando. Ela se casaria com o dono de uma concessionária. E por que não ir além? E se Gloria tivesse continuado casada com seu pai? Onde ela estaria agora? Em Blackpool com certeza. No balcão da R.H.O. Hills, provavelmente.

Devia ao mesmo tempo tudo e nada à mãe. Quis, por uma ou duas horas, celebrar o tudo, então a levou às compras. Finalmente, porque não precisavam mais olhar uma para a outra, começaram a conversar. Foi muito mais fácil preencher lacunas e fazer perguntas enquanto circulavam no meio de sobretudos e concordavam em não gostar dessa ou daquela bolsa. Empregos, Marie, primos, Londres, Bolton, coisas cada vez mais distantes no passado, até chegarem à parte das seções de cosméticos e à época da escola. Não falaram, porém, sobre o dia em que Gloria foi embora. Sophie não conseguia imaginar que em algum momento fosse querer conversar sobre aquilo.

“Falei pro seu namorado Dennis que não estou querendo nada”, disse Gloria quando entravam na Selfridges. “E aqui vai sair muito mais caro do que em Morecambe.”

“Quem disse que o Dennis é meu namorado?”, quis saber Sophie.

“Não é?”

“Não”, disse Sophie. “Estou noiva do Clive.”

“Você está noiva?”

“Estou.”

“E vai casar?”

Por que todo mundo insistia em tratar seu noivado e um futuro casamento como dois eventos separados e independentes? Era como se um fosse um beijo e o outro, uma gravidez: uma coisa podia levar à outra, mas desde que acontecesse uma porção de outras coisas entre uma e outra. E, sim, Sophie às vezes pensava que a chance de ela e Clive se tornarem marido e mulher era pequena, mas sentia como se a tratassem com condescendência quando eram outras pessoas que expressavam essa opinião.

“Sim. A gente vai casar.”

“Sério?”

“Você não me viu com o Clive. Não o conheceu.”

“Não, mas te vi com o Dennis... Ele cuida de você.”

“É o trabalho dele.”

“Isso inclui correr atrás de mães desaparecidas e pedir o endereço delas?”

“Nesse caso o Dennis meteu o nariz onde não foi chamado.”

“Mas ele é meigo com você, né?”

Sophie sentiu a garganta apertar de repente.

“Bom, eu o achei muito gentil”, completou a mãe.

“Você não sabia nada de mim e do Clive?”

“O que eu saberia?”

“Ah, é que saíram uns artigos em revistas e tal.”

Centenas de artigos, era a impressão que ela tinha. A agência mandava os recortes e dia sim, dia não chegava alguma coisa pelo correio.

“Não vi nada”, falou Gloria.

“O que você vê?”

“Não leio jornal. Vejo o noticiário.”

A relação dela com Clive não tinha chegado ao noticiário.

“Ninguém nunca recorta nada pra te mostrar?”

“Não”, respondeu Gloria. “Ninguém sabe que você é minha filha.”

A descrição de Gloria, sua disposição a abrir mão do prazer daquele orgulho para reparar os pecados do passado, talvez tivesse convencido Sophie, estivesse ela prestando atenção, em vez de momentaneamente absorta pela ignorância da mãe. Tinha sido um baque. Gente como Gloria deveria saber que ela estava noiva de Clive. Os dois eram celebridades e estavam juntos, e isso fazia parte do pacote. Antes de se despedir, Sophie comprou para a mãe uma pilha de revistas na banca em frente à estação. Uma delas devia ter publicado alguma coisa.

Mais tarde naquela mesma semana, ela ligou para Diane, que apareceu no apartamento com um fotógrafo para várias fotos dela e Clive, com Sophie preparando medalhões de porco ao molho madeira para ele. Depois de terminada a refeição (mais fotos, brindando para a câmera com as taças de vinho), acomodaram-se nos pufes e fingiram olhar os LPS de Sophie (e mais fotos, fazendo que discutiam os Beatles e os Rolling Stones, dedos furiosos apontando um para o outro e ambos sorrindo), enquanto conversavam com Diane sobre o futuro. A moça escreveu duas matérias, uma para a *Crush* e outra para o *Express*. E, no entanto, quando foram publicadas, Sophie ficou se perguntando se, de alguma forma, não tinha deixado passar o mais importante na conversa com a mãe.

19.

Bill não sabia o que alguém que escrevia livros deveria fazer com eles depois de escritos. Não conhecia nenhum editor. Não conhecia agentes literários. E não sabia se um escritor podia simplesmente passar um manuscrito de quatrocentas páginas para que amigos e colegas o carregassem para casa e, em seguida, fornecessem uma avaliação simpática mas honesta — sobretudo simpática — do talento do romancista e, portanto, do ser humano, pois aquele livro era o mais próximo que ele tinha chegado na vida da autoexpressão pura. Não havia muitos amigos e colegas a quem pudesse pedir isso. Tinha consciência de que o *Diário de um rapaz do Soho* não era para pessoas impressionáveis: escrevera o tipo de livro que gostaria de ler, dizendo ali o que sabia ser a verdade sobre homens como ele. Não chegava a descrever o que encaixava onde, mas as descrições tampouco eram opacas a ponto de ninguém entender o que estava acontecendo. Não sabia se seria publicável. Se o tipo de amor do qual falava continuava sendo ilegal, será que isso tornava as descrições ilegais também?

No fim das contas, resolveu contar para Tony que tinha terminado o livro, só para ver sua reação.

“Posso ler?”

“Por que você quer ler?”

“Porque sempre vou querer ler tudo o que você escreve, seu tonto.”

“Você não é obrigado.”

“Eu sei disso.”

“E se odiar?”

“Não conto pra você.”

“Então pra que ler?”

“Pra que ler o que quer que seja? Se eu não gostasse do último livro do Graham Greene, também não contaria pra ele.”

“Mas presumo que você não esteja escrevendo roteiros cômicos com o Graham Greene.”

“Uma razão a mais pra não contar, caso eu não goste do livro.”

“Então tudo o que você vai me dizer é que sou um gênio?”

“Mais ou menos por aí.”

“Podemos começar de novo, então?”

“Como assim?”

“Tony, você leria meu livro? Queria saber o que você acha dele.”

“Que diferença isso faz?”

“Antes foi você quem me pediu. Agora sou eu quem estou pedindo. Como favor.”

“Não sou Vernon Whitfield. Não seria capaz de dizer o que seu romance tem de errado. E não estou dizendo que tenha algo de errado.”

“Não quero o tipo de comentário do Vernon Whitfield. Só me diga se funciona bem como livro. Se tem partes chatas. Se eu devia jogar no lixo ou mostrar pra mais alguém. E se não vou acabar sendo preso.”

“Também não sou advogado.”

“Tá, se não vou acabar sendo demitido da BBC, então. Expulso de pubs. Essas coisas.”

“Certo.”

“E...”

“Vou ler o livro, nada mais”, disse Tony.

“Quanto tempo você acha que demora?”

“Qual é o tamanho da encrenca?”

“Você quer dizer quantas páginas ele tem?”

“É, acho que sim.”

“Quatrocentas. Entrelinha dupla.”

“E qual é o tamanho da chatice?”

“Vai se foder.”

Tony leu o livro duas vezes em três dias, ao mesmo tempo que dizia para Bill ainda não ter encontrado tempo para começar. Leu tão rápido da primeira vez que não conseguiu pensar em nada para dizer, além do fato de que se recolhera depois de o bebê adormecer e, quando June desligou a tevê e foi para o quarto trocar de roupa, ele ainda estava ali.

“Que tal?”, ela perguntou.

“É... Bom. Minha nossa. Sei lá.”

“Se me permite dizer o óbvio, você não consegue parar de ler.”

“Sim, mas ele é meu melhor amigo.”

“Li montes de roteiros de melhores amigos. Larguei vários. E roteiros são mais curtos.”

“Certo, então. É bom. Mas minha nossa.”

“O que tem de ‘minha nossa’?”

“É... Bom. Caramba.”

“Seja o que for que você resolver fazer quando crescer, veja lá pra que não envolva usar a língua inglesa.”

“O livro é... Nunca li nada assim antes.”

“É bem escrito?”

“Sei lá. É simplesmente... escrito pelo Bill.”

“Então ele tem uma voz.”

“Bom, se isso é ter uma voz, todo mundo tem.”

“Não, nem todo mundo. A maioria não consegue colocá-la na página. Tentei certa vez, e o que saiu parecia o trabalho de literatura sobre Jane Austen de uma estudante estrangulada no meio do processo. Então o Bill já tem meio caminho andado. O que eu quero saber é o que o romance tem de ‘minha nossa’ e ‘caramba’.”

“Tem o... sabe como é. O negócio todo. É um material bem picante. E sabe do que mais? Acho que eu não jogo nos dois times, não.”

“Então é manual também.”

“Não sei se ensina alguma técnica manual. Pra mim não foi útil nesse sentido.”

June revirou os olhos.

“Desculpe”, falou Tony. “Mas, se ele conseguir achar quem publique, o barulho não vai ser pequeno.”

“É tão... honesto assim?”

“Não chega a ser *O amante de Lady Chatterley* ou *Fanny Hill*. Mas de qualquer jeito tem rapazes beijando rapazes.”

“E o que você vai dizer pro Bill?”

“Vou dizer o que eu disse pra ele que diria: que é uma obra de gênio.”

“Vai se foder.”

“É sério.”

“Obra de gênio como a de quem? Do Dickens? Do Tolstói?”

“É diferente.”

“Você já leu Tolstói alguma vez na vida?”

“Não, mas posso apostar que paixão homossexual não é muito a dele. Sei lá, Bill. Não sou de ler muitos livros. Só o que posso dizer é

que chato não é, nem um pouco, você tem uma voz, e não consigo imaginar nada parecido sendo publicado por aí.”

Conversaram um pouquinho sobre os personagens — a intenção, disse Bill, era que fosse um romance picaresco, embora ele tenha precisado explicar a palavra, e um livro repleto de vagabundos memoráveis e hilariantes, malandros e artistas na pindaíba do Soho, o tipo de gente que se podia encontrar no Colony Room, segundo Bill. Falaram de uma parte no meio do romance, uma longa descrição da infância do narrador, que Tony considerou o único momento em que teve a sensação de que lia um livro.

“Mas é a porcaria de um livro.”

“Em nenhum momento pareceu que era. Eu nem sentia que estava lendo. E aquela parte foi, sabe, quando pensei: ah, aqui estou eu, mergulhado num Importante Romance Contemporâneo.”

“Odeio aquele pedaço”, falou Bill, por fim. “Demorei uma porra de um tempão, e não saiu naturalmente. Só não quis cortar por causa do trabalhão que deu.”

“O que você vai fazer com o manuscrito?”

“Vou passar pra Hazel.”

Hazel, além de secretária, era agora agente dos dois. Todo ano, quando Dennis ligava para oferecer uma nova temporada, Tony e Bill a colocavam para conversar com o produtor sobre dinheiro, pois Hazel podia ser difícil e Dennis tinha medo dela, de modo que passaram a lhe pagar uma comissão de dez por cento, em vez de salário. Era gentil com Dennis, e Bill e Tony queriam que fosse assim. Mas avançava contra qualquer um que não conhecessem, como os produtores da ITV que tinham encomendado *Vermelhos embaixo da cama* e o produtor de cinema que queria que escrevessem aquele roteiro para Anthony Newley. Bill e Tony não aguentaram ficar na sala enquanto ela conversava com eles.

“Hazel vai ter que ler?”

“Imagino que sim. Só queria um conselho. A irmã dela trabalha numa editora.”

“Certo”, disse Tony, meio em dúvida.

“Hazel é casca-grossa”, falou Bill. “E também não faço segredo de nada pra ninguém aqui.”

“Não faz”, concordou Tony. “Mas também não costuma sair gritando para a rua.”

“Ela vai ficar numa boa”, falou Bill. “Vai saber o que fazer com o livro.”

“Leve pro Michael Braun, da Braun & Braun”, disse Hazel na manhã seguinte.

Não o encarou enquanto devolvia a sacola com o manuscrito.

“Certo”, respondeu Bill. “Michael Braun.”

Hazel sentou à sua escrivaninha e pegou o telefone, pronta para começar o dia de trabalho.

“É... isso?”, perguntou Bill.

“É”, falou Hazel.

“Obrigado”, disse Bill. Foi saindo em direção à sala dos fundos e, de repente, parou. “O que você achou?”

“É pra Braun & Braun”, repetiu Hazel.

“Se eles se interessarem, você me representa?”

“Não”, respondeu Hazel.

“Obrigado pela leitura.”

“Não li. Não tudo. Só o suficiente pra saber que você deve passar o livro pro Michael Braun.”

Bill entregou o livro para Michael Braun e nunca mais voltou a falar do assunto com Hazel.

O Braun era um só. Michael Braun achava que Braun não soava como o nome de uma editora de verdade, de modo que simplesmente inventou o outro Braun. “Quem é o outro?”, cedo ou tarde as pessoas acabavam perguntando. “Ah, eu sou os dois”, ele respondia, displicente.

Era dez anos mais velho que Bill, bonito e com um vozeirão, quase certamente um bebum, seguramente homossexual, e se comprazia e interessava por livros que chocassem as pessoas, inclusive gente como Hazel, mas de forma nenhuma só gente como ela. Publicava romances franceses sobre incesto, romances americanos sobre viciados em drogas e queria muito publicar um romance inglês sobre homossexualismo. Passava boa parte de seu tempo tentando evitar que os livros fossem recolhidos por autoridades variadas, fiscais alfandegários, a polícia e o departamento de censura, mas não parecia se incomodar muito. Na verdade, parecia considerar as batalhas judiciais como a quintessência do trabalho do editor. Na visão dele, publicar um livro que não ofendesse ninguém era perda de tempo e energia. “O que todo mundo já faz”, dizia.

Levou Bill a um clube que servia bife com empadão de rim e torta de melado; parecia permanentemente entretido pela incongruência.

“Metade dos membros aqui é de advogados que vivem tentando me enquadrar”, contou. “Só que nenhum deles sabe que eu sou eu.”

Bill duvidou que aquilo fosse verdade. Não fazia muito tempo que conhecia Braun, mas era óbvio que o editor não tinha talento para a discrição, ou mesmo para falar num volume que pudesse ser considerado o de uma conversa. Parecia gostar de enfatizar palavras que provavelmente soariam ofensivas, de modo que anedotas envolvendo, digamos, sodomia e um jovem padre católico pudessem ser ouvidas, ainda que em fragmentos, nos cantos mais distantes do salão.

“Seu romance é notável”, disse Braun, logo que o clarete foi servido e degustado. “De onde você saiu? Como é que eu não te conhecia? O que faz da vida?”

“Sou roteirista”, respondeu Bill.

“Que glamoroso. Algum roteiro seu do qual eu talvez tenha ouvido falar?”

“Escrevo basicamente pra televisão. Você já assistiu *Barbara (e Jim)*?”

“Deus do céu, não”, falou Braun. “Por que diabos eu teria assistido a alguma coisa chamada *Barbara (e Jim)*? E por que você pergunta?”

Bill ficou confuso. Achava que havia uma ligação óbvia entre a primeira parte de sua resposta e a segunda, mas Braun não havia reparado.

“Bom, é o que eu faço da vida.”

“O quê?”

“Escrevo *Barbara (e Jim)*.”

“Imagino que só deixem você cuidar das partes do Jim”, disse Braun, e riu da própria piada.

Bill conseguiu dar um sorriso. Percebeu que tinha ficado desconcertado com a referência a suas preferências sexuais num contexto profissional. Passara tanto tempo se escondendo em reuniões de trabalho que se perguntava se não preferia assim.

“E está dando certo?”

“Sim”, falou Bill. “O programa é muito popular.”

“As pessoas veem?”

“Sim.”

“Muitas pessoas?”

“Sim.”

“Quantas?”

“Ultimamente a audiência está meio em baixa.”

Vinham recebendo notinhas positivas aos montes, mas perdiam espectadores a cada semana. O público britânico, ao que parecia, não estava muito seguro do potencial cômico de desavenças conjugais, e o departamento de pesquisa de audiência da BBC entrevistara várias pessoas preocupadas com o bem-estar do bebê Timmy.

“Só quero ter uma ideia do que é ser popular”, explicou Braun.

“Bom. O máximo que conseguimos foi dezoito milhões. Agora caímos pra uns treze.”

Braun o encarou e riu.

“Você sabe que a população do país não passa de cinquenta milhões, não sabe?”

“Sei.”

“Então... Está falando sério?”

“Estou.”

“Meu Deus. Já ouviu falar de Jean-François Durand?”

“Já. *The Python's Moustache*.”

“Leu?”

“Comprei.”

“Ótimas resenhas. ‘O melhor livro publicado este ano na Europa’, foi o que disse o *Times Literary Supplement*. Entrevista com o autor na *Listener*. E 7229 exemplares vendidos. A não ser que alguém tenha comprado mais algum hoje de manhã.”

“Certo.”

Bill sabia que o mercado editorial era diferente. Mas não fazia ideia de que fosse um país virtualmente inabitado, como a Austrália.

“Vamos nos sair melhor com o seu”, garantiu Braun. “Vai ser um *succès de scandale*. Você quer que saia com seu nome?”

“Sim.”

O livro era dele. Queria ver seu nome na capa.

“Está preparado pra isso? Considerando a BBC, sua família e tudo o mais?”

“Preciso ter uma conversinha com algumas pessoas.”

“Espero que, quando a gente publicar o romance, você não precise mais transgredir a lei pra ficar com alguém.”

O Parlamento tinha debatido a Lei de Crimes Sexuais, finalmente; haveria uma mudança na legislação e os homossexuais não precisariam mais temer a prisão. Roy Jenkins declarara que “aqueles que sofrem dessa deficiência carregam um grande fardo de vergonha por toda a vida”. Bill imaginava que o político dissesse aquilo na melhor das intenções, mas não chegava a fazer ninguém se sentir melhor quanto à questão.

“Quando você vai publicar?”

“Assim que possível. O momento é agora.”

Bill de repente sentiu o corpo relaxar de alívio. Estava cansado de ter de adivinhar o que pensavam e sentiam dezoito milhões de pessoas que ele não sabia quem eram. Queria falar para os poucos milhares que conhecia.

Precisou ter uma conversinha com uma de suas colegas já na manhã seguinte, quando Sophie apareceu no ensaio com um plano.

“O que você vai fazer hoje à noite?”, ela quis saber dele no primeiro intervalo para o chá.

“Nada em particular. O que tem em mente?”

“Quer sair pra jantar comigo e com Clive?”

“Ele vai pagar?”

“Eu vou.”

“Ótimo.”

“Quero que conheça uma pessoa.”

“Excelente.”

“A Diane.”

Bill gelou.

“Ela é um pouco mais nova que você”, continuou Sophie, e em seguida, aparentemente por conta da cara de pânico dele, “mas não muito mais. E é muito bonita e inteligente, não consigo entender por

que não tem namorado. Do mesmo jeito que não consigo entender por que você não tem namorada.”

Conhecia Sophie havia três anos, e passara aquele tempo todo se escondendo e supondo, ao mesmo tempo, que ela já soubesse qual era a dele. Agora percebia que estava exigindo muito dela.

“Ah”, falou.

“Não me diga que cheguei tarde demais”, disse Sophie.

“Bom”, ele respondeu. “É, um pouco.”

Levou-a lá fora para dar uma volta e fumar. Sophie ficou chocada, depois passou a se desculpar e autopenitenciar, e Bill se deu conta do quanto a amava.

“Tem sido muito difícil escrever sobre um homem, uma mulher e um bebê?”, ela quis saber. “Você está de saco cheio da gente?”

Ele apenas sorriu. Sentia-se em paz com o mundo.

20.

Tudo desmoronou bem rápido, no fim das contas.

Numa terça à noite, algumas semanas antes do final da quarta temporada, Tony e Bill discutiram a possibilidade de Barbara e Jim se separarem. Estavam no pub, depois do expediente, tentando achar uma ideia para o último episódio, algo que estancasse a sangria nos índices de audiência, e se sentiam cansados.

“Não tenho energia pra lutar por esse casamento”, disse Bill.

“Um último esforço”, pediu Tony.

“E depois o quê?”

“Férias. Aquele roteiro pro Anthony Newley. *Vermelhos embaixo da cama*. Mal posso esperar.”

“E depois?”

“Depois? Sei lá. A gente se aposenta, vai morar em Bexhill e morre.”

“Antes então?”

“Mais uma cerveja e um saco de batatinhas.”

“Acho que a gente devia dar um fim neles.”

“Em quem?”

“Na Barbara e no Jim. Não sei como tirá-los desse buraco. E não sei nem se quero fazer isso.”

Tinham ficado entusiasmados com a lógica daquela ideia de aconselhamento de casais, que pareceu ainda melhor com a chegada de Nancy, com seu sotaque grã-fino e seu timing cômico. Ela ajudara a quarta temporada a assentar num ritmo previsível, vagamente preguiçoso. Os episódios sempre começavam no consultório do Conselho de Orientação de Casais, queixas eram expressas, surgiam as tiradas, Marguerite passava lição de casa para Barbara e Jim — exercícios que deviam praticar, problemas para resolver. E, ao cabo de trinta minutos, um novo e antes imprevisível problema havia surgido como consequência direta dos conselhos de Marguerite. Iam ao consultório levando algumas desavenças, desencavadas no solo da ideia original: ele era do sul, ela, do norte, ele, trabalhista, ela, conservadora, ele, tímido e reflexivo, ela, pávio curto e instintiva, ele, egresso das melhores faculdades, ela, distante da escola desde os quinze anos. (Os cínicos talvez observassem que, para começo de conversa, aquele era um casamento tão improvável que jamais poderia existir em outro lugar que não fosse a imaginação de um roteirista de tevê.) Mas as exigências da televisão eram tantas que Tony e Bill tinham explorado até o osso os velhos problemas e acrescentado toda uma série de novos — sexo, amigos, paternidade e maternidade, parentes, gostos. Tudo isso formava agora um magnífico amontoado de desavenças, para além das originais, exploradas até o osso — um esqueleto tão complexo e intimidante quanto o de um dinossauro exposto no Museu de História Natural.

“Certo”, respondeu Tony. “Meu Deus.”

“Não estou dizendo que vai ser assim e pronto. Me convença do contrário.”

“Você seria capaz? De simplesmente... dar um fim na série? Sem meu consentimento?”

Por um momento apenas, Tony teve o vislumbre de um cenário horrível, com advogados e disputas sobre direitos autorais.

“Não. Claro que não. Se quiser tocar em frente, a opção é sua.”

“Mas você está fora.”

“Nunca disse isso também. Só estou... apresentado uma possibilidade pra poder examiná-la.”

“Certo. Então o que fazemos agora?”

“Sei lá”, falou Bill. Deu um longo gole na cerveja. “Estou fora.”

“Você acabou de dizer que estava examinando a possibilidade?”

“Já examinei. E não gostei do que vi.”

“E quando foi isso?”

Tony sabia que seu tom era de pânico. Tentou respirar fundo sem que Bill notasse.

“Agora mesmo.”

“Bebendo cerveja?”

“Não estou bêbado. Só botei pra dentro um quarto da caneca.”

“Eu sei. Mas... foi naquele gole que isso aconteceu? Foi ali que você tomou a decisão?”

“Tomei a decisão semanas atrás. Mas não queria chegar pra trabalhar anunciando, sem preâmbulo. Estava procurando uma oportunidade.”

“Você quer acabar com *Barbara (e Jim)*?”

“Não é disso que estamos falando?”

“Só pra confirmar.”

“Não consigo vislumbrar um rumo que eles possam tomar”, disse Bill. “Se você quer manter o fim da temporada em aberto pra escrever uma próxima, eu ajudo. Mas acho que ela deve pedir pra ele ir embora.”

“Caramba.”

Tony se sentiu meio enjoado, como se estivesse rompendo com June.

“Você está bem?”, perguntou Bill.

“Estou. Claro. Eles não são gente de verdade.”

Mas Barbara e Jim eram gente de verdade. E iam se divorciar. Era triste. Além disso, Tony precisava que ficassem juntos e felizes para poder tomar conta da própria família. Tinha sido uma burrice concordar com aquela história de aconselhamento conjugal. Isso havia posto o casal em perigo, tornado possível o impensável.

“Enfim”, falou. “Vou tocar em frente. Se me deixarem.”

“Vão deixar”, disse Bill. “Dennis sabe que você não precisa de mim.”

“Você não vai me desprezar por isso?”, quis saber Tony.

“Por que eu desprezaria você?”

“Porque eu sei que vou ser obrigado a mais ou menos fingir que essa temporada não existiu. No ano que vem os dois voltam felizes, radiantes e reconciliados, e eu que me ferre pra inventar um monte de banheiros novos.”

“É difícil ganhar a vida nesse negócio”, falou Bill. “Você faz aquilo que tiver que fazer.”

“Obrigado.”

Depois do almoço, Nancy apareceu com cara de acabada e a atmosfera da manhã, sonolenta e amigável, mas focada, imediatamente mudou. Sophie estava irritadiça e Clive parecia um sujeito atravessando com o máximo cuidado um campo minado, mas que sabia que perderia uma perna de qualquer jeito.

Barbara e Jim recebiam a orientação de Marguerite sobre os efeitos corrosivos do ciúme.

“Eles são bem... quadrados, né?”, disse Nancy, quando Dennis tinha terminado de falar sobre a longa cena de aconselhamento conjugal.

“Quem?”, perguntou Dennis.

Clive saiu andando brusco em direção à porta.

“Preciso de um pouco de ar”, falou.

“Haha”, riu Nancy enquanto o observava sair dali. “Você também é, pelo visto.”

Clive a ignorou. Sophie ficou intrigada.

“Por que o que ele está fazendo é quadrado?”

“Clive é fraco”, disse Nancy. “Graças aos céus que as mulheres têm um pouco mais de senso.”

“Acho que não estou entendendo”, falou Sophie.

“Ciúme”, respondeu Nancy. “Eu não tenho ciúme.”

“Sorte sua”, devolveu Sophie.

Tony parou de fazer anotações nas margens do roteiro para a próxima cena e prestou atenção às garotas. Havia alguma coisa no ar no recinto, ainda que ele não fosse capaz de descrevê-la.

“Acredito que nós duas temos funções diferentes, não é?”

“No roteiro?”, perguntou Sophie.

“Na vida”, disse Nancy.

“Assim espero”, retrucou Sophie.

Não estava interessada naquilo, e sua falta de interesse só fez aumentar a determinação de Nancy em atrair total atenção da rival.

“Você cuida da parte doméstica e é maravilhosa nisso. Eu cuido da parte exótica. E aí você precisaria perguntar pro Clive se também sou maravilhosa no que faço.”

“Eu pararia por aí”, falou Bill, simpático.

“Pararia o quê?”, quis saber Sophie.

“Ele não quer que eu te fale do meu relacionamento sexual com o Clive”, contou Nancy. “Acha que isso vai azedar o ambiente de trabalho.”

“Eu sei que vai”, disse Bill.

Sophie finalmente entendeu.

“Você está dizendo que anda dormindo com meu noivo?”

“Meu noivo”, repetiu Nancy. “Minha nossa. Parece que estou de volta ao teatro de repertório de Chichester em 1959.”

“Não vou ensaiar hoje à tarde”, anunciou Sophie.

“Entendido”, disse Dennis.

Todos a observaram enquanto se retirava.

“E, Nancy, acho que a Barbara e o Jim não vão mais precisar dos seus serviços de aconselhamento.”

“A partir de...?”

“Bom. De agora, na verdade.”

“Tenho contrato por mais dois episódios”, argumentou Nancy.

No fim, Dennis foi obrigado a acompanhá-la até a porta da emissora.

“Talvez a gente devesse contar pro Dennis sobre o que conversamos ontem à noite”, sugeriu Tony quando o produtor voltou.

“Aquilo?”

“É. Aquilo.”

“Pensei que você não queria falar”, disse Bill.

“Acho que não temos escolha”, respondeu Tony. “A gente supostamente está escrevendo uma série cômica, e não *Donzela a perigo*. Não temos como salvá-los.”

E assim, com o adequado tom de solenidade e lamentação, Tony e Bill passaram a falar do divórcio.

Sophie foi encontrar Clive fumando num banco, uma rua acima. Sentou perto do noivo, pegou um dos cigarros dele, ouviu suas desculpas. Ele estava abalado, claro: era exatamente o tipo de idiota que só consegue entender o que significa uma coisa depois de tê-la feito. Desculpou-se e fez todas as juras possíveis, usando contra si próprio todo e cada xingamento disponível sobre a face da Terra, e em pouco tempo Sophie sentiu que sua própria raiva tinha evaporado. Devolveu a Clive a aliança, mas sem atirá-la na cara dele.

“Tenho que admitir que achei que você ia ficar mais brava do que isso”, falou Clive. “Pensei que ia ter violência.”

“Acho que nunca acreditei, na verdade, que você estava levando a sério”, disse Sophie. “Por isso, em algum lugar lá no fundo, pensava que talvez um dia algo assim fosse acontecer.”

“E você, estava levando a sério?”

“Eu teria ido até o fim.”

“Por quê?”

Ela quase deu risada, mas se conteve. Por quê? Era uma pergunta justa. Em tese, tinha concordado em passar o resto da vida com uma pessoa, e no entanto não lhe vinha à cabeça de imediato o que a fizera considerar isso uma boa ideia. Sophie era um desastre para cuidar de si mesma. Esquecia-se de comer, por exemplo, e de repente se pegava beliscando um pão bolorento ou descascando uma banana preta. Imaginava se Clive não era aquilo. Não que ele estivesse podre ou começando a embolorar. Mas devia haver alguma coisa dentro dela, alguma necessidade obscura, que a levara a procurá-lo. Começava a se perguntar se não era uma mulher solitária.

“Podemos continuar trabalhando juntos?”, quis saber Clive.

“Não vou decepcionar os rapazes”, respondeu ela. “Posso aguentar você até o final da temporada. Desde que todo mundo concorde que não precisamos de uma conselheira conjugal.”

“Parece justo.”

“Posso perguntar uma coisa? Que ‘parte exótica’ é essa, e por que é tão importante?”

“Como é?”

“A Nancy falou que você precisava dela pra parte exótica da relação.”

“Ah, droga.”

“O que isso quer dizer?”

“Nada.”

Clive acendeu outro cigarro, puxou a fumaça com fúria, brincou com a aliança entre os dedos.

“Tá, eu sei o que quer dizer. Mas por que é tão importante?”

“Não é. Mais.”

“E por que era?”

“Porque...”

Ela deu a ele o máximo de tempo para responder que sua paciência permitiu.

“Achei que a gente se dava bem”, falou. “Digo, nisso, sabe?”

“Sim”, Clive respondeu ligeiro. “A gente se dava.”

“Mais do que bem. Muito bem.”

“É, muito bem. Era ótimo.”

“Então não entendo.”

“Lembra como era antigamente?”

“A gente nem ficou tanto tempo junto.”

“Não, digo... aqui. Como era antigamente neste país?”

“Estamos falando da mesma coisa?”, perguntou Sophie.

“Sim.”

“Bom, não, não lembro. Eu nunca tinha feito nada até vir pra Londres.”

“Não estou falando de você, pessoalmente.” Mais um cigarro, mais tragadas furiosas. “Estou falando... bom, de como era aqui.”

“Neste país.”

“Exato!”, ele disse, aliviado por ter sido compreendido, finalmente.

“Você já disse isso e não entendo.”

“Ah.”

“Tente de novo.”

“Tudo escondido. Todo mundo com medo. Nenhuma palavra sobre nada. Mulheres como a Nancy...”

“Já existiam, acredito”, atalhou Sophie, séria.

“Exato! Mas hoje... a gente simplesmente pode conhecer essas mulheres. É incrível! E pode ler sobre elas, e pode ir ao cinema e

ver, e provavelmente escutar discos com gravações dessas coisas, sei lá. E eu não queria perder isso. Quando meus filhos me perguntarem o que eu estava fazendo enquanto todo mundo aproveitava o amor livre, não quero ter que dizer, sabe?...”

“Que estava dormindo com uma atriz famosa”, emendou Sophie, tentando ajudar.

“Sempre dormi com atrizes”, respondeu ele, sem defesa.

“E a Nancy é mais uma.”

“É, mas ela parecia... moderna. O tipo de coisa que todos aqueles turistas franceses vêm fazer aqui, na Carnaby Street.”

“Eles vêm aqui pra ver atrizes quase quarentonas, oferecidas e especialistas em piadas sujas? Achei que vinham porque somos todos jovens e descolados e temos os Beatles.”

“Eu sabia que você não ia entender”, reagiu Clive, emburrado.

O medo dela era ainda ser uma Miss Blackpool — medo de que, apesar de todas as coisas que tinham lhe acontecido desde então, ela continuasse de alguma forma empacada naquele passado, um peixe grande num lago pequeno, uma linda garota rodeada de figurões locais gordos e baixinhos, cercada de gente de sobretudo escuro e de velhas banguelas. Não queria ser isso na cama. Não queria se ver como um prêmio, a ser entregue somente a contragosto e para quase ninguém. Mas Clive não estava falando sobre isso. Falava daquele tempo em que, de repente, todos eles viviam, e de como era difícil ser um garotinho numa loja de doces sem o dono para vigiar. Nada daquilo tinha a ver com ela.

O último programa foi ao ar no dia 16 de novembro de 1967. A palavra divórcio nunca chegou a ser mencionada, mas Jim foi mostrado deixando a casa da família, apesar dos protestos de Clive.

“Falei pra vocês que isso ia acontecer se a gente tivesse um filho”, disse ele, terminada a passagem do texto. “Agora as

senhorinhas vão me bater com o guarda-chuva na rua pelo resto da minha vida. Por que a Barbara não pode ir embora, se é a porcaria da infelicidade dela a causa de tudo isso?”

“Mulheres não abandonam os filhos”, observou Dennis. Em seguida, lembrando-se tarde demais de que a mãe de Sophie a havia abandonado, acrescentou: “Via de regra”.

Clive, porém, ainda conseguiu incluir no acordo de separação algumas compensações pós-programa, pela humilhação futura: fez Tony e Bill escreverem um pronunciamento em que Barbara, sem dar margem a ambiguidades, enfatizava que nada daquilo tinha sido culpa de Jim, além de garantir para si um papel, com cachê diferenciado, no próximo roteiro dos dois que entrasse em produção.

O último ensaio terminou com Clive dizendo: “É isso, então? Vocês se importam se eu puxar o carro?”. Mas Sophie sentiu que precisava marcar a ocasião.

“Obrigado”, ela disse. “A vocês todos.”

“Não tem de quê”, falou Clive, e saiu em direção à porta.

“Senta aí, seu babaca insensível”, mandou Bill. “A Sophie vai fazer um discurso.”

Clive, relutante, voltou a sentar.

“Não, não vou”, retomou Sophie. “É só que... eu não queria que tudo terminasse sem ninguém notar.”

“Todo mundo notou”, retrucou Clive. “Mas estamos tentando terminar com dignidade.”

Ele ficou de pé.

“Esses foram os melhores anos da minha vida”, continuou Sophie, e Clive soltou um suspiro e sentou mais uma vez. “Acho que foram os melhores anos da vida de vocês também.”

“Não é pra tanto”, interrompeu Bill.

“Quais foram seus melhores anos, então?”, perguntou Tony. “No Exército? Escrevendo as tiradas do Albert Bridges?”

“Escrevendo as tiradas do Albert Bridges”, respondeu Bill, o que provocou risos. Ele se sentiu mal por ter dito aquilo e acrescentou “Brincadeirinha”, e mais risos se seguiram.

“Nunca fui tão feliz como aqui, nesta sala e nestes estúdios”, prosseguiu Sophie. “Nunca ri tanto, nem aprendi tanto, e tudo o que sei sobre esse trabalho se deve a estas pessoas aqui. Até a você, Clive. E me angustia pensar que posso passar o resto da minha vida profissional procurando por uma experiência como essa, em que tudo se encaixa e todo mundo empurra a gente pra fazer o melhor possível, melhor do que qualquer coisa que a gente achasse que era capaz de fazer.”

Houve um silêncio reflexivo e respeitoso.

“É isso, então?”, falou Clive. “Se importam se eu puxar o carro?”

E dessa vez deixaram que ele fosse embora.

O último roteiro tinha cenas de choro tanto de Barbara quanto de Jim; de início, ao ler as instruções da direção de palco, Clive ficou horrorizado, mas parecia ter acesso fácil às lágrimas. Ninguém zombou dele por isso depois. As derradeiras palavras do último roteiro eram “Se cuida, meu amor”, ditas com um sotaque carregado de Lancashire que não era ouvido no programa desde o início da primeira temporada. Ela estava abraçada a Jim no momento da fala, e precisava continuar assim por um bom tempo, pois a ideia era rolar os créditos sobre a cena do abraço. Sophie se pegou chorando de verdade nessa hora, e teve de esconder o rosto no paletó de Clive. Tentou se convencer de que estava chateada por ter terminado com ele, mas não era isso. Era sempre o trabalho que importava. Nunca chegara a se apaixonar por Clive, mas pelo programa, sim, e desde o primeiríssimo dia.

Depois que a plateia tinha saído, Sophie voltou ao estúdio e sentou no sofá da sala de estar de Barbara, enquanto a equipe

técnica desmontava o cenário. Sentia-se inibida, como se representasse o papel de uma atriz popular da tevê cuja série chegava ao fim e quisesse demonstrar que o programa tinha um significado para ela. Precisava fazer alguma coisa diferente, porém. Não podia simplesmente trocar de roupa, remover a maquiagem e seguir para o restaurante chinês.

Dennis foi ao encontro dela.

“Está pronta pra ir comer alguma coisa?”

“Sim. Só um segundo. Senta aí um pouquinho.”

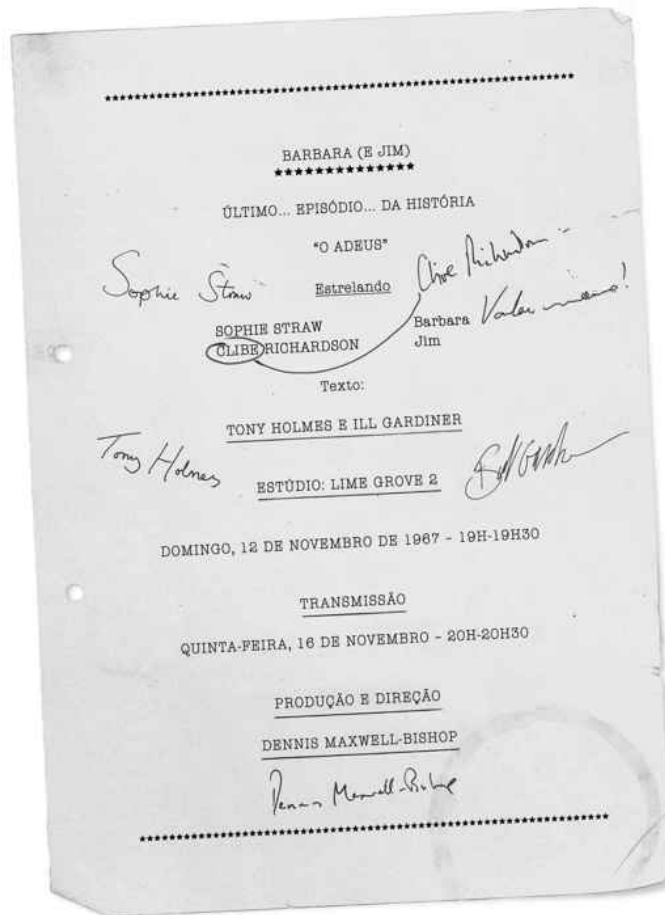
Não havia sobrado muita coisa do cenário além do sofá, e ela percebeu que Dennis estava ficando inquieto pelo atraso causado ao pessoal técnico, mas Sophie achou que a equipe podia lhe fazer essa concessão. Nunca antes tinha sido incômodo para ninguém ali.

“Não consigo não sentir que decepcionamos a Barbara”, falou Dennis.

“Por quê?”

“Ela não estava pedindo muita coisa, né? E a gente tirou isso dela. Esse divórcio é um fracasso pro país inteiro.”

“Não é pra tanto, Dennis”, disse Sophie, e riu, mas ele não parecia estar brincando.



RESENHA DA TV: **BARBARA (E JIM)**

Talvez o leitor tenha deixado de assistir a *Barbara (e Jim)* um ou dois anos atrás, apesar da empatia com a interpretação dos dois personagens centrais e da perspicácia dos roteiros; a virtude da novidade não é, por definição, algo que possa ser preservado, infelizmente. O que algum dia foi ao mesmo tempo pertinente e louvavelmente impertinente se tornou familiar e, por vezes, até mesmo um pouco recatado, se comparado com o melhor da comédia contemporânea na tevê — tem limite o número de banheiros alagados com os quais o espectador é capaz de se entreter, até acabar sentindo que o programa em questão está indo por água abaixo. *Até que a morte nos separe*, em particular, tão à frente nessa área quando se trata de ousadia, espontaneidade e disposição para o confronto, tem feito todos os concorrentes parecerem meio tediosos.

E, entretanto, ontem à noite, em seu canto do cisne, *Barbara (e Jim)* nos fez lembrar por que, originalmente, nos apaixonamos pelo programa — o que é irônico, considerando o tema do último episódio. É o fim de Barbara e Jim; triste, mas os dois

resolveram seguir cada um o seu rumo. Fizeram isso com maturidade, sensibilidade e responsabilidade, concordando simplesmente que não se amavam mais e deviam se separar, em vez de ficar juntos pelo bem do filho do casal. Como o leitor pode imaginar, houve pouca ocasião para o humor, e esse não foi um episódio cômico, apesar das bravas risadas com que a plateia saudou um ou dois ossos que lhe foram atirados. O programa apresentou, porém, um retrato atento e surpreendentemente tocante de um relacionamento moderno que dá errado. A igreja e certos políticos antiquados talvez esperneiem dizendo que essa triste reviravolta na história não ajuda em nada no combate aos catastróficos índices de divórcio: uma separação amigável, afinal, só faz parecer que essa é uma solução atraente. Mas os roteiristas devem ser reconhecidos pela abordagem direta do problema e pela sugestão de soluções que muitos casais terão, infelizmente, de levar em conta em algum momento no futuro.

Sentiremos falta de Barbara e Jim. Especialmente de Barbara, interpretada pela maravilhosa e — apesar dos efeitos danosos da maternidade — ainda curvilínea Sophie Straw. Esperemos que, em algum lugar, um produtor de televisão saiba que destino dar a ela. Enquanto isso, brindemos à série. Como acontece com a maioria de nós quando está se divertindo, o programa passou um pouquinho da conta e da validade. Mas a BBC e este país seriam mais pobres sem ele. Durante um tempo curto, teve algo a dizer sobre o modo como vivemos hoje. E ontem à noite, quando a chama se apagava, voltou a encontrar sua voz.

The Times, 17 de novembro de 1967

TODO MUNDO AMA SOPHIE

21.

E, no entanto, os divórcios e as separações não tinham terminado.

Na semana seguinte àquela em que foi ao ar o último episódio da história de *Barbara e (Jim)*, Dennis pediu a Tony e Bill que dessem um pulo na BBC para vê-lo. Sentaram-se no escritório do produtor e jogaram conversa fora sobre os bons e velhos tempos. O café tinha acabado de ser servido quando, esbaforida e desculpando-se, Sophie chegou.

“Desculpem o atraso. Não é porque eu não esteja interessada”, ela disse. “Estou. E muito.”

“Ainda não contei nada pra eles”, observou Dennis.

“Ah”, falou Sophie. “Bom. Vou sentar aqui e calar a boca.”

Dennis sorriu para ela, indulgente.

“*Apenas Barbara*”, retomou o produtor, e olhou cheio de expectativa para os dois roteiristas.

“Acho que eles não estão entendendo”, disse Sophie.

“Não tenho muita certeza se a falha é de entendimento”, respondeu Bill. “Penso que está mais pra uma falha de comunicação. Dennis nos apresentou o nome de uma personagem

de uma antiga série cômica e colocou a palavra 'apenas' antes. Acho que nem o Bertrand Russell entenderia.”

“Desculpem”, continuou Dennis. “Sophie e eu gostaríamos que vocês escrevessem uma nova série com o título *Apenas Barbara*, que vai acompanhar nossa garota em sua nova vida como divorciada.”

“Ah”, reagiu Tony. “Parece interessante.”

“Você acha, sério?”, perguntou Bill.

“Acho”, falou Tony.

Para ele, qualquer oferta de trabalho era interessante. Estavam em dificuldades com *Vermelhos embaixo da cama*, e o negócio com Anthony Newley tampouco progredia muito rápido rumo a algo concreto: mais recentemente, haviam sido informados de que o diretor queria transformar o projeto num musical pornô. E Bill recusava novas propostas toda semana, aparentemente sem levar em consideração nem por um momento a situação de Tony.

“Que problemas você vê na ideia, Bill?”, quis saber Dennis. “Vamos colocar as objeções na roda. Tenho certeza de que podemos resolvê-las.”

“Bom”, respondeu Bill. “A primeira delas: é uma péssima ideia.”

“Ah”, disse Dennis. “Tínhamos ficado bem felizes com ela. O que tem de errado?”

“Não leva a nada.”

“Pode levar aonde você quiser que vá.”

“Não sem pernas. Nem rodas. Não vai nem sair da garagem.”

“Por que não?”

“Pra começar, tem a porcaria do bebê. A cada porcaria de episódio a gente vai precisar explicar onde ele anda.”

“Talvez com o Jim. Ele disse que ia dar uma mão com o filho.”

“Querendo dizer que levaria o menino pra passear de vez em quando, não que ficaria com ele nos fins de semana. E ela vai trabalhar? Ou vai ficar zanzando pela casa dias inteiros? E quantos

namorados a mãe divorciada de um bebê pode ter na televisão até alguém chamar a polícia? Não. Isso não é pra mim.”

“A resposta é simplesmente essa: não?”

“Simplesmente essa: não”, falou Bill, e parecia que era aquilo mesmo.

“Obrigado, parceiro”, disse Tony, já lá fora. Estava furioso.

“Você queria realmente escrever uma série chamada *Apenas Barbara*?”, perguntou Bill.

“Só quero escrever”, respondeu Tony. “Sou um escritor. É assim que ganho a vida.”

“*Apenas Barbara*”, falou Bill, com voz esganiçada e abobalhada.

“Ora, qualquer coisa dita assim soa idiota. ‘*Hancock’s Half Hour*’; ‘*Look Back in Anger*’; ‘*Evangelho segundo são Mateus*’. É só uma personagem. Uma mulher.”

“Uma mulher que não pode fazer isso nem pode fazer aquilo porque já exploramos cada canto da personalidade dela umas quinze vezes nos últimos anos. Você quer passar o resto da vida fazendo isso?”, disse Bill. “Sério? Não quer fazer coisas novas, diferentes e interessantes?”

“Quero, mas...”

“Não tem essa de ‘mas’”, atalhou Bill. “Essa é a graça toda de ser escritor, não é? Se eu quisesse me preocupar com adversativas, ia trabalhar na porra de uma fábrica.”

“Muito engraçado. Na minha vida tem adversativas por todo lado.”

“Então você está vivendo a vida errada.”

“Ah, vou simplesmente mudar de vida, pode ser?”

Aquela não era uma boa resposta. Ele não queria mudar de vida. As adversativas que tinha de enfrentar eram June e o bebê Roger, e estava feliz com ambos.

“Isso tudo é por causa daquele bendito livro, não é?”, continuou Tony.

Ainda não havia sido publicado, mas já mudara a vida de Bill. A Braun & Braun tinha encomendado mais um, e os editores dos suplementos de literatura lhe pediam resenhas, colunas e qualquer coisa em que conseguissem pensar para tê-lo em suas páginas.

“É”, respondeu Bill. “Claro que é. Acontece que sou capaz de fazer outras coisas. Não preciso ficar escrevendo pra vovozinhas de Melton Mowbray.”

“Você se tornou um deles”, falou Tony.

“‘Deles’ quem?”

“Um desses Vernon Whitfields da vida. Acha que pra pessoa ser inteligente precisa ter escrito um livro.”

“Ah”, retrucou Bill. “Agora ele vem todo cheio de razão. Onde é que estava esse seu fervor revolucionário quando apareceu com a ideia de ‘O banheiro novo’?”

Tinham chegado à estação de metrô.

“Topa uma bebida?”, convidou Bill.

“A June vai sair”, disse Tony. “Tenho que ficar com o bebê. E, quando acordar amanhã, preciso achar um jeito de sustentar os dois.”

Bill pescou no bolso algumas moedas e parecia estar tentando lembrar alguma coisa.

“...os roteiristas merecem ser reconhecidos pela abordagem direta do problema e pela sugestão de soluções que muitos casais terão, infelizmente, de levar em conta em algum momento no futuro”, recitou, por fim.

“Não me é estranho”, falou Tony. “Ah, é da resenha do *Times*. Os roteiristas somos nós.”

“É. Irônico, não?”

“Por quê?”

“Lá nós somos merecedores de reconhecimento por sugerir maneiras como casais podem se separar sem brigar. E aqui estamos os dois, brigando.”

“Ah, pelo amor de Deus”, disse Tony.

A peculiar história sentimental de Tony significava que ele nunca havia terminado um relacionamento nem com uma garota nem com um rapaz. Nunca tivera ninguém em quem dar um pé na bunda, tampouco levara um. Mas imaginava que a sensação fosse exatamente essa: um repentino baque no estômago, a consciência aguda de tempo, lugar e temperatura, a terrível percepção de que estava acabado, não haveria segunda chance ou mudança de ideia ou convencimento.

“Você vem?”, perguntou Bill.

“Só vou comprar um jornal”, falou Tony.

“Eu espero.”

“Não, não se incomode.”

Com o mundo desmoronando ao redor, não queria ter de jogar conversa fora com seu amigo mais antigo no trajeto de metrô.

Tony voltou a falar com Dennis na tarde seguinte.

“Desculpe por ontem”, disse. “Você sabe como é o Bill.”

“Espero que você esteja vindo me dizer que ele mudou de ideia.”

“Acho que não”, falou Tony.

“Ah, droga”, respondeu Dennis.

O lado inseguro e frágil de Tony — seu lado escritor, que era como ele com frequência pensava nisso — não gostou daquela reação.

“Vim perguntar se você não me daria uma chance de tentar escrever sozinho”, disse.

“Ah”, falou Dennis. “Ah. Entendi.”

“A gente vai trabalhar em coisas diferentes por um tempo. O Bill está com o livro dele pra sair, e quer escrever outro, e...”

Tony começou a ficar com calor. A hesitação de Dennis estava acabando com ele. Não havia lhe ocorrido que a reação pudesse ser outra que não um imediato e agradecido entusiasmo, muito embora Dennis não tivesse ideia de quem fazia o que na parceria. Tony também não tinha certeza se sabia. Bill era o inteligente da dupla, mas inteligência era importante ou só atravancava o caminho? E talvez também nem fosse verdade que Bill era superior a ele, intelectualmente; talvez aqueles fossem os papéis que os dois, por alguma razão, tinham assumido com o passar dos anos. Bill lia mais que Tony, era verdade. Por outro lado, Tony não lia tanto porque estava sempre vendo tevê com June. Certamente isso contava alguma coisa, sua obsessão com o meio, sua convicção de que era possível dizer o que se quisesse numa sitcom, desde que não se esquecesse de incluir tiradas e personagens, e escrevesse numa linguagem que as vovozinhas de Melton Mowbray pudessem entender.

“Nossa”, retomou Dennis. “É a manchete do dia.”

Mas ainda não tinha aceitado a proposta.

“Eu podia achar alguém pra escrever a série comigo, se ajudar”, acrescentou Tony. Aquilo tinha saído, simplesmente, sem ele pensar em dizer. “Se você achar que trabalho melhor, sabe, em dupla.”

“Ah”, disse Dennis. “Talvez fosse interessante.”

Tony sentiu uma pequena punhalada de autocomiseração, e outra de traição. Seu orgulho também estava ferido, presumivelmente por uma terceira punhalada.

“Mas estou bem certo de que poderia fazer uma tentativa sozinho”, falou. “Gostaria, na verdade.”

“O que aconteceu com a ideia de achar alguém pra escrever com você?”, perguntou Dennis. “Porque foi bem recentemente que você sugeriu isso.”

“Foi antes de eu perceber que você estava achando que não vou dar conta.”

“Não é isso”, disse Dennis. “Não é isso mesmo.”

“O que é, então?”

“A Sophie e eu achamos que precisamos de uma mulher na equipe.”

“Ah”, falou Tony, desanimado. “Uma mulher. Bom, não tem muita coisa que eu possa fazer sobre isso.”

“Não tem muita coisa que possa fazer pra virar uma”, emendou Dennis. “Mas você seria capaz de trabalhar com uma, não seria?”

“Vocês conhecem alguém? Não tem muitas por aí. Nenhuma pra quem eu tenha sido apresentado.”

“A Sophie tem alguém em mente. Uma garota chamada Diane.”

“O que ela já fez?”

“Nada, na verdade, pra televisão ou rádio. Trabalha numa revista, no momento, e está desesperada pra sair. Mas ela vem escrevendo uns roteiros que me mostrou. São diferentes dos seus, mas acho que ela pode ser boa nisso.”

O que Tony achava era que estava velho demais para a coisa, apegado demais ao próprio jeito de fazê-la, com o luto pela morte do primeiro companheiro ainda muito recente, e se sentindo muito abatido e ansioso para treinar outra pessoa que não fazia ideia do que era escrever um roteiro. Mas — as adversativas! — guardou esses pensamentos todos para si.

* * *

Diane se vestia na última moda, era bonita, simpática e disposta a aprender feito um cãozinho.

Encontraram-se no escritório, do qual Bill não precisava mais, pois podia escrever sozinho, em casa. Aos olhos de Diane, devia parecer que Tony e Bill tinham se estabelecido com uma empresa de roteiros: havia Hazel, os sofás, a escrivaninha, o toca-discos e os telefones todos... Bill até havia comprado uma máquina de café

expresso, importada da Itália, exatamente do mesmo modelo que era usado no Bar Italia, no Soho. O escritório, Tony de súbito percebeu, era o resultado de uma atividade adulta altamente bem-sucedida.

Diane olhou intimidada para aquilo tudo.

“Vou ter que ajudar nos custos?”, ela quis saber.

“Não até que seu nome esteja aparecendo nos créditos toda quinta à noite”, respondeu Tony.

“É isso que vai acontecer?”, perguntou Diane.

“Melhor que seja”, disse Tony. “Ou eu também não vou conseguir mais pagar o aluguel deste lugar.”

Passaram a manhã conversando. Dennis queria que *Apenas Barbara* se afastasse de *Barbara (e Jim)* até onde fosse possível ir; queria um elenco de personagens, em vez de esquetes a dois, queria a *Swinging London* retratada nos cenários e nas histórias, queria que Barbara saísse do apartamento para ganhar o mundo, queria juventude, diversão e glamour. Diane sabia tudo sobre onde as moças faziam compras e iam comer, tomar café, dançar e conhecer rapazes. Se Tony tivesse, de algum jeito, convencido Dennis a deixá-lo tentar escrever sozinho, acabaria demitido mais ou menos na metade da primeira página de roteiro.

Tony sabia mais sobre outras coisas, porém. Sabia muito sobre orçamentos, estrutura e ritmo, de modo que era capaz de dizer a Diane quando não podiam encaixar uma cena aqui ou ali, nem mesmo acolá. Sabia tudo o que havia para saber sobre Barbara, de modo que era capaz de dizer a Diane que a personagem não pensaria isso ou diria aquilo. E sabia sobre bebês, de modo que era capaz de pontuar, quanto a quase tudo, que Barbara não tinha como fazer aquelas coisas. Em outras palavras, estava perfeitamente apto a evitar que *Apenas Barbara* chegasse a ser escrito. Bill tinha razão, no fim das contas. Era um caso perdido.

“Ela precisa ter um bebê?”, perguntou Diane.

“Ela já tem um, esse é o problema.”

“Não, digo... não dá pra gente simplesmente esquecer a criança?”

“O bom povo da Grã-Bretanha nunca esquece nada. Mas...”

Tinha alguma coisa ali. Sentiu a familiar cutucadinha do entusiasmo.

“Continue. Mas...?”

“Mas e se ela não for a Barbara?”, disse Tony.

“Se ela não for a Barbara, não podemos dar o nome de *Apenas Barbara* pro programa, né?”

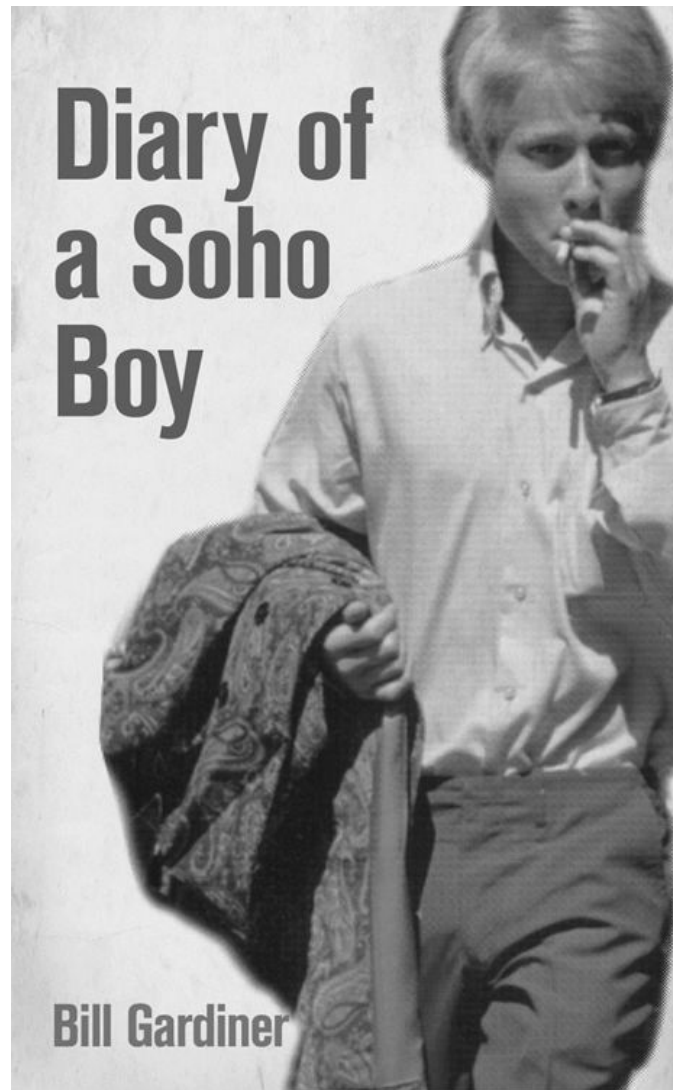
“Não. Com certeza precisaríamos mudar o nome. Mas e se ela fosse alguma outra só? Digamos, *Apenas Sophie*? Sem divórcio, sem Jim, sem bebê Timmy. Só uma garota se virando na cidade grande. E saindo à noite.”

“A gente pode fazer isso?”

“Somos os roteiristas”, respondeu Tony. “A gente pode fazer o que quiser.”

Pelo menos isso ele tinha aprendido.

22.



A festa de lançamento do livro de Bill foi na parte de cima de um pub no Soho onde, por razões variadas, Tony sempre tivera medo de entrar. Ele foi com June e, chegando lá, os dois se enfiaram num canto e ficaram observando os demais convidados. O livro, ao que

parecia, ia ser um grande sucesso, ou pelo menos ia ter o máximo sucesso possível, considerando-se que metade das livrarias de Londres se recusava a vendê-lo e a maioria dos jornais, a resenhá-lo. O editor de literatura do *Daily Express*, por exemplo, tinha ligado para Michael Braun para dizer que o jornal pretendia ignorar não apenas o romance de Bill, mas todos os outros livros que a editora viesse a publicar no futuro. Mas a *New Statesman* chamava Bill de “um talento maior, impetuoso e obscuro”, e até a *Spectator* afirmava que “o leitor de mente aberta acharia ali muito que admirar”. Tony se sentia próximo do romance e, ao mesmo tempo, distante daquilo tudo; e também se sentia culpado por ter feito Bill desperdiçar seu tempo com banheiros alagados e coisas do gênero. Era como se tivesse obrigado Arthur Miller a redigir anúncios de comida para cachorro.

“Como você está?”, quis saber June.

“Estou contente por ele”, respondeu Tony, no momento em que Bill ganhava um beijo na boca de um rapaz que parecia estar usando delineador nos olhos e tinha, com certeza, uma estola de penas nas costas.

“Está mesmo?”

“Estou. Claro.”

“Tem muita gente que odeia ver os amigos fazendo sucesso.”

“Eu não.”

“Sorte sua”, disse June. “Mas você não se incomoda com tudo isso?”

“Com tudo o quê?”

June gesticulou na direção dos homens no recinto.

“Acho que nenhum desses camaradas deve estar com a sogra em casa, em Pinner, dando uma de babá.”

“Isso não me incomoda.”

“Sério?”

“Não. Nada disso. Nem a parte de Pinner, nem a parte da sogra, ou de precisar dela como babá. E me desculpe se alguma vez dei a impressão de que me incomodava.”

“Acho que talvez eu me sinta culpada.”

“Por quê?”

“Por você estar deixando a vida passar.”

“Sou um escritor. Devo mesmo deixar a vida passar, enquanto observo.”

“Não era pra você pelo menos estar observando de um lugar interessante?”

“A vida não é isso.”

Uma mulher careca usando um *kaftan* entrou no pub, procurou por Bill e foi beijá-lo na boca. Tony não sabia se aquilo provava ou contrariava a frase que tinha acabado de dizer.

Bill finalmente veio até eles e trocaram um caloroso aperto de mãos. Encontravam-se de vez em quando para almoçar, e Tony contara ao amigo sobre as dificuldades com Diane e a nova série. Bill mostrara alguma solidariedade, mas nenhum interesse; estava em outro patamar agora. Tinha quase terminado o segundo romance e o Royal Court já encomendara uma peça.

Beijou os dois no rosto. Tony tentou fingir que era um boêmio, capaz de fazer aquilo sem se sentir acanhado, mas tinha aguda consciência de seu terno, de sua gravata e de sua esposa.

“Obrigado por terem vindo a este antro de iniquidades”, falou Bill.

“Quando eu contar lá na Associação de Mães de Pinner, o pessoal vai ficar todo eriçado”, disse June.

“Ela não frequenta a Associação de Mães de Pinner, na verdade”, interveio Tony, o que pareceu completamente desnecessário.

June e Bill riram, mas dele, e não com ele.

“Não dá pra gente ter tudo na vida”, completou Bill, e em seguida já era levado dali por Michael Braun, que queria apresentá-lo a alguém.

O olhar de Tony vagou pelo recinto e acabou por pousar numa linda moça negra trajada com um belo e cintilante vestido *chemisier* prata e usando um cachecol atado espalhafatosamente ao pescoço. Por que ele não conhecia nenhuma moça negra? Por que não conhecia pessoas que usavam cachecóis atados espalhafatosamente ao pescoço? O sucesso de Bill não o incomodava, ele achava. Gostava que estivesse acontecendo. Era ótimo. E não se preocupava se estava deixando a vida passar. O que Tony queria era entrar em algum lugar e sentir que ali estava em casa.

Anos mais tarde, descobriria que escritores nunca se sentiam em casa em lugar nenhum. Era uma das razões para se tornarem escritores. O estranho, porém, era se sentir deslocado até mesmo numa festa de deslocados.

“Não está dando certo”, ele disse, de repente, para June, no caminho de volta para Pinner.

“O que não está?” Ela pareceu alarmada e ele apertou sua mão.

“Ah. Desculpe. Estou falando do trabalho com a Diane. Essa história toda. É um caso perdido. Minha parceria é com uma garota que acha que usar o tipo errado de salto numa discoteca é motivo de grande preocupação.”

“Não vejo por que não possa ser motivo de piada”, retrucou June.

“Uma piada que ela quer transformar em trinta minutos de altos índices de audiência na tevê.”

“Ora, não deixe”, emendou June. “Você é o roteirista sênior nessa parceria.”

“Já não deixei”, respondeu Tony. “Mas não sei o que colocar no lugar. Não sei nada sobre moças, lojas da moda ou namorados.”

“Então transforme a série em outra coisa.”

“No quê? Num manifesto feroz sobre as relações raciais na Grã-Bretanha?” Ainda pensava, ressentido, na moça negra da festa. “Como é que o Bill faz pra conhecer moças negras?”

“Como ela era linda, não?”

“Mas como ele a conheceu?”

“Vou dizer como”, falou June.

“Você sabe, de verdade?”

“Posso imaginar.”

“Diga então.”

“Ele estava numa festa, aquela linda moça chegou, ele foi até ela e disse: ‘Oi, meu nome é Bill’.”

“Mas como a gente faz pra ser convidado pra esse tipo de festa?”

“Você está falando sério?”, perguntou June.

“Estou”, disse Tony.

“Você tem consciência de que foi convidado exatamente pra uma festa desse tipo?”

“Hoje à noite, você diz?”

“É. Hoje à noite.”

Ele tentou pensar numa razão pela qual aquela noite não contava, mas não conseguiu achar nenhuma.

Dennis disse a Sophie, Tony e Diane que queria fazer diferente dessa vez. A BBC ainda passava episódios de *Comedy Playhouse*, no mesmo esquema de comédias de meia hora de duração desesperadas para se tornarem séries de verdade, mas ele explicou que, na sua opinião, tinham cacife para ser mais ambiciosos. Os talentos de Sophie, uma adorada estrela de tevê, já eram bem conhecidos, e Dennis não queria vê-la pensando como se fosse qualquer uma. Pagou por doze roteiros e, quando chegassem a um resultado satisfatório, ele desovaria o conjunto completo na mesa de Tom Sloan. E, se Sloan quisesse recusar a série, teria de explicar,

página por página, o que havia de errado com ela. Dennis tinha consciência de que havia uma possibilidade diferente para esse futuro, um cenário em que Tom recusasse os roteiros todos sem nem tê-los lido e o produtor se desculpasse por fazer o chefe perder tempo, mas a fantasia indicava, pelo menos, o tamanho de sua determinação e de seu entusiasmo.

Também estava consciente de que o caminho que escolhera era o mais longo e o menos direto entre os que se apresentavam a ele, mas sua procrastinação tinha método. Escolhera um caminho pelo qual pudesse flamar com Sophie. Haveria infinitos pretextos para cafés, almoços, talvez até jantares. A rota que passava por uma *Comedy Playhouse* oferecia uma semana de contato intenso e não era, portanto, desprovida de atrativos; mas, se não se confirmasse o interesse pelo programa, Dennis correria o risco de Sophie partir para uma carreira que não o incluísse, e ele não tinha certeza se seria capaz de suportar isso. Devagar e sempre, disse a Tony e Diane, era como ganhariam aquela corrida. Não usou a mesma imagem com Sophie. Sentia já estar bem encrocado procurando se beneficiar para ainda colocar a ideia de uma corrida de tartarugas no meio da história.

As semanas de espera pelo trabalho de Tony e Diane passaram devagar. Dennis estava produzindo dois outros programas cômicos para a BBC, nenhum dos quais o animava muito. *Heirs and Graces* era sobre um casal aristocrata que havia empobrecido, perdera a mansão e agora tentava administrar uma pousada à beira-mar. Dennis Price e Phyllis Calvert recusaram imediata e peremptoriamente os papéis, e Dennis vinha evitando os telefonemas do roteirista, o qual achava que Lawrence Olivier seria ideal para o papel de Lord Alfred. E não podia sequer pensar em *Slings and Marrows*, um episódio da *Comedy Playhouse* sobre os

bastidores cruéis da organização de uma quermesse local. Havia quem achasse, na BBC, que a ideia tinha enorme potencial, mas Dennis já decidira que, se aquilo virasse série, ele se mudaria para Norfolk e cultivaria plantas premiadas. O trabalho não avançava, e ele estava preocupado que Sophie começasse a procurar outros roteiros, outros produtores, outros potenciais maridos. E então, quando já começava a considerar a possibilidade das intelectuais baixinhas e robustas oferecidas por sua mãe, aconteceram três avanços significativos.

O primeiro foi um convite para ir ao teatro: Sophie tinha ganhado ingressos para a estreia do musical *Hair* no Shaftebury e precisava de alguém para acompanhá-la.

“Quando é?”, perguntou Dennis.

Não interessava quando era, pois, mesmo que estivesse ocupado, e não estava, cancelaria qualquer compromisso. Mas, como Sophie falava com Dennis ao telefone, não pôde ver que ele nem chegou a consultar sua agenda vazia.

“Hoje à noite”, ela respondeu.

“Ah”, disse Dennis. “Deixaram você na mão.”

Se tartarugas pudessem falar, Dennis pensou, soariam como ele, velho e lamentoso.

“Não”, falou Sophie. “Sabia que você ia dizer isso.”

Dennis teve um sobressalto. Sua tendência a dar uma de tartaruga já havia sido notada.

“Acabaram de me oferecer os ingressos”, retomou Sophie. “Neste minuto. Você é a primeira pessoa pra quem estou ligando. Até acontecer aquele negócio ontem, nem sabiam se o show ia estrear ou não.”

“Que negócio?”

“Pensei que quando eu disse ‘aquele negócio’ você saberia qual era e eu não precisaria dizer mais nada. Não sei, na verdade, do que se trata.”

Dennis lembrou, felizmente, o que era: a Lei dos Teatros tinha sido aprovada no dia anterior. O povo da Grã-Bretanha agora estava autorizado a ver mamilos e pelos púbicos nos teatros do West End, se quisesse.

“Sabia que você saberia”, continuou Sophie. “É por isso que eu te amo.”

Esse foi o segundo avanço significativo, vindo tão imediatamente atrás do primeiro que quase colidiram. Demorou um tempo para que Dennis conseguisse voltar a falar. Sabia que não era uma declaração a sério, uma vez que ela dissera aquilo apenas porque ele, como uma tartaruga, foi buscar nos recessos empoeirados de seu bolorento cérebro de ex-aluno de Cambridge um fragmento de informação sobre uma lei baixada pelo governo. Mas, se tivesse gravado a ligação e editado com cuidado a fita, era capaz de ficar ouvindo o dia inteiro Sophie Straw declarar que o amava.

“Haha!”, ele reagiu, por fim, mas aquela risada pareceu apenas confundi-la. Ele emendou: “Ferrado, ferrado e meio”. A expressão era tão inapropriada quanto tinha sido o riso, uma vez que nada naquela conversa, até ali, combinava com qualquer um dos dois.

“Tem nudez”, avisou Sophie.

“Certo”, respondeu Dennis.

“Gostamos de nudez?”, quis saber Sophie.

Se um de seus roteiristas tentasse fazer passar um diálogo desses, Dennis mandaria escoltar o infeliz para fora das dependências da emissora para ser fuzilado. Podia ver, agora, que não se tratava de uma tirada barata. Pelo contrário, aquilo não tinha preço, pela sutileza, pelo charme e pela verdade consideráveis ali contidos. Uma linda mulher juntando, na mesma frase, a perspectiva da nudez e de gostar dela conseguia ter a força da melhor poesia lírica.

“Eu gosto, se você gostar”, disse Dennis.

O público do musical era, surpreendentemente, aquele típico de estreias: uma porção de sujeitos de terno e gravata e esposas parecendo nervosas. Dennis ficou, ao mesmo tempo, decepcionado e aliviado. Teria apreciado poder contar à mãe que passara a noite no meio de homens de cabelo comprido, peito nu e olhos pintados, e de mulheres com os seios de fora, mas muitos dos sujeitos davam a impressão de ter saído direto da City para o teatro, enquanto a esposa tinha acabado de desembarcar do trem das 17h20 vindo de Goldaming. Os homens tinham um brilho nos olhos que talvez não tivessem se dali a pouco fossem passar três horas assistindo a *O jardim das cerejeiras*, e o que se ouvia ao redor era um murmúrio alto, e um tanto autocongratatório, de antecipação pelo início do espetáculo. Mas — e esse era o motivo de alívio — Dennis não parecia deslocado. Diria até que sua aparência era bastante jovem e boêmia, se comparada à de muita gente ali — tinha decidido, de última hora e como uma concessão aos ventos de mudança, colocar uma camisa de gola aberta e um blazer listrado. Sophie estava extraordinária em seu minivestido amarelo com botas brancas, e os fotógrafos a rodearam no saguão. Ela tentou puxar Dennis para as fotos, um gesto que ele poderia ter considerado outro avanço significativo, não fosse o fato de que as câmeras deixaram de apontar para os dois no momento em que ele se posicionou ao seu lado.

Ocuparam assentos de corredor, bem no meio, a umas quinze fileiras do palco, e, passados alguns segundos, Dennis se pegou desejando que tivessem ficado no fundo do primeiro balcão. Integrantes do elenco circulavam pela sala à procura de alvos acessíveis nos quais atirar flores e beijos. Sophie estava não apenas acessível, como também era famosa e atraente, de modo

que foi abordada por vários rapazes tão bonitos que o intimidavam, cujos beijos pareciam manifestações bem mais entusiásticas da nova era de paz, amor e compreensão do que Dennis achava apropriado.

“Calma lá”, falou para o terceiro desses rapazes, o qual aparentemente pretendia despertar o interesse de Sophie para o que viria em seguida metendo a língua na boca dela.

O rapaz foi saindo rapidinho, achando graça, ao que parecia, do pito antiquado, mas uma moça veio imediatamente substituí-lo e, debruçada por cima de Sophie, enfiou um girassol no cabelo de Dennis. Mas as luzes se apagaram, enfim, e o show começou; apesar dos ocasionais avanços do pessoal do palco sobre a plateia, Dennis e Sophie conseguiram evitar outros contratempos mantendo o olhar fixo nos próprios pés.

E, para surpresa de Dennis, ele adorou a peça. Era uma bagunça em fragmentos, mas era também um caos divertido e gloriosamente melódico, e a energia dos jovens atores, contagiante. Dennis passou o tempo todo dividido entre olhar para o palco e para a plateia, e independentemente do lugar que olhasse sentia um prazer genuíno. A única exceção era uma cara fechada, distante uma dúzia de assentos, aproximadamente, à esquerda: Vernon Whitfield, que voltaria para casa e despejaria no papel uma resenha risível, hostil e sem humor para a *Listener*. Nela nem mencionava, claro, o fato de que todos ao seu redor tinham se divertido como nunca.



A nudez no espetáculo ficava limitada a uma única cena um pouquinho antes do intervalo, e Dennis tentou não achar a experiência difícil, mas não foi capaz. Que tipo de imbecil levava a moça, no primeiro encontro, para ver *Hair*? Ele era um produtor de comédias às vésperas da meia-idade, apreciador de cachimbos e cerveja; por que tinha pensado que seria uma boa ideia sentar ao lado da mulher mais bonita que já conhecera na vida, alguns anos mais nova que ele, enquanto ela examinava o corpo nu de jovens atores e cantores? Aqueles segundos pareceram horas, um tempo que ele passou tentando encontrar, entre os pênis dos rapazes, um que fosse sem sombra de dúvida mais ou menos do tamanho do seu; encontrou dois, nenhum dos quais pertencentes aos protagonistas da peça, que tinham os seus cobertos, presumivelmente para evitar decepção e gozação por parte da plateia. Sophie procurou o olhar de Dennis durante a cena, como se

sentisse a tensão nele e quisesse dissipá-la, mas ele manteve seu olhar fixo no palco. Mais tarde, ela fez menção de zombá-lo por estar de olhos arregalados para o corpo das atrizes; ele fez uma cara de quem é pego com as calças na mão. Melhor isso, pensou, do que a confissão de que, tamanhos eram seu nervosismo e sua insegurança, se esquecera de reparar em qualquer um dos peitos e bundas expostos.

Hair terminava num tumulto, com pessoas da plateia se juntando ao elenco para dançar no palco. Sophie foi arrastada para lá pelo rapaz da língua. Virou-se e estendeu a mão para Dennis, que fingiu não estar prestando atenção, mas então ele se deu conta, quando Sophie já saía pelo corredor, que talvez nunca mais tivesse outra noite com ela, e que talvez Sophie escapulisse do palco direto para algum outro lugar, uma festa, uma discoteca ou o apartamento de um dos atores, e a culpa seria toda de sua covardia, de sua vergonha e de seu constrangimento. De modo que foi atrás dela e a alcançou, e os dois subiram ao palco juntos.

Dennis não era o pior dos dançarinos ali, e se garantiu ficando logo atrás da pessoa que merecia esse título, um sujeito encorpado de terno de risca de giz para quem a Era de Aquário claramente despontava no horizonte: ele saracoteava de um lado para o outro como quem jamais fosse voltar para aquele seu emprego no banco. Jogava braços e pernas para todo lado como se não fossem dele, e cantava a plenos pulmões uma canção cuja letra não sabia. Dennis resolveu que não conseguiria competir ali mesmo que quisesse, e que não aparecer muito era o segredo.

Sophie tinha sido puxada para a frente do palco, onde a plateia podia vê-la, mas deu um jeito de recuar novamente para o fundo e, pegando a mão dele, gritar em seu ouvido:

“Incrível”, ela disse.

“Obrigado por ter me convidado. Vou tentar pensar em algum lugar assim, animado, pra levar você.”

“Eu gostaria disso.”

Dennis continuou se mexendo ao ritmo da música, só para o caso de ela estar achando que ele não queria estar ali em cima. Para sua própria surpresa, queria — mas, também, onde quer que Sophie estivesse, não importava quanto constrangimento isso viesse a causar, ele queria estar. E, além disso, a proximidade dela significava que o constrangimento deixava de ser o ogro aterrorizante que ele sempre acreditara que fosse. Talvez acordasse na manhã seguinte e percebesse que havia feito o papel de um completo idiota, mas tinha coisa pior no mundo. E, em Londres, idiotas circulavam por toda parte. Ninguém parecia se incomodar muito. Dennis tinha gasto muito tempo da vida evitando fazer esse papel, e não via muita vantagem naquilo.

O terceiro avanço significativo veio imediatamente na cola dos outros dois: passaram aquela noite juntos. Ou seja, Dennis dormiu na cama de Sophie, com ela ao lado, e acordou com Sophie na manhã seguinte. Esse avanço era, claro, mais significativo do que os outros; se algo tivesse acontecido entre o momento em que foram dormir e aquele em que acordaram, ele descreveria o terceiro avanço como mais significativo do que todos os avanços da história da humanidade somados. Nada aconteceu, porém, e pelo tipo de razão por que, na maior parte das vezes, os avanços não acontecem: falta de coragem, incompetência, pensamentos confusos, idiotice.

Saíram do teatro com o astral lá em cima e foram a uma festa para a qual Sophie tinha sido convidada enquanto dançava no palco. Ela não saberia dizer quem havia feito o convite, ou de quem era a festa, mas essa pessoa, quem quer fosse, tinha mandado fechar o Sybilla's, em Piccadilly Circus, bem perto do teatro. Uma fila se formava na entrada, e um tumulto assustador no bar, e luzes fluorescentes circundavam a pista de dança, engenhosamente apontadas para o teto, de modo que todo mundo que estivesse de

minissaia acabava oferecendo um espetáculo grátis aos sortudos com um drinque e uma mesa. Dennis teria ido embora imediatamente, mas não queria dar uma de tartaruga, então se segurou até Sophie fazer uma careta e um gesto com o polegar na direção da saída.

“Me leva pra casa. Você entra um pouco e a gente toma mais um drinque e come uns ovos mexidos”, disse Sophie, e logo encontraram um táxi para levá-los à Kensington Church Street.

Dennis não estava esperando, claro, que fosse dormir na cama dela. Mesmo quando foi beijado, no vestíbulo, já dentro do apartamento, assim que Sophie fechou a porta, ele não ousou concluir que aquilo tivesse algum significado em particular. A última garota que tinha beijado a sério era Edith, alguns anos antes. (Beijar não era sempre uma coisa séria, mas nada do que fizera com Edith tinha sido, alguma vez, divertido.) Muita coisa parecia ter mudado no mundo, desde então: simplesmente havia mais sexo à sua volta, era o que lhe parecia. Naquela noite mesmo tinham ido assistir ao que sua mãe talvez descrevesse, ou talvez já tivesse descrito, como um nu musical, e nada desse tipo acontecia, pelo menos não num teatro respeitável, quando era casado. O que ele sabia sobre como eram as mulheres e o sexo ultimamente? Não muito, suspeitava, e podia ser que agora todas as saídas terminassem daquele jeito, com a moça encurralando o sujeito contra uma porta. Ele hesitou por um momento quanto a corresponder ao beijo, não porque de repente, depois de todos aqueles anos de desejo, estivesse confuso sobre seus sentimentos, mas porque queria ter certeza de que não a entendia mal nem estava tendo uma reação desproporcional, de alguma forma. Talvez Sophie se desvencilhasse do abraço de repente e perguntasse, educada, se ele não queria que ela fosse pegar seu casaco, e nunca mais os dois tocariam no assunto. Talvez fosse isso que acontecesse quando você voltava de um nu musical.

Ela se afastou e olhou para ele.

“Nossa”, ele disse.

“Desculpe.”

“Não se desculpe.”

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“Você se incomodaria se eu fizesse aqueles ovos mexidos amanhã de manhã?”

“Não. Nem um pouco. Claro que não. Devo... devo ir pra casa e voltar amanhã?”

Ele tinha quase certeza de ter entendido a sugestão dela, mas era bom demais para ser verdade, bom demais para ele. Dennis era alguém que sempre supunha o pior. Sempre seria aquela pessoa a fazer a mais segura, tediosa e literal interpretação de uma situação ambígua. Muito provavelmente continuaria solteiro pelo resto da vida.

“Ah. Você precisa ir?”

“Não. De jeito nenhum.”

“Foi a primeira vez que arrisquei uma tirada sexy, e você estragou tudo.”

“Não vejo como uma tirada que fale de ovos mexidos possa ser sexy.”

Ela riu e o beijou de novo. Ele tinha sobrevivido, por pouco. Algumas horas mais tarde, estaria desejando ter insistido em ir embora e voltar no outro dia.

Como poderia Sophie não se apaixonar por Dennis, no fim das contas? Ele era gentil, estava solteiro e vulnerável, fazia com que risse (verdade que nem sempre intencionalmente, mas com bastante frequência). Cada vez que ela o via, ele parecia ter ficado um pouco mais bonito. Era inteligente no sentido de saber muito sobre um monte de coisas, mas também num sentido que ela

valorizava mais: ele entendia as pessoas e reconhecia o que tinham a oferecer. Tinha demorado um pouco, mas passara a ansiar por aquele tipo de sabedoria do tempo, e não apenas nas reuniões para leitura dos roteiros. E ele nem tentava esconder sua adoração e sua admiração por ela. Fazia tempo que Sophie estava consciente desse comportamento, o que não significava que tivesse sido vencida pelo cansaço, exatamente; isso seria como dizer que a persistência dele a deixara exausta, quando o contrário é que era verdade: aquela insistência a energizava. Dava-lhe confiança, fazendo-a se sentir ao mesmo tempo talentosa e bonita, e afirmação era o que ela mais buscava. Sua insegurança era como água. Encontrava as menores rachaduras para causar uma inundação. A garota que resolvera que era boa demais para o posto de miss há muito tempo tinha ficado para trás; assim como a garota que, sem ter trabalhado sequer um dia na vida como atriz, foi a um teste esperando conseguir o papel.

Aqueles quatro anos desde então haviam trazido fama e dinheiro, mas confundido sua cabeça também. Será que era mesmo boa em alguma coisa? Ou apenas tivera sorte? Se tivesse ido a um teste numa sala de ensaios onde não houvesse Bill nem Tony, Clive nem Dennis, alguma coisa teria acontecido, ou ela ainda estaria vendendo perfumes para homens casados que a comiam com os olhos? Ou os olhares já andariam escassos a essa altura? Onde que quer fosse, encontrava moças mais jovens, bonitas e curvilíneas que ela (garotas que, ao contrário de Sophie, ainda eram garotas), moças que provavelmente não conseguiam entender por que pessoas inteligentes e perspicazes ainda tentavam escrever uma série batizada com o nome dela. A devoção de Dennis era um ponto fixo, como uma estrela, a ajudá-la a achar o caminho de volta sempre que se perdesse na floresta escura e densa de sua ansiedade.

Dennis vinha sendo cuidadosamente observado por ela, que meio que esperava ver a bela integridade dele desmoronar com *Barbara* (e *Jim*), mas o fim do programa não o havia mudado; havia, isso sim, permitido que desse provas de que tudo o que importava de verdade para ele era Sophie. Talvez existissem mulheres capazes de resistir àquilo mês após mês, mas, se existiam, eram muito mais duronas que ela. Sophie tinha encontrado a pessoa certa na hora certa, o homem que a fazia se sentir bem, o homem que mandara embora sua solidão; se aquilo não era amor, ela não sabia o que mais podia ser.

Resolvera, porém, que teria de dar o primeiro passo, se quisesse que a coisa avançasse. Ele era bonzinho demais, respeitoso demais, e tinha ficado muito traumatizado pelo casamento com aquela mulher horrorosa, para ser capaz de tomar a iniciativa, e ela não tinha dúvidas de que Dennis lhe ofereceria para sempre um par de ouvidos atentos e um ombro amigo, fossem quantos fossem os divórcios e os desastres profissionais que ela viesse a enfrentar. Ouvidos atentos e um ombro amigo eram excelentes, mas ela se deu conta de que precisaria de mais, caso aquilo tivesse de ir em frente. Sophie o conduziu até o quarto e eles se beijaram mais um pouco na cama. Ela tinha quase certeza de que ele já começava a perceber o que estava para acontecer, então achou que não o alarmaria muito descrevendo a situação. E, além disso, queria contar a Dennis uma terrível verdade.

“Acabei de perceber”, falou, “que é a primeira vez que vou dormir com alguém que não seja um ator. Não é terrível isso?”

“É”, ele respondeu, mais assertivo do que ela estava esperando.

“Ah”, ela disse. “Eu só estava brincando.”

“Então você já dormiu com outros que não eram atores?”

“Não”, ela corrigiu. “Só estava brincando quando disse que isso era terrível.”

“Então não é?”

“Também não foi o que eu quis dizer.”

“Na verdade, não entendi a brincadeira”, falou Dennis.

“Só quis dizer que... eu já devia ter ido pra cama com gente de outras profissões, a esta altura.”

“De que outras profissões?”

Ele estava visivelmente alarmado agora, e ela podia ver que a conversa tinha tomado o rumo errado.

“Não estava pensando em nenhuma profissão em particular”, disse Sophie. “Produtores. Não fui pra cama com o número suficiente de produtores.”

Também não ajudou.

De repente, Dennis soube o que tinha de dizer. Que sua conclusão fosse lógica não fazia dele um sujeito feliz. Teria preferido ser capaz de ver as coisas de outro jeito, mas não havia outro. Não sabia muito sobre existencialismo, mas sua decisão lhe pareceu ser o resultado de um processo existencialista: uma longa sequência de pensamentos sombrios, todos levando à mesma e lúgubre conclusão. E o que ele seria se a ignorasse? Ninguém. Nada.

“Não vou dormir com você”, anunciou.

“E por que não?”

“Tenho meus motivos.”

“Você pode me dizer alguns deles?”

“Não ia adiantar.”

“Acho que pelo menos isso você me deve. Levei você ao teatro, ofereci ovos mexidos... O mínimo que uma garota pode esperar depois disso é sexo.”

Dennis soltou um suspiro pesado.

“Não sei com quantos atores você já foi pra cama...”

Eram quatro — Johnny Ulalá, Clive e outros dois namoricos, um dos quais ela nem tinha certeza se contava. O sujeito tinha dito que era ator, mas ela não o reconheceu, e ele foi bastante vago a respeito de que trabalhos já havia feito. Decidiu deixá-lo de fora.

“Três.”

“Certo, três. Mas não sou ator.”

“Graças a Deus.”

“Bom, é que não quero ser comparado a nenhum deles.”

“Por que eu iria te comparar com algum ator?”

“Porque atores são a única referência que você tem.”

“Você não quer dormir comigo?”

“Não se trata de querer. Não é essa a questão.”

“Sexo não é uma questão de querer? Minha nossa. É questão do quê, então?”

Dennis não disse nada, e então ela se deu conta.

“Ah, Dennis.”

“Que foi?”

“Escuta. Primeiro de tudo, te acho um homem muito bonito. Tá certo, você não é bonito com aquela panca chata de ator, mas estou de saco cheio disso. Você tem olhos lindos e sexy, e fico toda mole quando olha pra mim. Sabia disso?”

Dennis balançou a cabeça, incrédulo, e Sophie riu. Claro que ele não sabia.

“E só porque o sujeito é bonito com aquela panca chata de ator, não quer dizer que seja bom em alguma outra coisa.”

“Você é muito gentil”, ele disse. “Mas eu preferia que meu papel na sua vida fosse, sei lá... outro.”

“Não foi essa preferência que eu senti em você. Agora há pouco.”

“Não posso ser responsabilizado pelo comportamento de um órgão independente.”

Até onde ela podia ver, ele falava sério, então foi obrigada a rir.

“Não era minha intenção soar pomposo”, retomou Dennis. “Mas geralmente não me cobram essas coisas.”

“Você teve alguém depois da Edith?”

“Não”, ele respondeu. E em seguida: “Não exatamente”.

“O que isso quer dizer? Se não se importa de eu perguntar.”

“Falei ‘não exatamente’ porque achei que talvez me fizesse parecer mais interessante.”

“Então... talvez isso aí tudo seja porque já faz um bom tempo?”

“Não. É porque todo mundo te acha atraente.”

“Mesmo que fosse verdade, você é o único aqui.”

“Será que a gente pode só dormir?”

“Se é isso que você quer.”

Ajeitaram-se na cama e ela se aconchegou nele. Podia aceitar aquilo, achava, apesar da frustração. Era tarde e tinha bebido champanhe. E a próxima lembrança foi de ter acordado às cinco da manhã precisando desesperadamente fazer xixi. Ficou claro para ela que Dennis não tinha pregado os olhos.

“Isso não é bom”, disse, ao voltar do banheiro.

“Provavelmente não vai acontecer de novo”, falou Dennis.
“Amigos não costumam muito passar noites na mesma cama.”

“E se eu quisesse casar com você?”

“Quartos separados.”

Dennis começava a se perguntar se não estava se desviando de sua linha existencialista.

“Então não tem nada que eu possa fazer pra te convencer?”

Não tinha sido na noite anterior que Sophie lhe perguntara se gostava de nudez e seu coração quase explodira de alegria? E, no entanto, a pergunta somente dizia respeito a uma ida ao teatro. Dennis não seria capaz nem de imaginar as circunstâncias nas quais ela lhe faria aquela última pergunta, e certamente não seria capaz de explicar sua resposta.

“Acho que não.”

Ah, era ridículo. O que quer que fossem, além daquilo, os existencialistas, Dennis nunca vira neles sujeitos particularmente animados, e começava a perceber por quê.

“Acho que talvez tenha alguma coisa que você possa fazer”, ele se corrigiu.

Sophie não tinha fechado as cortinas do quarto, e o rosto dos dois era iluminado, de quanto em quando, pelos faróis dos carros que passavam na rua. Ele podia perceber que a expressão no rosto dela era levemente assustada.

“Não é nada... nada demais”, ele disse. “Só quero saber que, se acontecer, não vai ser só uma vez. Que vamos ter algumas noites, não só essa. Não gostaria de ser julgado com base num... incidente isolado.”

Sophie soltou uma risada e Dennis pareceu magoado.

“Desculpe”, ela falou. “É só que isso foi engraçado.”

“Por quê?”

“Porque... Bom, em quantas noites você estava pensando?”

“Sei lá. Três? Cinquenta? Complicado...”

“Você acha que precisaria de cinquenta noites?”

“Quer dizer que você não estaria disposta a me garantir cinquenta?”

“Eu preferia não... colocar um limite”, disse Sophie.

Era tudo o que Dennis procurava para se sentir reconfortado. E — um tanto para surpresa dela, considerando-se aquele início titubeante do relacionamento sexual dos dois — Sophie descobriu que ele não precisaria nem de uma segunda noite, muito menos da quinquagésima.

“Eu nunca tinha reparado”, observou Sophie, mais tarde, “mas você é muito mais parecido com o Jim do que o Clive.”

“E isso é bom?”

“Talvez a gente possa aprender com os erros dele e da Barbara.”

“O maior erro daqueles dois foi terem se tornado personagens de uma série de tevê”, respondeu Dennis. “Ninguém nunca disse para eles que teriam cinquenta noites juntos. Sempre foram obrigados a

transformar tudo num grande acontecimento, se quisessem evitar que as pessoas parassem de ver o programa.”

“A gente não precisa ser personagem de ficção pra isso”, falou Sophie.

Ela estava pensando em Clive. Ele sempre queria transformar tudo num grande acontecimento. Ficava apavorado se não tivesse alguém para lhe servir de plateia, e ela vivia o tempo todo preocupada em ver se não havia ninguém mais jovem e bonita por perto.

“Imagino que não”, disse Dennis.

Ele estava pensando em Edith. Ela ficava o tempo todo no limite de terminar o casamento. Relutava em encomendar mais do que uns poucos novos episódios daquela história de cada vez e, se Dennis tivesse parado para ouvi-la direito, entenderia que desde sempre ela vinha dizendo que um dia tudo ia acabar.

“Faço quantas temporadas você quiser”, falou Sophie, e, quando viu como era capaz de deixá-lo feliz, sentiu um arrepiozinho de prazer.

De repente se lembrou de uma coisa.

“Era isso a... Eu consegui o...” Não sabia nem como formular a pergunta. “Você não sentiu falta de alguma coisa?”

“De que tipo de coisa?”, reagiu Dennis, alarmado. “Era pra ter sentido falta de alguma coisa?”

Sophie riu.

“Não, não, não de uma coisa, assim. Só quis dizer... sei lá.”

Não deveria ter enveredado por aquele caminho, mas nunca esquecera a conversa com Clive sobre o diferencial de Nancy.

“Você... queria mais alguma coisa?”

“Caramba. O quê, por exemplo? E que outra coisa eu deveria querer?”

“Não, não, é só que...”

E ficaram naquela indecisão durante algum tempo, cada vez mais agoniados, até que cada um conseguiu convencer o outro de que tudo tinha sido correto e satisfatório por larga margem, as coisas todas em seu lugar.

Cochilaram mais um pouquinho, e logo Sophie foi fazer ovos mexidos para eles. Estavam ambos perfeitamente contentes, e perfeitamente calmos, e queriam continuar assim pelo máximo de tempo que pudessem.

23.

Sophie Simmonds (chamada de Simmonds por todo mundo envolvido no programa, para evitar confusão com a Verdadeira Sophie) trabalhava na *Peach*, uma revista para garotas; o pessoal da *Crush*, a revista para garotas em que Diane trabalhara até se convencer de que podia escrever comédias, provavelmente notaria certas similaridades entre seu local de trabalho e aquele retratado na série. Simmonds entrevistava pop stars, experimentava as novas cores de batom antes de todo mundo, gastava tudo o que ganhava em roupas na última moda e se metia em todo tipo de confusão com namorados. Ou melhor, o tipo de confusão em que se metia com namorados era um só, especificamente aquele que era capaz de levar diversão à BBC e seu público de todas as classes e idades. Ela não se preocupava em ficar grávida logo, não dormia com o marido de ninguém, não havia nenhuma menção a disfunções ou perversões sexuais, e jamais era infiel. No primeiro episódio, inadvertidamente marcava dois encontros para a mesma noite e, na melhor tradição das sitcom, tentava honrar os dois compromissos, ainda que precisasse, para isso, se deslocar de ônibus entre um e outro. No segundo episódio, combinava por telefone uma saída com

o superinteligente Nigel, um sujeito de óculos e cheio de espinhas na cara, pois tinha se enganado pensando que se tratasse do cobiçado vocalista de uma banda pop no topo das paradas, a Young Idea.

Levaram alguns dias para escrever o primeiro episódio e umas duas semanas para terminar o segundo. Tony nem queria calcular por quanto tempo já vinham conversando sobre o terceiro, e ainda não tinham chegado a uma história, ou mesmo a um fragmento de história, tampouco escrito uma única linha do roteiro. Diane estava convencida de que a vida amorosa de Simmonds, cujos detalhes pareciam todos emprestados de sua própria experiência nessa área, era uma mina de ouro para a comédia. Tony, por outro lado, começava a sentir a necessidade urgente de se enforcar.

“Qual é o problema dela?”, perguntou, depois de um dia em que tinham conseguido produzir meia página sobre o gato de Simmonds, uma nova, súbita e desesperada invenção.

A meia página agora estava jogada no chão, amassada, junto ao cesto de papéis.

“Como assim?”, devolveu Diane.

“Nas séries, todo mundo tem um problema”, explicou Tony. “Os Steptoe se odeiam e são pobres, e o Harold acha que devia estar vivendo uma vida completamente diferente. O Alf Garnett, do *Até que a morte...*, é um sujeito que parou no tempo. O mundo seguiu em frente sem ele. A Sophie e o Jim eram diferentes em todos os sentidos, mas se amavam e queriam que o casamento desse certo...”

“Tá, mas esses programas são tão deprimentes”, falou Diane. “Nenhum dos meus amigos vê.”

Tony ficou olhando para ela.

“Deprimentes?”

“O que tem de engraçado nesses esfarrapados? Ou num velho horroroso e em sua esposa feia tagarelando o tempo todo sobre

Winston Churchill e a rainha? E a Sophie e o Jim... sem querer ofender, mas eles passaram quatro anos discutindo livros e política e, no final, se separaram! Ninguém vê essas coisas porque são chatas.”

“Como assim, ninguém vê? Todo mundo vê!”

“É”, retrucou Diane. “Meu pai e minha mãe. Minha avó. Meus primos de Devon. Esse tipo de gente. Mas ninguém que eu quisesse como companhia, na verdade.”

Tony se sentiu velho, de repente. Durante anos, ele e Bill e todos os outros autores de sua geração tinham lutado pelo direito de dizer coisas sobre o mundo em que estavam vivendo, e então furaram o bloqueio, de repente, e agora havia essa nova Inglaterra, repleta de livros, filmes, canções e programas de televisão dizendo coisas verdadeiras sobre pessoas de verdade. E isso tudo fazia o país parecer mais vistoso, perspicaz, engraçado, jovem. Agora Diane vinha lhe dizer, pelo que podia entender, que a ela só interessavam o visual e a juventude daquele pacote de novidades, as roupas, a moda e o dinheiro.

“E aí, qual é o problema dela?”, insistiu Tony.

Esperava não estar soando tão cansado para Diane quanto soava para si mesmo, mas desconfiava que ela nem notaria.

“Ela não tem nenhum problema”, respondeu Diane. “Isso é que é tão fantástico. Todo mundo ama Sophie.”

“Bom”, falou Tony. “Temos o título, pelo menos. Agora a gente só precisa de todo o resto.”

Diane começou a manhã seguinte de trabalho com um apaixonado apelo pela volta do gato de Simmonds.

“Pode ser alguém pra ela conversar”, argumentou.

“Você tem um gato?”, quis saber Tony, só pelo papo.

“O Ringo ainda é um filhote”, disse Diane.

“E você conversa com o Ringo?”

“Pois é o que eu estou dizendo”, falou Diane.

Tony já desconfiava.

“E o que você conversa com ele?”

“Ah, só fico falando... sei lá, na verdade. Pergunto se ele está com fome, dou bronca quando ele é malcriado.”

“Certo”, disse Tony.

“E treino minhas entrevistas com ele.”

“Funciona?”

“Ele não responde muita coisa. Mas me ajuda a perceber se as perguntas estão interessantes.”

“Linguagem corporal de gatos?”

Diane o encarou como se o louco fosse ele.

“Não. O Ringo é um gato. Não entende uma palavra do que eu falo. Mas, dizendo as coisas em voz alta, consigo saber se são bobagens ou não.”

“Ah. Faz bem, você.”

“A garota com quem eu dividia apartamento achava que eu era doidinha. Foi provavelmente por isso que se mudou.”

Tony sentia a necessidade urgente de bater com a cabeça na escrivaninha. Jamais alguém deveria ter dado a ele um emprego de roteirista, isso estava claro, mas começava a se perguntar se era mentalmente capaz de fazer qualquer trabalho.

“Você dividia o apartamento?”

“Sim. Com a Mandy. Mas a gente não se dava lá muito bem.”

“Ora, acho que a Simmonds devia ter uma companheira de apartamento.”

“Em vez do gato?”

“É. Em vez do gato.”

Em algum lugar do cérebro de Tony, uma pesada e enferrujada engrenagem começou a girar. Ficou surpreso que Diane não estivesse ouvindo os chiados e rangidos.

“E acho que ela devia ser negra.”

“Negra?”

“É.”

“Você conhece alguma pessoa negra?”

“Uma ou duas. Pelo Bill, na verdade, mas posso dizer que sim.”

“Mas... como a gente faz pra conseguir uma atriz que possa interpretar uma negra?”

“Acho que o que precisamos fazer é encontrar uma atriz negra.”

“Ah. Nossa. É. Claro.”

“O que você acha?”

“Não vai ficar muito deprimente?”

“Por que isso seria deprimente?”

“É uma questão séria.”

“Sim, mas ela pode ser só uma pessoa.”

“E ninguém nunca fala da questão?”

“Podem falar, de vez em quando. Mas o programa continua sendo sobre a Simmonds. Simplesmente isso nos dá algo mais com que trabalhar. Vamos conversar com o Dennis e a Sophie.”

Ele sabia como seria a conversa; sabia que os dois ficariam curiosos e empolgados, e que apoiariam a ideia. Estava mais interessado no papo que teria com Bill, em algum dos almoços dos dois, quando mencionaria ao acaso que conhecia umas garotas negras, que estava até trabalhando com uma. Talvez pudesse se orgulhar do que fazia, afinal.

Sophie tinha encontros avulsos com gente de televisão, no café da manhã, e almoçava ocasionalmente com algum produtor de teatro, mas passava grande parte do tempo fazendo compras e, à noite, deitada com Dennis na cama, vendo tevê e conversando sobre *Todo mundo ama Sophie*. Queriam trabalhar juntos, como casal, e tinham adorado a ideia de Tony e Diane; mal podiam

esperar para ver o novo programa ser aprovado pela emissora. Nunca conversavam a respeito, mas ambos queriam voltar a 1965. O pico atingido naquele momento estava logo ali, perto deles, e não podia ser tão difícil assim galgar alguns poucos degraus a mais. Certamente a parte mais difícil tinha sido escalar a montanha até ali, quilômetros e quilômetros de subida.

Sophie adia a ida ao médico porque não queria ouvir o que ele lhe diria. Simples assim. Escondia tudo de Dennis, e conseguia evitar o enjoo ficando na cama de olhos fechados. Parecia funcionar, até ele ter saído de casa. Assim que se punha na vertical, era tomada pela náusea e passava a hora seguinte deitada na banheira quente, de onde várias vezes era obrigada a sair de um salto para se ajoelhar junto à privada.

E então entendeu, finalmente, que não dava mais para ignorar aquilo. Não ficou surpresa com a notícia que o médico acabou por lhe dar, ao fim de quarenta e oito horas em que mal trocou uma palavra com Dennis. Tentou afastar a sensação de pavor, pois sabia que havia milhões de mulheres que rezavam exatamente para que aquela coisa terrível lhes acontecesse.

“E se a Sophie Simmonds estivesse grávida?”, falou, quando Dennis chegou em casa naquela noite.

Ele riu.

“Seria muito engraçado”, disse Dennis, e por um momento ela achou que o que ele queria dizer era que a ideia tinha potencial cômico, que o programa podia acomodar uma calamidade daquelas.

“A gente cria um programa totalmente novo porque não gostamos da Barbara sendo mãe, e aí a protagonista engravida de qualquer jeito.”

Foi quando ela caiu no choro.

“Ela está grávida”, disse Sophie, por fim, e Dennis estava prestes a retrucar quando entendeu.

Sophie podia ver que ele estava empolgado com a notícia, mas tentava parecer taciturno e nervoso por ela, o que partiu seu coração de um jeito diferente.

“Você não devia ficar triste”, ela falou. “É uma coisa boa.”

“Desculpe”, ele disse. “Mas é que eu te amo, amei desde o momento em que te conheci, e quero ter um filho com você. Sei que isso veio em má hora, mas posso te fazer feliz. Podemos fazer você feliz. O bebê e eu. Sei disso.”

Ela o abraçou.

“E a gente pode, mesmo assim, fazer o programa”, continuou Dennis. “Apenas... não já, só isso.”

Não havia nada em que pensar, mas ela ficou pensando, ainda assim; e, quando não conseguiu mais pensar, pegou um trem e foi conversar com a mãe.

Gloria tirou o dia de folga e elas se encontraram em Blackpool, no restaurante da R.H.O. Hills. Era bem mais complicado chegar a Morecambe de trem, e, quando Gloria sugeriu o local do encontro, Sophie sentiu um leve arrepio por alguma coisa que não sabia bem descrever. Aquela loja de departamentos pareceu, de repente, o único lugar do mundo onde ela seria capaz de compreender a extensão da jornada que tinha empreendido. Ali era a outra ponta, afinal. Foi somente quando se sentou e respirou o ar familiar da loja, sua mistura de fumo de cachimbo com perfume, couro e chá, que Sophie se perguntou se não estaria pensando na distância que percorrera porque sabia ter parado de caminhar. Como Gloria ainda não estava ali, pediu o chá da tarde — sanduíches e qualquer coisa que se escolhesse do carrinho de tortas — e olhou em torno, tentando ver se reconhecia alguém. Estava usando um lenço de cabeça para cobrir o cabelo loiro, mas, depois de um momento, resolveu que ia gostar se fosse reconhecida, então o tirou. O casal

da mesa ao lado ficou olhando e, no momento que sua mãe chegou, Sophie dava autógrafos.

Gloria sorriu, orgulhosa, e se sentou, mas, passados quinze minutos, não tinham conseguido mais do que uns dois minutos de conversa ininterrupta. Era uma terça à tarde, ou seja, os fãs não chegavam a formar fila. Mas aqueles que vinham cumprimentá-la não tinham a menor pressa de ir embora. Uma mulher explicou, com grande e demorada satisfação, que sua irmã tinha trabalhado no andar de cima, na seção de brinquedos, quando Sophie trabalhava na de cosméticos; a fã seguinte insistia que Sophie tinha estudado na mesma sala de sua filha, na escola, embora ela não reconhecesse o sobrenome.

“Cynthia Johnstone?”

“Ela agora é Cynthia Perkins”, disse a mulher. “Mas isso provavelmente não ajuda muito.”

Sophie contorceu o rosto, como a sugerir que alegres memórias de Cynthia Johnstone estavam a segundos de lhe vir à mente.

“Bom”, falou a fã. “Deve ser difícil lembrar, quando a pessoa toma chá com o primeiro-ministro e tudo o mais.”

Sophie ainda era capaz de recitar a chamada inteirinha de sua classe, de Anderson a Young, e não havia ali nenhuma Johnstone. Depois de Harvey, vinha Jones. A mãe de Cynthia estava muito enganada: não era difícil lembrar. Sophie não conhecera muita gente antes de se mudar para Londres. Tinha os amigos da escola, as colegas da loja, um ou dois namorados, e só. Era a multidão de pessoas a quem havia sido apresentada desde então que a deixava confusa, um fluxo sem fim de rostos surgindo à sua frente, todos dizendo que já tinham se encontrado antes, numa festa, numa reunião ou numa gravação.

“Ah”, interveio Gloria. “Cynthia Johnstone. Garota bonita. Boa no tricô.”

Uma expressão de dúvida cruzou o rosto da mulher e logo foi embora, assim que ela se deu conta de que lhe ofereciam uma saída honrosa.

“Ela mesma”, disse.

“Claro”, emendou Sophie. “Diga pra Cynthia que mando lembranças.”

“Vou dizer”, respondeu a mulher, mas o objetivo todo daquela conversa era mostrar que Cynthia Johnstone é que tinha lembranças para mandar a Sophie.

Terminaram rapidamente o chá e saíram dali, antes que alguma outra fã viesse tomar o lugar da mãe de Cynthia.

“Obrigada”, falou Sophie quando iam saindo. Tinha colocado o lenço de volta na cabeça.

“Ela não iria embora se a gente não cedesse”, disse Gloria. “Mas imagino que não estava pedindo demais.”

Se não tivesse voltado à sua cidade, Sophie não entenderia por que qualquer pessoa tinha direito de pedir o que quer que fosse, mas agora podia ver que tudo o que conquistara devia ser compartilhado.

Caminharam até o Píer Sul, passando pelas piscinas, cenário do primeiro triunfo de Sophie. O dia estava ensolarado, mas ventava muito, e ela recordou seus braços todo arrepiados no dia do concurso.

“Ganhei o Miss Blackpool”, ela contou à mãe. “De 1964.”

“Não pode ser.”

“Verdade. E falei que não queria o título.”

Soava absurdo agora, uma história mentirosa, e ela estava contente por ter conseguido realizar coisas desde então.

“Por quê?”

“Porque não queria ficar aqui mais um ano. Achei que ia acabar encalhada.”

“Eu teria ficado tão orgulhosa, se visse a cena”, falou Gloria.

“Mas foi como estou contando. Não teve nada pra ver. Nem cheguei a subir no pódio pra ser coroada.”

“Por isso é que me daria orgulho”, disse a mãe de Sophie. “Não queria que você ficasse aqui pra cuidar do George. Queria você por aí.”

Aquela conversa, tangenciando coisas como decepção e falta de liberdade, fez Sophie lembrar por que tinha voltado ali, e por que escolhera logo a mãe para conversar.

“Mãe, vou ter um bebê.”

“Ah, Sophie. Você nem é casada.”

Ela tinha esquecido esse detalhe. Tinha esquecido que pudesse significar alguma coisa para a mãe, pelo menos.

“Isso não é o mais importante.”

“Pra muita gente vai ser. Pro seu pai. Você vai contar pra ele hoje ainda?”

“Não vim pra ver o meu pai. Só queria conversar com você.”

“Posso saber quem é o pai?”

“Provavelmente você é capaz de adivinhar. Percebeu antes de mim que isso ia acontecer.”

“É aquele moço bonzinho, o Dennis?”

“É”, respondeu Sophie, e sorriu, antecipando a satisfação da mãe.

“Então ele não era tão bonzinho quanto parecia.”

“Ele é maravilhoso”, afirmou Sophie.

“Vai casar com você?”

“Sim, ele vai, mas será que dá pra você deixar de lado essa parte da história?”

“O que você quer me dizer, então?”

“Não sei. Pensei que você ia entender.”

“Entender o quê?”

“Você queria me ter? Ou ficou apavorada quando descobriu?”

“Apavorada? Por que eu ficaria apavorada? Fazia dois anos que a gente vinha tentando.”

“Porque você não tinha como dar conta de um bebê.”

“Não tinha como dar conta do seu pai. Ele estava me matando. E aí me apaixonei por outra pessoa. Eu não tinha o que você tem.”

“E o que eu tenho?”

A mãe de Sophie riu — não de amargura, mas genuína incredulidade.

Fazia séculos que não via Brian. Não tinha mais precisado de um agente, pois sua carreira tomara rumos próprios. Ele estava atrás de sua escrivaninha e folheava uma imensa pilha de retratos vinte por vinte e cinco, todos de garotas jovens, bonitas e cheias de esperança.

“Essa aí é interessante”, falou Sophie, apontando para a foto que ele tinha acabado de descartar. “Sou um homem muito bem casado”, respondeu Brian, na defensiva.

Pegou de novo a foto, examinou-a e franziu o nariz.

“O que tem de errado com ela?”

“Tem cara de inteligente.”

Sophie riu. Para ela, era impossível se sentir ofendida por um agente que nem sequer tentava disfarçar que só pensava em si. Ele não gostava de garotas inteligentes porque elas não queriam ter o corpo borrifado com tinta dourada. Queriam atuar, e esse negócio de ser atriz era arriscado.

“Falando de inteligência”, retomou Brian.

“O que tem?”

“Como vai sua série? Já terminaram de escrever?”

“Não sei”, ela disse. “Estou grávida.”

“Ah”, falou Brian. “Bom, você veio ao lugar certo.”

“Vim?”

“Você consegue imaginar quantas garotas já entraram aqui dizendo isso? Nada a ver comigo, bem entendido. Nenhuma delas.”

“Não precisa me dizer”, emendou Sophie. “Você é um homem muito bem casado.”

“Pergunta pra Patsy, se não acredita em mim.”

“Eu acredito. Enfim, o que você fala pra elas, quando chegam aqui dizendo que estão grávidas?”

“Recomendo um médico muito bom, consultório na Harley Street. Não cobra barato, mas é seguro e muito discreto.”

“Ah”, disse Sophie. “Não. Não vou fazer isso.”

“Bom”, continuou Brian. “Não sou médico nem nada, mas não acho que você tenha alternativa.”

“Fora o óbvio.”

Brian pareceu confuso.

“Pra mim não é óbvio”, falou.

“Algumas pessoas, quando ficam grávidas, têm o bebê”, explicou Sophie.

“Quem?”

“Pessoas. Todo mundo.”

“Ah, entendi o que você quer dizer. Mas estou considerando que a gente não se encaixa nessa categoria.”

“Acho que talvez se encaixe.”

Ele largou sobre a mesa as fotografias que tinha na mão e concentrou a atenção em Sophie.

“Do começo”, pediu. “Fiquei confuso.”

“Vou ter um bebê.”

Contar a Brian que teria um bebê era diferente, ela agora percebia, do que dizer a ele que estava grávida. O último estado era uma espécie de sofrimento temporário; a primeira afirmação conseguiu avançar um pouco no sentido de ajudá-lo a imaginar um futuro no qual Sophie seria mãe de um pequeno ser humano.

“E a série?”

Não interessava a Brian quem era o pai, ou se ela estava casada, Sophie reparou. Juntos, Brian e a mãe dela formariam uma pessoa

completa e perfeita.

“Eles vão esperar por mim”, disse.

“Você acha?”, perguntou Brian, aparentemente se divertindo.

“O programa se chama *Todo mundo ama Sophie*. Sophie sou eu.”

Brian pegou uma foto do meio da pilha.

“E se resolvessem dar o nome de *Todo mundo ama Freda*? Esta aqui é a Freda.”

“Freda é um nome horroroso.”

“A gente muda. *Todo mundo ama Suzy*. Que tal?”

Parecia ao mesmo tempo assustador e plausível, e por um momento ela se pegou pensando: “Bom, ele ganhou a discussão”. Mas então se deu conta de que aquela não era uma discussão real. Ela não ia consultar nenhum médico discreto da Harley Street. Entendeu que podia: a alternativa era real, mesmo que a discussão não fosse. O doutor podia tirar o bebê, fazê-lo desaparecer, exatamente do mesmo jeito que o bebê de Barbara tinha desaparecido. E Tony e Diane não precisavam saber de nada, e ela então surgiria como a Sophie sem filhos, liberada, uma garota à solta na cidade numa série chamada *Todo mundo ama Sophie*. Mas que diversão lhe proporcionaria interpretar o papel de uma garota sem filhos, liberada e à solta na cidade imediatamente depois de fazer um aborto? Como se sentiria tendo de fazer um aborto para se tornar uma personagem sem filhos e liberada? Que prazer teria Dennis, o pai da criança abortada, em produzir o programa? Que graça ele veria nos percalços e roubadas daquela Sophie à solta?

Aos olhos de sua mãe, devia parecer que ela podia fazer o que quisesse. Que podia se mudar de uma ponta para outra do país, trocar de nome, morar sozinha, dormir com quem quisesse sem estar casada com ninguém, tomar chá no Ritz, sumir com bebês da noite para o dia, provavelmente trazê-los de volta também, se estivesse a fim. E era verdade, ela podia. Mas lhe parecia que, para aproveitar todas essas oportunidades, precisava desligar alguma

coisa dentro dela. Tinha de fingir que nada importava, desde que tivesse a vida que achava que queria ter. Por alguma razão, começou a pensar sobre como terminaria *Todo mundo ama Sophie* ou *Todo mundo ama Suzy*, dali a seis meses ou cinco anos: Sophie ou Suzy conheceriam uma pessoa com quem desejariam ter um bebê, e Tony e Diane ficariam sem mais ideias. Era assim que metade das histórias do mundo terminava. Ela não tinha certeza se era o melhor final, mas era o único que, ao que parecia, as pessoas conseguiam imaginar para garotas como ela. E Sophie tinha conhecido alguém, na vida real, e ficado grávida, e ele a fazia feliz. Não dava para querer que páginas continuassem a ser amassadas e atiradas no cesto de papel, especialmente se faziam sentido.

“Bom”, encerrou Brian, depois de ter finalmente entendido. “Ainda vou estar por aqui quando você resolver voltar.”

“Obrigada”, disse Sophie.

Brian não era capaz de fazer Dennis se interessar por Freda, ou Suzy, ou qualquer uma das garotas que lhe mandavam fotografias, mas uma noite ele viu *Caviar e fritas*, um programa da ITV sobre uma família da classe trabalhadora que acerta na loteria esportiva, e teve uma ideia brilhante: procurou a garota que interpretava a filha adolescente da família, uma jovem e bela atriz chamada Jackie Chamberlain, dizendo que tinha uma série para ela. Depois falou com a ITV e, em seguida, com Tony e Diane, e alguns meses mais tarde *Todo mundo ama Jackie*, série sobre uma moça liberada e solteira com um gato e às voltas com namorados, ganhava horário fixo nas noites de quinta-feira. Não durou muito, mas também, achava Brian, esse era o problema com os jovens: sempre insistiam em ficar velhos.

DE HOJE EM DIANTE

Biografias

BILL GARDINER, coautor de *Barbara (e Jim)* com Tony Holmes, publicou os romances *Diário de um rapaz do Soho*, *O evangelho segundo Nigel* e *O armário*. Está trabalhando numa adaptação para o cinema de *Diário de um rapaz do Soho*. Sua adaptação do romance para o teatro foi apresentada no Royal Court em 1969.

TONY HOLMES escreveu mais de vinte séries para rádio e televisão. Depois de *Barbara (e Jim)*, assinou (com Diane Stafford) *Todo mundo ama Jackie*, à qual se seguiram *Salt and Vinegar*, *The Green*, *Green Grass of Home* e *Would Like to Have Met*, todas criações suas para a ITV. É colaborador frequente das séries de rádio *I'm Sorry, I Haven't a Clue* e *Just a Minute*.

CLIVE RICHARDSON tem uma longa trajetória na televisão tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos. Interpretou o dr. Nigel Fischer em *Plantão médico* e, durante muitos anos, o inspetor de polícia Richard Jury, na série popular e de grande sucesso *Jury*, adaptada dos livros de Martha Grimes. Vive em Hollywood com sua terceira mulher, a atriz americana Carrie Courtenay.

SOPHIE STRAW é uma adorada estrela dos palcos e telas britânicos desde que foi apresentada aos espectadores em *Barbara (e Jim)*.

As séries de tevê em que atuou incluem *His and Hearse*, *Salt and Vinegar*, *The Green*, *Green Grass of Home*, *Would Like to Have Met* e *Minnie Cab*. Hoje é provavelmente mais conhecida por seu trabalho na longa novela *Chatterton Avenue*, em que interpretou Liz Smallwood, de 1982 a 1996. Entre os espetáculos que fez no teatro estão: *A importância de ser prudente*, *A Taste of Honey* e várias das peças de Alan Ayckbourn, incluindo *A Chorus of Disapproval* e *The Norman Conquests*. Foi casada com o produtor e diretor de *Barbara* (e *Jim*), Dennis Maxwell-Bishop, morto em 2011, e tem dois filhos. Sua filha, Georgia Maxwell-Bishop, foi indicada ao BAFTA pela interpretação de Adela Quested na adaptação feita pela BBC de *Uma passagem para a Índia*.

Dos créditos do programa-tributo do BAFTA intitulado *Barbara* (e *Jim*): *Bodas de Ouro*, outubro de 2014

24.

Sophie tentou lembrar se alguma vez já tinha se visto projetada na tela grande e chegou à conclusão de que não. Mas tinha feito uma pequena participação naquele projeto peculiar do Ewan McGregor, quatro ou cinco anos antes, interpretando a mãe da ex-mulher transtornada do personagem dele, e quase com certeza comparecera à estreia do filme, acabando por ser arrastada para o palco com todo mundo, o Ewan, a Ros e o Jim Broadbent. Chegara a ficar para ver o filme? Achava que sim. Era capaz de lembrar partes inteiras de *Barbara (e Jim)*, de recitar as falas enquanto via, e metade dos dias, no entanto, não conseguia dizer o que tinha jantado na noite anterior. Não se importava com isso frequentemente, pois não eram tantos os jantares que valesse a pena guardar na lembrança, mas sua memória a irritava em momentos como aquele, quando queria lembrar.

E então se deu conta do que era: nunca tinha visto aquela versão dela própria numa tela de cinema, sua versão dos vinte anos de idade. Tinha visto apenas a imagem da velha lá no alto, e se encolhido, e desviado o olhar, e se esforçado para tentar esquecer as rugas no rosto e a imagem disforme e encaroçada que vinha

depois. Nem havia se dado ao trabalho de ir à estreia de *Chemin de Fer*, o filme horroroso que fizera com aquele cantor pop francês no País de Gales. (Certa noite, uns anos antes, ela o vira até onde dera para aguentar, mas na tevê, num canal obscuro entre as centenas que Dennis insistia em assinar. Sem o marido, nunca mais seria capaz de encontrar nenhum.) E aquela era a primeira vez que *Barbara (e Jim)* ganhava exibição num cinema, pelo que sabia.

Não ia repetir a experiência logo, certamente. Estava esperando que a noite do tributo fosse ser um momento feliz, que seria bom rever todos e conversar sobre o passado e se esbaldar com toda aquela aclamação e todo aquele amor. Pensou até que seria levada a um palco, onde poderia ouvir as referências a Dennis sem que sentisse como se suas entranhas estivessem sendo puxadas pela garganta. Não tinha se preparado, porém, para um sofrimento diferente, menos cheio de admiração. Talvez fosse melhor ter sido bonita algum dia do que nunca, mas todas as vantagens da beleza tinham ido embora havia muito tempo agora. E ela não conseguia evitar sentir que estava deprimindo todo mundo ali também — todo mundo que subira ao palco com ela, todo mundo na plateia, até os jovens que acreditavam ser uma questão de tempo a descoberta da cura para a idade avançada. Vejam todos! A idade me fez murchar. E o uso tornou rançosa minha graça de infinita variedade.

Após a exibição dos episódios, já com as luzes acesas, começaram as perguntas do público, uma avalanche aparentemente sem fim. “Vocês ficaram muito molhados fazendo ‘O banheiro novo’?” “Se você pudesse viver tudo de novo, Jim, teria continuado com Barbara?” “Pode falar um pouco pra gente do seu processo de escrita, Tony?” “Gostaria que cada um de vocês dissesse qual é seu episódio favorito.” “Que atrizes de comédia você admira hoje?” “Por que não existem mais coisas tão engraçadas como *Barbara (e Jim)*”

na tevê?” (Aplausos.) “Em que momento vocês souberam que estavam fazendo uma sitcom clássica?” Aquelas pessoas queriam mesmo as respostas para tudo isso, ou queriam apenas que alguém da equipe olhasse para elas?

O pessoal que tinha dado as risadas mais ruidosas — ostensivas, se quisermos ser antipáticos — não era tão velho quanto ela. Havia alguns que deviam ter assistido ao programa quando crianças, e havia os jovens — mulheres, principalmente. As garotas com frequência queriam contar a Sophie quanto ela havia sido uma inspiração para elas, e que sua carreira como comediante não existiria se não fosse por Sophie Straw. Mas, quando tentava vê-las, ou ouvir suas gravações, ou ler histórias ou roteiros delas, Sophie não conseguia entender o que tinha a ver com aquilo. Se era, por alguma razão, responsável por todas aquelas piadas sobre sexo anal e higiene vaginal, então achava que devia um pedido de desculpas ao povo da Grã-Bretanha.

A plateia tinha assistido ao episódio piloto e a “O banheiro novo”, por serem dois dos poucos programas sobreviventes: a BBC tinha gravado outras coisas por cima das fitas. E, claro, Sophie lamentava que uma parte tão grande do que fizera de melhor tivesse se perdido, mas se conformava. Aqueles eram apenas programas cômicos feitos cinquenta anos antes para entreter gente que agora estava velha ou morta. E, além disso, não estavam reciclando as fitas, num tempo em que ninguém ainda usava a palavra nem se preocupava que o planeta fosse afundar num mar de lixo plástico? Mas uma dúzia de episódios, dos aproximadamente sessenta originais, sobreviveu, ou foi descoberto, no caso de alguns deles: de vez em quando, um engenheiro ou um editor deparava com alguma coisa num sótão ou num depósito. Não era muito, mas provavelmente era o bastante.

“Mais uma pergunta”, falou o mediador, um rapaz compenetrado do British Film Institute que parecia nunca ter dado uma risada na

vida, certamente não enquanto assistia a uma sitcom inglesa.

Outro jovem, este precisando fazer a barba, ergueu o braço na plateia, o mediador apontou para ele e todo mundo teve de esperar que o microfone percorresse de mão em mão a fileira de poltronas.

“Vocês considerariam reviver os personagens?”, ele perguntou. “Se alguém aparecesse com um bom roteiro e uma boa ideia?”

Sophie riu. Sempre sabia o tipo de ruído que queria fazer, mas sempre saía o som errado, um coaxar de congestão nasal, falhado. O terrível é toda vez a gente pensar naquilo como temporário — o coaxar, a voz falhada, as dores, a insônia. Todas essas coisas costumavam ser passageiras. Jamais. Não mais.

“O que você acha, Clive?”, disse Sophie.

Ali estava outra coisa que a fez, de repente, se sentir inibida naquela noite: seu sotaque. Não havia mais sinal da Barbara de Blackpool. Soava como uma grande dama do teatro, ela imaginava. O aniversário de cinquenta anos de *Barbara (e Jim)* significava que estava completando cinquenta anos de Londres. Tinha vivido só um terço da vida no norte, afinal.

Clive não estava acordado, então ela se voltou novamente para a plateia.

“É sério que tem gente a fim de assistir a uns velhos se queixando da vida?”

Houve risos e alguns gritos de “Sim!” e “Queremos!”, seguidos de aplausos.

“Vocês não precisam ficar se queixando”, disse o jovem com a barba por fazer.

“Você tem razão”, falou Sophie. “Eu devia me lembrar disso. Digo, na vida.”

“Tem um mercado bem grande pra esses roteiros com gente mais velha”, continuou o rapaz. “Teve aquele filme sobre a casa de repouso para velhotes cantores de ópera e *O exótico Hotel*

Marigold... O poder aquisitivo da terceira idade está realmente valendo alguma coisa.”

“Bom”, falou Sophie, “ninguém nos consultou a respeito, até onde eu sei.”

“Desculpe”, disse Clive. “Você me fez uma pergunta?”

Sophie arqueou as sobrancelhas, exasperada, e provocou mais risos.

“Estou perguntando isso”, retomou o jovem com a barba por fazer, “porque sou produtor, e meus investidores...”

“Ah”, interrompeu o mediador, “pelo que estou percebendo o que você quer fazer é mais uma proposta do que uma pergunta. Quem sabe não podia conversar em particular com a Sophie, mais tarde?”

Agradeceu a presença de todos e a equipe da série foi aplaudida de pé, e em seguida se formou uma longa fila de pessoas que queriam autógrafos em suas caixas de DVD, em fotos vinte por vinte e cinco antigas ou na coleção de selos temáticos das Grandes Sitcom Britânicas, lançada pelos Correios no que os mais jovens chamavam de virada do século. (Na primeira vez que Sophie ouviu isso, teve vontade de chorar por ter ficado tão confusa. É quando a gente sabe que ficou velha: no dia em que começa a confundir as viradas de século.) Ela achou que terminaria a sessão de autógrafos exausta, mas, quanto mais assinava, mais jovem se sentia.

O jovem com a barba por fazer esperou no final da fila. Sophie — ele mirava nela — não havia conseguido se livrar dele, de modo que, terminado o evento, a equipe o convidou para um drinque nos bastidores. Ela não tinha bem certeza se queria dispensar o rapaz. De vez em quando era convidada para fazer algum trabalho, aparecer num documentário sobre os anos 60 ou ler um conto na Radio 4 sobre uma avó que se via obrigada a interferir para evitar os erros da filha como mãe. (Tinha feito a leitura de três desses.) Mas

Max, o jovem com a barba por fazer, falava de dar a ela o papel principal numa peça.

“Não estou dizendo que vamos dominar o West End”, ele disse. “Não é assim que as coisas funcionam.”

“Para algumas pessoas é assim que as coisas funcionam”, observou Tony.

“Pessoas jovens”, interveio Bill.

“O que posso dizer pra vocês?”, falou Max, de braços abertos, entregue. “Não tem nenhum jovem aqui. Mas nunca se sabe. Se a gente achar uma história boa e fizer as pessoas rirem, consigo visualizar bons públicos nos teatros regionais. Em lugares tipo Bexhill e Eastbourne, em qualquer lugar desses, sabe?”

“Qualquer lugar aonde as pessoas vão pra morrer”, emendou Clive.

Estava acordado agora. Tinha tomado um avião na Califórnia para comparecer à homenagem, de modo que sua errática participação no evento podia ser perdoada. Significava, porém, que a longa viagem havia sido uma completa perda de tempo. Tinha dormido durante a exibição dos episódios, acordado brevemente quando as luzes se acenderam e cochilado na seção de perguntas e respostas.

“É aí, exatamente, que eu não concordo”, argumentou Max, entusiasmado. “Tenho um título pra peça. *De hoje em diante*. Como se diz nos votos de casamento. Gente velha quer ouvir uma mensagem de esperança. Vocês não acham? Nem tudo é sombra e trevas.”

“Na verdade é”, retrucou Bill.

“Pô, o trabalho de vocês é achar alguma coisa que não seja”, respondeu Max.

“Você ia adorar fazer isso”, falou June, que tinha assistido ao evento da plateia, com Roger e sua esposa.

“Mas não é bem um trabalho, é?”, disse Tony. “Um trabalho é quando a gente é pago pra fazer uma coisa.”

“Ah, mas vou conseguir o dinheiro pra pagar pelo roteiro”, garantiu Max. “Não pediria pra vocês fazerem isso de graça.”

“Estou dentro”, emendou Bill.

Tony olhou para ele.

“Que foi?”, reagiu Bill. “Estou sem um puto.”

Tinham estado juntos no mesmo recinto pela última vez no funeral de Dennis, mas não contava muito como um reencontro, e nem todos estavam lá. Sophie e Dennis foram casados durante muito tempo, e a cerimônia estava repleta de filhos, netos, amigos, afilhados e colegas de todos os programas que se seguiram a *Barbara (e Jim)*. O pessoal da série na qual Sophie sempre pensava como dela e de Dennis ocupou apenas um cantinho da sala de estar. Houve um momento em que deu uma olhada para aquele lado e viu Clive, Tony e Bill conversando e rindo, e desejou que todos os demais, até mesmo seus filhos, fossem embora, por meia hora só, para que pudesse bater um papo com as pessoas que haviam sido testemunhas de quando se apaixonou por Dennis. Mas sabia que ninguém entenderia, e não tinha certeza nem se era capaz de explicar o impulso a si própria, de modo que a noite terminou, como planejado, com Georgia, Christian e uma garrafa de champanhe Balthazar que Dennis vinha guardando para uma ocasião especial. Ou tinha esperado demais para abri-la, ou sabia o que estava fazendo, dependendo de como se olhasse para a situação.

Se ela tivesse de fazer uma aposta quanto a qual funeral seria o próximo, colocaria seu dinheiro em Bill, mas ele não devia ser uma opção que estivesse pagando muito: sua aparência era horrorosa. A barba comprida e branca, já amarelando, tinha aspecto lamentável, e a bengala que mal lhe permitia caminhar aumentava sua idade em vários anos, mas barbas e bengalas não o matariam; o cigarro e a bebida é que fariam o serviço. Só que, claro, ainda não tinham feito,

e ele era mais velho que Sophie — se caísse morto no dia seguinte, ninguém diria que era o caso de uma vida interrompida tragicamente por conta do vício. Bill tinha vivido sua vida. Todos ali tinham. Qualquer ano a mais que lhes restasse era um presente, se é que a palavra correta era essa. Ah, mas claro que era a palavra correta. Sophie queria que ela e os amigos parassem de falar daquele jeito. Estava quase certa de que faziam aquelas piadas cheias de amargura só para disfarçar sua patética e inútil fome por mais vida.

“Quanto você vai pagar pra gente?”, quis saber Bill.

“Você quer mesmo falar sobre isso agora?”, devolveu Max. “Na frente de todo mundo?”

“Ele vai pagar dez pilas, Bill”, interveio Clive. “E aí?”

“Ah, vai ser mais do que dez pilas”, retrucou Max, num volume e com uma convicção que sugeria que quinze era um palpite mais próximo.

“Acho que o que Clive está dizendo é que o mercado aqui pende pra quem contrata”, falou Tony. “Não interessa quanto ele vai pagar pra gente. Não temos nenhum outro trabalho.”

“Tony, você por acaso não consideraria calar a boca, não?”, respondeu Bill. “Está fazendo a gente perder dinheiro.”

“Converso com o agente de vocês sobre tudo isso, pode ser?”, sugeriu Max.

“Pode ser”, disse Bill. “Se você for médium.”

“Ah”, falou Max.

“Eu ainda tenho uma agente”, informou Tony. “Você pode falar com ela.”

“Você costuma tentar esse tipo de coisa assim, aleatoriamente?”, perguntou Clive. “É um franco-atirador que só mira velhinhos gagás?”

“Não”, respondeu Max. “Achei exatamente o que eu procurava.”

“Aposto que é isso que você diz pra todas as garotas”, disse Sophie.

“Na verdade, sou um pouco obcecado por *Barbara (e Jim)*.”

“Aposto que é isso que você diz pra todos os casais cômicos da tevê”, emendou Clive.

“Estou falando sério”, insistiu Max. “Posso provar.”

“De algum jeito que não envolva recitar a sinopse de cada um dos episódios?”, retrucou Bill. “Porque disso a gente já teve o suficiente hoje.”

“Vocês fizeram sessenta e quatro episódios, certo?”, perguntou Max.

“E doze sobreviveram”, acrescentou June.

“Bom, eu tenho vinte e dois”, contou Max.

Todo mundo virou para ele.

“Como?”

“Ah, vocês não vão querer saber. Mas gastei umas libras nisso.”

Bill deu uma bengalada forte nele. A intenção tinha sido, claramente, rachar sua cabeça, mas Max ergueu o braço a tempo de receber a pancada no cotovelo.

“Que PORRA é essa?”, reagiu Max.

June, eles ficaram então sabendo, tinha feito um curso de primeiros socorros como preparação para as férias com os netos; por um momento, ela ficou preocupada que se tratasse de um osso quebrado. Mas, depois de Max caminhar alguns minutos pela sala esticando e recolhendo o braço, chegou à conclusão de que uma visita ao hospital não seria necessária.

“Pra que fazer aquilo?”, quis saber Max.

“É o nosso dinheiro”, respondeu Bill. “Dez episódios são dois DVDs inteiros.”

“Ninguém mais compra DVDs.”

“Honorários por *views*”, disse Bill. “*Downloads*. Essa bobajada toda. Você nos deve milhares de libras.”

“Vamos ganhar isso tudo montando a peça”, falou Max. “Se ainda achar que quero trabalhar com a porra de um lunático.”

“Perdoe meu amigo”, interveio Tony. “Ele está falido.”

“Milhares de libras”, repetiu Bill.

“Você ia beber tudo e mijar em muros”, provocou Clive.

“Meu direito”, encerrou Bill.

Alguma coisa tinha acabado de acontecer ali, pensou Sophie. Não interessava muito o que era, ou que houvesse um desespero lamentável em sua origem; na manhã seguinte, ia poder ligar para Georgia e contar que Bill tinha dado uma bengalada num rapaz, e a filha ia rir e se dizer incrédula. Em geral era ela quem tinha de escutar histórias — sobre o trabalho de Georgia, sobre o inútil do ex-marido dela, ou sobre as crianças. Se alguma vez tinha como retribuir, era com algo da biblioteca, como uma historinha ilustrativa sobre Christian em Majorca, em 1975, ou sobre *Chatterton Avenue*, em 1987, e Georgia normalmente já teria ouvido tudo aquilo muitas vezes antes. (Ela jamais fingia que a história era nova. Não era esse tipo de filha.) Sophie nunca tinha nada de novo. A peça de Max já estava valendo mais do que o dinheiro que pudesse vir a ganhar. Queria fazê-la mais do que desejara qualquer outra coisa nos últimos anos — qualquer outra coisa menos todas as coisas óbvias e impossíveis.

25.

Tony e Bill se encontraram num café polonês bem perto da casa modesta de Bill em Kentish Town. Ele não tinha como se deslocar grandes distâncias, e claramente não queria que Tony fosse até sua casa. A faxineira estava doente e não aparecia fazia duas semanas, disse. Se fosse com qualquer outro de seus amigos, Tony teria respondido que deixasse de bobagem, que uma casa um pouco bagunçada não seria um problema tão grande, mas já fazia muitos e muitos anos que Bill não tinha mais condições de pagar uma faxineira. Tony imaginou teias de aranha, garrafas de bebida, pilhas de jornais velhos, caixas vazias de comida.

Pediram o café e, num momento de silêncio desconfortável, Tony tirou seu laptop da pasta e colocou em cima da mesa.

“Sério?”, falou Bill.

“Faz anos que não uso uma máquina de escrever.”

“Não estou dizendo que você devia ter trazido a porra de uma daquelas sensacionais Coronas. Caneta! Papel! Um café é pra escrever à mão, não é?”

“Era. Faz muitos anos. Ou ainda é?”, perguntou Tony.

“Nada mais é”, disse Bill. “Está tudo acabado.”

“Caramba, Bill.”

“Mas é verdade, não é?”

“A gente precisa parar com isso, se pretende chegar a alguma coisa que as pessoas queiram assistir. O Max tem razão.”

“Como ele pode ter razão sobre o que quer que seja?”

“Ele quer contratar a gente.”

“E você acha isso um bom sinal?”

“Nem vamos esquentar a cabeça, então”, respondeu Tony. “Vou pra casa assistir a *Millionaire Matchmaker* enquanto almoço.”

Durante muito tempo, Bill e Tony se encontraram a cada dois meses, mais ou menos, mas essas ocasiões tinham se tornado mais raras na última década. Tony sempre tentara manobrar com segurança o bote frágil da amizade dos dois, já fazendo água, por entre os perigos que a ameaçavam: não falava sobre o trabalho (porque Bill não tinha um), ou sobre June (porque o companheiro de Bill que supostamente seria para a vida inteira, um sujeito mais jovem chamado Christopher, acabou se revelando outra coisa), ou ainda sobre mais ou menos qualquer tema que implicasse felicidade e satisfação. Longas e pesadas conversas sobre a situação em que se encontrava a BBC e a lamentável selvageria que se tornara a comédia contemporânea não incomodavam Tony; aquele estado de coisas também o deixava confuso. Mas, no fim, o discurso foi se tornando tão repetitivo que, quando Bill parou de ligar, ele também não procurou mais o amigo.

Bill não tinha empobrecido por não abrir mão de fazer arte; simplesmente não trabalhara tanto quanto deveria e, quando chegava a escrever algo, não acertava a mão. *Diário de um rapaz do Soho* tinha se saído bem, mas ele demorou demais a terminar um segundo livro que, quando finalmente foi publicado, era quase idêntico ao anterior. Sobreviveu de seus direitos autorais por um tempo, e da venda desses direitos para o cinema mais o adiantamento que recebera pelo roteiro do filme, mas nunca chegou

a terminá-lo, até onde sabia Tony, que ficou triste de ler no programa da homenagem do BAFTA que o trabalho continuava em andamento. Não tinha nada ali, e ninguém nunca ia fazer um filme daquilo. *Diário de um rapaz do Soho* era um livro antiquado agora. Continuava em catálogo, mas apenas estudiosos de literatura gay ainda o liam. Os homossexuais britânicos do século XXI tinham sua própria literatura, e uma vida diferente, novos problemas. Medo de ser preso não era um deles. Isso ficara no passado, com a poliomielite e o raquitismo.

Christopher era quem pagava todas as contas nos últimos quinze anos da relação dos dois. Tony não o conhecera muito bem, mas parecia se tratar de um sujeito gentil que tinha, quase que certamente, se cansado do relacionamento e de Bill como um caso perdido de dependência, e isso muito antes de ir embora. Certa vez, Tony ajudara Bill “emprestando” algum dinheiro, e estava consciente de que, se fossem dar mais uma chance à parceria, não teria como evitar que o amigo voltasse a lhe pedir ajuda.

O café chegou e Bill pegou sua xícara com as duas mãos, os dedos trêmulos.

“Seja bonzinho e coloque um pingão de alguma coisa aqui”, ele falou.

Tony o ignorou.

“Só pra aquecer.”

Tony guardou o laptop na pasta e achou ali um caderno e uma caneta.

“A gente não costuma beber”, disse. “Não durante o dia.”

Clive e Sophie se encontraram num restaurante italiano da Kensington Church Street, quase vizinho do ponto onde um dia existira o Tratt. Tinha sido sugestão de Clive, e esse sentimentalismo fez Sophie se sentir um pouco enjoada; uma das

muitas dificuldades de envelhecer, ela achava, era que as pessoas queriam reviver amizades do jeito mais fácil e banal, apertando botões — antigos empregos, antigas amizades, antigos restaurantes — sem esforço nenhum. Mas Clive já não conhecia Londres tão bem e ela não conseguiu pensar em nenhum lugar melhor.

“Se me permite, queria começar dizendo como você está bonita”, ele falou. “Não vou dizer que não parece nem um dia mais velha, mas está envelhecendo com muito charme.”

“Você bem que *podia* dizer que não pareço nem um dia mais velha — não ia morrer por causa disso”, retrucou Sophie. “A última vez que a gente se viu foi no funeral do Dennis, e eu estava um bagaço.”

“O que eu tinha em mente era nosso encontro do outro dia. Naquele negócio do BAFTA.”

“Fiquei apenas quatro dias mais velha desde então.”

“Você entendeu.”

“Já me perdi: qual foi mesmo o elogio?”, perguntou Sophie.

“Você está muito bem.”

“Ah. Só isso?” Sophie fez um beicinho para expressar sua decepção, e Clive riu.

“Você gostou de rever os programas?”

“Foi difícil. E pra você?”

“Sabe, não quero, na verdade, passar o almoço inteiro falando do passado”, disse Clive.

“Que coisa mais irritante pra se dizer.”

“Por quê?”

“Porque ninguém estava te pedindo pra fazer isso. Porque você acabou de perguntar sobre a homenagem e, por educação, devolvi a pergunta. Porque a gente nem estaria aqui se não fosse pelo passado, e porque há pessoas que querem falar dele.”

“Lamento tudo o que aconteceu, se isso serve de consolo”, falou Clive. “Sempre lamentei.”

“Quando você diz que lamenta tudo...?”

“Tudo o que aconteceu com *Barbara (e Jim)*, e a parte que me toca pelo fim do programa.”

“Vou enfiar esse palitinho de aperitivo no seu nariz agora mesmo”, ameaçou Sophie.

“O que foi que eu fiz agora?”

“Por que raios você se lamentar seria de algum consolo pra mim?”, perguntou ela.

“Só achei que você gostaria de saber.”

“Não.”

“Você não ficou chateada comigo?”

“Não.”

“Sei que não está falando a verdade agora. Na época, você ficou extremamente chateada comigo.”

“Pensei que a gente estivesse falando do programa. Era sobre isso que eu estava falando, pelo menos. Não fiquei chateada com você por causa do programa. Meu aborrecimento foi você ter ido pra cama com a louca daquela mulher quando, supostamente, estávamos noivos.”

Ela podia ver, mesmo a essa altura, por que o achava atraente. Clive também tinha envelhecido bem. Se ainda fosse comum usar bigode entre os homens da idade dele, talvez ficasse parecido com John Mills, ou David Niven, ou algum outro daqueles velhos atores já não tão famosos a que Sophie costumava assistir nos programas de entrevistas quando as crianças eram mais novas e ela e Dennis viam tevê todas as noites. (Mais tarde, procurou por David Niven na Wikipedia e descobriu que, quando morreu, era mais novo que Clive, e era quase dez anos mais novo que os dois quando aparecia no sofá de Michael Parkinson, no começo dos anos 70, contando todos aqueles casos sobre Sam Goldwyn. A descoberta fez com que ficasse trêmula e perdesse o fôlego.)

“Mas foi por isso que tudo deu errado.”

Sophie estava prestes a corrigi-lo quanto a alguns pequenos detalhes cronológicos — lembrá-lo da decisão de Bill e Tony de não escrever mais juntos e dos rumos que o enredo tinha tomado —, mas então se deu conta de que não queria entrar naquele tipo de discussão.

“Nada deu errado”, disse Sophie.

Dava para ver que ele não estava acreditando nela.

“Nada deu errado”, ela repetiu. “Casei com Dennis. Ele foi o melhor marido que eu poderia esperar ter. Criamos dois filhos maravilhosos.”

“Você está certa”, respondeu Clive. “Isso é o mais importante.”

“Não, não é, e ainda não terminei”, emendou Sophie. “Nada deu errado no lado profissional também. Aproveitei cada segundo da minha carreira e trabalhei onde quis.”

Clive levantou as mãos, num gesto de quem se rende.

“Tudo bem. Foi tudo maravilhoso.”

“Nunca pensei que nenhuma dessas coisas pudesse acontecer comigo.”

“Pensou sim”, devolveu Clive, gentil. “Você sabia que isso aconteceria com você, porque era a garota mais autoconfiante que conheci na vida. Sabia que ia ser uma estrela na tevê.”

“Ah, droga”, falou Sophie. “Eu era uma dessas?”

“Tenho que dizer que era, e muito.”

“Bom, tudo bem. Vivendo e aprendendo.”

“Mas foi tudo maravilhoso.”

“O que você quer me dizer, Clive? Qual é o verdadeiro objetivo desta conversa? Você parece estar querendo que eu diga que, desde que *Barbara (e Jim)* acabou, a vida tem sido uma terrível decepção pra mim. E não vou fazer isso. Pra você a vida foi uma terrível decepção? É isso?”

Uma garrafa de champanhe chegou, bem a tempo.

“Não posso beber na hora do almoço”, disse Sophie. “Fico péssima.”

“Ah, por favor”, retrucou Clive. “Não seja tão molenga.”

Ela balançou a cabeça para o garçom e cobriu a boca da taça com a mão. Bastante irritado, ele olhou para Clive em busca de instruções.

“Coloque só um fundinho de taça”, falou Clive. “Só pra gente poder brindar.”

Um fundinho de taça não a faria se sentir péssima, mas agora, se cedesse, ficaria irritada e ressentida. De modo que permitiu que o garçom a servisse e, em seguida, misturou o pouquinho de champanhe com água.

“Ah, que coisa mais chata”, reagiu Clive.

“Saúde”, disse Sophie, e tocaram as taças.

“Você nunca abre uma exceção a essa regra? Pra ninguém?”

“Tem a ver com saber quais são nossos limites. Que era sobre o que estávamos conversando.”

“Estávamos?”

“Tinha acabado de perguntar se a vida foi uma terrível decepção pra você.”

“Qual parte dela? O trabalho? O casamento? Todo o resto?”

“Você é quem tem que me dizer.”

“Não sei se foi uma decepção. Eu é que estraguei tudo. São coisas diferentes, não?”

Depois de Sophie ter dito a Clive que não queria casar, ele, inexplicavelmente, tinha voltado para Hampshire e pedido em casamento sua primeira noiva, Cathy. E fez ainda pior: casou mesmo com ela. Aguentou aquilo por mais ou menos um ano, apenas o suficiente para Cathy engravidar. Não voltou a casar por um tempo, mas o segundo enlace, no começo dos anos 80, teve resultado parecido: um ano, um bebê, dessa vez na Califórnia. Passara a década mais recente com a atual mulher, Carrie, embora

Sophie não tivesse certeza de onde ela andava, ou da razão pela qual não viera com ele.

“Entendo que a parte dos casamentos pode não ter sido ideal. Com exceção do atual, claro.”

“Ah, você nem precisa colocar a Carrie como exceção”, falou Clive. “Mulherzinha horrível.”

“Sinto muito saber disso”, disse Sophie.

“Ah, não é exatamente novidade”, continuou Clive. “Ela sempre foi horrível.”

Sophie tinha algumas perguntas óbvias sobre essa afirmação, mas decidiu não fazê-las. Então mudou de ideia.

“Por que você vive casando com mulherezinhas horríveis?”

“Casei com duas dessas”, corrigiu Clive. “A Cathy era o.k. Tediosa e perdida, mas não horrível.”

“Por que você casou com duas mulherezinhas horríveis, então?”

“Porque sou fraco. Sabemos que sou.”

“Mas, quando as pessoas dizem que são fracas, estão falando de bebida, drogas, sexo ou coisas que lhes dão prazer. Casar com mulheres horríveis não parece muito divertido, de qualquer ângulo que se olhe.”

“Acho que foi divertido, em algum momento.”

“Vamos pular essa parte.”

“É melhor, provavelmente. Enfim. Estraguei meus casamentos e, como consequência, minha relação com meus filhos é ruim. E estraguei tudo no trabalho também.”

“Como você fez isso?”

“Do mesmo jeito que você, imagino. Era pra gente ter sido famoso, Sophie.”

A gente é, ela quis dizer, e então não conseguiu pensar em por que não deveria.

“A gente é.”

“Ah, nossa fama é pelas novelas e pelas séries de detetive na tevê e tudo o mais. Devíamos ser mais famosos que isso.”

“Sério? É o que merecemos?”

Clive a encarou e, por um momento, ela achou que ele tivesse percebido o sarcasmo, mas seguiu adiante.

“Veja meus contemporâneos. O McKellen, o Gambon, o Ben Kingsley... Estão numa boa. Provavelmente nem lembram que estão velhos, com tantos roteiros sendo oferecidos pra eles o tempo todo. Sei que você teve que dar suas paradas pra ter os bebês e tal, mas mesmo assim. A gente simplesmente meio que... foi jogado para escanteio.”

Ah, mas tinha tanta coisa ali que ela queria contestar; tinha tanta coisa que lhe dava vontade de agarrá-lo pela gravata — sim, ele estava de gravata —, sacudir a cabeça dele e talvez bater com ela uma ou duas vezes na mesa. O que eles tanto mereciam? Certamente não o que tinham conseguido, ela sabia agora, embora tivesse demorado algum tempo para isso. Os dois deviam era ajoelhar e agradecer a Deus todos os dias pelo que haviam recebido, e em troca de quase nada. Sophie tinha sido bonita, capaz de fazer as pessoas rirem e, mais tarde, na meia-idade, de convencê-las — convencer seus empregadores, pelo menos — de que era uma mulher de meia-idade sofrida depois de um luto, ou que assumia e tocava a empresa de táxis do marido preso. Aquilo, parecia-lhe, eram talentos menores. E, no entanto, teria conseguido manter uma família com eles, se precisasse, e ainda comprar mais de uma casa, mandar as crianças para a escola particular. Sophie ganhara prêmios, aparecera em revistas, era amada. E ao final, ou quase, disso tudo, ainda lhe deram dinheiro para escrever um livro sobre sua vida, essa vida já tão afortunada, mais do que festejada, mais do que recompensadora. E o livro, *Barbara (e eu)*, vendeu tão bem que ela ganhou ainda mais dinheiro por ele. E nem precisara escrever nada! Sua amiga Diane era quem tinha escrito para ela!

Queria dizer isso tudo para Clive, em alto e bom som e desdenhosamente, mas ele não escrevera um livro, nem ganhara prêmios, nem era solicitado, até onde ela sabia, a abrir sua casa para fotografias a serem publicadas em revistas femininas. A decepção dele era com outra coisa, ela achava; sua decepção era nunca ter ficado à altura, exatamente, do que tinha calculado para si. O problema era que tinha feito as contas erradas, mas Sophie não queria ser a pessoa a lhe dizer isso.

“Enfim”, falou Clive. “É bom ter essa oportunidade pra recolocar as coisas no lugar.”

“Que oportunidade?”

Ela devia estar por fora de alguma coisa.

“A peça.”

“Ah, Clive. Ninguém nem vai reparar na peça.”

Ele olhou para ela, aparentemente tentando perceber se sua intenção era fazer uma piada cruel às suas custas.

“Então por que aquele tal de Max está se dando ao trabalho?”

“Ele acha que pode tirar algum dinheiro dos velhinhos de Eastbourne e pretende dividir um pouco com a gente.”

“Só isso?”

“Acho que sim.”

“Você precisa de dinheiro?”

“Não. Você?”

“Vou ficar bem, imagino, mesmo que não ganhe mais nenhum. Então por que quer fazer a peça?”

“Gosto de trabalhar. E gosto ainda mais de trabalhar com gente que conheço.”

“Aí é que está”, disse Clive. “Não tem ninguém de quem eu goste nos Estados Unidos.”

“Duzentos milhões de pessoas e você não gosta de nenhuma delas?”

“Ninguém de quem eu goste e que queira trabalhar comigo.”

“Ah.”

Ela não conseguiu evitar pensar que o que ele tinha acabado de dizer era que odiava toda e qualquer comida, para em seguida explicar que estava se referindo a um sanduíche mordido que estava na geladeira.

“A questão é que quero voltar pra casa.”

“E quem está te impedindo?”

“Los Angeles é um lugar divertido. O negócio é que...”

“Você não vai agora me contar do clima lá, né? Ou que a cidade não tem um centro?”

“Pensei que talvez te interessasse”, respondeu Clive, um pouco irritado.

“Interessou, na primeira vez que um conhecido voltou da Califórnia contando de lá, em 1968, mais ou menos. Mas, desde então, não mais.”

“Você é quem sabe.”

“E não é por isso que você quer voltar. Ninguém quer vir embora de um lugar onde tem sol todo dia. As pessoas dizem que querem voltar. Mas, por alguma razão, nunca acontece.”

“Então por que eu quero voltar?”

“Não faço ideia. A Carrie te abandonou?”

“Não sei.”

“Tem uma boa maneira de saber: ela está morando na sua casa?”

“Não.”

“Certo.”

“Mas ela costuma sumir pra fazer os trabalhos e as coisas dela.”

“E foi por causa de um trabalho que ela sumiu? Você ligou pro agente dela?”

“Liguei. Ele diz que não. Foi uma conversa bem constrangedora, na verdade.”

“Pois acho que devíamos trabalhar com a hipótese de que ela te abandonou.”

“Eu estava chegando a essa conclusão. Enfim. Não quero ser um velho desempregado e sem amigos lá.”

“Prefere ser tudo isso aqui.”

Ele a encarou, magoado, e ela precisou fazer uma careta para mostrar que estava brincando. Tinha certeza de que, nos velhos tempos, ele teria dado risada, e ficou em dúvida se era a idade ou Hollywood o culpado por ter feito sumir a argúcia do amigo. Culpou Hollywood.

“Você já tem amigos suficientes?”, ele quis saber. “Desculpe se soa digno de pena. Mas tenho que dizer que isso seria crucial na... na construção de uma nova vida.”

“Eu seria um apoio”, ela disse.

“Está me convidando pra entrar, ou só deixando uma porta aberta?”

“Uma porta aberta.”

“Ah.”

“Acho melhor esperar pra ver como a gente convive nos ensaios”, continuou Sophie. “Mas, se tudo der certo, tenho certeza de que posso pensar em te convidar pra entrar, e pela porta da frente.”

“Estou tentando pensar numa piada suja pra encaixar aí.”

“Por causa da ‘porta aberta’?”

“Imagino que sim.”

“Acho que você devia se concentrar na ‘porta da frente’.”

“Alguma coisa como ‘entrar por trás’?”

“Se for preciso.”

“Tinha um monte dessas naquela época, né, no tempo de *O último tango em Paris*?”

“Tinha, sim. Foi a era de ouro das piadas sujas falando de entrar por trás e essas coisas”, concordou Sophie.

“Foi mesmo, não foi?”

Era absurdo eles estarem ficando velhos, pensou Sophie — absurdo e equivocado. Velhos tinham memórias em preto e branco

de guerras, salões de festa, doenças horríveis, luz de velas. As memórias deles eram em cores e incluíam música alta e discotecas, a Biba e a Habitat, Marlon Brando e piadas sujas. No primeiro encontro, ela e Dennis tinham ido assistir a um nu musical, para depois ficarem casados durante quarenta anos e ele morrer — não de velho, exatamente, mas de uma doença que mata os velhos mais do que outras pessoas. Sophie pegou sua taça e bebeu a água sabor champanhe.

“Posso beber uma taça de champanhe agora, por favor?”

la se embebedar, só para ver se era tão ruim quanto ela lembrava.

26.

Tony e Bill escreveram o roteiro em três semanas. Fecharam em noventa minutos, o equivalente a três episódios. Max tinha dito a eles que gente velha não queria ficar sentada num teatro durante horas, o que veio a calhar para os autores, que não queriam ficar sentados num café polonês durante meses. Ele dera aos dois até mesmo os pilares sobre os quais erguer as cortinas do espetáculo: dois casamentos. Barbara e Jim — ambos solteiros novamente depois da viuvez — engatam uma conversa no casamento do filho, e nisso alguma coisa se reacende; no segundo ato, preparam-se para um novo casamento.

“Não dá pros dois terem ficado viúvos, né?”, disse Tony no segundo dia, quando já tinham conversado sobre tudo em que eram capazes de pensar e não podiam mais adiar o início do trabalho. “Ninguém mais morre. Não antes dos oitenta.”

Havia um subtexto naquela observação, mas Tony não queria espanar o punhado de terra que o encobria e expô-lo a um escrutínio. A verdade, no entanto, era que, se Bill tinha vivido tudo aquilo, depois de tantos anos de abuso de bebida, sexo inseguro e drogas, os seres humanos deviam mesmo estar muito mais

resistentes do que jamais haviam sido. (“Abuso?”, ecoara Bill, desdenhoso, uma ou duas décadas antes, ao ouvir Tony expressar sua preocupação com o amigo. “Como posso estar abusando dessas coisas? É pra isso que elas servem.”)

“O Dennis morreu”, retrucou Bill. “Ele ainda não tinha oitenta.”

“Foi falta de sorte”, respondeu Tony.

Dennis morrera de uma infecção hospitalar, após uma operação comum de quadril.

“Só um deles fica viúvo, o outro se divorcia?”

“Pode ser”, disse Tony, como se lhe tivessem oferecido mais uma fatia de torta.

“O que acontece com quem?”

“Não dá pra gente colocar a Sophie de viúva, né? Não quando, na vida real, é isso que ela é.”

“Não podemos fazer uma atriz interpretar uma personagem com a qual tem alguma familiaridade?”

“Mas será que isso não vai deixá-la deprimida?”

“Deus nos livre se ela usar isso na personagem.”

“E o Jim é o divorciado”, observou Tony.

“Imagino que seja”, falou Bill. “Mas aí significa que são dois casamentos desfeitos na conta do sujeito. Pra mim isso nunca foi a dele.”

“E se ele nunca tivesse chegado a se casar de novo?”, sugeriu Tony.

“E ficou esse tempo todo sofrendo?”

“Por que o sarcasmo?”

“As pessoas realmente sofrem por tanto tempo assim?”

“A gente pode se arrepender de erros que cometeu, não pode?”

“Durante cinquenta anos?”

“Claro que pode. Não vou dizer que ele tenha ficado chorando num quarto escuro esse tempo todo. É só que gostaria que as coisas não tivessem saído como saíram.”

“É, bom. Tarde demais agora.”

“Por que é tarde demais?”, perguntou Tony.

“Sai dessa.”

“Dessa qual?”

“Dessa história. Ela acabou.”

“Por que acabou?”

“Não sobrou nada. Ou sobrou coisa demais, dependendo do ângulo que a gente olha pra coisa. Ela não é mais a Barbara, né?”

“Você está provocando de propósito?”

“Ela era linda.”

“E nada mais?”

“Não se preocupe. Vou escrever essa porra dessa peça com você. Eles podem voltar a ficar juntos, não estou nem aí. Mas sério. Aqui entre nós.”

“Caramba, Bill. Logo você.”

“Logo eu o quê?”

“Que fica lá, naquele apartamento, rodeado de garrafas vazias de Johnnie Walker ou sei lá que porcaria, sozinho, dia após dia, infeliz pra burro, não é capaz de enxergar o valor de uma companhia?”

Bill soltou um suspiro e, com isso, abriu a guarda.

“Claro que sou capaz”, disse. “E é por isso que não quero pensar no assunto. Quero o que você sempre teve.”

Jim continuou solteiro.

A grande virada veio no dia seguinte.

“Peraí”, interrompeu Bill. “Quantos anos tem o bebê hoje?”

“O bebê da Barbara? Timmy? Não é mais um bebê, exatamente. Tem quase cinquenta anos. Ele nasceu no começo da terceira temporada — 1966, é isso? Ou 1967?”

“Jesus Cristo”, exclamou Bill. “Quem nasceu em 1966 já tem quase cinquenta, sério? Sei que é o quinquagésimo aniversário do

programa, mas parece que foi ontem. Pros humanos os anos não passam assim. Eu teria chutado que a idade do Tim era vinte e cinco ou trinta.”

“Eu não”, falou Tony. “O Roger tem mais ou menos a mesma idade do Tim.”

“Tim”, repetiu Bill. “Roger. Onde é que a gente estava com a cabeça pra escolher uns nomes desses?”

“Qual é o problema com eles?”

“Hoje nenhum. Mas sério que você e a June conseguiam olhar pro bebê e dizer: ‘Cuti-cuti, bebê Roger’?”

“Acho que a gente fazia isso, sim.”

Bill balançou a cabeça, admirado.

“Enfim. Como assim o bebê Timmy se casa pela primeira vez aos cinquenta? Quem é esse sujeito, o Cary Grant ou o quê? Ele precisa ter sido casado antes”, disse Bill.

“E se já morasse com a fulana desde sempre?”

“Você não vai fazer os dois passarem por isso, né? Um casamento com tenda, daminhas e um vigário? É um segundo casamento, certo?”, argumentou Bill. “Pra quantos segundos casamentos você já foi convidado?”

“Não sei se pra algum. As pessoas não costumam se dar ao trabalho. E você?”

“Fui a três primeiros casamentos nas últimas seis semanas”, contou Bill.

“Sobrinhas e sobrinhos, e tudo o mais?”

“Não”, falou Bill. “Você não lê o jornal?”

“Que famosos você conhece?”

“Gays”, disse Bill. “Gays são famosos. Ou ficaram, pelo menos, depois da legalização do casamento homossexual. Quando foi — março? Abril?”

“Ah, caramba”, reagiu Tony. “Isso é sensacional.”

“Pois é”, respondeu Bill. “Basta um pedaço de papel e todo mundo sair dançando depois.”

“A peça”, continuou Tony. “Vai ter um casamento gay.”

E ambos sentiram a familiar cutucadinha do entusiasmo, uma sensação tão antiga que levaram um tempo até reconhecê-la.

Os ensaios foram numa associação no Soho chamada Soho Club, na Berwick Street, com vista para a feira livre do bairro. Tiveram uma hora para conversar sobre o roteiro antes da reunião com a diretora; os outros três integrantes do elenco — cinco foi o máximo que Max conseguiu bancar — se juntariam ao grupo durante a semana.

Nenhum deles tinha ouvido falar do Soho Club, claro, e não cruzaram com ninguém que tivesse mais de quarenta anos ao longo do dia inteiro. Uma garota eslava assustadoramente bonita, usando batom preto e uma saia minúscula, os identificou na entrada e os conduziu escada acima até uma sala escondida no fundo de um corredor. Mesa, cadeiras, roteiros, frutas, água mineral. Bill não gostou daquilo.

“Aqui não é nosso lugar”, falou. “E aquela escada não é uma boa pra mim.”

“Desculpe”, disse Max. “Como sou sócio fundador, consigo a sala de graça.”

“Quem era aquela gente toda lá embaixo?”, quis saber Clive. “E por que ninguém tem lugar melhor pra estar às dez da manhã?”

“Todo mundo ali trabalha com isso”, explicou Max. “Produtores, roteiristas, diretores...”

“Produtores, roteiristas e diretores de verdade?”

“A coisa não está fácil”, prosseguiu Max. “Então, se sua pergunta é: ‘Eles recebem pra trabalhar?’... Estão tentando. A gente tem que arriscar, né?”

Era um mundo diferente aquele em que os jovens viviam, Sophie se pegou falando consigo mesma. Que bobagem. Claro que é um mundo diferente. Não seja tão banal. Obviamente 1980 era diferente de 1930, 1965 era diferente de 1915, e assim por diante. Mas meu Deus... Para alguém que tivesse vinte anos agora, 1965 era o que 1915 tinha sido para ela quando estava começando. Só que as coisas não eram bem assim. Sophie via os Beatles e a Twiggy por todo lado atualmente. Ninguém queria saber de 1915 nos anos 60, né? E então se lembrou dos pôsteres do marechal Kitchener que andava encontrando por toda parte. Era tudo tão confuso.

“Em que ano você nasceu, Max?”

Talvez ele estivesse falando sobre outra coisa com Bill e Clive, mas ela já tinha perdido o fio da meada.

“Setenta e cinco.”

“Obrigada.”

Era um mundo diferente porque, quando eles estavam começando, a televisão, a música pop e o cinema eram obrigados a lutar feito loucos pelo mais ínfimo naco de respeito. Ela tinha assistido a Dennis debatendo sobre as comédias televisivas com Vernon Ditchfield, ou seja lá que nome ele tinha, naquele programa *Cachimbos fumegantes*, mas agora começava a se perguntar se o tal Ditchfield não estava um pouco com a razão: o entretenimento tomara conta do mundo, e Sophie não tinha certeza se, com isso, o mundo havia se tornado um lugar melhor. Às vezes parecia que só o que todos queriam fazer era escrever programas de televisão, ou cantar, ou aparecer em filmes. Ninguém mais queria pintar, ou projetar motores, ou mesmo encontrar a cura para o câncer.

Emergiu de seu devaneio de septuagenária com a visão de Clive dando batidinhas com sua caneta no roteiro que segurava. Para sua surpresa e satisfação, reconheceu a expressão no rosto dele, muito embora não a visse há tanto tempo. Ele estava prestes a dizer alguma coisa que sabia que irritaria todo mundo. Havia um brilho

particular em seus olhos, um inconfundível arquear das sobrancelhas, um jeito especial de lançar à frente o queixo.

“Não acho que o Tim seja gay”, falou.

Sophie estava certa. Aquilo foi fantasticamente irritante.

“E você conhece bem o Tim, certo?”, respondeu Tony.

“Sou o pai dele”, retrucou Clive.

“Que não vê o filho desde 1967”, interveio Bill. “Você abandonou o rapaz. Não tem que dar palpite sobre a sexualidade dele.”

“Só acho que os fãs do programa não vão acreditar”, continuou Clive. “Ele era um garotinho bem durão.”

Seguiram-se lamentos de indignação ao redor da mesa.

“Acho que ele está de brincadeira com vocês”, disse Max.

“Sinto dizer que não”, falou Sophie.

“Uma vez imbecil, sempre imbecil”, emendou Bill.

“Acha que isso vai pegar mal pra você?”, quis saber Tony. “É isso?”

“Não seja ridículo”, rebateu Clive.

“Claro que é isso”, insistiu Sophie. “É sempre isso.”

“Vamos simplesmente nos ater aos fatos”, prosseguiu Clive. “Não precisamos levar pro lado pessoal.”

“Que fatos são esses?”, perguntou Sophie.

“Os fatos”, argumentou Clive, “são que tenho dois filhos e nenhum deles é...”

Dessa vez, os lamentos de indignação o impediram até mesmo de concluir a frase.

“Por que você é assim?”, disse Bill. “Você deve ter trabalhado com um monte de gays em Hollywood. Talvez tenha até amigos gays.”

“Claro que tenho”, confirmou Clive. “Adoro os gays. Amo você, Bill. E nem sinto que precise explicar o que acabei de dizer.”

“Como assim, explicar?”, perguntou Tony.

“Não vou fazer isso. Não acho necessário.”

“Mas se tivesse que fazer.”

“Bom, uma porção de homens diria: ‘Amo você, mas não naquele sentido’, não é? Só que eu não preciso.”

“Acabou de dizer, de qualquer jeito”, observou Bill.

“Porque me obrigaram”, retrucou Clive, irritado.

“Você sabia que a gente ia arrancar isso de você. Foi por isso que falou que nem precisava explicar o que tinha dito. Porque queria explicar”, falou Tony.

“Mas aqui tem uma questão séria”, interveio Max.

“Qual?”

“Será que os velhos entendem os gays? Será que querem assistir a uma peça sobre um casamento gay?”

“Nós somos velhos”, lembrou Sophie. “Pergunte pra gente.”

“Vocês gostariam de assistir a uma peça sobre um casamento gay?”, obedeceu Max.

“Sim”, disse Sophie, decidida.

“Não”, emendou Clive.

“Por que não?”, quis saber Tony.

“Ficaria preocupado se o que eu ia ver seria politicamente correto”, respondeu Clive.

“Você leu a peça”, falou Bill. “Está politicamente correta demais?”

“Politicamente *incorreta* é que não está”, rebateu Clive.

“Como tinha que ser, então?”, desafiou Tony. “Um amontoado de piadas dos anos 70 falando de viadinhos e sabonetes derrubados no vestiário masculino?”

“Não *um monte*”, falou Clive. “Uma ou duas. Só pra dar algum realismo.”

“Tudo bem, então”, concordou Bill.

“Não deem ouvidos a ele”, interveio Sophie, indignada com a capitulação de Bill.

“Não, acho que ele tem razão”, explicou Bill. “O Jim é um trabalhista da velha guarda, não é? Hoje seria um dinossauro.

Levemente homofóbico, um pouco lento de raciocínio, um sujeito que ainda fala de pessoas de cor, totalmente fora de lugar no mundo moderno.”

“Você está certo”, falou Tony. “A gente podia brincar um pouco com isso.”

Clive fez cara de pânico.

“Não é assim que eu vejo o Jim.”

“Não?”

“Não. Pra mim ele é um sujeito muito inteligente e lido, por dentro das últimas novidades, como notícias sobre machismo e racismo...”

“Aí não fica muito politicamente incorreto.”

“Não estava dizendo que o Jim seria o politicamente incorreto.”

“Achou que seria a Barbara?”, perguntou Sophie.

“Pensem comigo”, disse Clive. “Eles sempre foram opostos.”

“Me deixa ver se eu entendi direito”, falou Bill. “Como você não gosta do politicamente correto, quer que a peça tenha algumas piadas homofóbicas. Mas, como sempre quer ser amado, não gostaria que fosse você a contar as piadas.”

Clive abriu a boca para dizer alguma coisa, mas voltou a fechá-la.

“Complicado”, disse Sophie. “E Max: não somos velhos. Não esse tipo de gente velha. Lembre que temos a mesma idade do Bob Dylan e do Dustin Hoffman.”

“Então todo mundo aqui ia sair correndo pra comprar ingressos pra uma peça sobre um casamento gay?”, perguntou Max.

“Sim”, respondeu Sophie, decidida. “Todo mundo.”

“Não é uma peça sobre um casamento gay, pelo amor de Deus”, reagiu Bill. “Algum de vocês leu o que está escrito aí? É sobre um homem e uma mulher tentando ficar em paz com o passado e decidir se têm um futuro juntos.”

Clive olhou para Sophie, pousou a mão no joelho dela e ali a deixou. Sophie pensou em tirá-la, e logo chegou à conclusão de que gostava daquela mão onde estava: vinha ansiando por aquele tipo

de toque, e se perguntando, no último ano ou dois, se algum dia voltaria a senti-lo. Ela entendia o que Max queria dizer quando falava que gente da idade deles tinha vontade de pensar no futuro, como todo mundo, mas o que mais essas pessoas queriam era viver no presente, em vez de no passado. Ela não precisava se preocupar com que tipo de parceiro seria Clive, ou se a relação dos dois poderia dar certo, ou mesmo se iria para a cama com ele. Isso era coisa para jovens, que fizessem bom proveito.

Depois do almoço, conheceram a diretora, uma jovem animada e simpática chamada Becky. Como exercício introdutório, ela pediu que cada um falasse de alguma coisa ou alguém que consideravam importante e, quando chegou sua vez, falou da esposa. Todo mundo olhou para Clive, mas ele apenas sorria, encorajador.

Estavam programadas duas pré-estreias em Eastbourne antes da estreia, mas a distinção entre as duas coisas pareceu arbitrária: se não haveria críticos nem festas, qual era a diferença entre as pré-estreias e aquilo que os cartazes espelhados pela beira-mar anunciavam como a “estreia mundial” do espetáculo?

“O preço dos ingressos”, explicou Max.

“Só isso?”, perguntou Sophie.

“Basicamente”, respondeu ele.

Estavam tomando chá no saguão do Hotel Cavendish e, para sua considerável satisfação, ela já havia sido reconhecida. Não iria tão longe a ponto de dizer que uma multidão a cercara. O hotel estava tomado por um número desconcertante de famílias escandinavas e alemãs, e a fama de que ela gozava não era do tipo que chegava tão longe. Mas dois ou três casais — um ou dois, enfim — tinham olhado de longe para, em seguida, aproximar a cabeça e baixar a voz ao volume de um cochicho.

“Como está a venda de ingressos?”, quis saber Bill.

“São os primeiros dias”, disse Max. “Estamos esperando uma grande procura de última hora.”

“Resumindo, muito mal”, emendou Clive.

“Eu não diria isso”, falou Max, com a expressão de um sujeito que estava dizendo precisamente aquilo.

“O que você diria, então?”, perguntou Tony.

“Bom”, continuou Max. “Está interessante.”

Esperaram por alguma iluminação ou esclarecimento, mas Max parou por ali.

“Se você tivesse um medidor de decepção”, retomou Bill, “em que dez fosse o máximo de infelicidade possível, onde estaríamos?”

“Não tenho um medidor de decepção”, desviou Max.

“Falei se você tivesse.”

“Não tenho”, insistiu Max. “Nunca tive, não teria utilidade pra mim. Não saberia reconhecer, se visse um.”

“Não se trata de um objeto físico, na verdade”, retrucou Bill. “Não funciona colocando moedinhas e esperando ligar. É um conceito.”

“Um conceito que não compreendo.”

“Então você nunca se decepcionou com nada.”

“Não”, disse Max. “Não posso me dar a esse luxo. Não trabalhando com isso.”

“Nunca cheguei a entender no que você trabalha”, comentou Clive.

“Sou um produtor independente”, explicou Max. “Faço as coisas acontecerem.”

“Que tipo de coisas?”

“Programas de tevê on-line. Filmes. Espetáculos.”

“E a gente já viu algum desses filmes?”

“Não ainda.”

“Ou algum dos espetáculos?”

“Talvez tenham visto o programa de tevê on-line”, sugeriu Max.

“Não vimos”, respondeu Tony. “E sei que posso falar por todos aqui.”

Os integrantes mais jovens do elenco, Tom (quarenta e seis anos) e James (quarenta e quatro), talvez soubessem tudo a respeito do mundo da televisão on-line, mas estavam na praia.

“Então... dá pra dizer que essa é sua primeira vez?”, falou Clive.

Não havia ocorrido a nenhum deles que Max pudesse não saber o que estava fazendo, pois dava toda pinta de ser um competente especialista no negócio. Ou melhor, tinha conseguido o dinheiro para pagá-los, o que era a mesma coisa. Os velhos parâmetros claramente não valiam mais.

“Exatamente”, disse Max. “É por isso que seu medidor de decepção não funciona comigo. Me pergunte sobre a medida do meu entusiasmo, ou da minha expectativa de sucesso, ou da minha satisfação pessoal.”

“Nessa última a pontuação deve ser bem alta, imagino”, comentou Bill.

“Se eu não me der nota dez, ninguém mais vai dar”, falou Max.

Sophie reparou que o casal de aposentados que a havia reconhecido, depois de conversar e se decidir, contornava as mesas para vir dizer alguma coisa. Sophie sorriu, acolhedora, mas os dois não olhavam para ela: foram direto até Clive.

“O senhor é o inspetor Jury, não é?”, falou o homem. “Digo, sei que não é o Jury de verdade, mas...”

“Clive Richardson”, ele se apresentou. “E, sim, interpretei o papel de Richard Jury. Que gentileza de vocês lembrar. E que prazer conhecê-los.”

Ele ficou de pé e trocou apertos de mão com o casal. Mesmo tendo resistido à tentação de dar um soco no ar em triunfo e erguer dois dedos na direção de Sophie, ela podia ver que vontade não lhe faltava.

“A gente amava você no *Barbara (e Jim)* também”, disse a mulher. “Ficamos tão tristes quando se separaram.”

“Pois eles estão reatando”, interveio Max. “Hoje à noite!”

O casal pareceu confuso.

“E aqui está a Barbara!”

Sophie deu um tchauzinho.

“Ah”, falou a mulher. “Minha nossa!”

“A peça com os dois estreia logo mais. *De hoje em diante*. No teatro”, continuou Max.

“Ah, não vamos conseguir chegar ao West End a tempo”, respondeu o homem. Eram quinze para as cinco da tarde.

“Vai ser aqui mesmo, em Eastbourne”, explicou Max, paciente.

“Ah, tudo bem, então”, disse o homem. “Vamos procurar.”

“Vocês não precisam procurar nada”, prosseguiu Max. “Eles já estão bem aqui.”

“Não dá pra gente arranjar uns convites pra eles?”, sugeriu Clive.

O casal pareceu incomodado.

“A peça é sobre o quê?”, quis saber a mulher.

“Sobre a Barbara e o Jim. Da série. Voltando a se encontrar depois de todos esses anos.”

“Que joia. E como se chama mesmo?”

“Putá”, soltou Max.

Por um momento, o homem pareceu considerar a hipótese de se atirar na frente da esposa para protegê-la, mas limitou-se a um apertozinho no braço para acalmá-la.

“Perdoem o rapaz”, falou Clive. “Ele é jovem. O título da peça é *De hoje em diante*.”

“Putá que pariu”, reagiu Max, e dessa vez o casal saiu dali rapidinho. “Botamos a porra do título errado.”

“Gosto do título”, disse Bill. “Acho muito bom.”

“E é”, concordou Max. “E esse é que é o problema. A graça toda da porra da peça é que a Barbara e o Jim, da série de tevê *Barbara (e Jim)*, estão nela, e a gente não está dizendo isso pros velhotes que talvez quisessem ir assistir”, explicou Max. Devia se chamar *Barbara (e Jim) — O reencontro!* Com ponto de exclamação e tudo.

Preciso ligar pra umas pessoas. Falar com o teatro. Mandar fazer um cartaz novo. Caralho.”

Já falava com alguém no celular antes mesmo de deixar o saguão.

“Ora”, comentou Sophie. “Um ponto de exclamação.”

“Voltamos ao começo”, disse Clive.

“Não tem graça”, falou Bill.

“Eu gostei”, retrucou Tony. “O Dennis está aqui com a gente, em espírito.”

“Mesmo assim não tem graça”, encerrou Bill.

Às vezes Sophie contava a Dennis o que andava acontecendo. Era o mais perto que chegava de rezar. Sabia que ele sempre ia querer ouvir tudo o que ela tivesse para contar sobre os filhos e os netos, muito embora aquelas fossem notícias banais, nada bombásticas, na maioria das vezes; Dennis nunca tinha sido um desses sujeitos indiferentes e levemente condescendentes que preferiam que as esposas não tagarelassem sobre assuntos tediosos e reduzissem as longas conversas telefônicas com entes queridos a uma sucessão de manchetes. Geralmente era ele quem ficava um tempão ao telefone, de modo que ela sentia que o mínimo que podia fazer era lhe contar tudo, e com o máximo de detalhes de que fosse capaz de lembrar. Nunca antes tivera de conversar sobre trabalho; não tinha feito nada desde sua morte. Ele ficaria contente de saber que Sophie estava trabalhando de novo.

Estou num camarim em Eastbourne, ela disse. (Não em voz alta. Seria loucura. Mas estava falando, isso ela sabia, e não escrevendo ou pensando.) O Tony e o Bill estão por aí, em algum lugar do teatro. Escreveram uma peça com a Barbara e o Jim, e o produtor, um jovem, está agora mesmo andando pra cima e pra baixo no calçadão, azucrinando qualquer pessoa com idade suficiente pra se

lembrar da gente, pois metade do teatro vai estar vazia hoje à noite. A peça ficou bem melhor do que eu achava que ia ficar. Está engraçada, e triste — como a vida. E o Clive está dando em cima de mim, e é bem capaz de eu... Ela se interrompeu. Dennis não queria saber de tudo, e Sophie não queria contar, tampouco sabia o que havia para contar. É isso, estamos todos aqui, ela prosseguiu. E vamos estar amanhã à noite, e depois de amanhã. E, se não posso estar em casa com você, então quero estar com eles.

Não era exatamente verdade, ela pensou. Sophie não queria estar em casa com Dennis; queria estar ali, em Eastbourne, com Dennis e os outros, ou, melhor ainda, num estúdio da BBC, com Clive no camarim ao lado e Dennis rondando o corredor do lado de fora. Não queria voltar a 1964; não era nostálgica. Só queria estar trabalhando. Pegou de novo o roteiro. Devia ter alguma coisa que ela pudesse fazer com o bule de chá na cena de abertura, tinha certeza. Podia conseguir que a plateia risse sem ninguém estar esperando, e teria sido dada a largada.

Agradecimentos

Meu muito obrigado a Joanna Prior, Venetia Butterfield, Anna Ridley, Lesley Levene, John Hamilton, Georgia Garrett, Geoff Kloske e — pela última vez, infelizmente — Tony Lacey. Os livros de Graham McCann foram de valor inestimável, em especial *Spike & Co.*, o qual recomendo muito a quem quer que se interesse pela comédia britânica do período. E, embora David Kynaston, no momento em que escrevo, ainda não tenha chegado aos anos 1960 em sua brilhante série sobre a história social do país, *Austerity Britain*, *Family Britain* e *Modernity Britain* foram uma inspiração para *Funny Girl*. Sem John Forrester, Sarah Geismar, Sandra Verbeckiene, Hayden Thomas e Sebastien Alleaume, trabalho nenhum seria possível, jamais. E, finalmente, a obra de Ray Galton e Alan Simpson tem tido enorme influência sobre minha escrita, e são muitas as razões pelas quais não apenas este livro, mas também meus anteriores, não existiriam sem os dois.

Créditos das fotos

Os editores agradecem a permissão para reproduzir as seguintes imagens:

Concurso de beleza Miss Blackpool © Homer Sykes/ Getty Images

Logo da loja de departamentos Derry & Toms © Rex Features/ Keystone Brasil

Anúncio com Sabrina © culture-images/ Lebrecht Music & Arts

Teatro Talk of the Town © Rex Features/ Keystone Brasil

Guia para treinamento de voz, lição 3. Imagem gentilmente cedida por © Bob Lyons

Ray Galton e Alan Simpson © Cyril Maitland/ Mirrorpix

Tirinha de *Gambols* © Copyright 1967 Express Newspapers. Distribuído por Knight Features. Reprodução autorizada

Tom Sloan no Festival da Canção Eurovision © BBC Photo Library

Mick Jagger no Trattoria Terrazza © Mirrorpix

Elenco de *Até que a morte nos separe* © Press Association Images/ Other Images

Lucille Ball gravando *Lucy in London* © Bob Willoughby/ MPTV, Camera Press, Londres

Harold Wilson e Marcia Williams © Central Press/ Hulton Archive/ Getty Images

Capa de livro © Penguin Books, design de John Hamilton

Elenco de *Hair* © Central Press/ Getty Images



SIGRID ESTRADA

NICK HORNBY nasceu em 1957, em Redhill, Inglaterra. Formado na Universidade de Cambridge, publicou uma dezena de livros, entre os quais *Febre de bola*, *Alta fidelidade*, *Uma longa queda* e *Um grande garoto*, que ganharam versões cinematográficas. Foi também roteirista dos filmes *Educação*, indicado ao Oscar, e *Livre*, dirigido por Jean-Marc Vallée. Em 1997 fundou, com outros pais, um centro de excelência no tratamento de crianças autistas na Inglaterra, a TreeHouse. A Companhia das Letras publica seus principais livros no Brasil.

Copyright © Nick Hornby, 2015
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Funny Girl

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Ilustração de capa
Sattu Rodrigues

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Thaís Totino Richter
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-438-0325-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SÚMARIO

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Teste

1.

2.

3.

Comedy playhouse

4.

5.

6.

A primeira temporada

7.

8.

9.

A segunda temporada

10.

11.

12.

13.

A terceira temporada

14.

15.

16.

A quarta temporada

17.

18.

19.

20.

Todo mundo ama sophie

21.

22.

23.

De hoje em diante

Biografias

24.

25.

26.

Agradecimentos

Créditos das fotos

Sobre o autor